ISSN: 2318-6852

Conab Companhia Nacional de Abastecimento

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16- N. 12- Décimo Segundo levantamento | **SETEMBRO 2016**

Monitoramento agrícola – Safra 2015/16

Presidente da República
Michel Temer (interino)

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)
Blairo Maggi

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretoria de Operações e Abastecimento (Dirab)
Igo dos Santos Nascimento

Diretoria de Gestão de Pessoas (Digep)
Marcus Luis Hartmann

Diretoria Administrativa, Financeira e Fiscalização (Diafi)
Danilo Borges dos Santos

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)
Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa
Bernardo Nogueira Schlemper
Danielle Cristina da Costa Torres (estagiária)
Eledon Pereira de Oliveira
Elza Mary de Oliveira
Francisco Olavo Batista de Sousa
Juarez Batista de Oliveira
Juliana Pacheco de Almeida
Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote
Clovis Campos de Oliveira
Divino Cristino de Figueiredo
Fernando Arthur Santos Lima
Jade Oliveira Ramos (estagiária)
Guilherme Ailson de Sousa Nogueira (estagiário)
Joaquim Gasparino Neto
Nayara Sousa Marinho (estagiária)
Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais
Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.

Conab Companhia Nacional de Abastecimento

OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA grãos

V. 3 - SAFRA 2015/16 - N. 12 - Décimo segundo levantamento |
SETEMBRO 2016

Monitoramento agrícola – Safra 2015/16

ISSN 2318-6852
Acomp. safra bras. grãos, v. 12 Safra 2015/16 - Décimo Segundo levantamento, Brasília, p. 1-182, setembro 2016.

Copyright © 2016 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <http://www.conab.gov.br>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852
Tiragem: 50
Impresso no Brasil

Colaboradores

Alessandro Lúcio Marques (Geint)
Rogério Dias Coimbra (Geint)
Leonardo Amazonas (Geole -soja)
André Luiz F. de Souza (Assessor Dipai)
Mozar de Araújo Salvador (Inmet)
João Marcelo Brito Alves (Geint)
Fernando Gomes da Motta (Gefip - algodão)
Paulo Magno Rabelo (Gerab - trigo)
Thomé Luiz Freire Guth (Geole - milho)
Sued Wilma Caldas Melo (Geint)
Priscila de Oliveira Rodrigues (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gerab - feijão)
Sérgio Roberto G. dos S. Junior (Gerab - arroz)
Miriam R.da Silva (Latis - Conab/Inmet)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adayr Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônavan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Alfredo Rios, Edson Yui, Fernando Silva, Márcio Arraes, Maurício Lopes (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira , Edson José Piedade, Pedro Ramon Manhone, Raul Pio de Azevedo, Sizenando Miralla Santos, Jacir Silva (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Carlos Meira, Juarez Nóbrega (PB); Clóvis Ferreira Filho, Daniele Santos, Bruno Valetim Gomes, Francisco Dantas de Almeida Filho (PE); Itamar Pires de Lima Junior, José Bosqui, Rafael Fogaça, Rodrigo Leite (PR); André Nascimento, Francisco Souza, Hélcio Freitas, José Pereira do N. Júnior, Oscar Araújo, Thiago Miranda (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); João Kasper, Erik de Oliveira, Matheus Twardowski, Niecio Ribeiro (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Farias, Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Iracema Oliveira (RS); Cézar Rubin, Dionízio Bach, Ricardo Oliveira, Vilmar Dutra, Luana Schneider(SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto (SE); Antônio Farias, Cláudio Ávila, Elias Oliveira, Marisete Belloli (SP);Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alves da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Cleverton de Santana e Francisco Batista Olavo de Souza

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843, Narda Paula Mendes – CRB-1/562

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catalogação na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.
Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.3 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal
Disponível em: http://www.conab.gov.br
Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).
ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

Sumário

1. Resumo executivo ---------- 08

2. Introdução ---------- 10

3. Estimativa de área plantada ---------- 12

4. Estimativa de produtividade ---------- 15

5. Estimativa de produção ---------- 17

6. Crédito rural ---------- 20

7. Monitoramento agrícola ---------- 35

8. Análise das culturas ---------- 74

8.1. Culturas de verão ---------- 74

8.1.1. Algodão ---------- 74

8.1.2. Amendoim ---------- 80
8.1.3. Arroz ---------- 83
8.1.4. Feijão ---------- 86
8.1.5. Girassol ---------- 99
8.1.6. Mamona ---------- 102
8.1.7. Milho ---------- 104
8.1.8. Soja ---------- 115
8.1.9. Sorgo ---------- 126
8.2. Culturas de inverno ---------- 129
8.2.1. Aveia ---------- 129
8.2.2. Canola ---------- 131
8.2.3. Centeio ---------- 132
8.2.4. Cevada ---------- 133
8.2.5. Trigo ---------- 134
8.2.6. Triticale ---------- 139

9. Balanço de oferta e demanda ---------- 141

10. Preços ---------- 141

11. Câmbio ---------- 151

12. Exportação e importação ---------- 153

13. Anexos - calendários de plantio e colheita ---------- 164

1. Resumo executivo Safras 2015/16

A produção de grãos para a safra 2015/16 está estimada em 186,4 milhões de toneladas. Redução de 10,3% em relação à safra 2014/15.

A área plantada atingiu **58,3 milhões de hectares**, crescimento de 0,7% se comparada com a safra 2014/15.

Algodão: a produção será menor do que a safra passada, afetada pelo decréscimo de área na Região Norte/Nordeste e queda de produtividade, prejudicada pelo estresse hídrico e altas temperaturas.

Amendoim: crescimento da produção em relação a 2014/15, impulsionado pelo aumento significativo da área plantada em São Paulo e na produtividade média nacional.

Arroz: houve redução na área plantada em quase todos os estados produtores e o excesso de chuvas ocasionou plantio fora da janela ideal e baixa luminosidade, refletindo em queda de produtividade na Região Sul, sobretudo no Rio Grande do Sul, principal produtor nacional.

Feijão: redução na área e produção das culturas de primeira, segunda e terceira safras. Para a terceira safra, a despeito do plantio ser irrigado na sua maior parte, a escassez hídrica provocou a redução da área plantada.

Mamona: estimativa de queda na produção, sobretudo em função do menor plantio na Bahia, maior estado produtor. A baixa incidência de chuvas e a falta de sementes desestimularam os produtores.

Milho: Queda na área plantada no milho primeira safra. Para o milho segunda safra, apesar do expressivo ganho de área (10,3%), a queda de produtividade causada pelo estresse hídrico, ocorrido nesta temporada, impactou fortemente a produção, que apresentou redução de 24,7% em relação à safra passada. A produção total (milho primeira e segunda safras) deverá atingir 66,9 milhões de toneladas.

Soja: O clima provocou atraso no plantio e comprometimento das lavouras em diversos estados produtores, impactando a produtividade média, inferior ao da safra passada. Mesmo com ganho de área, a safra 2015/16, estimada em 95,4 milhões de toneladas, é inferior em 0,8% ao ocorrido no exercício anterior.

2. Introdução

Dentre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, se inserindo como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de verão de primeira safra que se encontram na fase final de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, exportação e importação, câmbio, quadro de oferta e demanda e preços, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamento de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborarem.

3. Estimativa de área plantada (58,3 milhões de hectares)

A estimativa do décimo segundo levantamento da safra brasileira de grãos é que a área plantada alcance 58,3 milhões de hectares (Tabela 1). No total, representará 0,7% de aumento, que equivale a 397,1 mil hectares, frente à safra passada, que chegou a 57,9 milhões de hectares.

A cultura da soja, responsável por 57,02% da área cultivada do país, permanece como principal responsável pelo aumento absoluto de área. A estimativa é de crescimento de 3,6%, com 32,1 milhões de hectares cultivados em 2014/15, para 33,2 milhões na atual safra. O algodão apresenta redução de 2,2%, estimada em 954,7 mil hectares. Para o milho primeira safra, a exemplo do que ocorreu na safra passada, a área foi reduzida em 12,3%, posicionando-se em 5,4 milhões de hectares. Para o milho segunda safra a expectativa é de aumento de 10,3% na área plantada (984,2 mil hectares), totalizando 10,5 milhões de hectares. A área do feijão primeira safra apresentou redução de 7,1%, situando-se em 978,6 mil hectares. O feijão segunda safra apresenta redução de 0,4%, totalizando uma área plantada de 1.313,8 mil hectares, já o feijão terceira safra apresenta redução de 16,5%, estimada em 545 mil hectares.

Acomp. safra bras. grãos, v. 3 - Safra 2015/16, n 12- Décimo Segundo levantamento, setembro 2016.

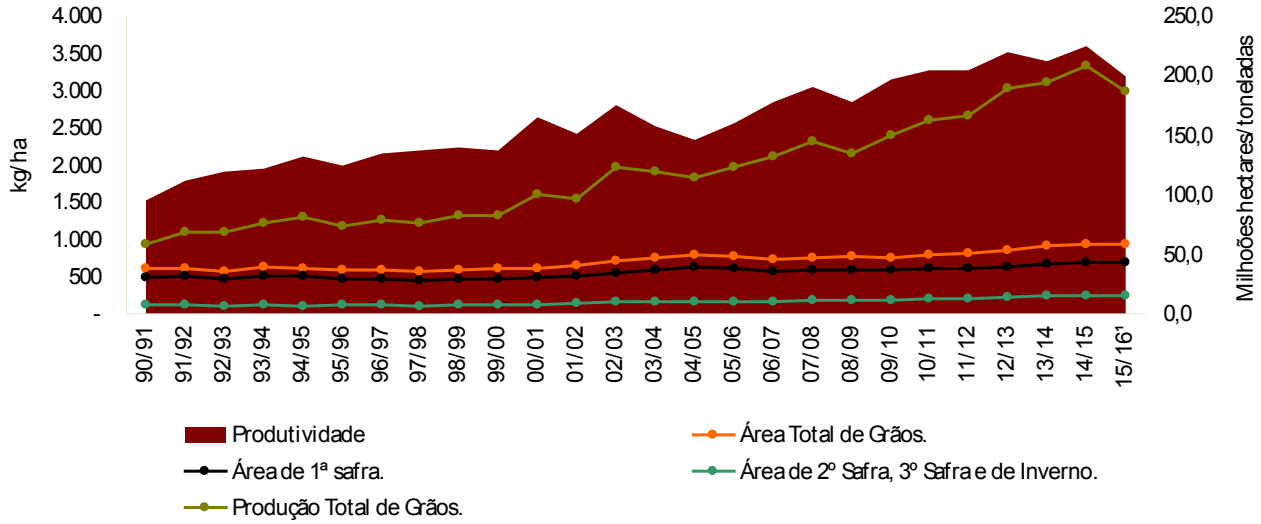
Tabela 1 – Estimativa de área plantada – Grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	AGO/2016 (c)	SET/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO	976,2	956,2	954,7	(2,2)	(21,5)
AMENDOIM TOTAL	108,9	120,4	119,6	9,8	10,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	97,7	110,3	110,3	12,9	12,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,2	10,1	9,3	(17,0)	(1,9)
ARROZ	2.295,1	2.002,4	2.007,8	(12,5)	(287,3)
FEIJÃO TOTAL	3.024,2	2.796,3	2.837,4	(6,2)	(186,8)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.053,2	974,6	978,6	(7,1)	(74,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.318,5	1.278,7	1.313,8	(0,4)	(4,7)
FEIJÃO 3ª SAFRA	652,5	543,0	545,0	(16,5)	(107,5)
GIRASSOL	111,5	47,9	51,4	(53,9)	(60,1)
MAMONA	82,1	30,3	30,2	(63,2)	(51,9)
MILHO TOTAL	15.692,9	15.922,0	15.922,5	1,5	229,6
MILHO 1ª SAFRA	6.142,3	5.395,5	5.387,7	(12,3)	(754,6)
MILHO 2ª SAFRA	9.550,6	10.526,5	10.534,8	10,3	984,2
SOJA	32.092,9	33.246,2	33.251,9	3,6	1.159,0
SORGO	722,6	560,2	579,0	(19,9)	(143,6)
SUBTOTAL	**55.106,4**	**55.681,9**	**55.754,5**	**1,2**	**648,1**
CULTURAS DE INVERNO	**SAFRAS**			**VARIAÇÃO**	
	2015	**2016**		**Percentual**	**Absoluta**
	(a)	**AGO/2016 (c)**	**SET/2016 (c)**	**(c/a)**	**(c-a)**
AVEIA	189,5	289,1	291,3	53,7	101,8
CANOLA	44,4	45,0	47,5	7,0	3,1
CENTEIO	1,7	1,4	2,5	47,1	0,8
CEVADA	102,4	95,6	95,7	(6,5)	(6,7)
TRIGO	2.448,8	2.107,6	2.097,0	(14,4)	(351,8)
TRITICALE	21,5	22,0	23,3	8,4	1,8
SUBTOTAL	**2.808,3**	**2.560,7**	**2.557,3**	**(8,9)**	**(251,0)**
BRASIL	**57.914,7**	**58.242,6**	**58.311,8**	**0,7**	**397,1**

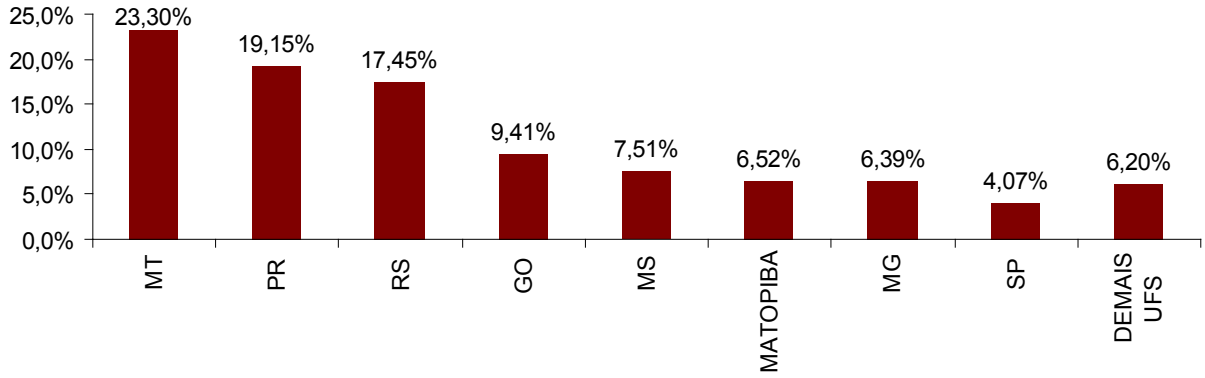
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2016.

Grafico 1 – Área, produtividade , produção total de grãos (absoluto)



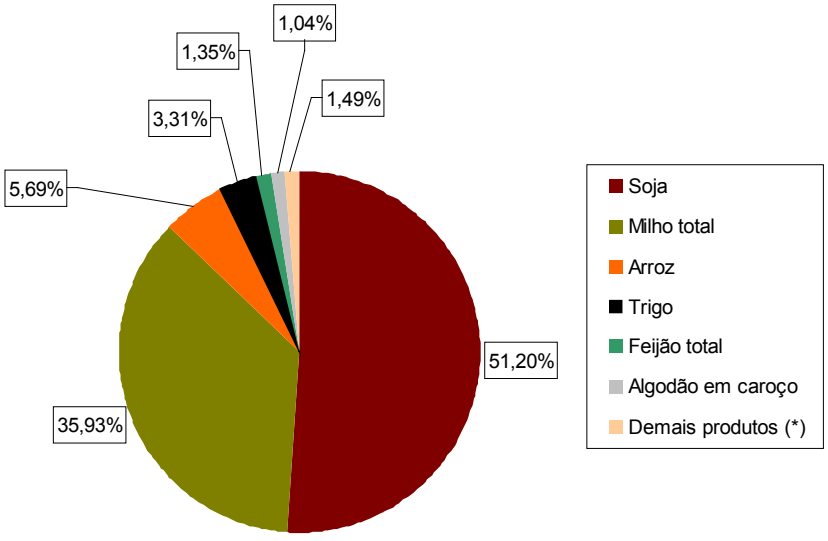
Fonte: Conab.

Grafico 2 – Brasil - Produção total por Unidade da Federação



Fonte: Conab.

Grafico 3 – Brasil - Percentagem da produção total por produto



Fonte: Conab..

4. Estimativa de produtividade

Nas culturas que se encontram em desenvolvimento/colheita são levadas em consideração as informações de produtividades apuradas nos trabalhos de campo e no monitoramento agrometeorológico e espectral. Esses métodos fazem parte da busca constante de melhoria na qualidade das informações da safra agrícola, uma vez que o resultado auxilia na redução de riscos e no aumento do grau de confiança das informações divulgadas. Para este levantamento a estimativa é de que a produtividade média nacional seja inferior à safra passada.

Para as culturas de inverno (aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale) espera-se recuperação das produtividades, haja vista as enormes perdas ocorridas na safra passada em função dos adventos climáticos durante todo o ciclo das culturas invernais.

A redução da produtividade do milho segunda safra é explicada pela forte ação climática ocorrida durante o ciclo desta cultura, fortemente afetada pela estiagem que, neste ano, iniciou-se em abril, antecipando o período seco e prejudicando sobremaneira a cultura.

Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em Kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	AGO/2016 (c)	SET/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.406	2.119	2.029	(15,7)	(377,0)
ALGODÃO EM PLUMA	1.601	1.410	1.351	(15,6)	(250,0)
AMENDOIM TOTAL	3.183	3.386	3.396	6,7	213,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.268	3.524	3.524	7,9	256,8
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.441	2.403	2.403	(1,5)	(37,8)
ARROZ	5.422	5.266	5.281	(2,6)	(141,5)
FEIJÃO TOTAL	1.062	927	887	(16,5)	(174,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.074	1.059	1.057	(1,6)	(17,6)
FEIJÃO 2ª SAFRA	932	729	697	(25,2)	(234,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.303	1.157	1.039	(20,3)	(264,1)
GIRASSOL	1.374	1.386	1.250	(9,0)	(123,7)
MAMONA	573	478	477	(16,8)	(96,3)
MILHO TOTAL	5.396	4.301	4.207	(22,0)	(1.189,0)
MILHO 1ª SAFRA	4.898	4.797	4.799	(2,0)	(98,9)
MILHO 2ª SAFRA	5.716	4.046	3.904	(31,7)	(1.812,1)
SOJA	2.998	2.870	2.870	(4,3)	(128,4)
SORGO	2.844	2.085	1.866	(34,4)	(978,7)
SUBTOTAL	**3.657**	**3.245**	**3.211**	**(12,2)**	**(446,0)**
CULTURAS DE INVERNO	**SAFRAS**			**VARIAÇÃO**	
	2015	**2016**		**Percentual**	**Absoluta**
	(a)	**AGO/2016 (c)**	**SET/2016 (c)**	**(c/a)**	**(c-a)**
AVEIA	1.853	2.558	2.549	37,6	696,0
CANOLA	1.236	1.527	1.526	23,5	290,0
CENTEIO	1.706	2.643	2.640	54,7	934,0
CEVADA	2.568	3.270	3.320	29,3	752,0
TRIGO	2.260	2.943	2.939	30,0	679,0
TRITICALE	2.647	2.768	2.777	4,9	130,0
SUBTOTAL	**2.230**	**2.885**	**2.881**	**29,2**	**651,0**
BRASIL [2]	**3.588**	**3.230**	**3.197**	**(10,9)**	**(391,0)**

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2016.

5. Estimativa de produção (186,4 milhões de toneladas)

A estimativa para a produção brasileira de grãos é de que alcance 186,4 milhões de toneladas na safra 2015/16. Esse decréscimo equivale a 10,3% ou 21,4 milhões de toneladas em relação à safra 2014/15, que foi de 207,8 milhões de toneladas (Tabela 3).

Para as demais culturas, exceção das culturas de inverno e amendoim, a estimativa também é de queda na produção, impulsionada pela redução na área de plantio e, principalmente, das adversidades climáticas, como estiagens prolongadas, e às altas temperaturas durante o ciclo das culturas.

Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO	
	14/15	15/16		Percentual	Absoluta
	(a)	AGO/2016 (c)	SET/2016 (c)	(c/a)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.348,6	2.025,8	1.937,4	(17,5)	(411,2)
ALGODÃO - PLUMA	1.562,8	1.348,3	1.289,5	(17,5)	(273,3)
AMENDOIM TOTAL	346,8	407,7	406,1	17,1	59,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	319,3	388,8	388,8	21,8	69,5
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,5	18,9	17,3	(37,1)	(10,2)
ARROZ	12.444,5	10.544,0	10.602,9	(14,8)	(1.841,6)
FEIJÃO TOTAL	3.210,2	2.593,1	2.515,8	(21,6)	(694,4)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.131,6	1.032,2	1.034,3	(8,6)	(97,3)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.228,2	932,3	915,2	(25,5)	(313,0)
FEIJÃO 3ª SAFRA	850,5	628,3	566,5	(33,4)	(284,0)
GIRASSOL	153,2	66,4	64,2	(58,1)	(89,0)
MAMONA	47,0	14,5	14,4	(69,4)	(32,6)
MILHO TOTAL	84.672,4	68.475,9	66.979,5	(20,9)	(17.692,9)
MILHO 1ª SAFRA	30.082,0	25.883,2	25.853,6	(14,1)	(4.228,4)
MILHO 2ª SAFRA	54.590,5	42.592,7	41.126,1	(24,7)	(13.464,4)
SOJA	96.228,0	95.418,9	95.434,6	(0,8)	(793,4)
SORGO	2.055,3	1.168,1	1.080,2	(47,4)	(975,1)
SUBTOTAL	**201.506,2**	**180.714,1**	**179.035,5**	**(11,2)**	**(22.470,7)**
CULTURAS DE INVERNO	**SAFRAS**			**VARIAÇÃO**	
	2015	**2016**		**Percentual**	**Absoluta**
	(a)	**AGO/2016 (c)**	**SET/2016 (c)**	**(c/a)**	**(c-a)**
AVEIA	351,2	739,6	742,5	111,4	391,3
CANOLA	54,9	68,7	72,5	32,1	17,6
CENTEIO	2,9	3,7	6,6	127,6	3,7
CEVADA	263,0	312,6	317,7	20,8	54,7
TRIGO	5.534,9	6.203,1	6.164,1	11,4	629,2
TRITICALE	56,9	60,9	64,7	13,7	7,8
SUBTOTAL	**6.263,8**	**7.388,6**	**7.368,1**	**17,6**	**1.104,3**
BRASIL (2)	**207.770,0**	**188.102,7**	**186.403,6**	**(10,3)**	**(21.366,4)**

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2016.

Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**2.489,8**	**2.540,5**	**2,0**	**3.206**	**2.731**	**(14,8)**	**7.982,2**	**6.936,9**	**(13,1)**
RR	44,7	39,9	(10,7)	3.562	3.900	9,5	159,2	155,6	(2,3)
RO	463,3	474,1	2,3	3.297	3.338	1,2	1.527,6	1.582,5	3,6
AC	55,5	52,4	(5,6)	1.959	2.065	5,4	108,7	108,2	(0,5)
AM	24,4	11,4	(53,3)	2.180	1.912	(12,3)	53,2	21,8	(59,0)
AP	5,0	4,6	(8,0)	880	891	1,3	4,4	4,1	(6,8)
PA	648,9	731,7	12,8	2.946	2.928	(0,6)	1.911,4	2.142,7	12,1
TO	1.248,0	1.226,4	(1,7)	3.380	2.383	(29,5)	4.217,7	2.922,0	(30,7)
NORDESTE	**8.104,9**	**7.391,3**	**(8,8)**	**2.046**	**1.349**	**(34,1)**	**16.586,6**	**9.974,1**	**(39,9)**
MA	1.728,7	1.420,1	(17,9)	2.392	1.748	(26,9)	4.135,1	2.481,7	(40,0)
PI	1.410,6	1.360,0	(3,6)	2.222	1.089	(51,0)	3.134,0	1.480,5	(52,8)
CE	907,7	851,3	(6,2)	286	273	(4,7)	259,2	232,1	(10,5)
RN	59,3	56,6	(4,6)	287	323	12,7	17,0	18,3	7,6
PB	122,9	173,1	40,8	247	191	(22,6)	30,3	33,1	9,2
PE	460,1	384,5	(16,4)	318	164	(48,5)	146,2	63,0	(56,9)
AL	79,9	61,6	(22,9)	877	722	(17,6)	70,1	44,5	(36,5)
SE	199,0	195,9	(1,6)	3.638	1.767	(51,4)	723,9	346,2	(52,2)
BA	3.136,7	2.888,2	(7,9)	2.573	1.826	(29,0)	8.070,8	5.274,7	(34,6)
CENTRO-OESTE	**22.873,4**	**23.583,9**	**3,1**	**3.857**	**3.202**	**(17,0)**	**88.220,8**	**75.518,8**	**(14,4)**
MT	13.586,9	14.001,4	3,1	3.807	3.101	(18,5)	51.718,8	43.425,1	(16,0)
MS	4.043,7	4.212,9	4,2	4.150	3.322	(20,0)	16.782,5	13.993,2	(16,6)
GO	5.100,4	5.213,9	2,2	3.719	3.366	(9,5)	18.966,0	17.549,7	(7,5)
DF	142,4	155,7	9,3	5.291	3.538	(33,1)	753,5	550,8	(26,9)
SUDESTE	**5.105,3**	**5.303,3**	**3,9**	**3.775**	**3.687**	**(2,3)**	**19.272,7**	**19.552,2**	**1,5**
MG	3.227,1	3.295,4	2,1	3.662	3.612	(1,4)	11.818,8	11.903,0	0,7
ES	32,5	24,4	(24,9)	1.185	2.098	77,1	38,5	51,2	33,0
RJ	4,8	4,1	(14,6)	1.854	1.976	6,6	8,9	8,1	(9,0)
SP	1.840,9	1.979,4	7,5	4.023	3.834	(4,7)	7.406,5	7.589,9	2,5
SUL	**19.341,3**	**19.492,8**	**0,8**	**3.914**	**3.818**	**(2,5)**	**75.707,7**	**74.421,7**	**(1,7)**
PR	9.585,7	9.682,1	1,0	3.929	3.687	(6,2)	37.659,1	35.694,5	(5,2)
SC	1.300,8	1.277,7	(1,8)	4.942	4.856	(1,7)	6.428,1	6.203,9	(3,5)
RS	8.454,8	8.533,0	0,9	3.740	3.811	1,9	31.620,5	32.523,3	2,9
NORTE/ NORDESTE	**10.594,7**	**9.931,8**	**(6,3)**	**2.319**	**1.703**	**(26,6)**	**24.568,8**	**16.911,0**	**(31,2)**
CENTRO-SUL	**47.320,0**	**48.380,0**	**2,2**	**3.872**	**3.503**	**(9,5)**	**183.201,2**	**169.492,7**	**(7,5)**
BRASIL	**57.914,7**	**58.311,8**	**0,7**	**3.588**	**3.197**	**(10,9)**	**207.770,0**	**186.403,7**	**(10,3)**

Legenda: Legenda: (*) Caroço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
Fonte: Conab.
Nota: Estimativa em setembro/2016.

6. Crédito rural

Nesta parte, o objetivo é apresentar um resumo do comportamento do crédito de custeio para a safra 2015/16. A análise terá como suporte as informações obtidas do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 29 de agosto de 2016, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o financiamento sem vínculo a programa específico.

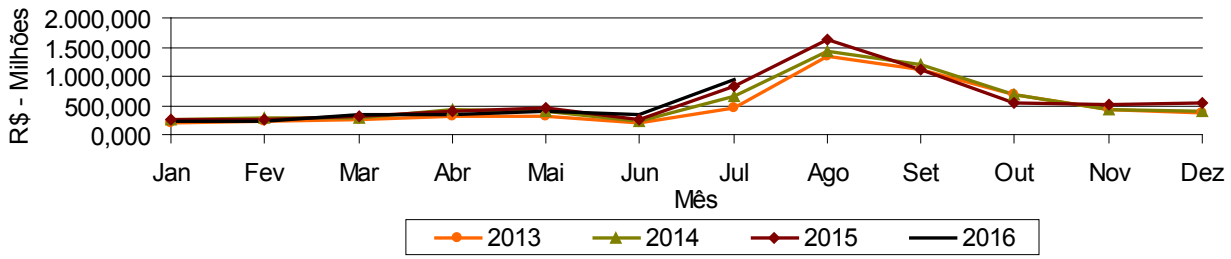
As informações obtidas pela Conab, no processo de levantamento da safra, também serão utilizadas para as análises aqui propostas. Deve-se registrar que o conhecimento acumulado sobre o tema é parte da pesquisa subjetiva realizada pela Companhia, onde se destaca as notícias da situação vivenciada pelos produtores na contratação do crédito e das fontes de financiamento da safra agrícola. Pretende-se registrar os problemas observados de maneira a contribuir com a sua minimização.

Deve-se registrar que a utilização do crédito de custeio, geralmente se inicia no primeiro semestre do ano safra face da necessidade dos produtores em adquirir insumos para o início de plantio. Em virtude da produção de milho e feijão, que têm calendários de duas e três safras respectivamente, além de outras características da agricultura nacional, o uso do custeio tende a ser observado durante todo o período anual.

Inicialmente, pode-se comentar que a utilização do crédito de custeio no Pronaf em 2015 (Gráfico 4), tem comportamento muito semelhante ao se comparar os anos de 2013 e 2014, mas teve crescimento de aproximadamente 6% em relação ao ano anterior.

No caso do Pronamp e do financiamento sem vínculo a programa específico (Gráfico 5 e 6), percebe-se atraso da disponibilidade para o início da safra 2015/16. Enquanto que no Pronamp, em 2015, permaneceu a tendência de aumento na sua utilização, no outro tipo de financiamento em questão, a utilização do crédito foi inferior ao ano de 2014.

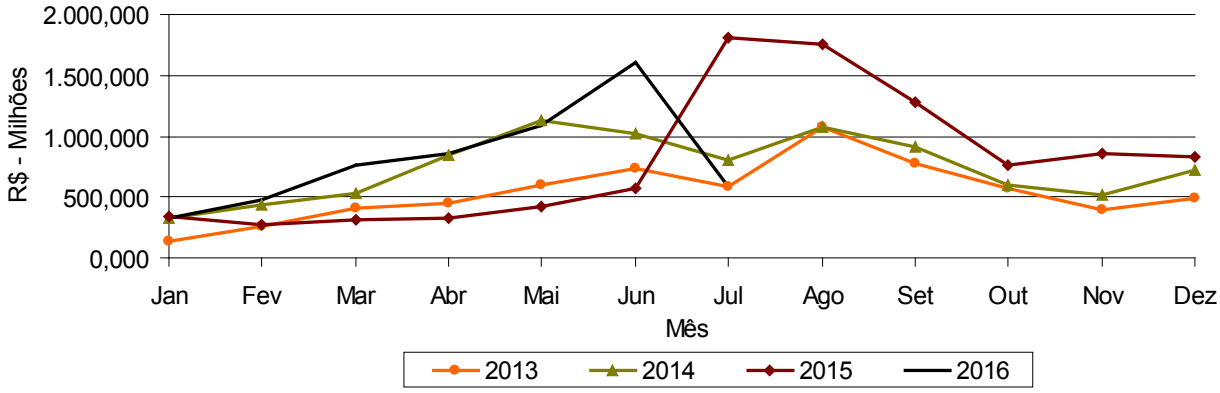
Gráfico 4 – Financiamento Pronaf - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

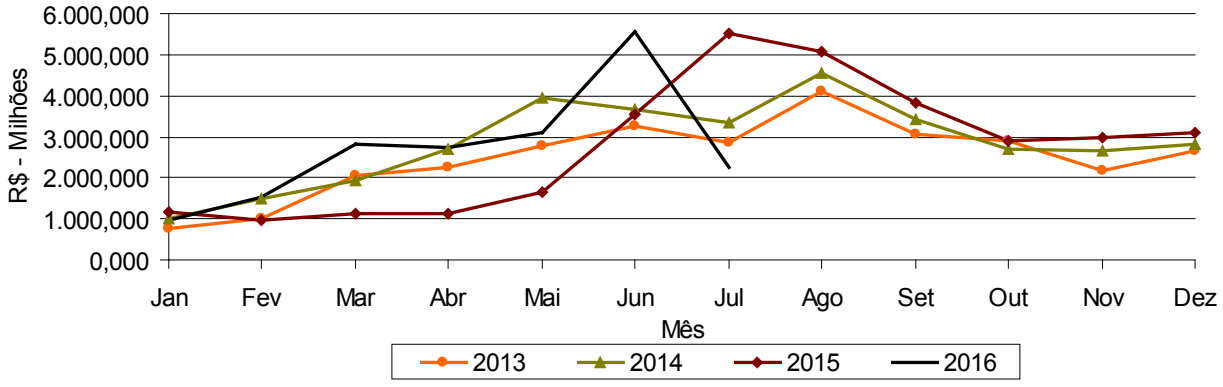
Gráfico 5 – Financiamento Pronamp - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 6 – Financiamento sem vínculo a programa específico - Crédito



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Em se tratando dos principais produtos financiados, pode-se resumir a situação vivenciada da seguinte forma:

6.1. Arroz

Observando a Tabela 5, pode-se verificar que em 2015 a liberação do crédito de custeio tem atraso em relação aos procedimentos dos anos anteriores. Os recursos utilizados para custeio, em 2015, no Pronaf, no Pronamp e no financiamento sem vínculo a programa específico são muito próximos dos valores de 2013 e 2014.

Tabela 5 - Arroz - Tipo de financiamento

2013													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	3,845	1,344	0,932	0,329	0,581	0,576	10,451	29,987	36,163	35,706	25,149	15,774	160,837
Pronamp	1,167	2,315	5,622	13,687	27,506	71,349	60,418	110,284	68,945	51,847	26,624	15,930	455,695
Sem Vinc, Espec,	7,563	7,884	28,671	48,903	106,743	139,398	137,323	255,515	136,291	149,065	75,771	58,716	1.151,842
Total Global	**12,575**	**11,542**	**35,226**	**62,919**	**134,829**	**211,324**	**208,192**	**395,786**	**241,399**	**236,618**	**127,544**	**90,420**	**1.768,374**
2014													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	4,768	1,948	0,749	0,206	0,780	0,943	11,322	37,508	39,326	32,323	22,748	18,778	171,399
Pronamp	2,113	2,463	8,676	36,299	85,768	90,492	84,156	98,355	65,990	38,414	24,523	20,098	557,347
Sem Vinc, Espec,	6,086	16,419	47,479	92,974	165,884	178,660	182,770	259,603	180,269	94,427	71,581	61,306	1.357,460
Total Global	**12,967**	**20,831**	**56,904**	**129,479**	**252,431**	**270,095**	**278,248**	**395,467**	**285,586**	**165,164**	**118,852**	**100,182**	**2.086,206**
2015													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	4,005	0,717	0,371	0,185	0,676	1,031	8,861	36,829	37,890	26,089	26,982	19,486	163,122
Pronamp	1,339	1,508	1,137	2,527	5,635	21,206	115,686	175,579	120,663	61,099	41,620	30,567	578,567
Sem Vinc. Espec.	14,551	1,089	10,859	12,888	26,916	90,520	299,005	342,435	216,506	147,112	112,377	87,060	1.361,318
Total Global	**19,895**	**3,314**	**12,367**	**15,599**	**33,228**	**112,758**	**423,552**	**554,843**	**375,059**	**234,300**	**180,979**	**137,113**	**2.103,007**
2016													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	4,029	1,587	0,294	0,176	0,405	0,894	9,131						16,516
Pronamp	3,371	6,985	20,970	30,528	39,730	109,444	40,917						251,945
Sem Vinc. Espec.	12,147	30,121	73,082	88,481	93,317	214,308	46,834						558,289
Total Global	**19,548**	**38,693**	**94,345**	**119,185**	**133,452**	**324,646**	**96,892**						**826,760**

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Ao se analisar o comportamento do crédito de custeio em todas as regiões geográficas no período entre 2013 a 2015 – ver Tabela 6, observa-se que houve aumento apenas na Região Sul. Tal situação tem correspondência com a redução de área do cultivo dessa cultura em todas as regiões brasileiras.

Pode-se comentar que se tem observado que o uso do arroz para abertura de área de produção tem se reduzido e o produtor optado em investir em culturas mais rentáveis e por problemas climáticos.

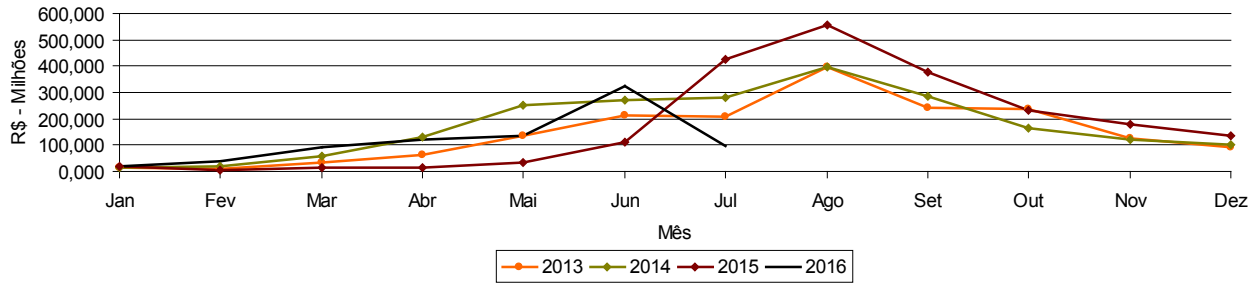
Tabela 6 – Arroz – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,220			0,086	1,555	6,987	5,076	10,837	5,659	7,342	5,918	4,666	49,346
NORDESTE	1,777	0,790	0,455	0,333	5,337	1,555	0,471	3,026	5,111	4,456	6,012	6,088	35,410
NORTE	0,386	0,584	0,488	0,118	0,058	5,571	3,514	11,399	10,159	15,805	11,335	11,330	70,746
SUDESTE	0,016	0,012	0,070		0,140	0,213	1,235	1,248	0,682	0,763	0,510	0,440	5,330
SUL	9,175	10,156	34,213	62,381	127,740	196,998	197,896	369,275	219,788	208,253	103,770	67,897	1.607,542
Total Global	**12,575**	**11,542**	**35,226**	**62,919**	**134,829**	**211,324**	**208,192**	**395,786**	**241,399**	**236,618**	**127,544**	**90,420**	**1.768,374**
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,255	0,311	1,163	2,942	3,963	7,210	8,657	10,422	5,692	4,218	7,488	5,957	59,280
NORDESTE	3,300	2,241	0,665	0,077	0,620	4,691	1,226	1,655	3,208	7,428	6,184	3,703	34,998
NORTE	1,371	1,304	0,067	3,839	8,813	6,240	7,147	15,574	12,810	12,625	11,264	11,797	92,852
SUDESTE	0,071	0,102	0,070		0,202	1,002	1,224	1,080	0,261	0,730	0,673	0,688	6,104
SUL	6,969	16,872	54,939	122,620	238,833	250,952	259,995	366,736	263,615	140,162	93,242	78,037	1.892,973
Total Global	**12,967**	**20,831**	**56,904**	**129,479**	**252,431**	**270,095**	**278,248**	**395,467**	**285,586**	**165,164**	**118,852**	**100,182**	**2.086,206**
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,128	0,759	2,430	1,735	1,931	3,116	2,465	6,626	3,749	4,324	3,461	3,702	35,427
NORDESTE	1,899	0,397	0,422	0,827	0,157	0,922	1,851	1,340	3,792	2,993	2,259	4,650	21,510
NORTE	2,493	0,552	0,674		3,762	2,919	22,603	13,439	10,765	9,997	15,307	7,975	90,487
SUDESTE	0,095	0,109		0,097	0,401	0,252	1,099	1,621	0,680	0,425	0,534	0,930	6,244
SUL	14,280	1,496	8,842	12,939	26,977	105,548	395,534	531,817	356,073	216,561	159,417	119,855	1.949,339
Total Global	**19,895**	**3,314**	**12,367**	**15,599**	**33,228**	**112,758**	**423,552**	**554,843**	**375,059**	**234,300**	**180,979**	**137,113**	**2.103,007**
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	2,172	0,613	2,002	5,571	2,565	5,264	2,072						20,259
NORDESTE	2,763	1,274	0,936	0,223	0,240	1,294	0,113						6,841
NORTE	1,292	6,190	0,781	0,865	4,336	7,656	0,621						21,741
SUDESTE	0,036	0,012	0,100	0,130	0,000	1,064	1,185						2,527
SUL	13,284	30,605	90,527	112,396	126,311	309,368	92,900						775,391
Total Global	**19,548**	**38,693**	**94,345**	**119,185**	**133,452**	**324,646**	**96,892**						**826,760**

Fonte: Bacen.

Nota: janeiro/2013 a junho/2016.

Gráfico 7 – Arroz - Total de Investimentos



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

6.2. Milho

Observando aTabela 7 e o Gráfico 8, pode-se verificar que em 2015 a liberação do crédito de custeio tem atraso em relação aos procedimentos dos anos anteriores. Outro aspecto importante a ser citado é que os recursos utilizados para custeio da primeira safra de milho traduzem a opção dos produtores no investimento na segunda safra de milho.

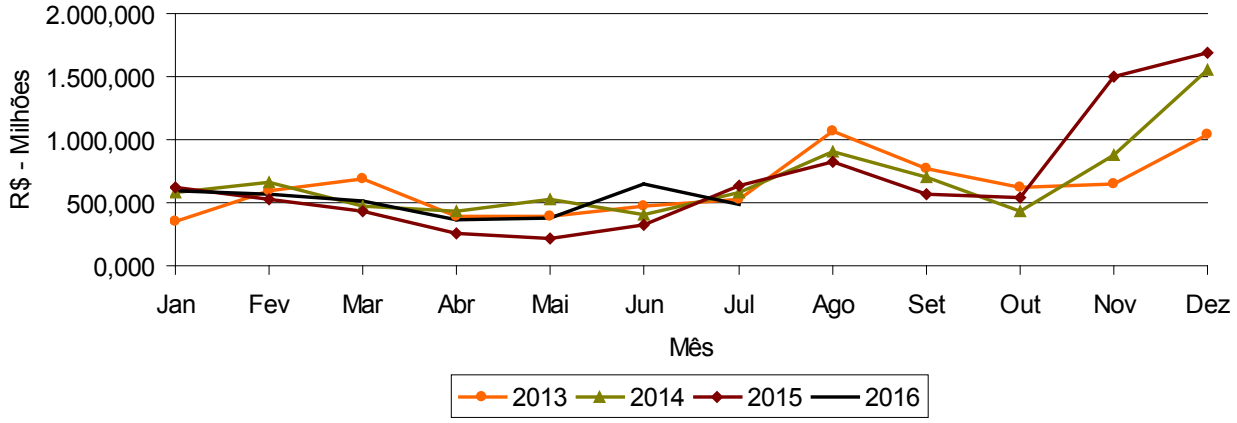
Tabela 7 – Milho -Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	94,760	110,298	64,880	29,523	27,278	7,913	129,519	476,370	367,170	192,774	93,979	99,481	1.693,944
Pronamp	76,307	164,616	190,501	69,677	67,530	64,512	69,739	127,948	86,786	53,099	76,464	197,772	1.244,952
Sem Vinc. Espec.	177,725	322,249	430,123	286,503	295,619	394,150	328,763	461,147	317,591	378,552	475,142	737,385	4.604,946
Total Global	**348,791**	**597,163**	**685,505**	**385,703**	**390,426**	**466,576**	**528,021**	**1.065,464**	**771,548**	**624,425**	**645,585**	**1.034,637**	**7.543,842**
2014													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	101,095	95,940	55,793	46,937	32,484	11,658	169,830	410,262	328,189	163,296	95,006	127,491	1.637,981
Pronamp	168,894	192,567	125,913	92,120	99,270	74,733	70,599	104,459	81,811	48,868	134,026	335,482	1.528,743
Sem Vinc. Espec.	307,599	379,921	293,703	294,414	398,304	317,531	342,905	389,107	299,291	218,811	645,995	1.088,766	4.976,346
Total Global	**577,588**	**668,429**	**475,409**	**433,471**	**530,058**	**403,923**	**583,334**	**903,827**	**709,290**	**430,975**	**875,027**	**1.551,739**	**8.143,069**
2015													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	115,538	94,193	53,757	41,834	42,738	13,174	167,871	371,603	250,393	116,373	150,369	207,368	1.625,211
Pronamp	152,397	119,086	93,858	52,737	36,561	35,681	102,682	121,807	80,518	73,141	347,327	374,234	1.590,029
Sem Vinc. Espec.	355,189	317,768	280,835	166,847	140,260	271,767	363,813	327,073	239,967	354,121	1.006,974	1.104,415	4.929,028
Total Global	**623,124**	**531,047**	**428,450**	**261,417**	**219,559**	**320,623**	**634,365**	**820,483**	**570,878**	**543,636**	**1.504,670**	**1.686,018**	**8.144,269**
2016													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	105,102	94,447	75,964	44,090	37,095	22,491	238,886						618,075
Pronamp	140,320	163,391	119,268	83,247	85,527	131,592	66,494						789,839
Sem Vinc. Espec.	342,664	314,096	319,889	238,405	262,242	497,498	183,984						2.158,778
Total Global	**588,086**	**571,934**	**515,121**	**365,741**	**384,864**	**651,581**	**486,364**						**3.563,691**

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 8 – Milho– Total de investimento



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

A redução de área do milho primeira safra no Centro-Sul, a sua ampliação no segundo momento de plantio e a forte produção dessa cultura nas Regiões Centro-Oeste e Sul podem explicar a concentração do crédito observado na tabela 8. Todo o movimento de crédito é compatível com o calendário agrícola.

Tabela 8 – Milho – Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	120,181	224,094	320,330	117,933	87,183	98,024	64,033	75,589	72,304	153,529	327,269	531,925	2.192,395
NORDESTE	10,025	13,559	30,063	79,814	102,665	45,567	54,795	55,191	54,158	54,443	39,019	69,658	608,955
NORTE	6,039	3,258	1,915	2,266	7,102	3,067	8,543	7,380	9,167	8,780	13,617	11,465	82,598
SUDESTE	35,628	52,045	78,655	72,760	94,448	182,609	122,522	162,823	128,272	132,479	108,360	135,534	1.306,135
SUL	176,918	304,208	254,542	112,930	99,029	137,308	278,129	764,481	507,646	275,194	157,320	286,055	3.353,759
Total Global	**348,791**	**597,163**	**685,505**	**385,703**	**390,426**	**466,576**	**528,021**	**1.065,464**	**771,548**	**624,425**	**645,585**	**1.034,637**	**7.543,842**
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	220,151	269,878	173,985	140,631	121,465	62,705	47,372	39,945	49,958	68,619	498,822	862,397	2.555,928
NORDESTE	13,321	22,046	49,362	94,642	96,355	60,182	70,253	117,419	80,892	32,516	36,469	48,689	722,146
NORTE	5,845	7,690	10,312	2,850	6,476	3,084	4,131	3,475	6,852	6,240	12,368	18,411	87,735
SUDESTE	57,542	89,401	76,832	81,649	135,979	140,898	139,337	139,967	117,418	114,752	106,650	165,469	1.365,894
SUL	280,730	279,414	164,917	113,698	169,782	137,054	322,240	603,021	454,170	208,847	220,719	456,774	3.411,367
Total Global	**577,588**	**668,429**	**475,409**	**433,471**	**530,058**	**403,923**	**583,334**	**903,827**	**709,290**	**430,975**	**875,027**	**1.551,739**	**8.143,069**
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	264,863	233,281	194,520	97,574	65,864	81,334	73,943	56,197	37,728	214,941	818,073	890,840	3.029,158
NORDESTE	23,796	18,403	39,158	84,752	85,859	133,757	60,798	45,551	33,405	45,699	39,728	45,089	655,995
NORTE	4,593	6,864	10,150	4,652	5,160	4,317	5,097	1,912	3,181	7,437	16,207	22,874	92,444
SUDESTE	71,788	51,920	60,595	31,832	32,355	41,872	117,257	129,177	141,285	90,903	125,890	186,514	1.081,388
SUL	258,085	220,578	124,027	42,606	30,321	59,342	377,270	587,646	355,279	184,655	504,773	540,701	3.285,284
Total Global	**623,124**	**531,047**	**428,450**	**261,417**	**219,559**	**320,623**	**634,365**	**820,483**	**570,878**	**543,636**	**1.504,670**	**1.686,018**	**8.144,269**
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	295,349	225,408	173,599	115,370	85,364	100,140	53,808						1.049,038
NORDESTE	11,352	15,222	70,307	92,190	121,692	183,415	34,303						528,480
NORTE	12,369	11,689	13,784	3,126	5,475	4,553	8,913						59,909
SUDESTE	71,467	70,702	78,929	43,748	48,336	184,193	56,814						554,188
SUL	197,550	248,914	178,501	111,308	123,997	177,283	332,527						1.370,080
Total Global	**588,086**	**571,934**	**515,121**	**365,741**	**384,864**	**651,581**	**486,364**						**3.563,691**

Fonte: Bacen

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

6.3. Soja

A utilização de custeio em 2015 (ver Tabela 9) mostra-se superior aos anos 2013 e 2014 em todas as linhas de crédito sob análise, no qual se destaca o uso dos recursos do Pronaf e Pronamp. Essa situação tem relação com os investimentos na produção dessa oleaginosa, principalmente em substituição ao plantio de outras culturas, por exemplo, o milho primeira safra. No Gráfico 9, se pode observar o atraso na disponibilidade do crédito.

Tabela 9 – Soja - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	4,751	1,467	0,726	1,139	2,653	3,576	193,777	650,843	511,937	253,622	103,297	42,741	1.770,528
Pronamp	3,747	8,702	67,202	161,695	290,483	411,627	365,986	635,072	435,021	274,779	115,944	57,234	2.827,493
Sem Vinc. Espec.	86,942	165,000	667,282	867,817	1.283,480	1.457,532	1.388,044	2.048,040	1.204,194	938,132	552,896	566,786	11.226,145
Total Global	**95,440**	**175,169**	**735,210**	**1.030,651**	**1.576,616**	**1.872,736**	**1.947,807**	**3.333,954**	**2.151,152**	**1.466,533**	**772,137**	**666,762**	**15.824,166**

2014													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	7,152	1,390	0,600	2,495	3,734	5,024	328,436	793,491	611,334	266,895	110,274	52,087	2.182,912
Pronamp	6,757	35,632	112,346	349,010	581,654	582,200	490,606	642,244	518,389	260,953	122,278	70,652	3.772,721
Sem Vinc. Espec.	116,339	339,208	866,351	1.451,881	1.936,186	1.902,243	1.876,182	2.368,613	1.528,595	985,373	643,021	445,484	14.459,477
Total Global	**130,248**	**376,230**	**979,298**	**1.803,387**	**2.521,574**	**2.489,467**	**2.695,225**	**3.804,347**	**2.658,318**	**1.513,221**	**875,573**	**568,224**	**20.415,110**

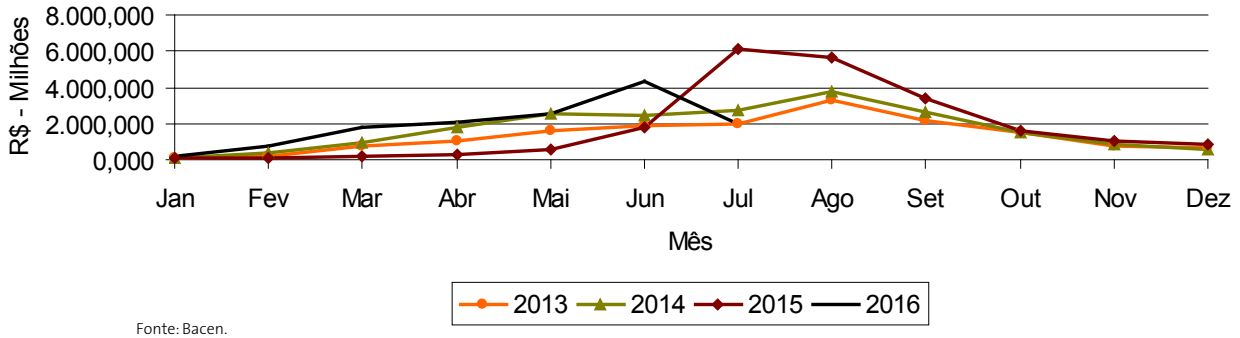
2015													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	7,669	6,436	0,128	0,511	7,157	6,532	522,427	1.038,636	637,686	240,261	129,106	62,993	2.659,541
Pronamp	9,614	6,752	3,944	10,889	99,323	231,376	1.454,834	1.195,793	726,419	286,496	152,344	91,275	4.269,058
Sem Vinc. Espec.	86,447	90,232	156,357	254,010	447,871	1.565,768	4.094,383	3.427,344	2.048,741	1.079,141	706,980	691,338	14.648,612
Total Global	**103,730**	**103,420**	**160,428**	**265,410**	**554,351**	**1.803,676**	**6.071,644**	**5.661,773**	**3.412,846**	**1.605,898**	**988,430**	**845,605**	**21.577,211**

2016													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf	6,646	2,366	0,573	1,391	3,204	7,541	526,801						548,521
Pronamp	11,745	111,419	332,896	452,902	657,907	958,236	364,739						2.889,844
Sem Vinc. Espec.	127,606	653,454	1.498,528	1.627,274	1.836,219	3.341,123	1.127,120						10.211,322
Total Global	**145,997**	**767,238**	**1.831,996**	**2.081,567**	**2.497,329**	**4.306,900**	**2.018,661**						**13.649,687**

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Gráfico 9 – Soja– Total de financiamento



Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

As informações destacadas na Tabela 10 indicam a tendência observada nos últimos plantios nos quais a soja tem ocupado o espaço de diversas culturas no quadro de produção nacional.

Tabela 10 – Soja – Região – Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	35,905	110,754	524,185	672,335	814,239	881,406	622,211	1.025,952	609,097	459,701	262,309	222,490	6.240,585
NORDESTE	32,359	34,892	78,033	92,946	240,253	169,315	218,296	228,489	141,026	142,713	117,718	215,757	1.711,796
NORTE	3,849	8,610	13,671	17,962	45,696	76,984	60,380	77,688	51,742	55,856	42,905	27,868	483,209
SUDESTE	9,997	10,279	38,501	77,400	109,654	169,760	157,794	209,024	170,995	157,027	81,475	67,463	1.259,368
SUL	13,330	10,634	80,819	170,007	366,774	575,272	889,125	1.792,802	1.178,293	651,237	267,731	133,184	6.129,208
Total Global	**95,440**	**175,169**	**735,210**	**1.030,651**	**1.576,616**	**1.872,736**	**1.947,807**	**3.333,954**	**2.151,152**	**1.466,533**	**772,137**	**666,762**	**15.824,166**

2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	76,564	263,735	702,900	1.135,652	1.290,315	1.066,417	876,847	1.108,621	730,478	498,477	264,125	187,272	8.201,402
NORDESTE	14,973	64,798	95,823	128,377	191,944	288,758	281,977	485,079	205,418	164,310	171,962	125,441	2.218,858
NORTE	11,681	16,982	24,083	37,368	101,423	108,503	101,412	112,183	119,016	64,015	35,864	29,611	762,140
SUDESTE	11,854	7,422	49,493	137,143	249,336	235,943	237,254	225,144	211,012	148,142	110,989	67,277	1.691,010
SUL	15,176	23,293	106,999	364,848	688,555	789,847	1.197,734	1.873,321	1.392,394	638,276	292,632	158,624	7.541,699
Total Global	**130,248**	**376,230**	**979,298**	**1.803,387**	**2.521,574**	**2.489,467**	**2.695,225**	**3.804,347**	**2.658,318**	**1.513,221**	**875,573**	**568,224**	**20.415,110**

2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	48,069	51,653	82,897	186,296	217,873	708,331	2.542,649	1.787,416	1.056,975	509,224	365,716	300,088	7.857,188
NORDESTE	14,388	17,983	38,097	28,074	68,475	441,807	393,683	486,355	310,622	213,012	121,071	227,928	2.361,494
NORTE	4,555	5,917	15,889	13,482	42,542	106,487	208,843	179,841	120,828	94,343	50,618	45,446	888,792
SUDESTE	19,725	7,267	10,800	9,050	29,431	118,105	451,691	409,387	361,239	188,116	129,697	99,134	1.833,642
SUL	16,993	20,600	12,745	28,508	196,030	428,947	2.474,777	2.798,774	1.563,182	601,202	321,328	173,010	8.636,095
Total Global	**103,730**	**103,420**	**160,428**	**265,410**	**554,351**	**1.803,676**	**6.071,644**	**5.661,773**	**3.412,846**	**1.605,898**	**988,430**	**845,605**	**21.577,211**

2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	42,913	513,134	1.158,593	1.189,681	1.158,011	1.652,763	696,115						6.411,210
NORDESTE	62,263	44,046	96,596	152,590	262,609	855,280	175,511						1.648,895
NORTE	13,533	29,477	56,890	82,138	85,503	171,504	74,948						513,995
SUDESTE	13,192	27,854	82,266	123,987	151,612	504,456	129,547						1.032,914
SUL	14,096	152,727	437,651	533,171	839,594	1.083,351	942,539						4.003,129
Total Global	**145,997**	**767,238**	**1.831,996**	**2.081,567**	**2.497,329**	**4.306,900**	**2.018,661**						**13.649,687**

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

6.4. Algodão

Observa-se, na Tabela 11, que os aportes financeiros para a lavoura de algodão têm como destaque o tipo de financiamento sem vínculo específico com programa. É importante registrar que o plantio de algodão exige investimentos de alta tecnologia e os recursos disponibilizados são compatíveis com o calendário agrícola.

Tabela 11 –Algodão - Tipo de financiamento – Crédito

2013													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf		0,006	0,020						0,008			0,005	0,039
Pronamp				0,372				1,460		0,700		0,162	2,695
Sem Vinc. Espec.	33,200	29,045	71,946	95,770	126,901	163,411	145,351	287,324	203,751	208,589	148,395	225,588	1.739,270
Total Global	**33,200**	**29,051**	**71,966**	**96,142**	**126,901**	**163,411**	**145,351**	**288,784**	**203,760**	**209,289**	**148,395**	**225,755**	**1.742,004**
2014													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf									0,009				0,009
Pronamp							0,804	0,582	0,806	0,236			2,429
Sem Vinc. Espec.	70,761	87,533	59,496	82,023	215,344	236,793	156,378	405,927	228,477	228,401	171,773	161,617	2.104,524
Total Global	**70,761**	**87,533**	**59,496**	**82,023**	**215,344**	**236,793**	**157,182**	**406,510**	**229,292**	**228,638**	**171,773**	**161,617**	**2.106,961**
2015													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf									1,113	174,549	244,101	187,791	607,554
Pronamp								1,643	0,283	0,103	0,100	0,375	2,505
Sem Vinc. Espec.	56,194	16,799	52,129	33,560	40,822	348,345	122,914	164,627	212,972	198,344	139,209	225,294	1.611,209
Total Global	**56,194**	**16,799**	**52,129**	**33,560**	**40,822**	**348,345**	**122,914**	**166,270**	**213,255**	**198,447**	**139,309**	**225,669**	**1.613,714**
2016													
Programa	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
Pronaf													0,000
Pronamp			0,400	0,441									0,841
Sem Vinc. Espec.	20,386	16,486	60,087	42,859	64,356	402,703	161,302						768,179
Total Global	**20,386**	**16,486**	**60,487**	**43,300**	**64,356**	**402,703**	**161,302**						**769,020**

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Bahia e Mato Grosso se destacam como os principais produtores de algodão. Pode-se deduzir, observando a Tabela 12, que os valores e a temporalidade do uso de recursos estão compatíveis com o calendário dessa cultura, inclusive com o padrão de se buscar os recursos antecipados para custeio da safra.

Tabela 12 – Algodão - Região - Crédito

2013													
Região	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
CENTRO OESTE	1,629	21,755	41,968	37,799	39,788	90,226	117,816	152,098	97,980	61,292	61,102	103,663	827,117
NORDESTE	31,280	5,970	29,978	55,002	80,734	64,153	27,535	134,086	100,369	135,010	74,840	116,812	855,769
NORTE								0,200	0,472		3,335		4,007
SUDESTE	0,291	1,326	0,020	3,341	6,379	9,032		2,399	4,939	12,987	9,117	5,280	55,110
SUL													
Total Global	**33,200**	**29,051**	**71,966**	**96,142**	**126,901**	**163,411**	**145,351**	**288,784**	**203,760**	**209,289**	**148,395**	**225,755**	**1.742,004**
2014													
Região	**Jan**	**Fev**	**Mar**	**Abr**	**Mai**	**Jun**	**Jul**	**Ago**	**Set**	**Out**	**Nov**	**Dez**	**Total**
CENTRO OESTE	57,572	27,327	18,196	42,694	141,080	140,257	107,795	115,838	126,459	63,841	79,957	56,890	977,907
NORDESTE	11,740	59,255	40,423	36,526	55,851	93,581	44,369	285,294	90,717	161,713	83,340	82,516	1.045,324
NORTE					0,648		2,400	3,681	0,664	1,000	3,625	12,775	24,792
SUDESTE	1,449	0,951	0,878		17,765	2,954	2,618	1,697	11,452	2,084	4,851	9,436	56,134
SUL				2,803									2,803
Total Global	**70,761**	**87,533**	**59,496**	**82,023**	**215,344**	**236,793**	**157,182**	**406,510**	**229,292**	**228,638**	**171,773**	**161,617**	**2.106,961**

Continua

2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	16,197	13,260	26,243	31,653	23,459	107,714	91,062	41,206	120,330	58,571	46,319	58,361	634,374
NORDESTE	39,099	3,539	15,167	1,907	17,363	239,635	31,339	124,119	79,587	136,050	79,265	164,471	931,542
NORTE	0,203					0,996			3,937	0,485	9,609		15,230
SUDESTE	0,695		10,720				0,513	0,945	9,400	3,341	4,116	2,837	32,568
SUL													
Total Global	**56,194**	**16,799**	**52,129**	**33,560**	**40,822**	**348,345**	**122,914**	**166,270**	**213,255**	**198,447**	**139,309**	**225,669**	**1.613,714**
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	4,295	13,345	43,459	19,834	27,059	94,785	115,669						318,446
NORDESTE	14,406	1,578	13,927	17,466	33,280	298,113	24,543						403,314
NORTE	1,685	0,763	2,600			7,380							12,429
SUDESTE		0,799	0,500	6,000	4,015	2,425	21,090						34,829
SUL													0,000
Total Global	**20,386**	**16,486**	**60,487**	**43,300**	**64,356**	**402,703**	**161,302**						**769,020**

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

6.5. Feijão

Comparando as informações disponíveis na Tabela 13, observa-se a redução da utilização do crédito de custeio para o plantio de feijão. Tal situação guarda relação com a redução de área nas três safras que compõem o período 2015/16.

Tabela 13 – Feijão - Tipo de financiamento - Crédito

2013													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	3,895	6,940	4,002	2,206	2,389	0,541	4,575	17,179	22,848	16,103	6,859	4,307	91,845
Pronamp	2,495	5,748	3,732	1,233	2,035	2,906	5,363	10,189	9,441	8,264	3,572	3,593	58,571
Sem Vinc. Espec.	7,364	16,634	21,555	19,918	23,364	29,409	38,713	66,742	46,722	44,368	30,054	33,382	378,225
Total Global	**13,753**	**29,322**	**29,289**	**23,356**	**27,788**	**32,856**	**48,651**	**94,111**	**79,011**	**68,735**	**40,485**	**41,283**	**528,641**
2014													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	15,007	14,901	5,205	3,306	2,174	0,460	4,432	12,816	17,186	10,065	5,275	3,912	94,739
Pronamp	9,034	10,670	7,318	5,259	4,188	4,164	3,798	6,886	6,032	4,294	3,251	5,807	70,701
Sem Vinc. Espec.	23,971	29,345	31,637	22,023	32,819	28,290	26,930	29,101	25,458	20,783	24,061	31,521	325,940
Total Global	**48,012**	**54,917**	**44,159**	**30,588**	**39,181**	**32,914**	**35,160**	**48,803**	**48,676**	**35,142**	**32,587**	**41,241**	**491,380**
2015													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	13,017	11,865	4,540	3,606	3,032	0,558	6,144	13,978	14,920	8,117	8,112	15,382	103,269
Pronamp	6,516	8,595	3,306	2,285	2,162	2,343	8,414	10,391	7,891	4,536	6,798	12,546	75,784
Sem Vinc. Espec.	15,064	26,196	16,968	19,751	23,232	27,979	26,652	33,920	23,242	17,081	25,417	31,858	287,360
Total Global	**34,598**	**46,655**	**24,814**	**25,642**	**28,426**	**30,880**	**41,210**	**58,288**	**46,053**	**29,734**	**40,326**	**59,787**	**466,413**
2016													
Programa	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
Pronaf	11,828	10,510	3,609	2,408	3,127	2,242	6,699						40,423
Pronamp	6,995	6,733	5,256	3,827	4,471	11,170	6,059						44,510
Sem Vinc. Espec.	18,467	20,236	23,726	25,100	22,144	39,467	18,661						167,802
Total Global	**37,290**	**37,479**	**32,591**	**31,335**	**29,741**	**52,879**	**31,419**						**252,736**

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Na Tabela 14 se pode observar os valores de crédito disponibilizado por região geográfica. Os créditos estão concentrados nas principais produtoras, mas a redução da sua utilização vem se reduzindo nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, o que está condizente com a redução da produção.

Tabela 14 – Feijão - Região - Crédito

2013													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	0,177	4,757	4,002	3,367	9,318	9,762	7,092	13,347	9,786	10,195	12,649	15,865	100,318
NORDESTE	0,639	5,128	1,461	1,902	3,493	1,742	2,097	5,982	8,246	2,680	1,800	2,591	37,760
NORTE	0,003		0,505	0,509	1,002	0,536	0,300	0,370		0,500			3,725
SUDESTE	6,764	7,291	17,144	15,823	12,892	18,097	24,360	25,284	14,861	21,515	9,640	10,445	184,115
SUL	6,170	12,147	6,177	1,756	1,083	2,719	14,802	49,127	46,118	33,845	16,397	12,382	202,722
Total Global	**13,753**	**29,322**	**29,289**	**23,356**	**27,788**	**32,856**	**48,651**	**94,111**	**79,011**	**68,735**	**40,485**	**41,283**	**528,641**
2014													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	3,803	6,466	4,367	5,352	9,609	4,528	9,327	11,677	6,153	6,590	7,819	11,157	86,849
NORDESTE	0,311	2,167	2,513	2,207	4,082	1,764	1,349	3,260	2,238	1,974	1,715	3,226	26,805
NORTE	0,264	1,974	1,000	0,595	0,219	0,201	0,550		0,083	0,200			5,086
SUDESTE	15,758	20,118	25,800	17,480	19,401	20,185	13,407	9,205	7,821	7,122	8,503	16,431	181,230
SUL	27,877	24,192	10,479	4,954	5,870	6,236	10,527	24,661	32,381	19,256	14,549	10,427	191,410
Total Global	**48,012**	**54,917**	**44,159**	**30,588**	**39,181**	**32,914**	**35,160**	**48,803**	**48,676**	**35,142**	**32,587**	**41,241**	**491,380**
2015													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	1,607	7,313	3,800	4,610	9,848	7,184	4,537	5,428	2,849	0,956	4,178	5,020	57,331
NORDESTE	0,549	0,790	1,619	4,279	2,811	0,559	3,190	3,106	1,628	1,108	3,197	2,217	25,054
NORTE		2,163	1,095	0,431	0,311	0,959				0,151	2,052		7,162
SUDESTE	6,917	10,109	11,327	14,480	13,239	20,497	15,268	14,482	8,902	10,654	4,922	17,756	148,554
SUL	25,525	26,279	6,972	1,843	2,216	1,680	18,214	35,272	32,674	16,865	25,977	34,794	228,311
Total Global	**34,598**	**46,655**	**24,814**	**25,642**	**28,426**	**30,880**	**41,210**	**58,288**	**46,053**	**29,734**	**40,326**	**59,787**	**466,413**
2016													
Região	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total
CENTRO OESTE	6,913	4,394	9,633	8,974	7,179	13,678	4,569						55,339
NORDESTE	0,220	1,913	0,748	1,997	4,743	2,541	1,008						13,171
NORTE	0,381					0,309	0,109						0,799
SUDESTE	8,727	13,184	14,514	17,233	12,562	25,445	12,802						104,467
SUL	21,049	17,988	7,697	3,131	5,258	10,906	12,931						78,960
Total Global	**37,290**	**37,479**	**32,591**	**31,335**	**29,741**	**52,879**	**31,419**						**252,736**

Fonte: Bacen.

Nota: Janeiro de 2013 a Julho de 2016

Na segunda parte a intenção é descrever resumidamente a situação em cada estado da Federação. Assim, pretende-se registrar os problemas observados de maneia a contribuir com a sua minimização.

Alagoas: como as entidades financeiras só podem disponibilizar financiamentos para culturas que estejam contempladas pelo zoneamento agrícola, vários agricultores dos municípios do médio e alto sertão, que são produtores de feijão, ficam sem direito ao crédito de custeio por parte dos agentes financeiros, o que impede os investimentos em fertilizantes e em sementes selecionadas, contribuindo, assim, para baixa produtividade dessas lavouras.

Bahia: apesar da disponibilidade de crédito nos bancos, a procura pelos agricultores foi muito baixa. Os motivos podem ser assim resumidos: o perfil dos produtores, a inadimplência e questões relacionadas ao zoneamento agroclimático para cultivo de feijão e milho. Além disso, segundo os produtores, a burocracia para acesso ao crédito, devido à inviabilidade técnica da produção na maior parte do semiárido e à elevada taxa de juros, são outros motivos que contribuem para essa baixa procura. Existem linhas de crédito através do Programa de Microfinança Rural Agroamigo, com crédito simplificado e de valores reduzidos, que se destina à agropecuária o que tem sido um fator atrativo para que produtores migrem do cultivo de grãos de sequeiro para essa atividade, já que os riscos são menores em relação à produção de grãos, nessa modalidade. Pode-se perceber esforços do governo da Bahia através de cooperação firmada entre a Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR), por meio da Superintendência Baiana de Assistência Técnica e Extensão Rural (Bahiater), e o Banco do Nordeste do

Brasil (BNB) para elaboração de propostas de crédito ao (Pronaf), na metodologia de microcrédito rural orientado e acompanhado. Há relatos de agentes financeiros da Mesorregião Extremo Oeste que indicam percentual de prorrogação das dívidas em torno de 30% para os custeios e 50% para os investimentos, retratando as dificuldades encontradas pelos produtores nesta safra.

Ceará: na maior parte dos municípios não há concessão de crédito de custeio em virtude dos seguidos anos de seca. Com isso, os agentes financeiros dificultam a liberação desses empréstimos devido à falta de garantias.

Goiás: os relatos indicaram que a oferta de crédito de custeio por parte das instituições governamentais foi tardia na maior parte dos municípios. Houve maiores restrições quanto ao acesso de crédito, principalmente exigências de mais garantias, visto que em algumas regiões não houve inclusive liberação do pré-custeio. Pode-se registrar que os aumentos de preços dos insumos agrícolas e a demora do financiamento impactaram principalmente os produtores menos capitalizados. Por outro lado, aqueles que utilizaram recursos próprios ou das tradings conseguiram antecipar a compra e garantir preço menor.

Minas Gerais: as operações de financiamento de custeio iniciaram com bastante atraso, a partir do final de agosto. Os agentes financeiros, públicos e privados, apresentaram rigidez para liberação do crédito, aumentando a burocracia e a exigência de garantias, em face do maior grau de inadimplência resultante dos acontecimentos das últimas safras, e os produtores têm, ainda, arcado com taxas de juros mais elevadas. Os critérios foram os mesmos para a safrinha, mas a demanda de recursos para estas culturas acaba sendo menor, em face do maior risco e do maior custo do seguro. Para os produtores que sofreram perdas nas safras anteriores foi mais difícil o autofinanciamento, com uso de recursos próprios. Fontes privadas, como indústrias e revendas, devido ao maior grau de inadimplência, mostraram-se um pouco mais retraídas no financiamento da safra agrícola, exigindo também maiores garantias em face do aumento no grau de risco das operações.

Mato Grosso do Sul: a grande maioria dos aportes financeiros de crédito agrícola no estado foram para o custeio da safra. Houve demora para a liberação do custeio que normalmente acontece em abril e maio, sendo que esse ano foi liberado em junho, julho e agosto. Como os agroquímicos são comprados com bastante antecedência, houve impactos nos custos da safra, tambe em razão do alta do dólar americano. Segundo os produtores houve excesso de burocracia e demora na concessão de crédito, enquanto as instituições financeiras alegam que não havia dinheiro disponível. A falta de recursos por parte dessas instituições forçam os produtores a aumentarem a participação da troca de insumos por grãos com as tradings e cooperativas, que atuam no estado para o financiamento da lavoura. Enquanto muitos produtores não conseguiram crédito a contento, muitos produtores de soja que estavam capitalizados sofreram menos com a falta de aporte financeiro dos bancos. Houve atraso de plantio em razão da situação relatada.

Mato Grosso: houve dificuldades de acesso ao crédito de custeio agrícola pelos produtores que recorrem aos bancos, quando se comparado à safra anterior. Tal situação se explica pelas maiores exigências por parte dos agentes financeiros para a liberação de recursos, com taxas de juros relativamente maiores. Foi constatado uma migração dos tomadores de crédito de custeio dos bancos indo para as tradings e revendas. O uso de recursos próprios também foi uma saída utilizada, visto que existem muitos produtores capitalizados.

Pernambuco: a produção de grãos em Pernambuco é oriunda, basicamente, de pequenos agricultores familiares, os quais adotam o sistema de cultivo de subsistência. A elevada inadimplência em algumas regiões limitou a liberação de crédito para o custeio. Geralmente os bancos liberam apenas para projetos envolvendo a caprinocultura, bovinocultura, avicultura e projetos de irrigação e obras hidráulicas.

Paraíba: não houve crédito de custeio para as culturas de sequeiro, principalmente em razão dos problemas seguidos de anos de seca. Os agentes financeiros observam os riscos desse tipo de financiamento.

Paraná: os recursos para financiamentos foram normais, mas a exigência burocrática foi maior que na safra anterior. Cada região tem uma distribuição em termos de fonte de recursos, sendo o destaque para os bancos que participam com maior parte. As cooperativas participam, geralmente, com troca de pacotes tecnológicos por grãos. O Paraná é um grande tomador de crédito, mas as restrições a cada ano se tornam maiores, onde as contrapartidas sempre são exigidas. Em relação ao credito de investimento, a demanda este ano foi menor em virtude de que nos anos anteriores ocorreu grande renovação dos maquinários.

Rio Grande do Norte: geralmente os produtores da cultura de sequeiro (arroz, milho e feijão) direcionam sua produção para a subsistência e não têm a cultura de utilização de crédito bancário. Os agentes financeiros se preocupam com o risco de crédito em face da estiagem que se verifica a quatro anos na região.

Rondônia: principalmente nas pequenas propriedades não são usados créditos de custeio. Os financiamentos pelos agentes financeiros são direcionados para as grandes áreas produtoras. Para a cultura de arroz existem empresas comercializadoras que financiam os produtores locais.

Santa Catarina: O crédito de custeio foi ofertado de acordo com as necessidades dos produtores que, na grande maioria, utilizam financiamento do Pronaf. Mesmo com a alta da taxa de juros este ano, em relação ao ano anterior, segundo os informantes, não houve redução na contratação dos financiamentos bancários. Houve relatos de dificuldade na liberação de crédito de custeio por parte das instituições bancárias para muitos produtores. Segundo informações, as regras de financiamentos foram mais rígidas e exigências de maiores garantias para liberação dos recursos. O mesmo ocorreu quando na negociação entre os produtores e as empresas agrícolas (cooperativas e cerealistas), via contrato de financiamento privado, para pagamento na época da colheita, com a entrega de parte da produção.

São Paulo: os agentes financeiros colocaram à disposição do segmento produtor volume de recursos suficientes para o plantio da safra 2015/16. Os financiamentos foram liberados dentro da normalidade, uma vez satisfeita as exigências estabelecidas pelos bancos, tais como: penhor da produção, alienação fiduciária, hipoteca comum ou cedular, aval ou fiança, seguro rural, proteção de preço futuro.

Tocantins: observou-se demora na liberação de crédito para produtores. Em algumas localidades se pode obter informações de diminuição no crédito ofertado, além de exigências para obtenção de financiamentos.

Na terceira parte deste capítulo o objetivo é comentar a respeito das fontes de financiamento da safra 2015/16, a partir de pesquisa subjetiva realizada pela Conab com vistas a obter informações a respeito das fontes de financiamentos que são utilizadas pelos produtores no plantio, para as culturas de milho e soja.

As informações coletadas geraram três fontes de financiamento: 1. Agentes financeiros - que obedecem às regras estabelecidas no Manual de Crédito Rural (MCR), elaborado pelo Banco Central do Brasil; 2. Fornecedores de insumos - pode ser caracterizado pelas agroindústrias, revendedores de insumos para o cultivo, as cooperativas e organizações onde se observa a troca de insumos por grãos a serem entregues por ocasião da colheita com preços prefixados; e 3. Recursos próprios para financiamento da produção.

6.6. Milho

Tabela 15 - Fonte de financiamento da safra de milho 2015/2016 (principais estados produtores)

UF	Financiamento/Crédito														
	Banco					Fornecedores de insumos					Recursos Próprios				
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e)	(f)	(g)	(h)	(e)	(i)	(j)	(k)	(l)	(e)
RO	5,0%	5,0%	0,0%	25,0%	15,0%	80,0%	80,0%	0,0%	50,0%	55,0%	15,0%	15,0%	0,0%	25,0%	30,0%
MA	64,0%	62,0%	0,0%	50,7%	37,7%	20,0%	20,0%	0,0%	0,0%	6,5%	16,0%	18,0%	0,0%	49,3%	55,8%
TO	50,0%	38,0%	35,3%	54,6%	5,7%	31,0%	42,0%	12,6%	20,0%	33,0%	19,0%	20,0%	52,1%	25,4%	61,3%
PI	75,0%	75,0%	50,0%	35,0%	35,4%	10,0%	10,0%	30,0%	40,0%	40,0%	15,0%	15,0%	20,0%	25,0%	24,6%
BA	0,0%	0,0%	0,0%	45,0%	30,1%	0,0%	0,0%	0,0%	15,0%	11,3%	0,0%	0,0%	0,0%	40,0%	58,6%
MT	19,0%	20,0%	15,2%	22,9%	25,0%	44,0%	43,0%	54,4%	56,7%	45,0%	37,0%	37,0%	30,4%	20,4%	30,0%
MS	42,0%	46,0%	40,1%	43,9%	47,4%	43,0%	38,0%	37,8%	35,5%	33,4%	15,0%	16,0%	22,1%	20,6%	19,2%
GO	46,0%	48,0%	75,0%	58,7%	64,2%	23,0%	22,0%	14,0%	22,0%	24,8%	31,0%	30,0%	11,0%	19,3%	11,0%
MG	50,0%	50,0%	55,3%	47,8%	53,0%	26,0%	27,0%	24,3%	33,7%	29,8%	24,0%	23,0%	20,4%	18,5%	17,3%
SP	55,0%	55,0%	51,7%	59,2%	44,1%	25,0%	25,0%	25,6%	22,5%	39,4%	20,0%	20,0%	22,7%	18,3%	16,6%
PR	46,0%	45,0%	38,5%	45,6%	44,4%	23,0%	20,0%	22,0%	26,3%	34,7%	31,0%	35,0%	39,5%	28,1%	20,9%
SC	54,0%	53,0%	58,3%	57,9%	69,0%	32,0%	33,0%	25,0%	23,9%	20,2%	14,0%	14,0%	16,7%	18,2%	10,8%
RS	61,0%	60,0%	77,0%	77,8%	80,0%	25,0%	25,0%	16,0%	16,3%	0,0%	14,0%	15,0%	7,0%	5,9%	20,0%
BRASIL	**43,3%**	**42,4%**	**44,2%**	**43,6%**	**46,7%**	**30,3%**	**29,9%**	**26,8%**	**34,3%**	**26,7%**	**26,4%**	**27,8%**	**29,0%**	**22,1%**	**26,6%**

Fonte:

As informações das fontes de financiamentos são das safras 2011/12 a 2015/16, o que oferece a possibilidade de buscar o entendimento acerca das fontes de recursos que o produtor utiliza para custear seu plantio. Deve-se registrar que o tema merece aprofundamento em face da sua importância na dinâmica do crédito rural.

Na média, na safra 15/16, observa-se que os créditos oriundos das instituições financeiras são a maioria

(46,7%), seguido dos fornecedores de insumos (26,7%) e da utilização de recursos próprios (26,6%). Pode-se inferir, inicialmente, que a oferta de crédito bancário e o uso de recursos próprios oferecem, a princípio, a liberdade de escolha do investimento pelo produtor. Outro comentário é que a utilização de recursos de terceiros reduziu em relação à safra passada, mesmo com as exigências adotadas pelos agentes econômicos, como relatado anteriormente.

Na região do Matopiba (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), a participação bancária somente ficou estabilizada no Piauí, enquanto que nos demais estados houve redução dos empréstimos bancários para o plantio da safra. Com relação ao financiamento de fornecedores de insumos houve crescimento no Maranhão e Tocantins e redução na Bahia, que pode ser explicada pela inadimplência e/ou exigências bancarias. Nessa região é destaque a utilização de recursos próprios, onde se pode inferir o resultado a partir da quantidade de agricultores que plantam para subsistência.

Na Região Norte, em Rondônia, observa-se forte participação dos fornecedores de insumos do financiamento da safra e queda no crédito disponível pelos agentes financeiros. O foco nos produtores com maior capacidade de produção e menor risco pode explicar a situação pelo lado bancário. Em Tocantins, o risco do investimento foi do produtor e se deve registrar a queda do percentual de financiamento pelos bancos. As anomalias climáticas podem ter tido influência no processo.

No Centro-Oeste, o Mato Grosso continua tendo nos fornecedores de insumos o principal agente financiador da safra agrícola, mesmo sofrendo forte redução forte na sua participação. O inverso se observa em Goiás e Mato Grosso do Sul, onde o financiamento bancário é a principal fonte de financiamento.

Na Região Sudeste, Minas Gerais tem aumento significativo no uso de recursos bancários e redução da fonte de fornecedores de insumos, enquanto São Paulo tem o processo inverso. Os problemas de inadimplência retraíram as fontes privadas no território mineiro.

Na Região Sul, o destaque é a utilização dos recursos dos agentes financeiros. Em Santa Catarina e Rio Grande do Sul há, inclusive, aumento percentual nessa rubrica.

6.7. Soja

Tabela 16 - Fonte de financiamento da safra de soja 2015/2016 (principais estados produtores)

UF	Financiamento/Crédito														
	Banco					Fornecedores de insumos					Recursos Próprios				
	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 11/12	Safra 12/13	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e)	(f)	(g)	(h)	(e)	(i)	(j)	(k)	(l)	(e)
PI	70,0	70,0	50,0	35,0	33,1	20,0	20,0	30,0	40,0	41,9	10,0	10,0	20,0	25,0	25,0
MT	23,0	23,0	23,1	27,4	25,0	47,0	46,0	51,2	45,9	45,0	30,0	31,0	25,7	26,7	30,0
MS	42,0	46,0	39,4	44,9	43,5	44,0	40,0	37,1	34,4	38,3	14,0	14,0	23,5	20,7	18,2
GO	52,0	52,0	57,0	65,2	64,4	30,0	31,0	32,0	25,4	25,9	18,0	17,0	11,0	9,4	9,7
MG	32,0	33,0	35,3	32,9	33,4	46,0	45,0	47,3	54,2	52,5	22,0	22,0	17,4	12,9	14,1
SP	59,0	63,0	54,7	62,9	44,0	29,0	23,0	27,7	25,5	39,7	12,0	14,0	17,6	11,6	16,3
PR	49,0	46,0	45,6	48,7	43,7	20,0	21,0	19,9	24,6	34,5	31,0	33,0	34,5	26,7	21,8
SC	48,0	46,0	50,0	46,4	56,4	35,0	36,0	29,1	32,0	27,8	17,0	18,0	20,9	21,6	15,8
RS	52,0	51,0	57,0	83,4	70,0	32,0	32,0	23,0	8,9	20,0	16,0	17,0	20,0	7,7	10,0
BRASIL	**41,1**	**40,6**	**43,5**	**48,4**	**43,7**	**35,6**	**35,5**	**32,3**	**32,2**	**34,5**	**23,3**	**23,8**	**24,2**	**19,4**	**21,8**

Fonte:

A soja é a principal commodity agrícola do Brasil na atualidade. Talvez por isso, em média, observa-se que os créditos oriundos das instituições financeiras alcançam aproximadamente 44% do total financiado para as lavouras da oleaginosa. Os fornecedores de insumos se apresentam como uma fonte segura de crédito para os produtores e se manteve estável nas cinco últimas safras. A utilização de recursos próprios teve percentual de participação média estabilizada.

No geral, observa-se a redução do financiamento bancário e o aumento do crédito a partir dos fornecedores de insumos. Pode-se inferir que as exigências bancárias podem ser parte da explicação da situação relatada.

Na Região Centro-Oeste, Goiás e Mato Grosso do Sul mantêm estável a participação dos agentes econômicos no financiamento da safra, ou seja, a maior fonte de crédito é o setor financeiro, seguido das fontes

privadas. Em Mato Grosso, dentro do período pesquisado, os produtores sempre foram os maiores tomadores de crédito dos fornecedores de insumos.

Na Região Sudeste, Minas Gerais se mantém dentro de patamares históricos de fonte de financiamento bancário, mas o crescimento ocorrido na safra anterior, no uso de recursos de fornecedores, se mantém na safra 2015/16. Em São Paulo há inversão das fontes, onde nesta safra o crédito de terceiros supera o ano anterior, explicado pela redução dos créditos bancários.

Na Região Sul, mesmo com a manutenção da participação dos agentes financeiros como principal fonte de crédito, é interessante observar que no Rio Grande do Sul se registra aumento considerável no uso dos recursos de fornecedores de insumos. Essa situação se observa, em menor escala, no Paraná. Em Santa Catarina há aumento de recursos, tendo como fonte os agentes financeiros.

7. Monitoramento agrícola: culturas de verão (safra 2015/16) – Julho de 2016

O monitoramento agrícola, realizado quinzenalmente pela Conab e divulgado nos boletins de acompanhamento de safra e no Boletim de Monitoramento Agrícola - BMA (http://www.conab.gov.br/conteudos.php?a=1094&t=2), é um dos produtos de apoio às estimativas de safras. Seu propósito é avaliar as condições atuais das lavouras em decorrência de fatores agronômicos e de eventos climáticos recentes, auxiliando na pronta estimativa da produtividade agrícola nas principais regiões produtoras.

As condições das lavouras são analisadas por meio do monitoramento agrometeorológico e espectral e os resultados são apresentados de forma resumida nos mapas sobre as condições hídricas para os cultivos, no capítulo 8. Os recursos técnicos utilizados têm origem em quatro fontes de dados: a) mapeamentos das áreas de cultivo; b) imagens de satélites da última quinzena (ou semana) e de anos anteriores do mesmo período, utilizadas para calcular o Índice de Vegetação (IV)* das lavouras nas áreas mapeadas; c) dados climáticos e prognósticos de probabilidade de chuva e d) dados de campo.

O monitoramento foi realizado nas principais mesorregiões produtoras de grãos em produção na última quinzena de cada mês. Na série histórica é apresentado o monitoramento das culturas de verão (primeira e segunda safras) nas regiões onde já encerrou o ciclo de produção. Já no monitoramento atual, as culturas monitoradas foram as seguintes: algodão, feijão, milho, soja, sorgo, girassol, trigo, aveia e cevada.

1. Índice que retrata as condições atuais da vegetação e reflete os efeitos dos eventos que afetam seu desenvolvimento (veja descrição e fundamentos na Nota Técnica do BMA).

7.1. Monitoramento agrometeorológico – série histórica das culturas de verão (primeira e segunda safra) – setembro/2015 a julho/2016

A série histórica dos monitoramentos agrometeorológicos publicados no período de setembro/2015 a julho/2016 possui como objetivo sua unificação de forma a fornecer um panorama dos eventos meteorológicos ocorridos ao longo da primeira e segunda safra 2015/2016. A série histórica é mostrada através de mapas meteorológicos do período (Figura 1), e de duas tabelas, com os impactos do clima por cultura e região (Quadros 1 e 2). Além disso, são mostradas as figuras da condição hídrica geral nos principais estados produtores das culturas mais representativas: soja e milho segunda safra (Figuras 2 e 3).

Nas tabelas, para cada cultura de verão (primeira e segunda safra), são apresentadas as regiões de cada estado onde ocorreram problemas por falta, excesso de chuva e/ou geadas, indicando o mês e a fase em que a cultura se encontrava.

Em relação à primeira safra do Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, parte dessas regiões apresentaram atrasos no plantio devido às chuvas abaixo da média e às altas temperaturas em setembro e outubro (Figura 1(a), 1(b)). Em dezembro (Figura 1(c)), essas condições climáticas afetaram o desenvolvimento de lavouras do norte do Mato Grosso, leste de Goiás e noroeste de Minas Gerais.

Já, em janeiro (Figura 1(e)), a precipitação intensa implicou perdas de produtividade e de qualidade, principalmente, em lavouras de feijão de Minas Gerais e Goiás. Apesar disso, favoreceu a germinação dos cultivos de segunda safra. Restrições à segunda safra nas regiões Centro-Oeste e Sudeste foram observadas em abril e maio (Figura 1(h), 1(i)) durante estádios reprodutivas, por falta de chuvas e temperaturas elevadas.

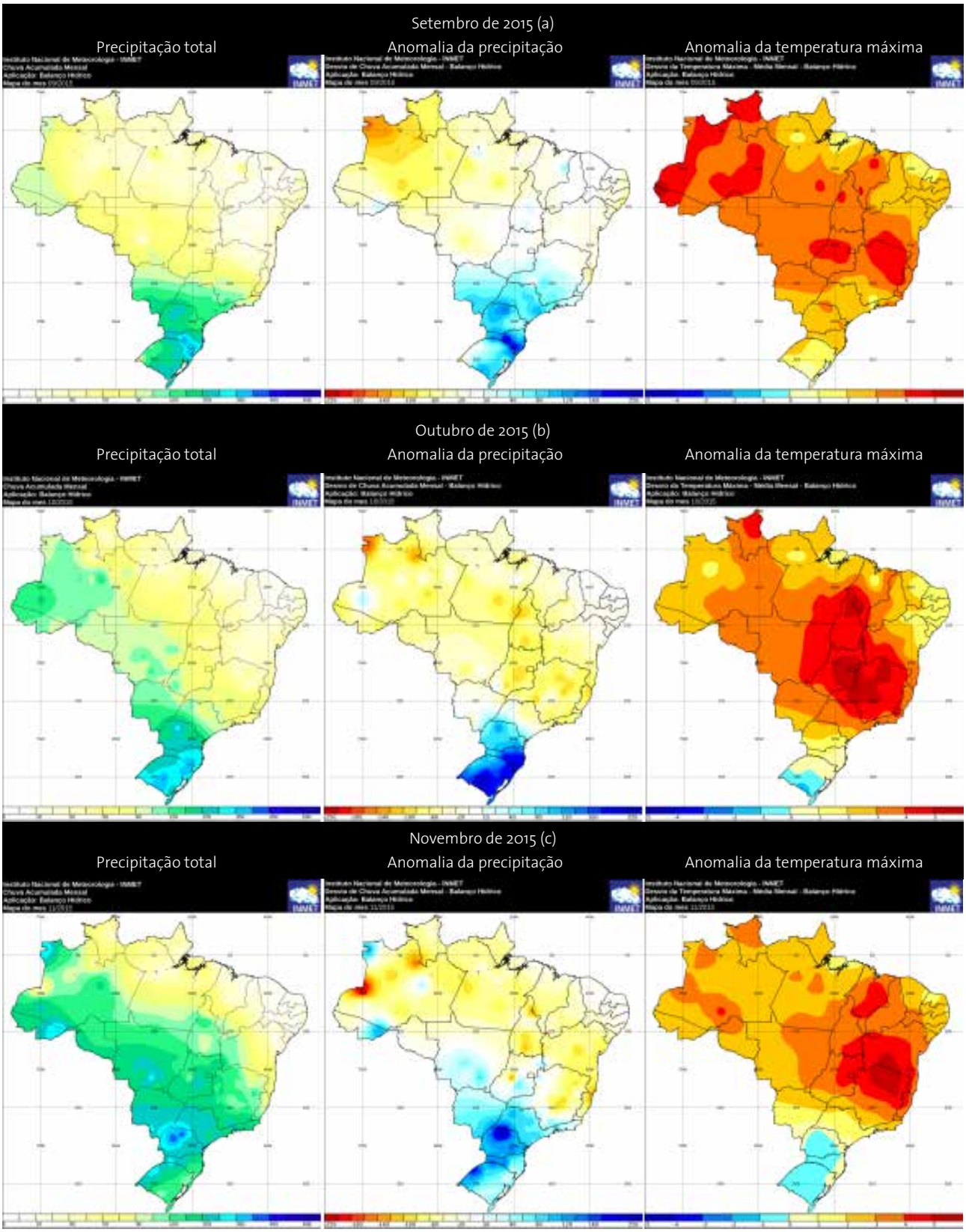
Em relação à primeira safra da região Sul, no último trimestre de 2015 e em fevereiro de 2016 (Figura 1(b) - 1(d), 1(f)), ocorreram restrições devido ao excesso de chuva. Os prejuízos relacionaram-se a dificuldades de plantio (em outubro) ao desenvolvimento - com o aumento na incidência de doenças, e, a problemas pela baixa luminosidade, nos meses seguintes. Além disso, prejudicou a produtividade e a qualidade das lavouras em colheita, de feijão (em dezembro) e de soja (em fevereiro).

Já em relação à segunda safra da Região Sul, o milho, que é cultivado no estado do Paraná, apresentou impactos pela falta de chuvas em abril (Figura 1(h)) e, em junho (Figura 1(j)), pela ocorrência de geadas. Já o feijão, sofreu restrições, principalmente, em abril - pela falta de chuvas, e, em maio (Figura 1(i)) - por excesso de chuvas na colheita.

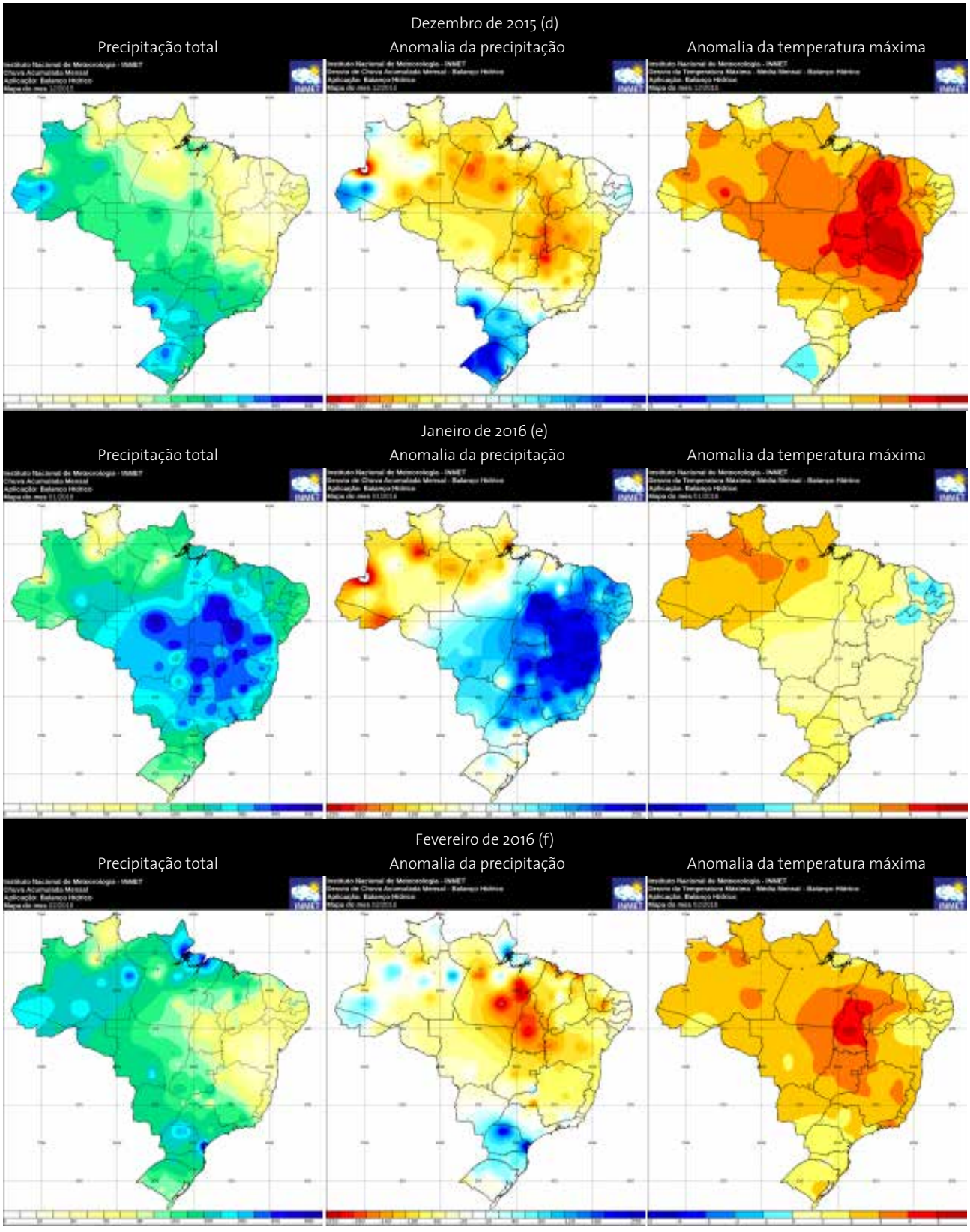
Em relação ao Matopiba, houve predomínio de condições climáticas desfavoráveis para a primeira e segunda safra. Altas temperaturas e chuvas abaixo da média atrasaram o plantio e prejudicaram o desenvolvimento de cultivos de primeira safra, de outubro a dezembro (Figura 1(b) - 1(d)). Em janeiro (Figura 1(e)), o cenário climático foi benéfico ao desenvolvimento dos cultivos de primeira safra, com a ocorrência de elevada precipitação. No entanto, nos meses seguintes (Figura 1(f) - 1(i)), a ocorrência de chuvas escassas e as altas temperaturas resultaram em restrições ao desenvolvimento de lavouras de primeira e segunda safra.

Em relação à região do Semiárido do Brasil, o cenário climático foi similar ao Matopiba. As chuvas em elevados volumes em janeiro (Figura 1(e)) favoreceram a boa germinação e o avanço do plantio do milho e do feijão. No entanto, nos meses seguintes, estiagens e altas temperaturas resultaram em restrições ao desenvolvimento (Figura 1(f) - 1(i)).

Figura 1 – Precipitação acumulada, desvio da precipitação e desvio da temperatura máxima ou mínima - no período de setembro/2015 a julho/2016



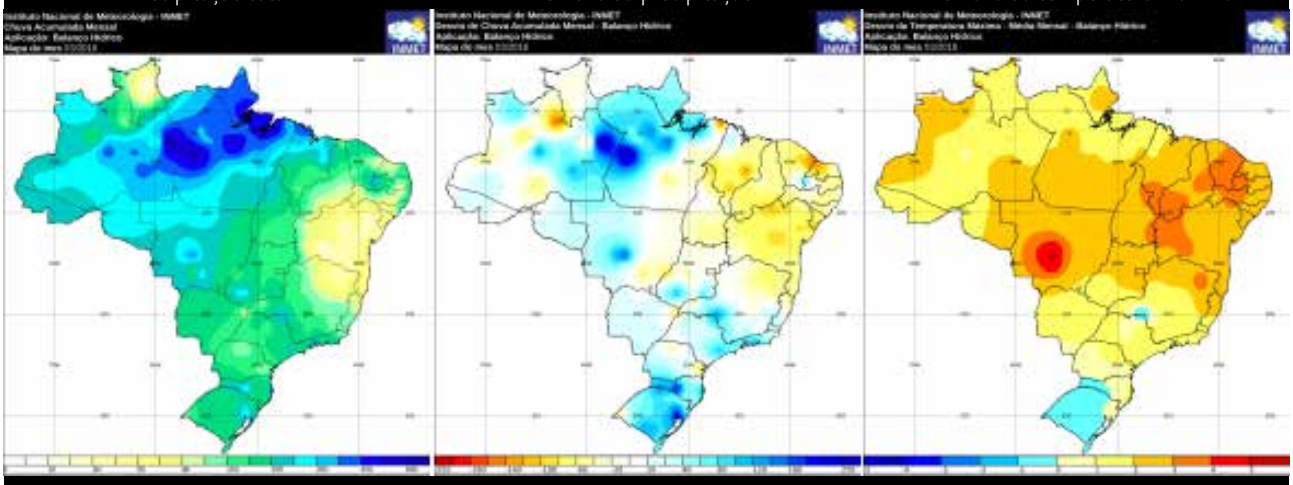
Continua


Dezembro de 2015 (d)
Precipitação total
Anomalia da precipitação
Anomalia da temperatura máxima
Janeiro de 2016 (e)
Precipitação total
Anomalia da precipitação
Anomalia da temperatura máxima
Fevereiro de 2016 (f)
Precipitação total
Anomalia da precipitação
Anomalia da temperatura máxima

Continua

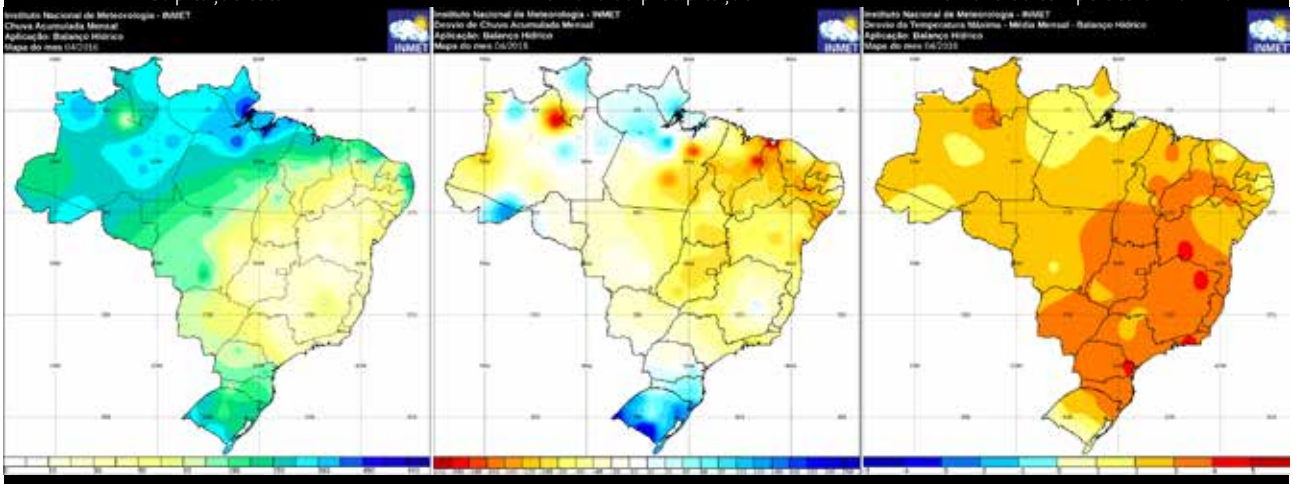
Março de 2016 (g)

Precipitação total | Anomalia da precipitação | Anomalia da temperatura máxima



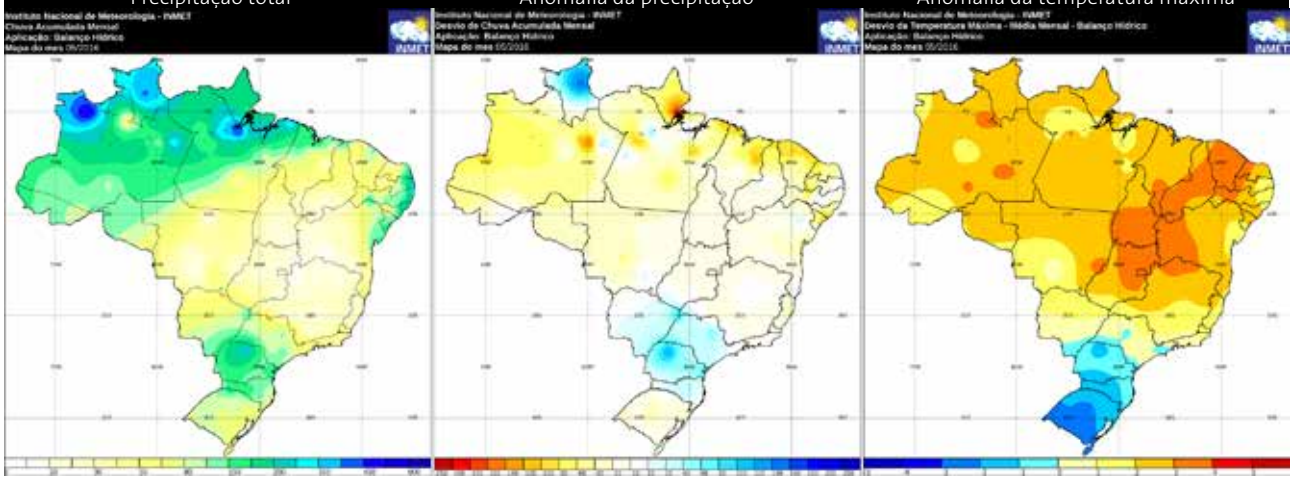
Abril de 2016 (h)

Precipitação total | Anomalia da precipitação | Anomalia da temperatura máxima

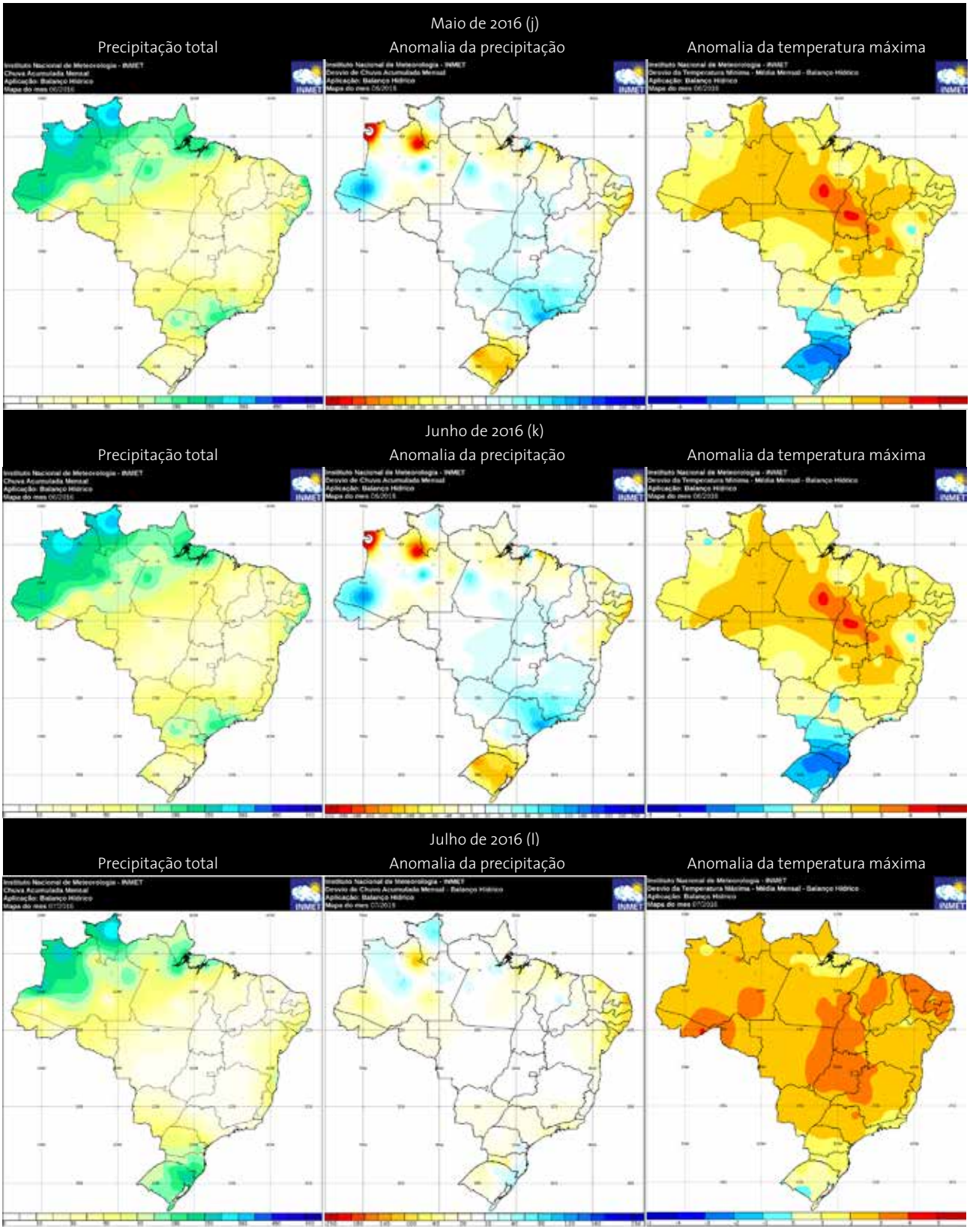


Maio de 2016 (i)

Precipitação total | Anomalia da precipitação | Anomalia da temperatura máxima

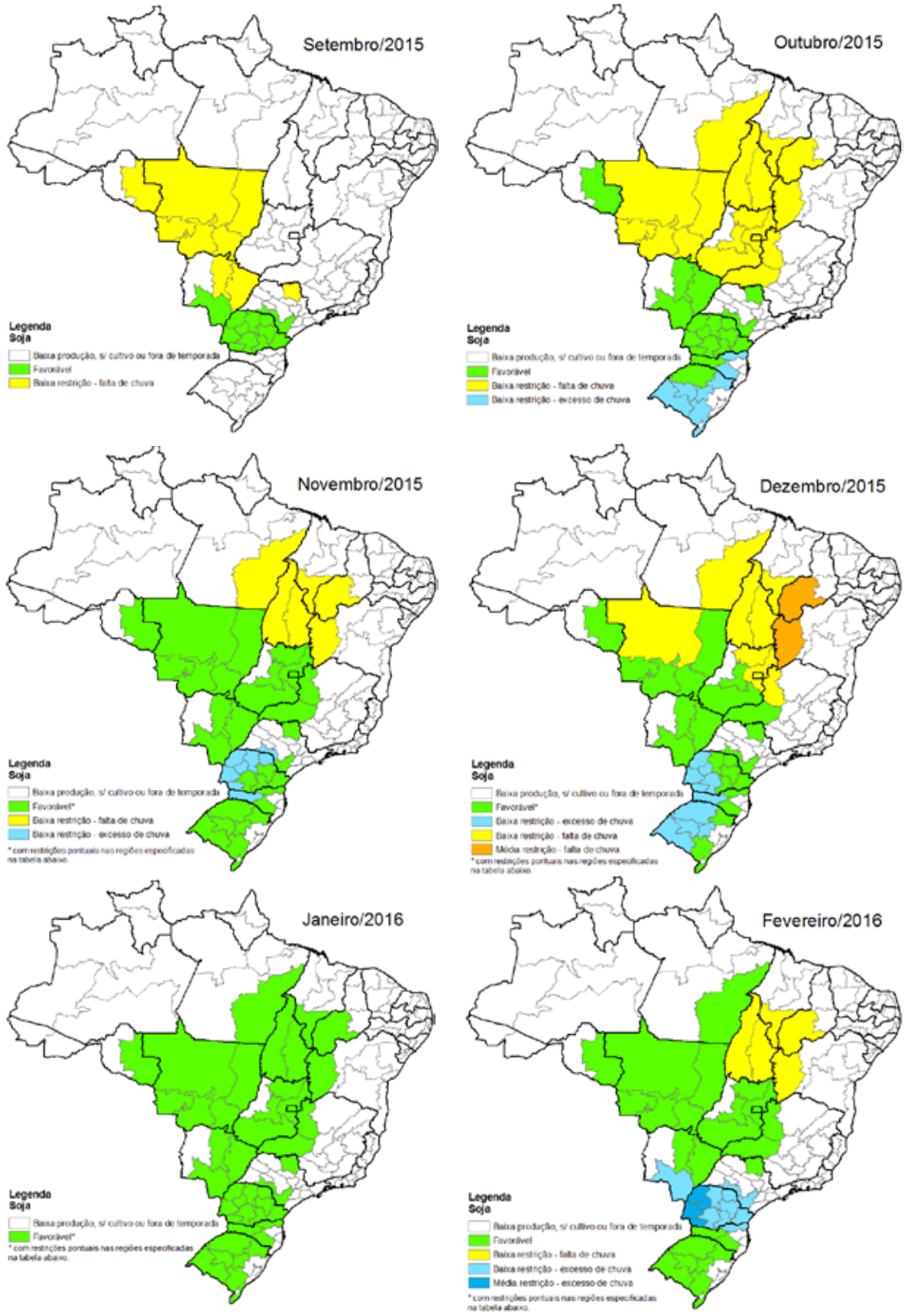


Continua


Maio de 2016 (j)
Precipitação total
Anomalia da precipitação
Anomalia da temperatura máxima
Junho de 2016 (k)
Precipitação total
Anomalia da precipitação
Anomalia da temperatura máxima
Julho de 2016 (l)
Precipitação total
Anomalia da precipitação
Anomalia da temperatura máxima

Fonte: Inmet

Figura 2 - Condição hídrica geral para o cultivo de soja nos principais estados produtores do Brasil, de setembro de 2015 a abril de 2016



Continua

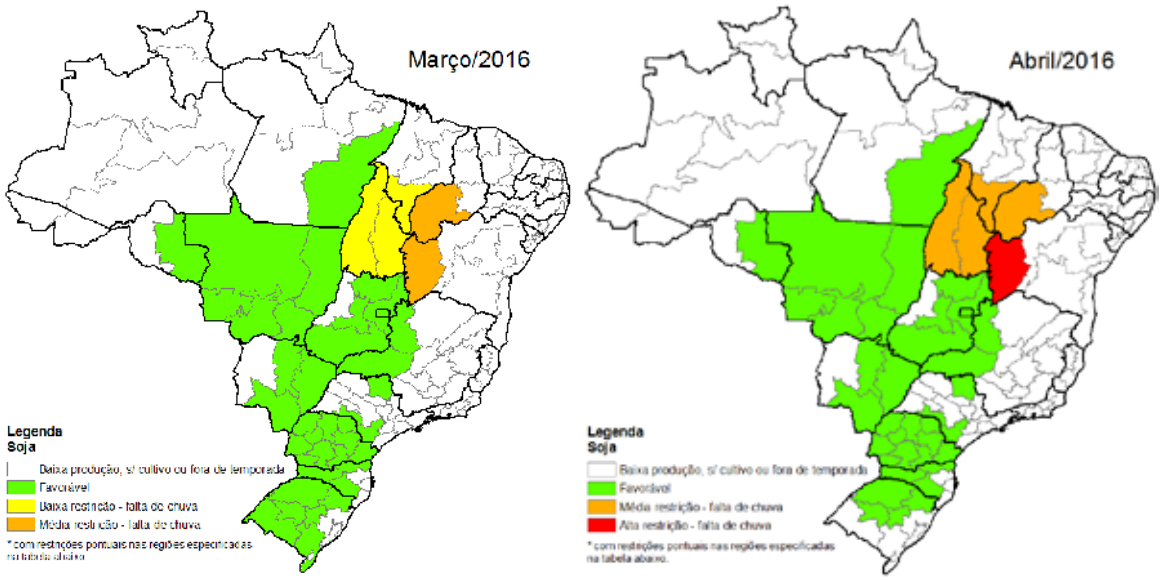
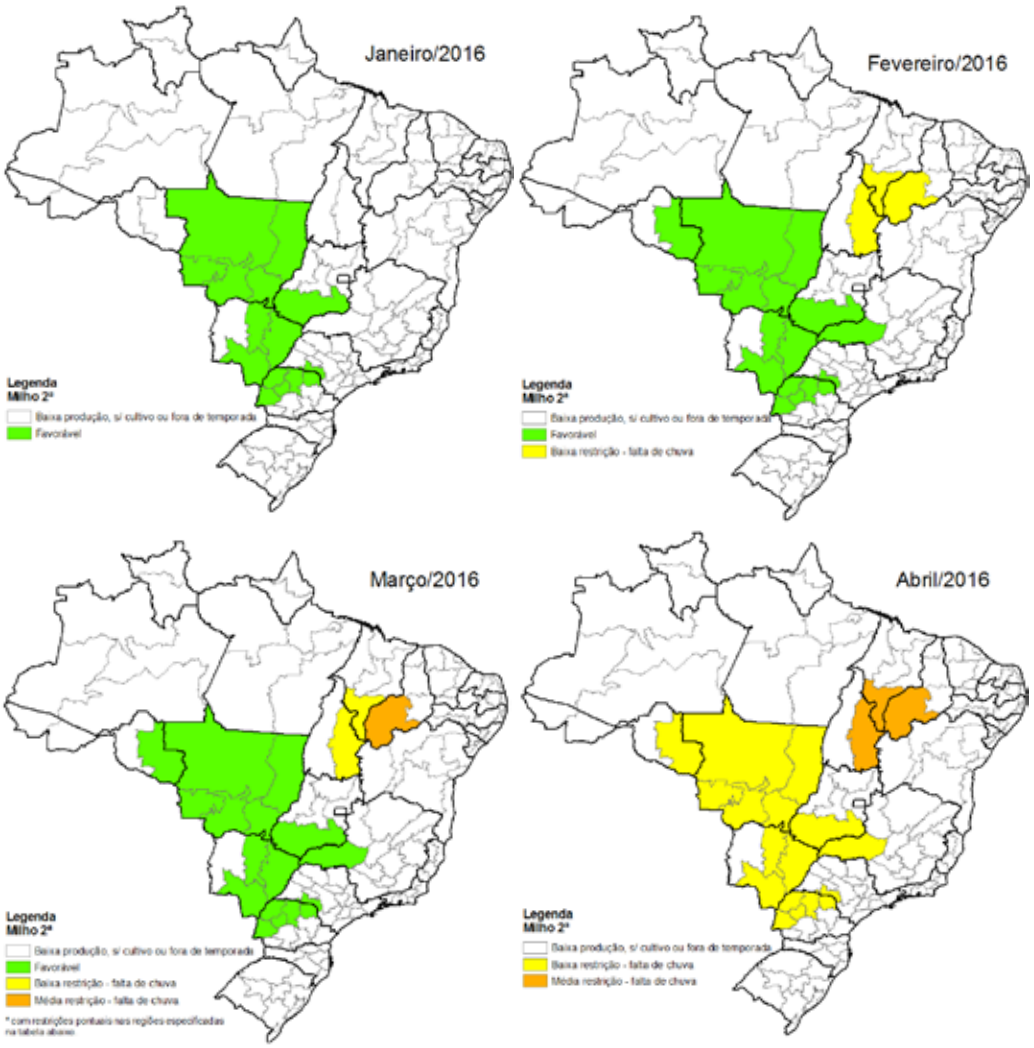
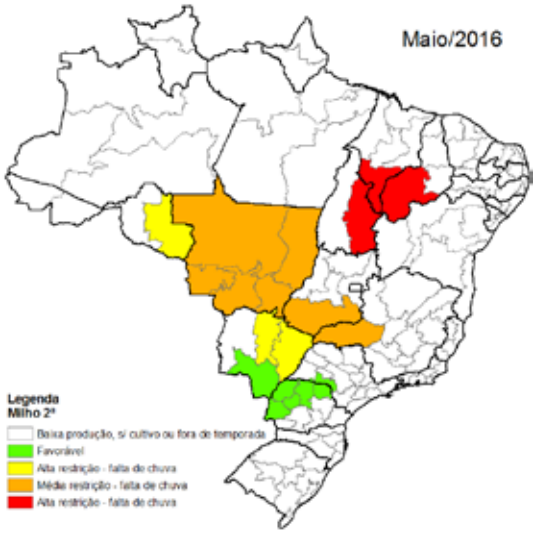
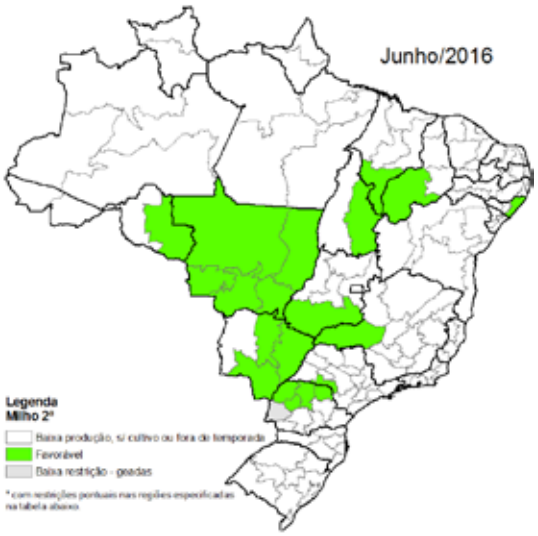


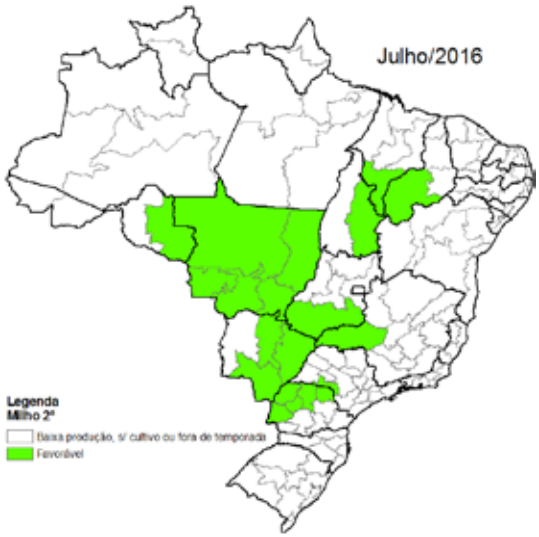
Figura 3 – Condição hídrica geral para o cultivo de milho segunda safra nos principais estados produtores do Brasil de janeiro a julho de 2016.



Continua







Quadro 1– Principais estados produtores de culturas de primeira e segunda safra com indicações sobre problemas por falta ou excesso de chuva em algum momento do ciclo fenológico*

Cultura	Problemas por excesso de chuva em algum momento do ciclo fenológico*.	Problemas por falta de chuva em algum momento do ciclo fenológico*.
Algodão	Problemas por falta de chuva em algum momento do ciclo fenológico*.	- TO - leste: fev (DV/F), mar (F), abr (F/FR), mai (FR) - MA - sul: fev (DV/F), mar (F), abr (F/FR), mai (FR) - PI - sudoeste: fev (DV/F), mar (F), abr (F/FR), mai (FR) - BA - centro-sul: fev (DV/F), mar (F), abr (F/FR), mai (FR); oeste: fev (DV/F), mar (F), abr (F/FR), mai (FR) - MG - noroeste: fev (DV/F)**; abr (FR), mai (FR); Triângulo: abr (FR), mai (FR) - MT - todo estado: abr (FR); nordeste: fev (DV/F)** - MS - centro-norte: abr (FR), mai (FR); leste: abr (FR), mai (FR) - GO - sul: abr (FR), mai (FR)
Amendoim 1ª safra	- SP - sul: nov (DV); fev (M/C)	- SP - norte: out (G)**
Arroz	- RO - leste: mar (M/C)** - SC - leste: set (P)**, out (P)**, mar (M/C)**; nordeste: nov (DV); sul: nov (DV)** - RS - sul: out (P), abr (C); sudeste: set (P)**, mar (M/C)**; centro: out (P), abr (FR); leste: out (P), nov (G/DV)**, dez (DV/F)**, abr (FR); oeste: nov (G/DV), dez (DV/F) - MS - sudoeste: nov (G/DV), dez (DV/F)** - MT - norte: mar (M/C)**; nordeste: mar (M/C)**	- RO - leste: dez (DV)**, - PA - sudeste: dez (PP) - TO - leste: nov (G), dez (DV/F), fev (DV), mar (FR), abr (FR) - MA - centro: abr (FR); leste: abr (FR) - PI - sudoeste: nov (G), dez (G/DV), fev (DV), mar (FR), abr (FR); centro-norte: dez (PP), fev (DV), mar (FR), abr (FR) - MT - norte: set (PP), out (G), nov (G/DV)**, dez (DV/F); nordeste: dez (DV/F)** - GO - leste: set (PP), out (G), nov (G/DV)**, dez (DV/F)

Continua

Município	Dias de ocorrência	Temperatira mínima
Feijão 1ª safra	- PR - todo estado: dez (M/C); norte: nov (FR), jan (C); oeste: nov (FR); leste: nov (FR)**; sul: set (P)**; centro-sul: nov (FR)**; sudoeste: nov (FR); sudeste: nov (FR)**, fev (C) - SC - todo estado: fev (C); norte: out (P), nov (G/DV/F)**; sul: out (P), nov (G/DV/F)**; oeste: out (P)**, nov (G/DV/F), dez (FR/M); leste: dez (FR/M) - RS - norte: set (P)**, nov (P/DV/F)**, dez (FR/M); noroeste: out (P)**; nordeste: fev (C); centro-oeste: out (P), nov (P/DV/F)**, dez (FR/M) - MG - todo estado: jan (M/C) - SP - sul: dez (M/C), jan (M/C); sudoeste: nov (FR); sudeste: nov (FR)**; centro: nov (FR)**, dez (M/C)** - GO - leste: jan (M/C); sul: jan (M/C) - DF - jan (M/C)	
Feijão 2ª safra	- PR - todo estado: mai (M/C) - SC - sul: mar (DV/F), abr (FR); oeste: mai (M/C)	- MA - oeste: abr (F)**, mai (FR/M); centro: abr (F)**, mai (FR/M); leste: abr (F), mai (FR/M) - PI - sudeste: fev (DV/F), mar (FR), abr (FR); extremo norte: abr (FR) - CE - todo estado: mar (F), abr (FR); norte: fev (DV)**; oeste: fev (DV); leste: fev (DV); sul: fev (DV) - RN - oeste: fev (DV), mar (F), abr (F); Agreste: fev (G), mar (DV), abr (F), mai (FR/M) - PB - Sertão: fev (DV/F), mar (FR), abr (FR); Agreste: fev (G), mar (DV), abr (F), mai (FR/M) - PE - Sertão: fev (DV/F), abr (FR) - MG - todo estado: abr (FR); norte: fev (DV); noroeste: fev (DV)**; leste: fev (DV)** - SP - norte: abr (FR); sul: abr (FR) - PR - norte: mar (F/FR)**, abr (FR), oeste: abr (FR), leste: abr (FR); sudoeste: abr (FR); centro-sul: abr (FR) - MT - todo estado: abr (FR); nordeste: fev (G/DV)** - MS - sudoeste: abr (FR) - GO - todo estado: abr (FR); oeste: fev (DV)**; leste: fev (DV)**
Milho 1ª safra	- RO - leste: mar (C) - MG - todo estado: mar (M/C) - SP - todo estado: mar (M/C); sul: fev (M/C)**; sudoeste: nov (DV/F); sudeste: nov (DV/F)** - PR - norte: nov (DV/F), dez (FR)**, fev (M/C)**, mar (C); nordeste: out (P)**; leste: nov (DV/F)**, dez (FR)**, fev (M/C)**, mar (C); oeste: nov (DV/F), dez (FR)**, fev (M/C)**, mar (C); centro: out (P)**; sul: set (P)**; centro-sul: nov (DV/F)**, fev (M/C)**, mar (C); sudoeste: nov (DV/F), dez (FR), fev (M/C)**; sudeste: out (P)**, nov (DV/F)**, dez (FR)**, fev (M/C)**, mar (C) - SC - todo estado: set (P)**, out (P)**, fev (M/C)**, mar (C); oeste: nov (DV/F), dez (FR); leste: nov (DV/F)**, dez (FR)** - RS - todo estado: set (P)**, nov (DV/F)**, mar (C); norte: fev (M/C)**; noroeste: dez (FR); nordeste: abr (C)**; centro-oeste: dez (FR); centro: abr (C)**; leste: dez (FR)**; sudeste: abr (C) - GO - todo estado: mar (M/C) - DF - mar (C)	- RO - leste: set (PP), dez (F/FR)** - PA - sudeste: set (PP), out (G); nov (G/DV), dez (F/FR) - TO - leste: nov (G), dez (G/DV), fev (DV/F), mar (FR), abr (FR) - MA - sul: nov (G), dez (G/DV), fev (DV/F), mar (FR), abr (FR); oeste: abr (FR/M) - PI - extremo norte: abr (FR); sudoeste: nov (G), dez (G/DV), fev (DV/F), mar (FR), abr (FR); sudeste: fev (DV), mar (F/FR), abr (FR) - BA - oeste: nov (G), dez (G/DV) - CE - todo estado: mar (DV/F), abr (FR); norte: fev (G/DV)**; oeste: fev (G/DV); leste: fev (G/DV); sul: fev (G/DV) - RN - oeste: fev (G/DV), mar (DV/F), abr (FR); Agreste: fev (G), mar (G/DV), abr (DV/F), mai (FR) - PB - Sertão: fev (G/DV), mar (F/FR), abr (FR); Agreste: fev (G), mar (G/DV), abr (DV/F), mai (FR) - PE - Sertão: fev (G/DV), mar (F/FR), abr (FR) - BA - oeste: fev (DV/F), mar (FR), abr (FR) - MG - todo estado: set (PP); norte: out (P), nov (G/DV), dez (F/FR), fev (FR); Triângulo: out (P); noroeste: out (P), nov (G/DV)**, dez (F/FR), fev (FR)**; leste: out (P), nov (G/DV)**, fev (FR)**; sul: out (P)**; - SP - norte: set (P), out (G/DV)**; - GO - todo estado: set (PP), out (P), nov (G/DV)**; norte: dez (F/FR), fev (FR)**; leste: dez (F/FR), fev (FR)** - DF: out (G), dez (F/FR)
Milho 2ª safra		- RO - leste: abr (F/FR) - TO - leste: fev (G), mar (DV), abr (F/FR), mai (FR) - MA - sul: fev (G), mar (DV), abr (F/FR), mai (FR) - PI - sudoeste: fev (G), mar (DV), abr (F/FR), mai (FR) - MG - Triângulo: abr (F/FR), mai (FR) - SP - sul: abr (FR) - PR - norte: mar (DV)**, abr (FR); oeste: abr (FR) - MT - todo estado: abr (FR), mai (FR/M); nordeste: fev (G/DV) - MS - todo estado: abr (FR); centro-norte: mai (FR/M); leste: mai (FR/M) - GO - sul: abr (FR), mai (FR/M)

Continua

Município	Dias de ocorrência	Temperatira mínima
Soja	- RO - leste: mar (M/C) - SP - sul: jan (M/C)**, fev (M/C); sudoeste: nov (G/DV); sudeste: nov (G/DV)** - PR - todo estado: fev (M/C); norte: nov (DV/F)**, jan (M/C)**; noroeste: dez (DV/F); norte-central: dez (DV/F)**; nordeste: dez (DV/F)**; leste: nov (P)**, dez (DV/F)**; oeste: nov (DV/F)**, dez (DV/F); sudoeste: nov (DV/F), dez (DV/F); centro-sul: nov (P)**, dez (DV/F); sudeste: nov (P)**, dez (DV/F)** - SC - norte: out (P), nov (P)**, dez (DV)**, fev (M/C); sul: out (P), nov (P)**, dez (DV)**, mar (M/C)**; oeste: out (P)**, nov (P), dez (DV); leste: mar (M/C)** - RS - todo estado: nov (P)** noroeste: out (P)**, dez (DV); nordeste: out (P), dez (DV)**, mar (M/C)**, abr (C); centro: out (P), dez (DV), abr (C); sul: out (P); sudoeste: dez (DV); sudeste: dez (DV)** - MS - todo estado: jan (M/C)**; sudoeste: nov (G/DV)**, dez (DV/F)**, fev (M/C) - MT - todo estado: jan (M/C)**; norte: mar (M/C)**; nordeste: mar (M/C)** - GO - sul: jan (M/C)**	- RO - leste: set (PP); dez (F)** - PA - sudeste: out (G); nov (G); dez (DV) - TO - todo estado: out (PP), nov (G), dez (DV), fev (DV/F), mar (FR), abr (FR) - MA - sul: out (PP), nov (G), dez (DV), fev (F), mar (FR), abr (FR) - PI - sudoeste: out (PP), nov (G), dez (DV), fev (F), mar (FR), abr (FR) - BA: oeste: out (PP), nov (G), dez (DV), fev (F), mar (FR), abr (FR) - MG - Triângulo: out (P); noroeste: out (P), nov (G/DV)**, dez (DV), fev (FR)** - SP - norte: set (PP), out (G)** - SC - todo estado: jan (F)** - RS - todo estado: jan (F)** - MS – centro-norte: set (PP), nov (G/DV)**; leste: set (PP) - MT - todo estado: out (G), nov (G/DV)**; norte: dez (F); nordeste: dez (DV)**, fev (FR)**; sul: dez (DV)** - GO - todo estado: out (G), nov (G/DV)**; norte: dez (DV/F), fev (FR)**; leste: dez (DV/F), fev (FR)**; - DF - out (G), dez (DV/F)
Girassol		- MG -Triângulo: abr (DV/F), mai (F), jun (FR); centro: jun (FR); sul: abr (DV/F), mai (F), jun (FR)** - MT - norte: mai (FR); sul: abr (DV/F) - GO - sul: abr (F), mai (FR)
Sorgo		- MG - Triângulo: abr (FR), mai (FR/M); noroeste: fev (G)**, abr (FR), mai (FR/M) - SP - norte: abr (F/FR); mai (FR/M) - MS - centro-norte: mai (FR/M); leste: mai (FR/M) - MT - norte: abr (FR), mai (FR/M); sudeste: abr (FR), mai (FR/M) - GO - norte: fev (G)**, abr (FR), mai (FR/M); leste: fev (G)**, abr (FR), mai (FR/M); sul: abr (FR), mai (FR/M) - DF - abr (FR), mai (FR/M)

- *(P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

-** Essa região apresentou problemas pontuais pela falta ou excesso de chuva.

Quadro 2 – Principais estados produtores de culturas de primeira e segunda safra com indicações sobre problemas por geadas em algum momento do ciclo fenológico*

Cultura	Problemas por excesso de chuva em algum momento do ciclo fenológico*.
Feijão 1ª safra	- PR - sul: set (P)** - RS - norte: set (P)**
Milho 2ª safra	- SP - sul: jun (FR e M)** - PR - oeste: jun (FR e M); norte: jun (FR e M)** - SP - sul: jun (FR e M)** - MS - sudoeste: jun (FR e M)**

- *(P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

-** Essa região apresentou problemas pontuais por geadas.

7.2. Monitoramento espectral – série histórica (setembro/2015 a julho/2016)

A série histórica mostra a síntese de todos os monitoramentos da safra de grãos desde o plantio das culturas de verão até a colheita do milho segunda safra.

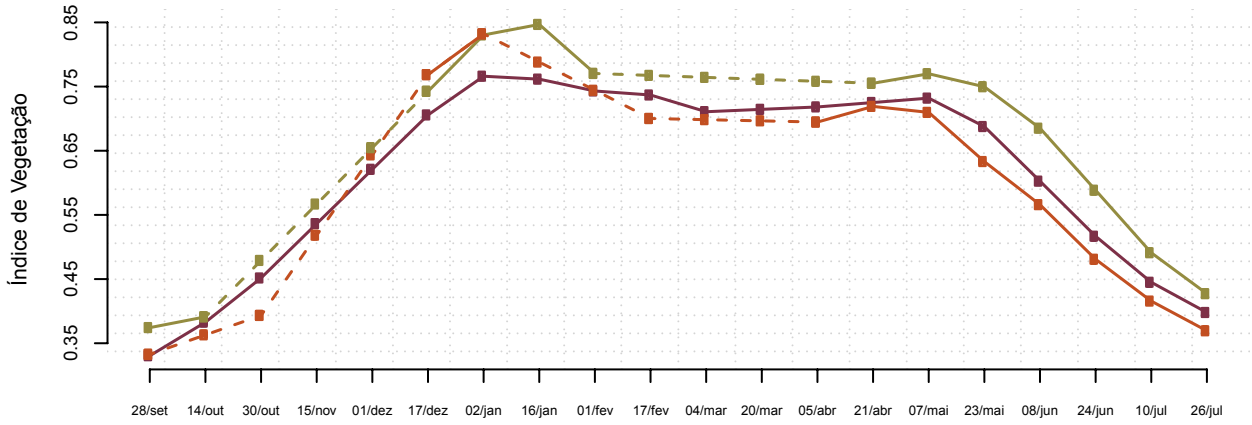
Para cada estado, são apresentados os gráficos e resumos sobre a evolução do IV das mesorregiões monitoradas, de acordo com os períodos de desenvolvimento de cada cultura. Os gráficos retratam o comportamento das lavouras ao longo dos ciclos dos cultivos além do comparativo da safra atual em relação à média dos 6 últimos anos e à safra passada. No eixo vertical, são indicados os valores dos IV alcançados pelas lavouras. Ao longo do eixo horizontal consta o período que cobre os ciclos completos dos cultivos, desde o plantio até a colheita. No período de germinação, as áreas cultivadas apresentam baixas respostas de IV, por essa razão, o ponto onde se inicia a ascensão das linhas nos gráficos indica o começo de cobertura foliar, que acontece algumas semanas após o plantio, variando de acordo com a cultura. A rampa de subida

3 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília.

representa as fases de desenvolvimento, de floração e de enchimento de grãos. Quando a curva começa a declinar tem-se o início da maturação das lavouras e o final, com baixos valores de IV, corresponde à conclusão das colheitas.

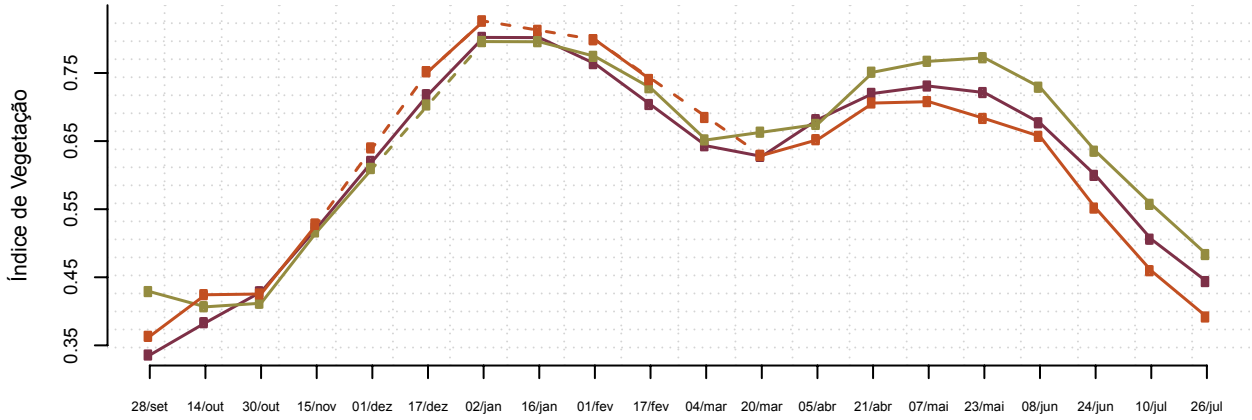
7.2.1. Mato Grosso - monitoramento das culturas de verão (primeira e segunda safra)

Gráfico 10 - Evolução temporal do IV - Norte-Matogrossense



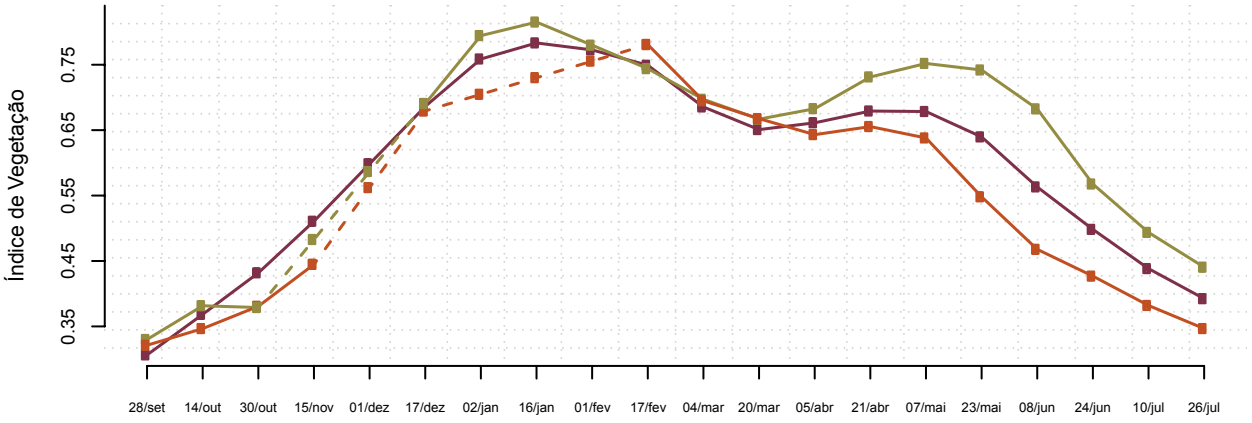
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 11 - Evolução temporal do IV - Sudeste-Matogrossense



Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 12 - Evolução temporal do IV - Nordeste-Matogrossense



Fonte: Projeto GLAM

Os gráficos acima mostram a evolução das lavouras da safra de verão (primeira e segunda safra) no período de setembro de 2015 a julho de 2016 no estado do Mato Grosso. O início da ascensão das linhas no começo de outubro ilustra a formação da cobertura foliar das culturas de primeira safra, e a segunda ascensão no início de abril corresponde ao crescimento dos cultivos de segunda safra.

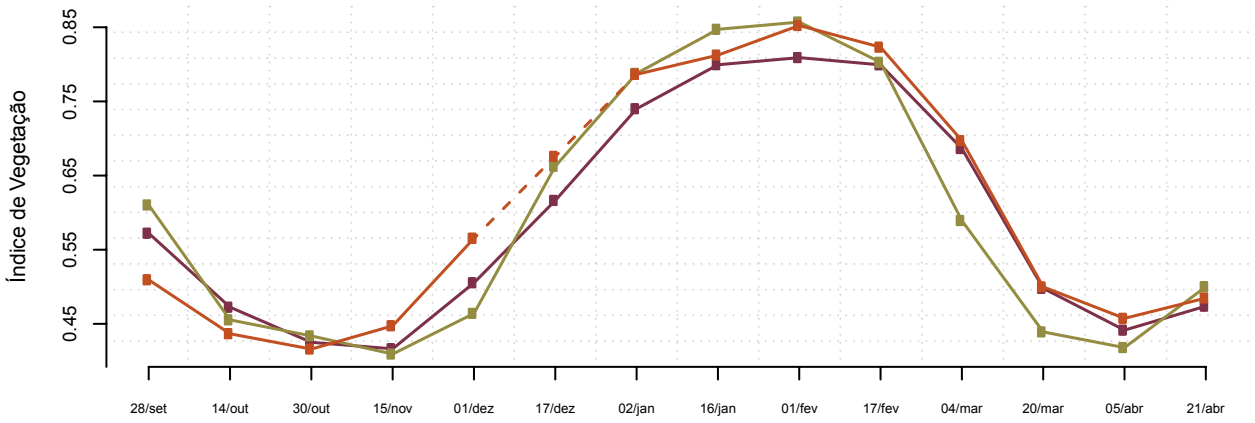
A linha vermelha, no gráfico do Norte do estado, em sentido descendente em fevereiro, mostra os efeitos negativos da falta chuvas na região em fases reprodutiva da soja na safra 2015/2016, fato confirmado ao final das colheitas. O déficit hídrico continuou por longo período, em todas regiões, penalizando os cultivos de segunda safra, em todo o estado, conforme mostra o traçado da linha abaixo dos anos anteriores durante todo o ciclo dos cultivos. A queda de produtividade do milho segunda safra no Mato Grosso foi expressiva de acordo com os levantamentos da Conab.

Por outro lado, o traçado da linha bege mostrando altas respostas de IV principalmente nas fases reprodutivas das lavouras de primeira e segunda safras, retrata o bom rendimento agrícola do estado no ano-safra anterior.

A linha roxa, (mais escura), traça o perfil dos cultivos pela média dos 6 últimos anos. O trecho dessa linha de abril a julho correndo abaixo da linha do ano passado mostra que em anos anteriores havia menos cultivos de segunda safra, principalmente milho, do que em anos mais recentes.

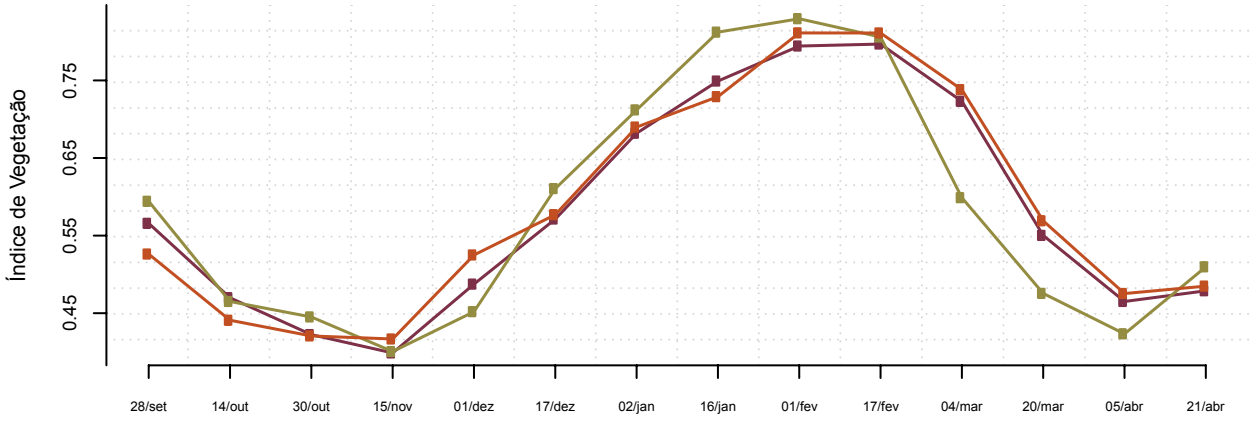
7.2.2. Rio Grande do Sul - monitoramento das culturas de verão

Gráfico 13 - Evolução temporal do IV - Noroeste- Rio Grandense



Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 14 - Evolução temporal do IV - Centro Ocidental- Rio Grandense



Fonte: Projeto GLAM

Os gráficos acima mostram a evolução das culturas de verão no Noroeste e no Centro-Ocidental Rio-Grandense no período de outubro/2015 a abril/2016. Essas duas mesorregiões são as mais representativas na produção de soja e milho no estado.

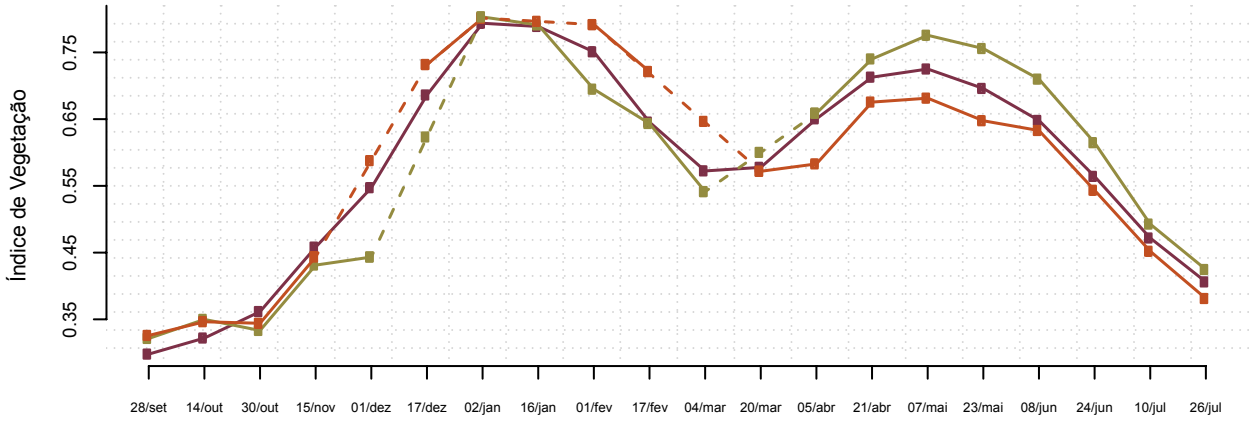
Em ambos os gráficos, os trechos das linhas em descida no período de outubro até meados de novembro representam a fase final das colheitas dos cultivos de inverno do ano passado e o período de plantio da safra de verão 2015/16.

O trecho desde o início de dezembro até o final de abril cobre todo o ciclo dos cultivos em especial da soja e do milho. A rampa em ascensão corresponde às fases de desenvolvimento e reprodutiva das lavouras e o trecho descendente representa as fases de maturação e colheita.

Nas duas regiões o comportamento da safra 2015/16 foi parecido ao da média dos 6 últimos anos, exceto por uma pequena queda em meados de janeiro/2016. O traçado da linha vermelha com boa ascensão e altas respostas de IV nas fases reprodutivas retrata a boa produtividade da atual safra no estado, conforme constatado pela Companhia na conclusão das colheitas.

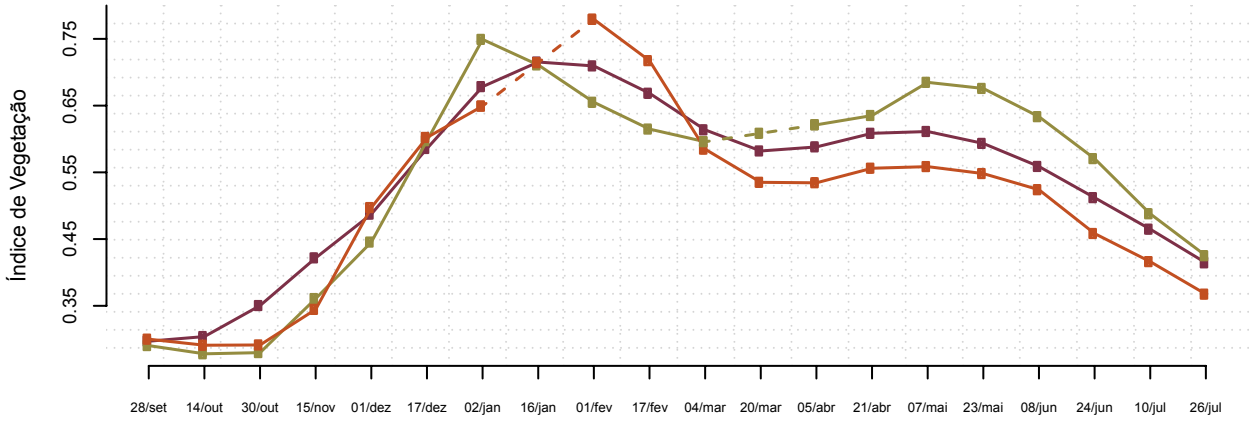
7.2.3. Goiás - monitoramento das culturas de verão (primeira e segunda safra)

Gráfico 15 - Evolução temporal do IV - Sul Goiano



Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 16 - Evolução temporal do IV - Leste Goiano



Fonte: Projeto GLAM

Os dois gráficos acima traçam o perfil temporal relativo à evolução das lavouras da safra de verão no Sul e Leste Goiano no período de setembro/15 a julho/16. Ambos mostram duas elevações a 1ª corresponde aos cultivos de primeira safra e a 2ª aos de segunda safra. No Sul as duas safras ficam mais bem definidas no gráfico, já no leste, o traçado menos saliente decorre das dinâmicas agrícolas deferentes praticadas pelos agricultores da região.

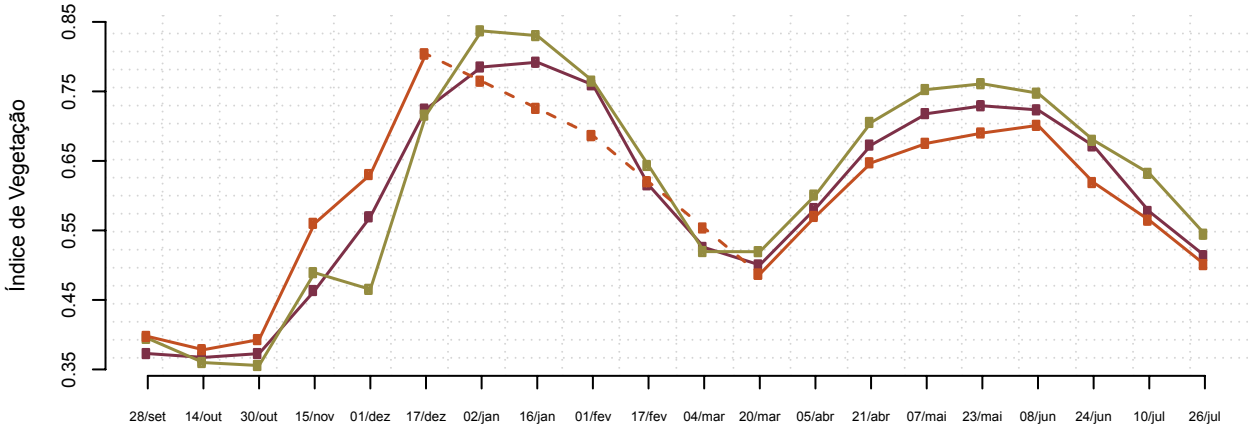
Em ambos os gráficos os trechos das linhas com baixos valores de IV em setembro representam o início

do plantio das culturas de primeira safra. De setembro a fevereiro o comportamento espectral das lavouras foi melhor do que no ano anterior, confirmando a recuperação na produtividade da soja.

Já o traçado da linha vermelha abaixo das demais a partir de março de 2016 mostra os efeitos negativos das estiagens prolongadas sobre os cultivos de segunda safra, especialmente do milho. Diferentemente da safra passada cuja linha registrou altas respostas de IV durante todo o ciclo das lavouras de segunda safra quando a Conab constatou, em 2015, excelente produtividade do milho.

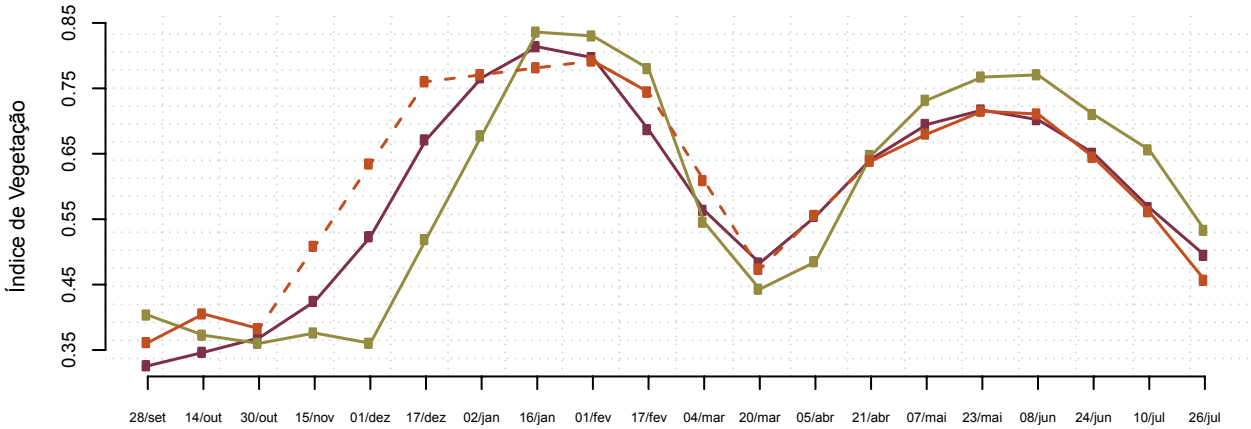
7.2.4. Mato Grosso do Sul - monitoramento das culturas de verão (primeira e segunda safra)

Gráfico 17 - Evolução temporal do IV - Sudoeste do Mato Grosso do Sul



Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 18 - Evolução temporal do IV - Centro-Norte do Mato Grosso do Sul



Fonte: Projeto GLAM

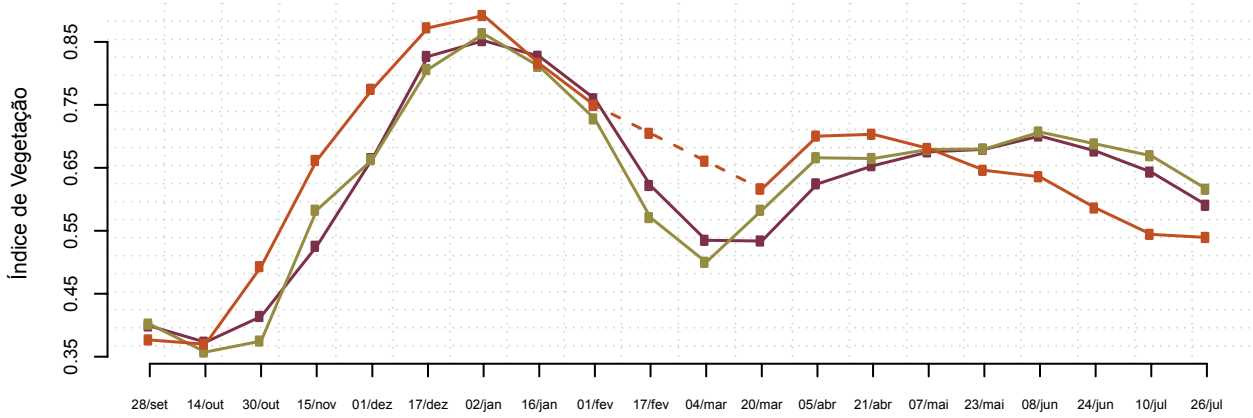
Os gráficos acima cobrem, no período de setembro/15 a julho/16, todos os ciclos da primeira e da segunda safra nas duas principais regiões produtoras de grãos do Mato Grosso do Sul.

Adversidades climáticas afetaram as lavouras de primeira e segunda safra nas duas regiões produtoras. A evolução do IV no período de dezembro/15 a fevereiro/16 mostra o impacto do clima, principalmente, nas lavouras de soja. No entanto, a produtividade da cultura ficou próxima da média histórica.

A partir de março no Sudoeste e a partir de abril no Centro Norte a linha vermelha seguiu sempre abaixo do ano passado, caracterizando a quebra de produtividade do milho segunda safra, conforme constatado pela Companhia no fechamento dos números.

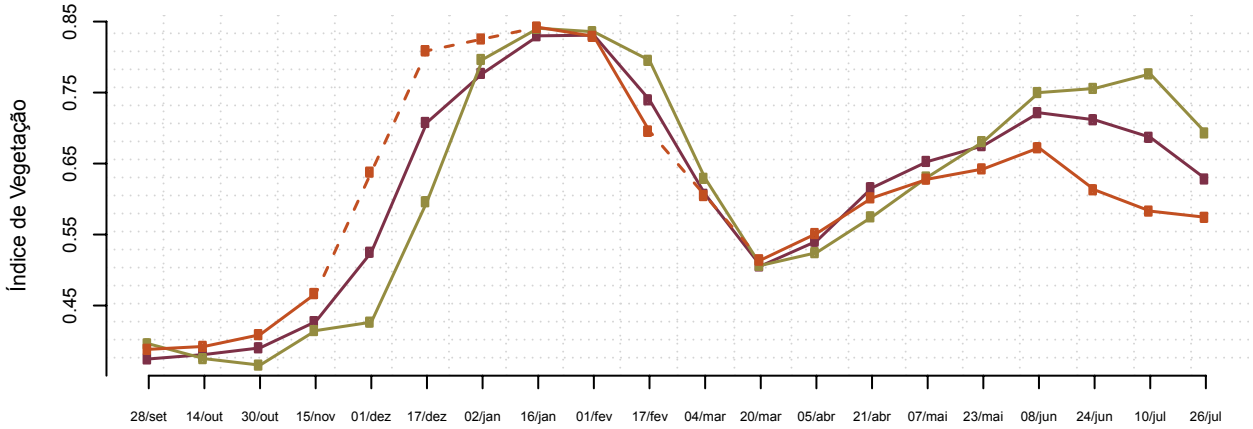
7.2.5. Paraná - monitoramento das culturas de verão (primeira e segunda safra)

Gráfico 19 - Evolução temporal do IV - Oeste Paranaense



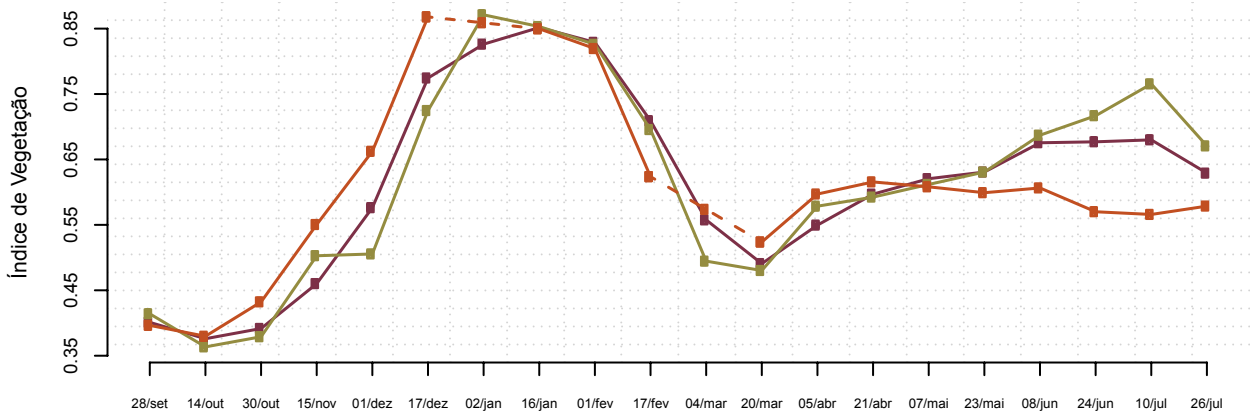
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 20 - Evolução temporal do IV - Norte Central Paranaense



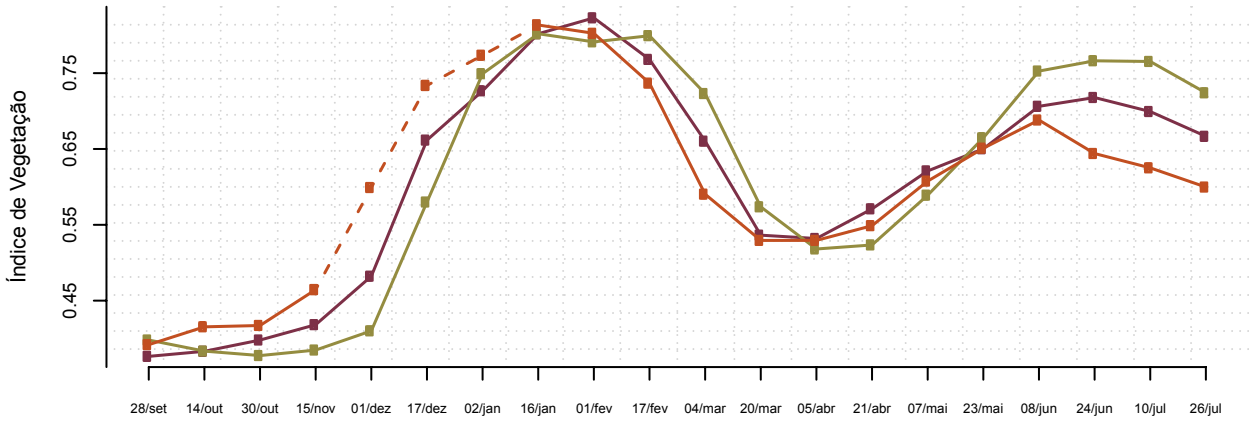
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 21 - Evolução temporal do IV - Centro Ocidentral Paranaense



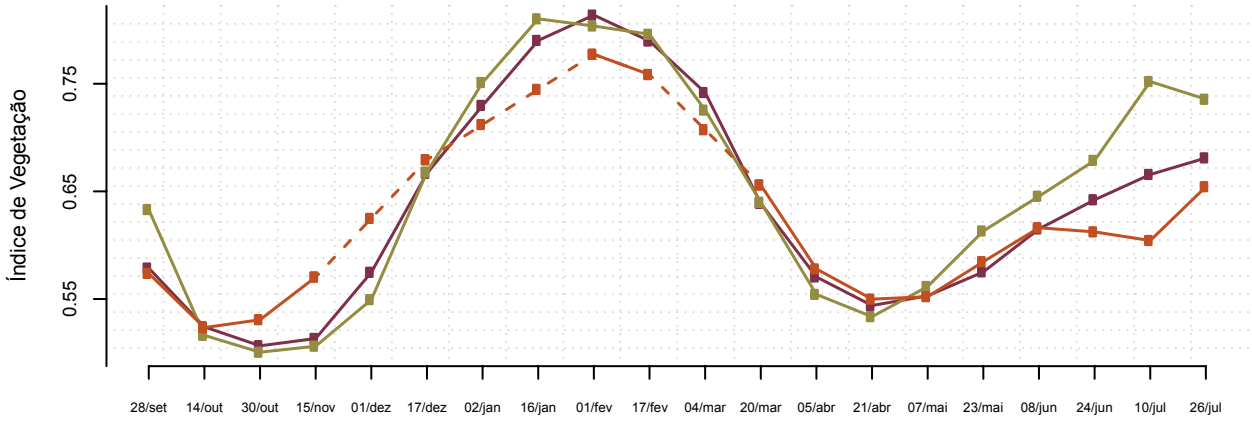
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 22 - Evolução temporal do IV - Norte Pioneiro Paranaense



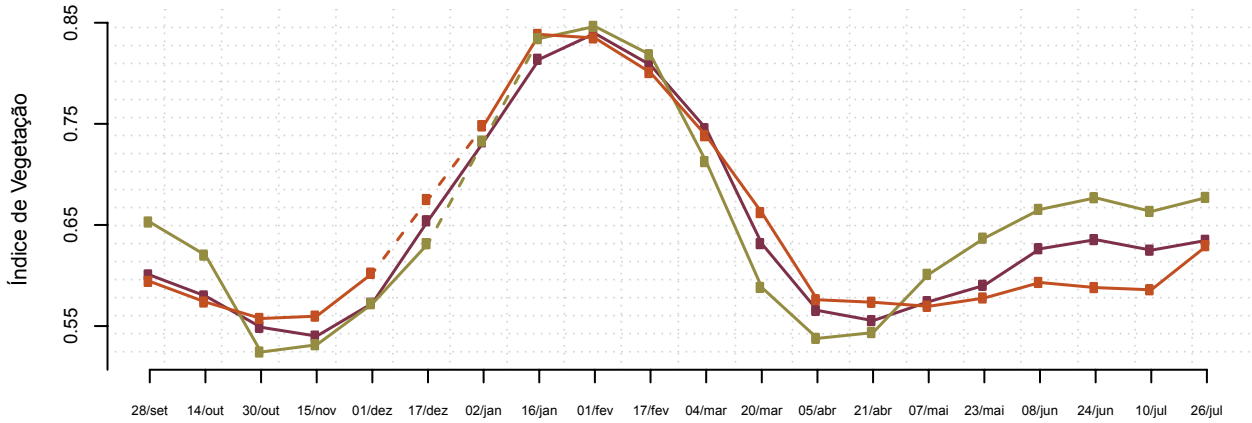
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 23 - Evolução temporal do IV - Centro Oriental Paranaense



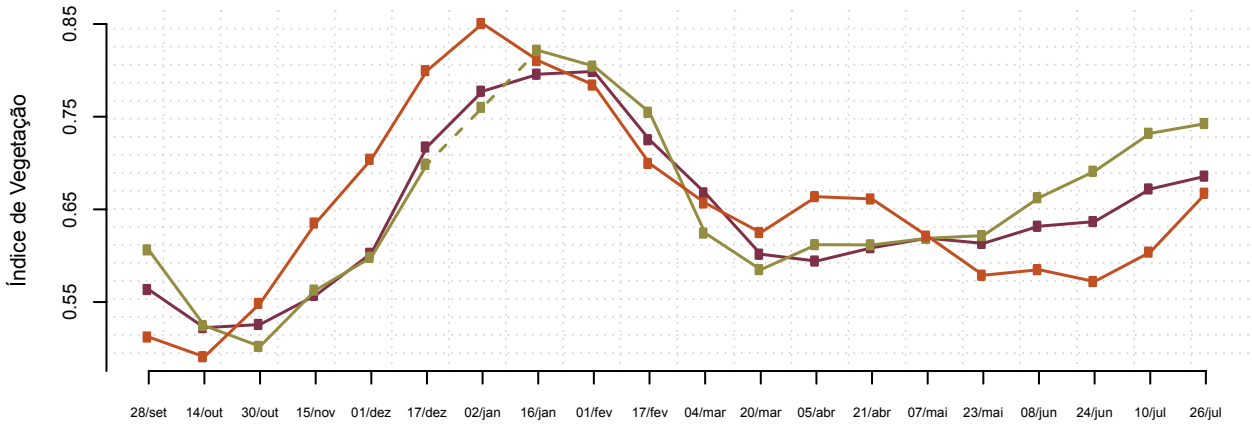
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 24 - Evolução temporal do IV - Centro Sul Paranaense



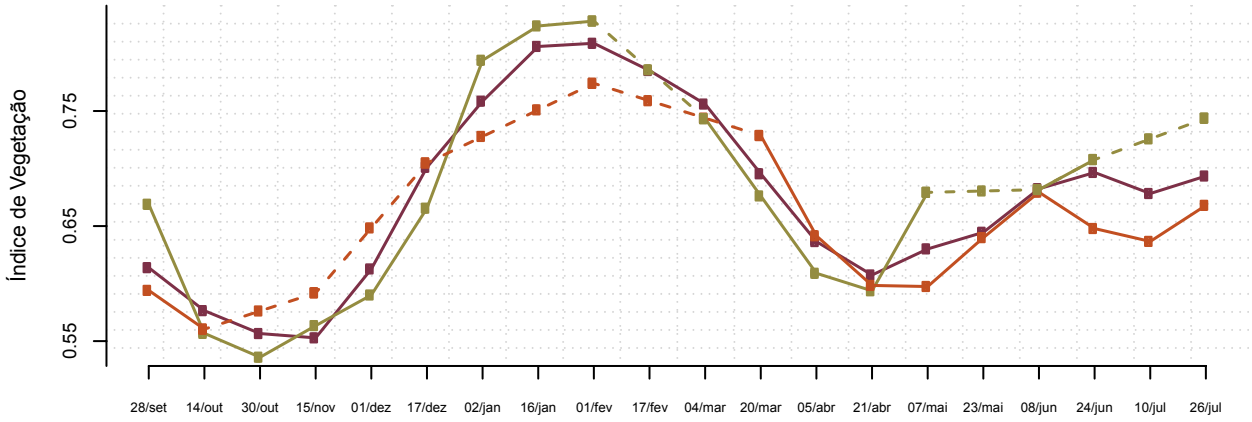
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 25 - Evolução temporal do IV - Sudoeste Paranaense



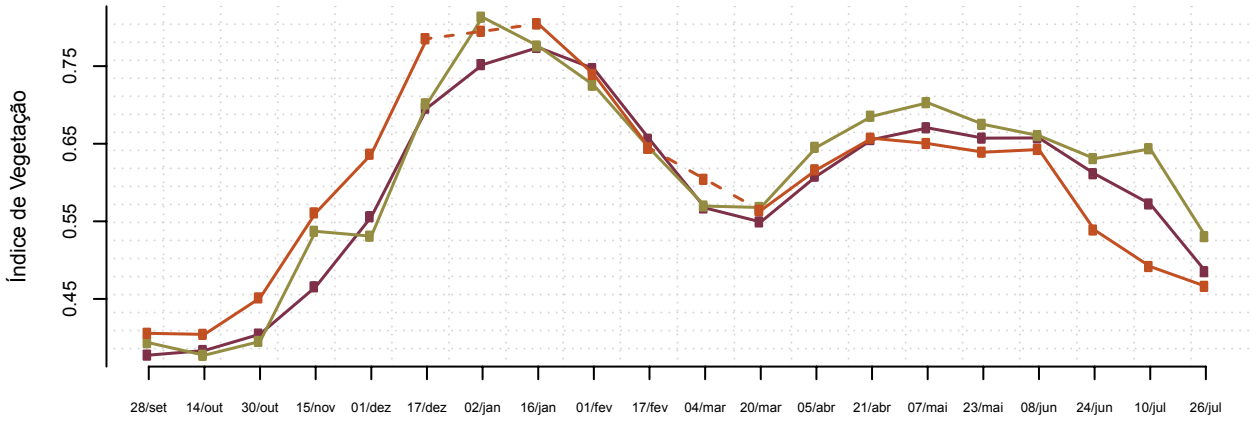
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 26 - Evolução temporal do IV - Sudeste Paranaense



Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 27 - Evolução temporal do IV - Noroeste Paranaense



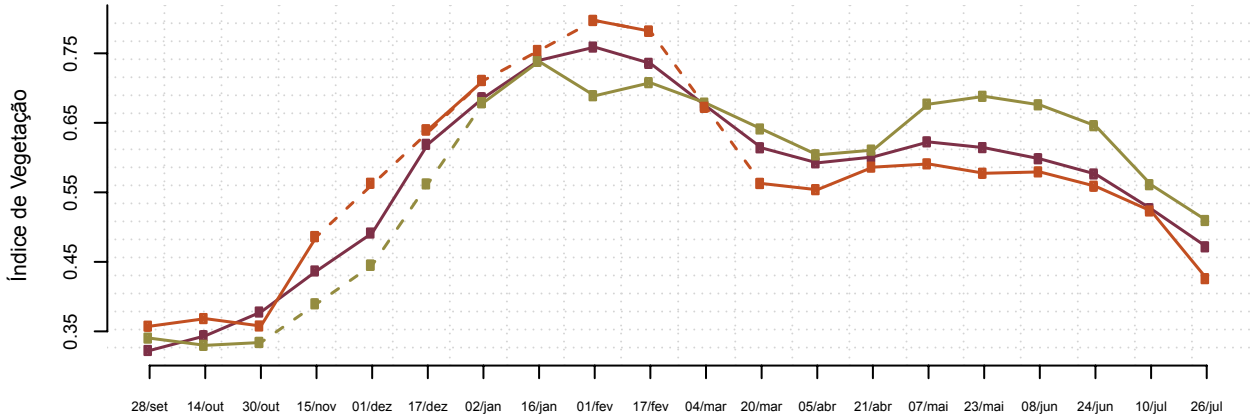
Fonte: Projeto GLAM

No Paraná as diferentes aptidões agrícolas e também das condições climáticas variadas fazem com que as regiões apresentem diferenciadas características no padrão de desenvolvimento das lavouras.

Algumas das regionais com queda do IV mostrada pelo traçado da linha vermelha, no início do ano, tiveram média estadual de rendimento das lavouras de verão um pouco abaixo do ano passado. A ascensão da linha logo após a colheita da soja mostra o padrão do milho segunda safra, que teve produtividade normal na maioria das regiões. A queda dos últimos trechos da linha vermelha em todas regiões se deve à redução de área dos cultivos de inverno e, principalmente, à dessecagem da cobertura vegetal para início do plantio dos cultivos de verão 2016/17.

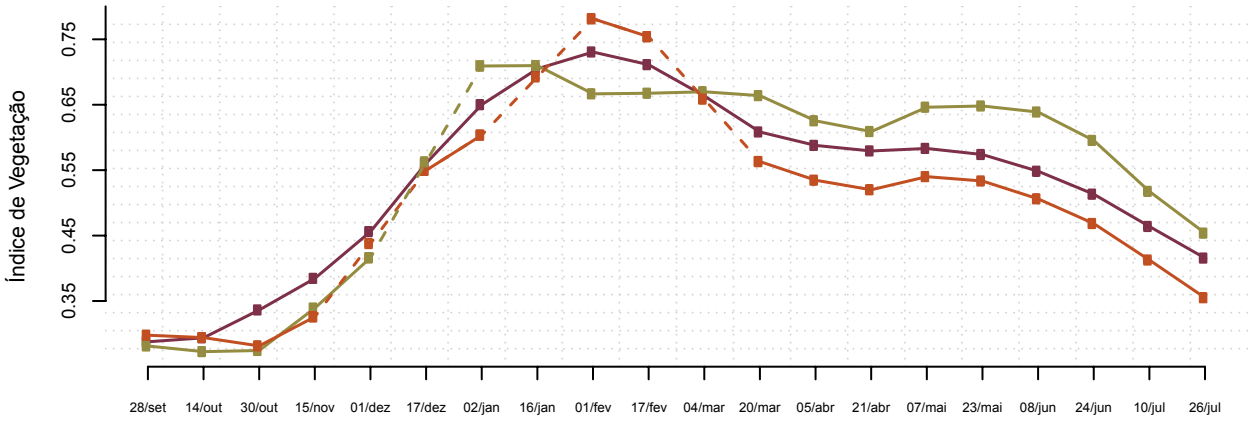
7.2.6. Minas Gerais - monitoramento das culturas de verão (primeira e segunda safra)

Gráfico 28 - Evolução temporal do IV - Triângulo Mineiro/Alto Parnaíba



Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 29 - Evolução temporal do IV - Noroeste de Minas

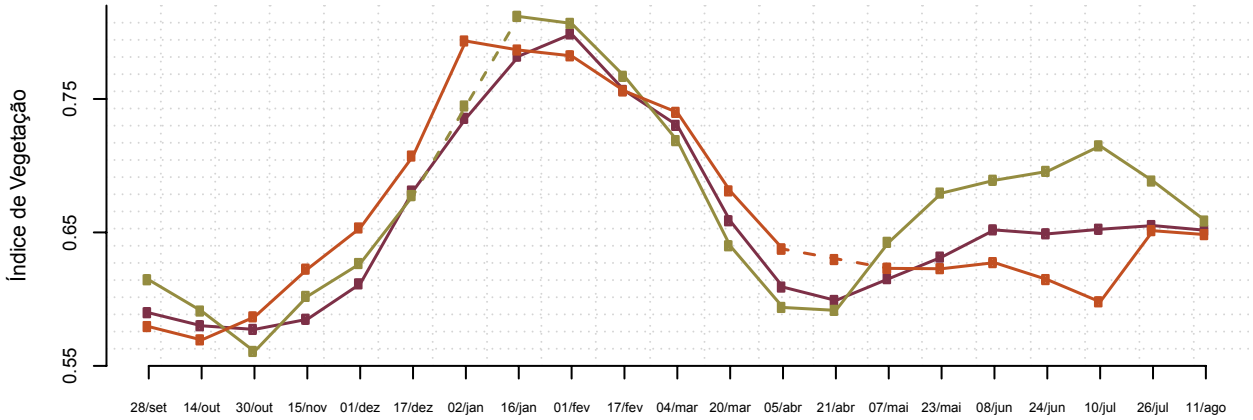


Fonte: Projeto GLAM

Os gráficos acima mostram que as duas principais regiões produtoras de grãos do estado de Minas Gerais apresentaram bom padrão de desenvolvimento dos cultivos de primeira safra, constatado pelos altos valores de IV até o início de março deste ano, período que cobre as fases reprodutivas das lavouras. Entretanto, a linha da safra atual mostra situação inversa para os cultivos de segunda safra, que de março até julho apresentaram baixos valores de IV. Quebra expressiva, principalmente do milho, foi confirmada nas colheitas.

7.2.7. Santa Catarina - monitoramento das culturas de verão

Gráfico 30 - Evolução temporal do IV - Oeste Catarinense

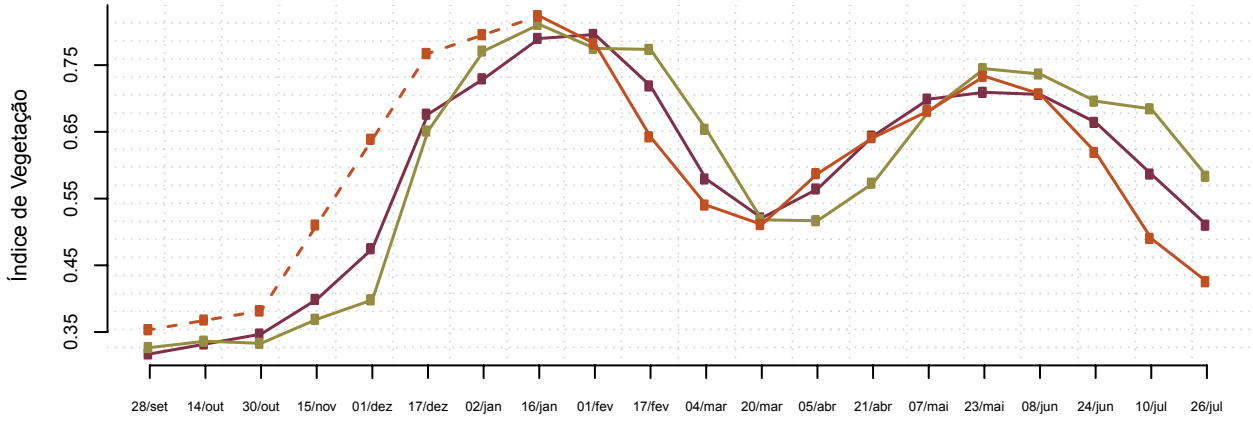


Fonte: Projeto GLAM

No gráfico de evolução temporal do Oeste de Santa Catarina, a ascensão da linha vermelha a partir de outubro, indica que a safra de verão 2015/16 teve uma maior quantidade de lavouras semeadas mais cedo que em anos anteriores. A queda expressiva a partir do início de janeiro foi puxada pela grande quantidade de áreas com anomalia negativa. As adversidades climáticas afetaram os cultivos, especialmente, o milho, que teve queda de rendimento. Por outro lado, a entrada em maturação das lavouras de soja semeadas mais cedo baixou as respostas de IV sem caracterizar redução de produtividade da mesma.

7.2.8. São Paulo - monitoramento da safra de verão (primeira e segunda safra)

Gráfico 31 - Evolução temporal do IV - Assis/SP

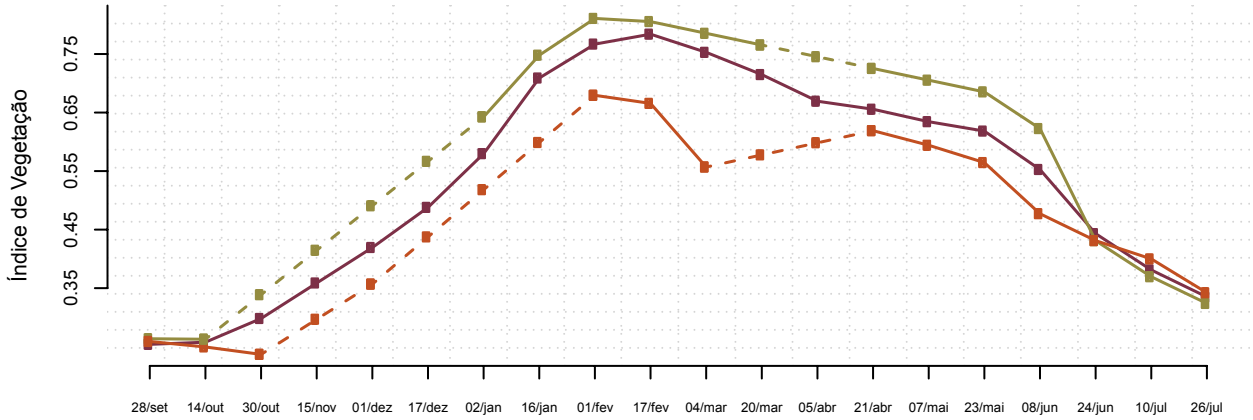


Fonte: Projeto GLAM

Na região de Assis, estado de São Paulo, o plantio da primeira safra de verão 2015/16 começou mais cedo, caracterizado pelo deslocamento da linha vermelha para a esquerda. A maturação também foi antecipada conforme indica a queda da linha a partir de janeiro. Os cultivos de segunda safra, principalmente o milho, teve uma fase inicial promissora, boas respostas de IV, entretanto, a partir de maio, a escassez de chuvas baixou a atividade fotossintética das lavouras implicando em queda de produtividade conforme constatado nas colheitas.

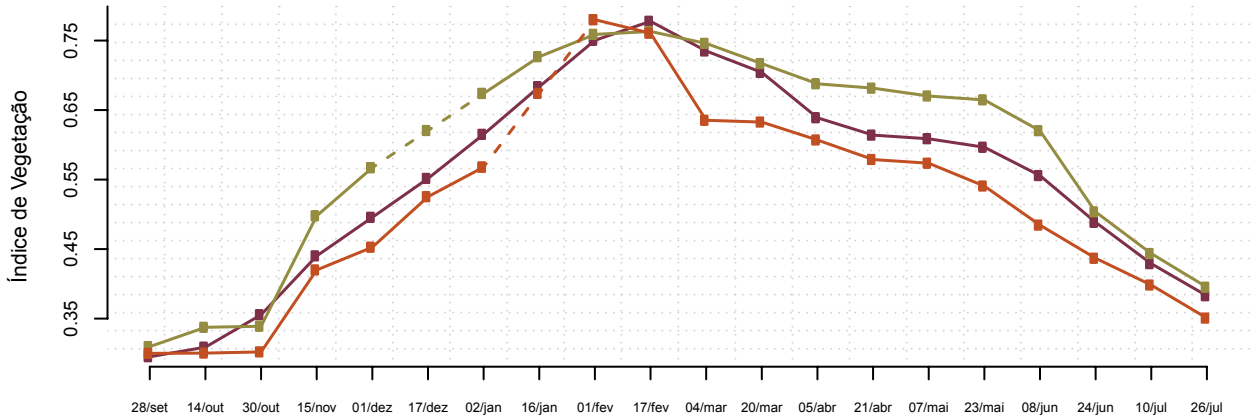
7.2.9. MATOPIBA - MONITORAMENTO DAS CULTURAS DE VERÃO (PRIMEIRA E SEGUNDA SAFRA)

Gráfico 32 - Evolução temporal do IV - Sul Maranhense



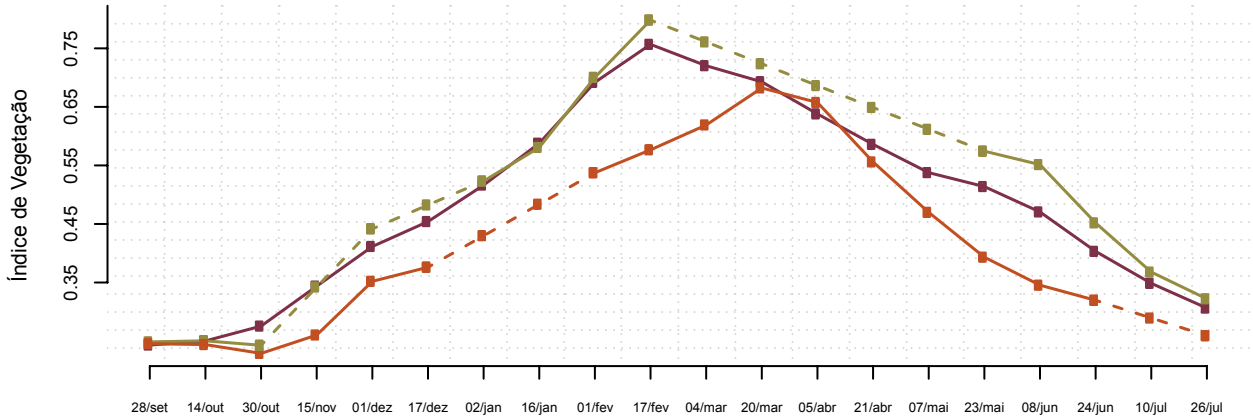
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 33 - Evolução temporal do IV - Oriental do Tocantins



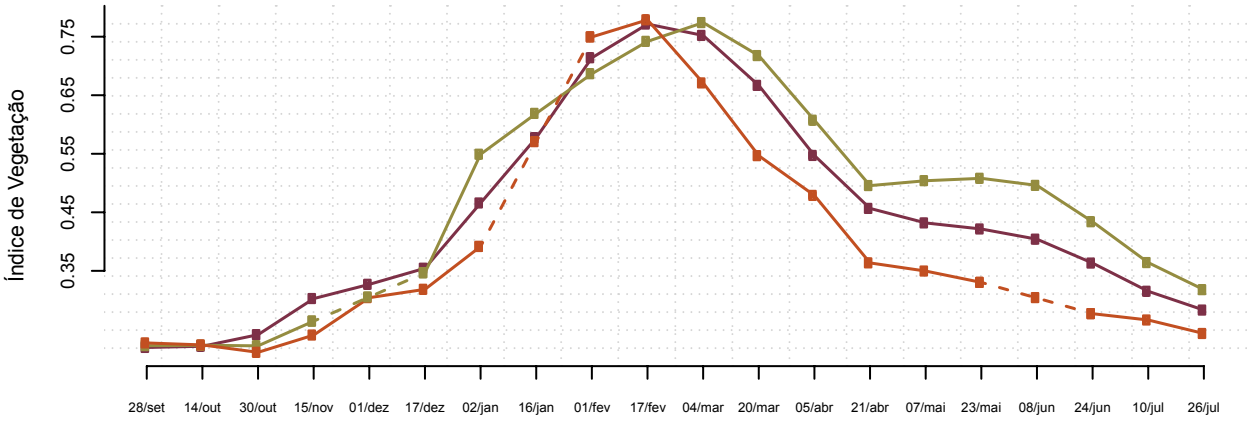
Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 34 - Evolução temporal do IV - Sudoeste Piauiense



Fonte: Projeto GLAM

Gráfico 35 - Evolução temporal do IV - Extremo Oeste Baiano



Fonte: Projeto GLAM

Os traçados dos gráficos da região MATOPIBA, que inclui parte dos quatro principais estados produtores de grãos do Norte/Nordeste, (Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), são diferentes devido à variabilidade das chuvas e, também, à dinâmica e às práticas agrícolas de cada estado.

A linha roxa nos 4 gráficos, representando a média dos 6 últimos anos, mostra a existência de cultivos de 2ª safra nos estados. Isto é indicado pelo ponto de inflexão quando se tem a interrupção de queda da linha por volta de abril, iniciando logo em seguida uma leve ascensão, em decorrência das repostas do IV dos cultivos de 2ª safra a partir daquele mês.

No Sul Maranhense e no Sudoeste do Piauí a situação foi crítica desde o início da safra, outubro/novembro/2015, se estendendo até o final da segunda safra em julho/2016, conforme mostra o traçado da linha vermelha da atual safra sempre abaixo dos anos-safra anteriores.

No Extremo Oeste Baiano e na Oriental do Tocantins a situação se agravou a partir de fevereiro/2016 quando a linha vermelha da safra atual tem queda expressiva, permanecendo sempre abaixo dos anos anteriores até a colheita em julho.

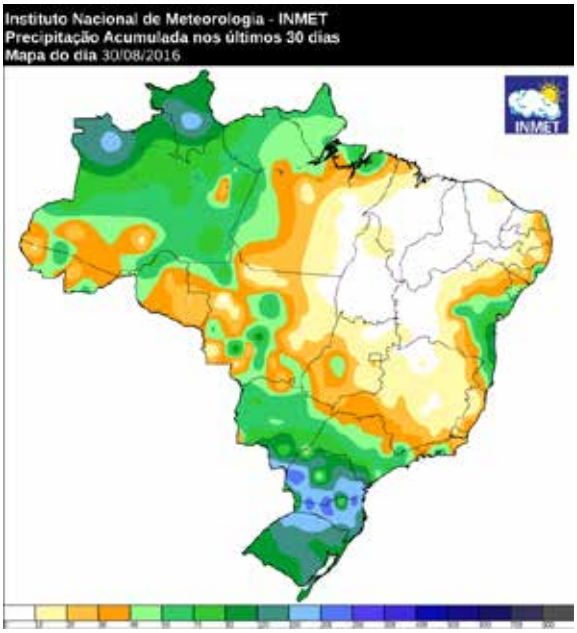
Os dados da Conab relativos ao fechamento da safra 2015/16 confirmaram as quebras expressivas de produtividade no MATOPIBA, conforme indicaram os dados de satélite desde o início do atual ano-safra.

7.3. Análise climática de agosto/2016[1]

Durante o mês de agosto na Região Sul, as chuvas ficaram próximas ou acima da média histórica. Os maiores volumes de chuva observados nas estações meteorológicas do INMET (Instituto Nacional de Meteorologia) foram principalmente nos estados de Santa Catarina e do Paraná (Figura 4). Nesses estados, os volumes acumulados ficaram na faixa entre 120 e 250 mm, ultrapassando a média em praticamente todas as localidades. Em Irati, estado do Paraná, por exemplo, foram aproximadamente 230 mm de chuva. No mesmo período, no Rio Grande do Sul, as chuvas foram mais irregulares, resultando em acumulados um pouco menores, na faixa entre 90 e 200 mm, com os maiores volumes registrados no centro-norte do estado.

Na região que engloba os estados de Alagoas e Sergipe e o nordeste da Bahia, onde o milho segunda safra está em fase de frutificação, os volumes de chuva acumularam-se na faixa entre 20 e 70 mm, ficando abaixo da média da região. Essa baixa quantidade de chuvas em agosto manteve a condição de déficit hídrico causado pela baixa pluviometria durante o período denominado de quadra chuvosa: abril, maio, junho e julho. Em Palmeira dos Índios, agreste alagoano, o acumulado do mês foi de aproximadamente 15 mm. Com situação semelhante, em Propriá, Sergipe, o total foi inferior a 40 mm (Figura 4). Em Cipó, nordeste da Bahia, a precipitação total registrada na estação meteorológica do INMET foi de apenas 25 mm, o que equivale a aproximadamente 30% da média histórica nessa localidade.

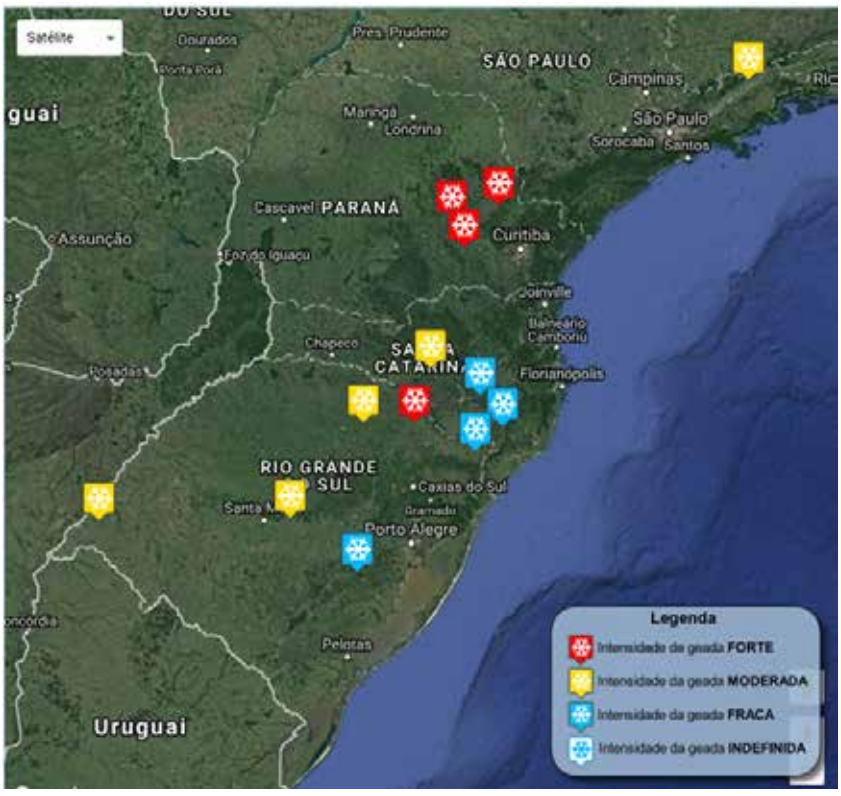
Figura 4 - Chuva acumulada em agosto de 2016



Fonte: Inmet

O número de geadas registradas em agosto pelo INMET, bem como o número de localidades atingidas, foi inferir ao registrado em julho. A Figura 5 mostra as 13 localidades onde foram observadas ocorrências de geadas e a intensidade predominante em cada uma das localidades. O número de ocorrências durante o mês em cada localidade variou de 1 a 4, com destaque mais uma vez para São Joaquim, estado de Santa Catarina, onde foram registradas quatro geadas, porém, apenas uma classificada como forte (Tabela 17).

Figura 5 - Locais de ocorrências de geadas e intensidade predominante em agosto/2016



Fonte: Inmet

Tabela 17 - Relação das localidades com registro de geada em agosto de 2016 no Brasil, com a data, temperatura mínima e intensidade do fenômeno.

Temperatura	Dia de ocorrência	Temp. Mínima	Intensidade
Bom Jesus - RS	12/08/2016	3.8	Fraca
	22/08/2016	1	Moderada
	24/08/2016	4.2	Fraca
Campos Do Jordao - SP	13/08/2016	1.6	Moderada
Campos Novos - SC	22/08/2016	1.6	Moderada
Castro - PR	11/08/2016	1.3	Moderada
	22/08/2016	0	Forte
Encruzilhada Do Sul - RS	22/08/2016	3.9	Fraca
Irati - PR	11/08/2016	1.8	Moderada
	22/08/2016	0.6	Forte
Ivai - PR	22/08/2016	0	Forte
Lages - SC	11/08/2016	3.8	Fraca
Lagoa Vermelha - RS	22/08/2016	0	Forte
Passo Fundo - RS	22/08/2016	1.6	Moderada
Santa Maria - RS	22/08/2016	2	Moderada
Sao Joaquim - SC	12/08/2016	3	Fraca
	13/08/2016	4.6	Fraca
	22/08/2016	-2	Forte
	24/08/2016	6	Fraca
Uruguaiana -RS	22/08/2016	2	Moderada

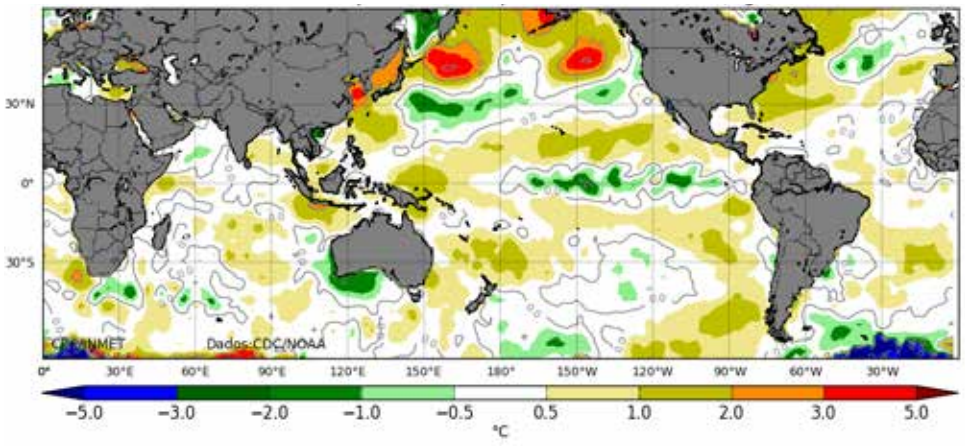
Fonte: Inmet

7.4.Condições oceânicas e La Niña[2]

O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) mostra que no Oceano Pacífico Tropical, durante a segunda quinzena de agosto, a faixa equatorial manteve-se dominada por anomalias negativas, como ocorrido nos meses de junho e julho (Figura 6). A tendência é que esse processo de resfriamento se mantenha, com possibilidade de evolução para uma situação de La Niña.

De maneira geral, a ocorrência do fenômeno La Niña é favorável às chuvas na região Nordeste e desfavorável no Sul nos meses de verão e outono. Porém, outros fatores, tais como: a temperatura na superfície do Oceano Atlântico Tropical e na área oceânica próxima à costa do Uruguai e da região Sul, poderão influenciar – dependendo das suas características durante essas estações – o regime de chuvas, intensificando ou atenuando os efeitos do La Niña.

Figura 6 - Anomalias de TSM no período 16-28 de agosto de 2016

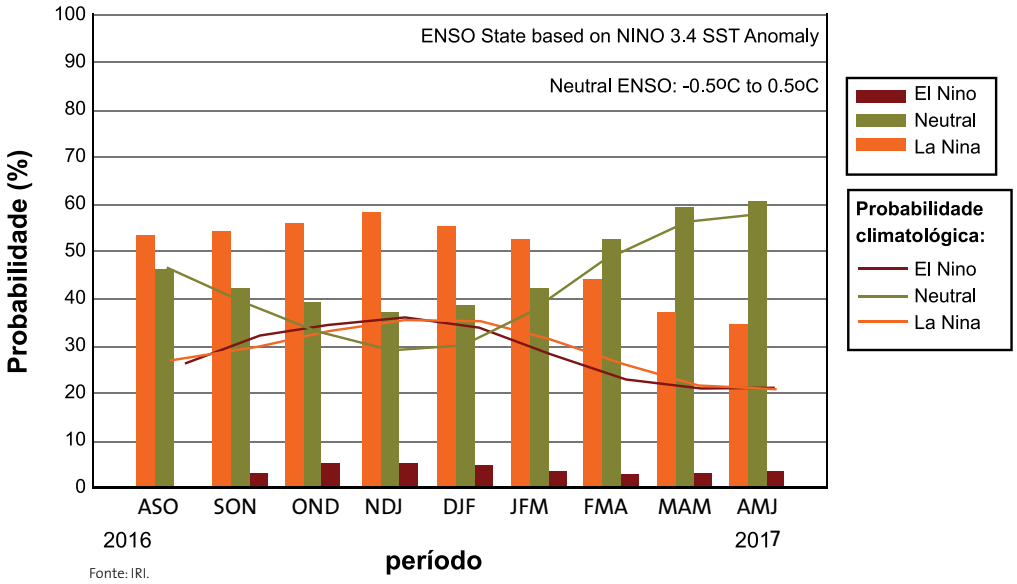


Fonte: CDP/Inmet

2 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

Os modelos de previsão de TSM do IRI (Research Institute for Climate and Society) mantêm a maior probabilidade de um novo episódio de fenômeno La Niña (Gráfico 36). As probabilidades de ocorrência de La Niña na previsão feita em agosto são praticamente as mesmas probabilidades apresentadas no mês anterior, podendo se prolongar até o primeiro trimestre de 2017. Tais prognósticos, juntamente com as observações dos últimos meses, indicam, até o momento, que o fenômeno em desenvolvimento La Niña deverá ser de intensidade fraca e de curto período – menos que 12 meses.

Gráfico 36 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño e/ou La Niña



Fonte: IRI.

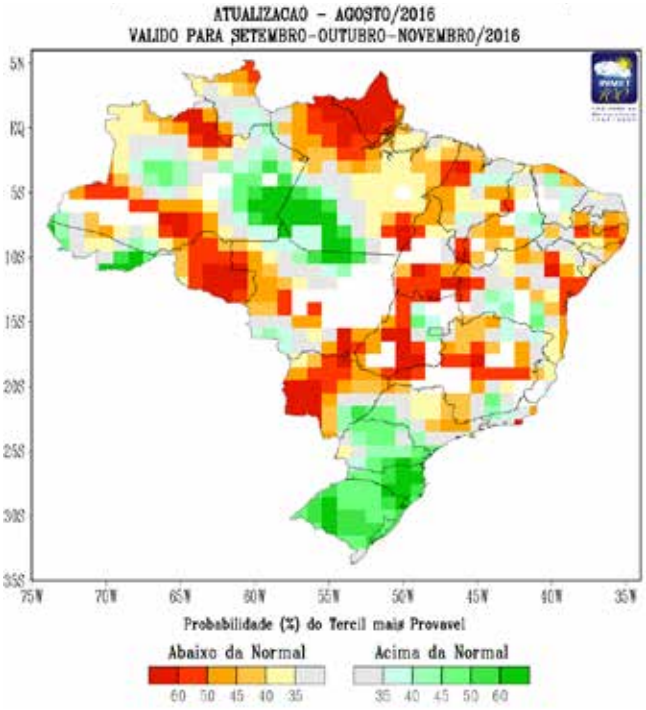
7.5. Previsão climática para o trimestre setembro-outubro-novembro de 2016[3]

O modelo estatístico de previsão climática do INMET, entre outros, indica que na região Sul o volume total de precipitação do trimestre poderá ficar na faixa normal ou acima (Figura 7). No primeiro mês, contudo, alguns modelos de previsão climática de curto prazo indicam que os maiores volumes acumulados deverão ficar mais concentrados nos estados de Santa Catarina e do Paraná.

Os prognósticos para os estados de Sergipe e Alagoas e região nordeste da Bahia indicam predomínio das áreas com maior probabilidade de chuvas abaixo da média do trimestre (Figura 7). Porém é importante observar que esse trimestre é climatologicamente um dos mais secos nesses estados e região.

3 Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista CDP-INMET-Brasília

Gráfico 36 - Previsão probabilística de precipitação (correlação >=0.3)



Fonte: Inmet

7.6. Monitoramento Agrometeorológico - Agosto/2016

O monitoramento agrometeorológico tem como objetivo identificar as condições para o desenvolvimento das grandes culturas nas principais mesorregiões produtoras do país, que estão em produção ou que irão iniciar o plantio nos próximos dias. A análise se baseia na localização das áreas de cultivo (mapeamentos), no impacto que o clima pode causar nas diferentes fases (predominantes) do desenvolvimento das culturas, além da condição da vegetação observada em imagens de satélite. O período monitorado foi o mês de agosto de 2016.

Dentre os parâmetros agrometeorológicos observados, destacam-se: a precipitação acumulada, os desvios da precipitação e da temperatura com relação às médias históricas (anomalia) e a umidade disponível no solo. Os mapas das condições hídricas são elaborados por cultura e a classificação é feita da seguinte forma:

- Baixa produção, sem cultivo ou fora de temporada;
- Favorável: quando a precipitação é adequada para a fase do desenvolvimento da cultura ou houver problemas pontuais;
- Baixa restrição: quando houver problemas pontuais de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Média restrição: quando houver problemas generalizados de média e alta intensidade por falta ou excesso de chuvas;
- Alta restrição: quando houver problemas crônicos ou extremos de média e alta intensidade por falta ou excesso de precipitações, que podem causar impactos significativos na produção.

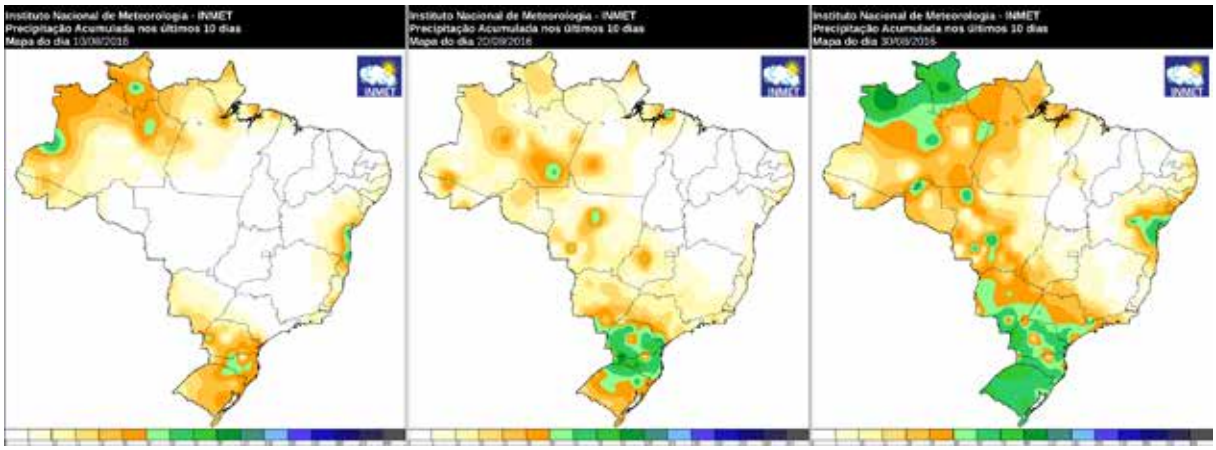
Nas tabelas desses mapas são especificadas: as regiões onde as chuvas estão sendo favoráveis (suficientes) para o início do plantio (pré-plantio), a germinação, o desenvolvimento vegetativo, a floração e/ou a frutificação; onde está havendo possíveis problemas por excesso de chuvas; onde as chuvas reduzidas estão favorecendo o plantio e a colheita; e onde pode estar havendo possíveis problemas por falta de chuvas. Os resultados desse monitoramento são apresentados no capítulo referente à análise das culturas.

A finalização da colheita dos cultivos de segunda safra das Regiões Centro-Oeste e Sudeste do país foi favorecido por precipitações ausentes ou reduzidas (Figuras 4 e 8). Os maiores volumes de chuvas foram registrados no terceiro decêndio ao sul de São Paulo e de Mato Grosso do Sul (Figura 8).

Na Região Sul, as chuvas reduzidas, principalmente no primeiro decêndio (Figura 8) beneficiaram à finalização da colheita da segunda safra no Paraná. Em relação às culturas de inverno, as precipitações (Figura 4) favoreceram às lavouras em estádios reprodutivos.

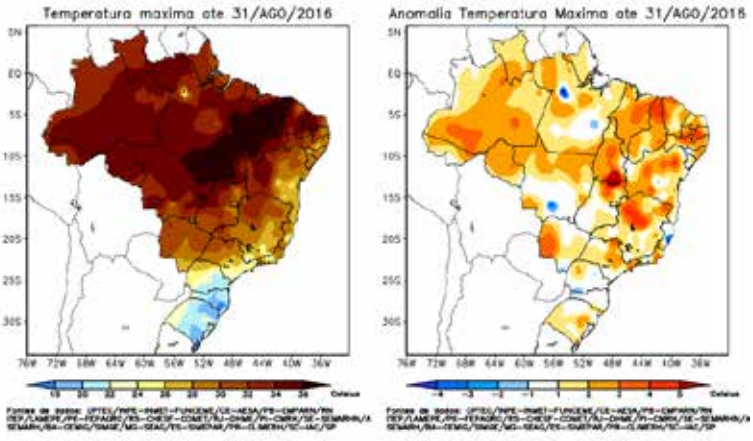
Em relação à produção do milho e feijão do nordeste da Bahia, Sergipe e Alagoas, a manutenção de baixas precipitações registradas em julho resultou na intensificação das restrições às lavouras em frutificação. Verificaram-se baixo armazenamento hídrico nos dias 01, 15 e 30 (Figura 10) e altas temperaturas (Figura 9).

Figura 8 – Chuva acumulada de 1 a 10 de agosto, de 11 a 20 de agosto e de 21 a 30 de agosto de 2016.



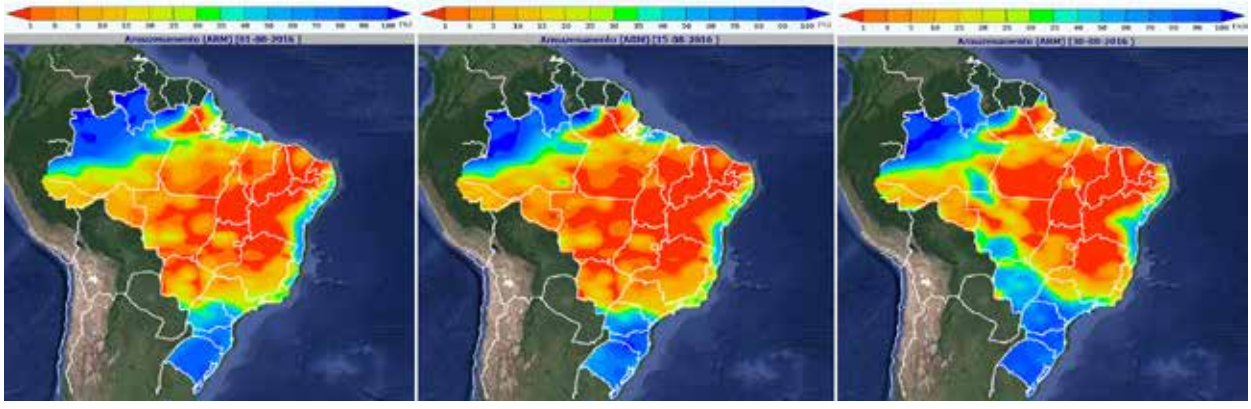
Fonte: Inmet

Figura 9 – Temperatura máxima e anomalia da temperatura máxima em agosto/2016



Fonte: CPTEC

Figura 10 – Armazenamento hídrico diário dos dias 01, 15 e 30 de agosto/16



Fonte: SISDAGRO/Inmet

7.7. Monitoramento espectral - Agosto/2016

A base de informações neste atual monitoramento continua sendo o Índice de Vegetação (IV) extraído de imagens de satélite que constitui em uma forma objetiva e indireta de se obter a taxa de fotossíntese das lavouras atuais.

O monitoramento atual é direcionado principalmente às culturas de inverno, em especial ao trigo. Os mapas de anomalia mostram a diferença dos padrões de desenvolvimento dos cultivos da safra atual e do ano passado por meio de composição de imagens de uma quinzena. Já os gráficos de evolução possibilitam o acompanhamento do IV ao longo de todo o ciclo das safras bem como a comparação entre diferentes anos, proporcionando indicativos de produtividade.

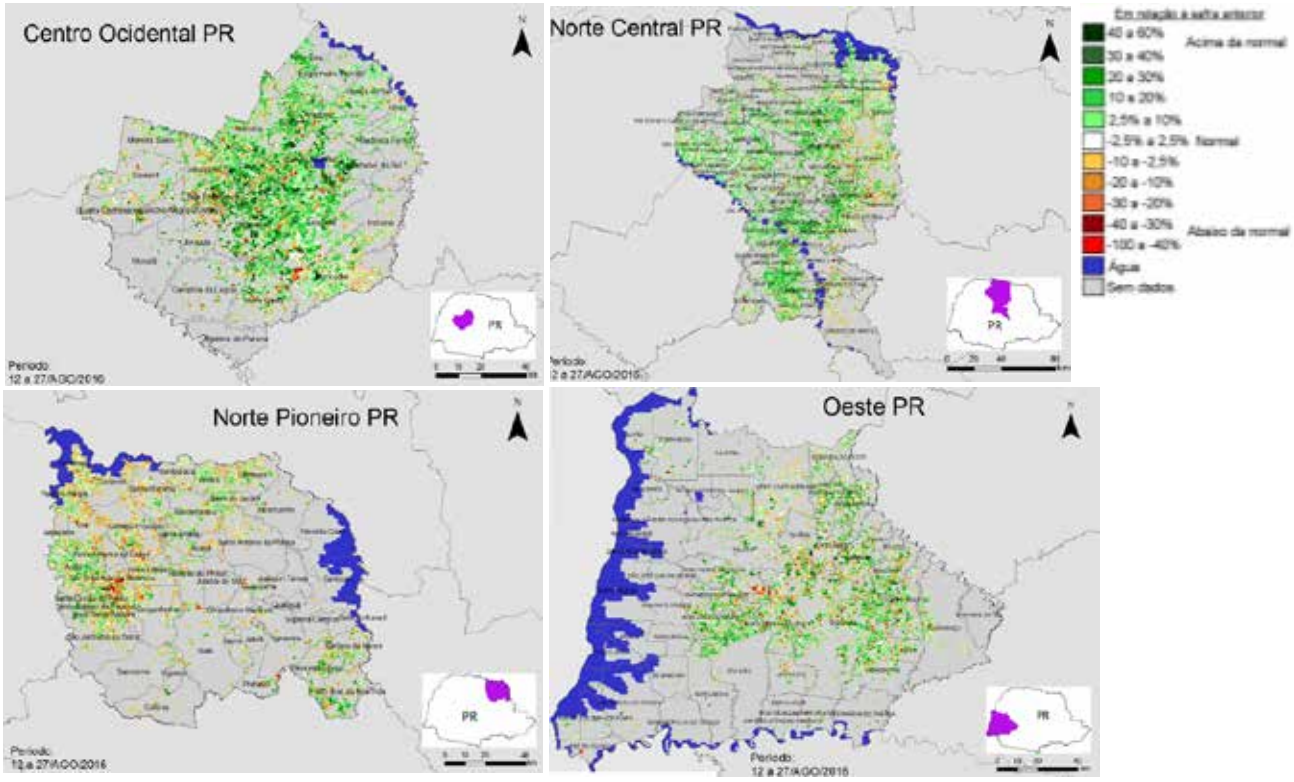
Neste momento estão sendo monitoradas importantes mesorregiões produtoras do Rio Grande do Sul e do Paraná, conforme a seguir.

7.7.1. Paraná

7.7.1.1. Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada - regiões mais expressivas em milho segunda safra

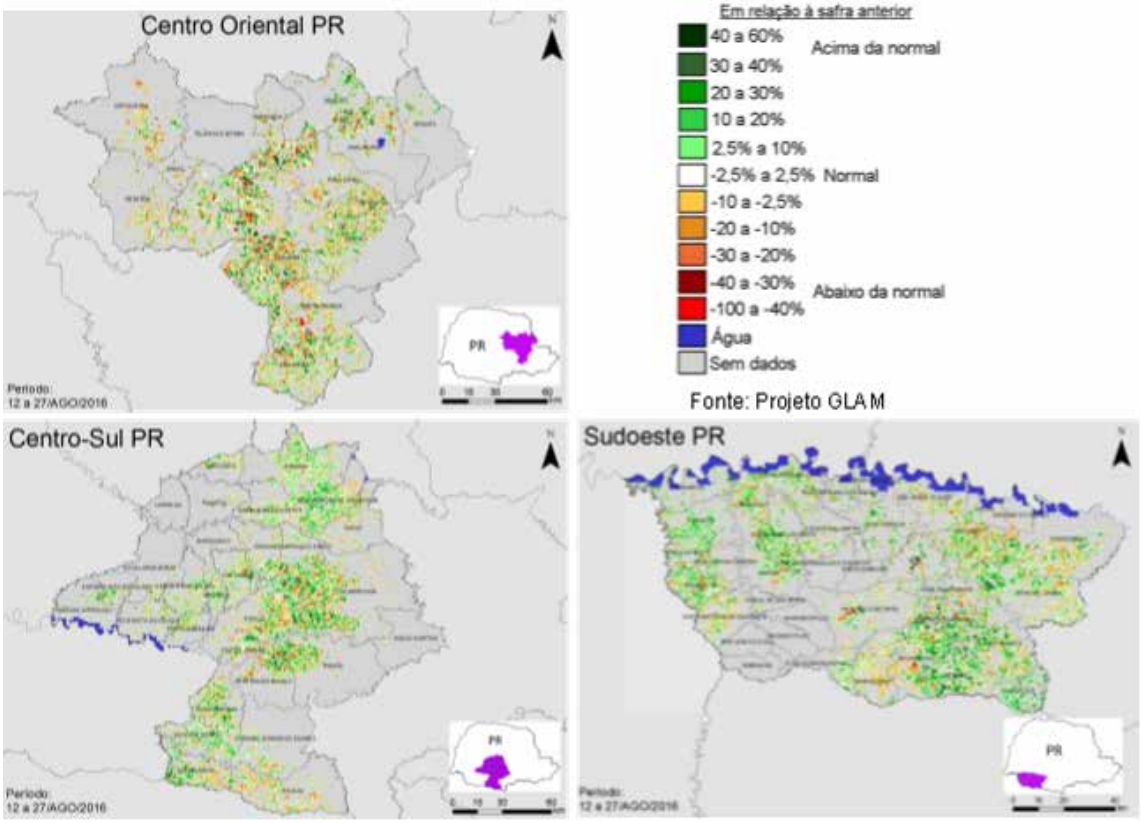
Estes mapas foram organizados em dois grupos conforme a seguir.

Figura 11 – Regiões mais expressivas em milho segunda safra.



As áreas em verde nos mapas acima, (anomalia positiva), são principalmente de cultivos de inverno da atual safra, inclusive de cobertura, em boas condições de desenvolvimento. As áreas em amarelo, marrom e vermelho são em decorrência, principalmente, de áreas dessecadas antecipadamente para o plantio da próxima safra.

Figura 12 – Regiões mais expressivas em trigo

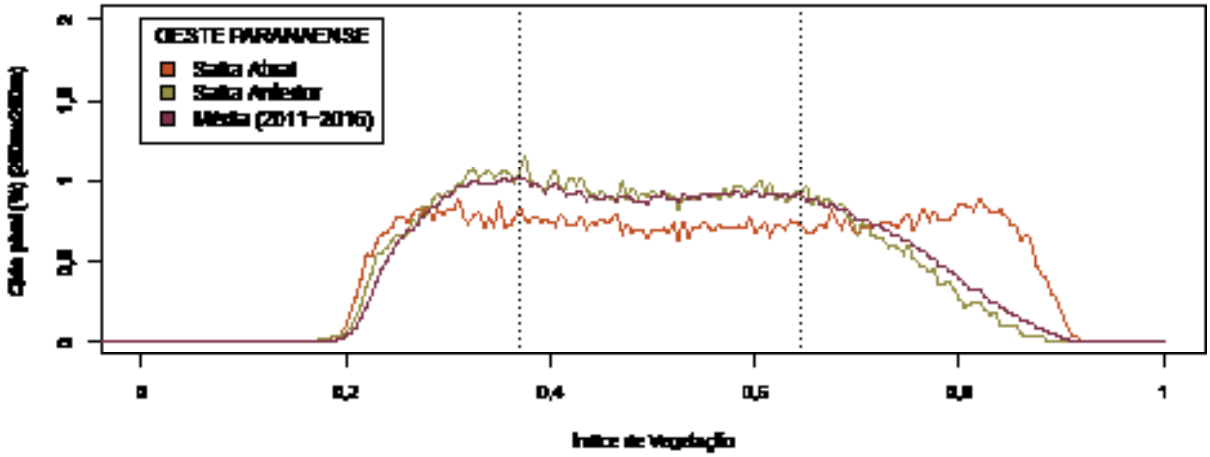


Essas regiões estão localizadas ao sul e leste do estado e possuem plantio relativamente expressivo de trigo que, apesar de ter sido reduzido este ano, cobrem uma área bem maior do que a de milho segunda safra. As áreas em verde nos mapas acima indicam onde os atuais cultivos de inverno estão em condições superiores em relação à safra anterior. No ano passado as lavouras foram afetadas por fungos devido ao excesso de chuva. As áreas com anomalia negativa, mostradas em cores amarelo, marrom e vermelho, são em decorrência da redução da área do trigo e também do impacto das geadas na vegetação de cobertura em meados de junho.

7.7.1.2. Quantificação de áreas

a) Regiões mais expressivas em milho segunda safra

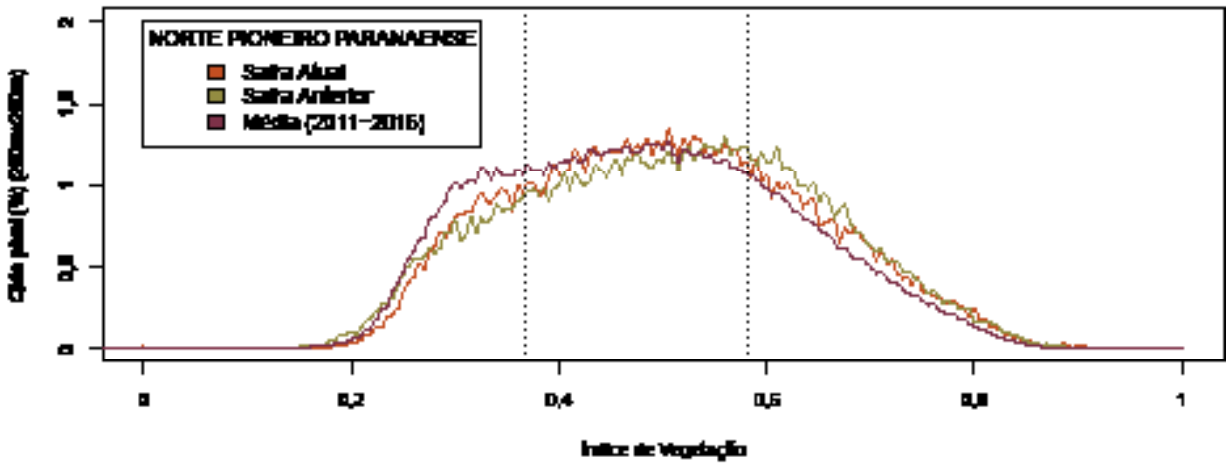
Gráfico 37 - Quantificação de áreas -Oeste/PR



Valores de I.V.	0 – 0,3698	0,3698 – 0,6438	0,6438 – 1
Safra Atual	24,42 %	39,41 %	36,17 %
Safra Anterior	26,86 %	51,25 %	21,89 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-0,58 %	-10,59 %	11,17 %

Fonte: Projeto Glam.

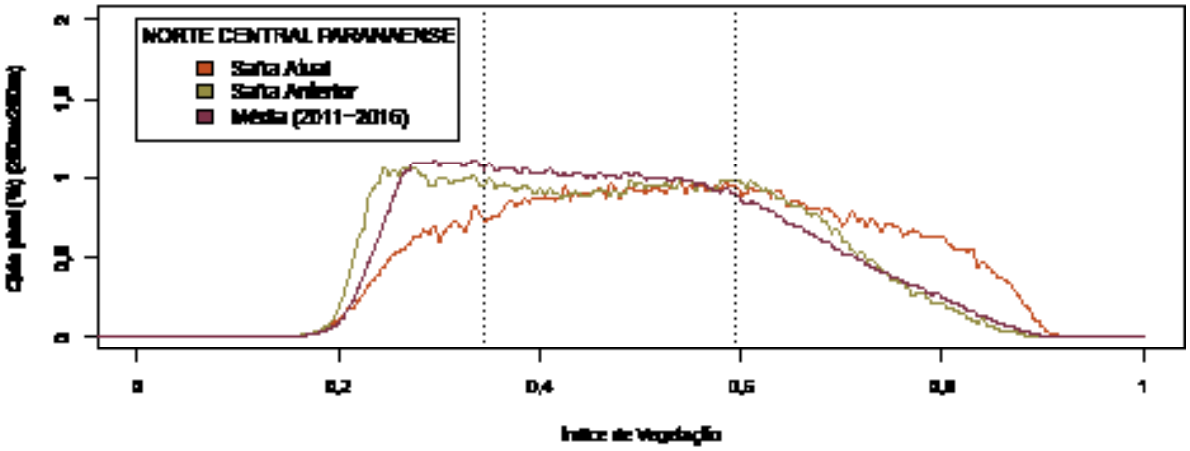
Gráfico 38 - Quantificação de áreas - Norte Pioneiro/PR



Valores de I.V.	0 – 0,3684	0,3684 – 0,5812	0,5812 – 1
Safra Atual	20,3 %	50,38 %	29,32 %
Safra Anterior	20,44 %	47,65 %	31,91 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-4,7 %	0,38 %	4,32 %

Fonte: Projeto Glam.

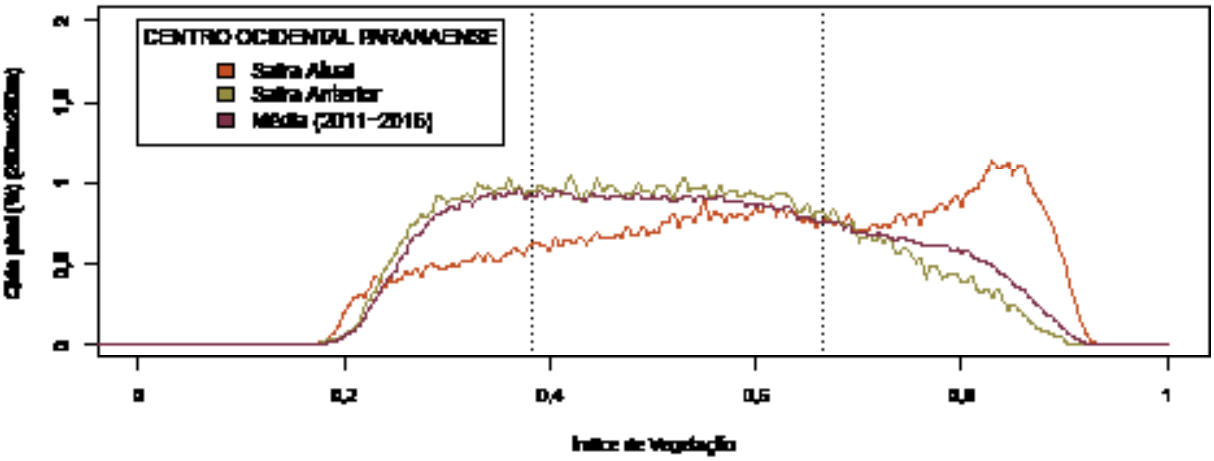
Gráfico 39 - Quantificação de áreas - Norte Central Paranaense



Valores de I.V.	0 – 0,3447	0,3447 – 0,5934	0,5934 – 1
Safra Atual	16,01 %	44,69 %	39,3 %
Safra Anterior	26,84 %	48,53 %	25,64 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-8,99 %	-5,31 %	14,3 %

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 40 - Quantificação de áreas - Centro Ocidental Paranaense



Valores de I.V.	0 – 0,3836	0,3836 – 0,666	0,666 – 1
Safra Atual	17,72 %	41,59 %	40,69 %
Safra Anterior	27,11 %	52,76 %	20,13 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-7,28 %	-8,41 %	15,69 %

Fonte: Projeto Glam.

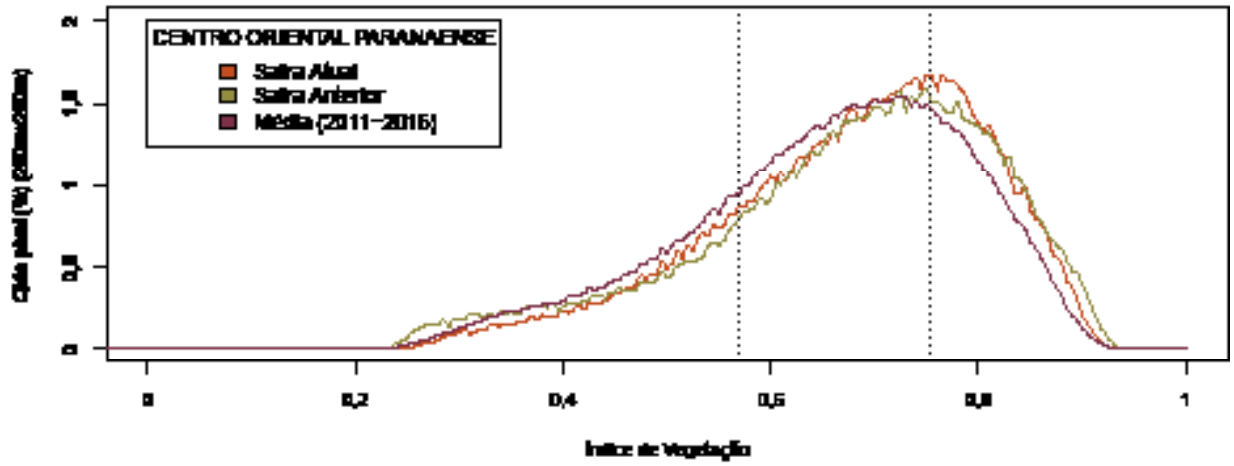
As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que os percentuais de lavouras com médias e altas respostas de IV são os seguintes: a) Oeste: 76% na atual safra contra 73% na safra passada; b) Norte Central: 84% neste ano contra 73% no ano passado; c) Centro Ocidental: 82% na safra atual contra 73% no ano anterior; d) Norte Pioneiro: 80% nos dois últimos anos-safra. Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam:

- Oeste: 7% acima da média dos 6 últimos anos e 10% acima da safra anterior;
- Norte Central: 13% acima da média dos 6 últimos anos e 14% acima da safra anterior;

- Centro Ocidental: 13% acima da média dos 6 últimos anos e 17% acima da safra anterior;
- Norte Pioneiro: 4% acima da média dos 6 últimos anos e 1% abaixo da safra anterior.

b) Regiões mais expressivas em trigo

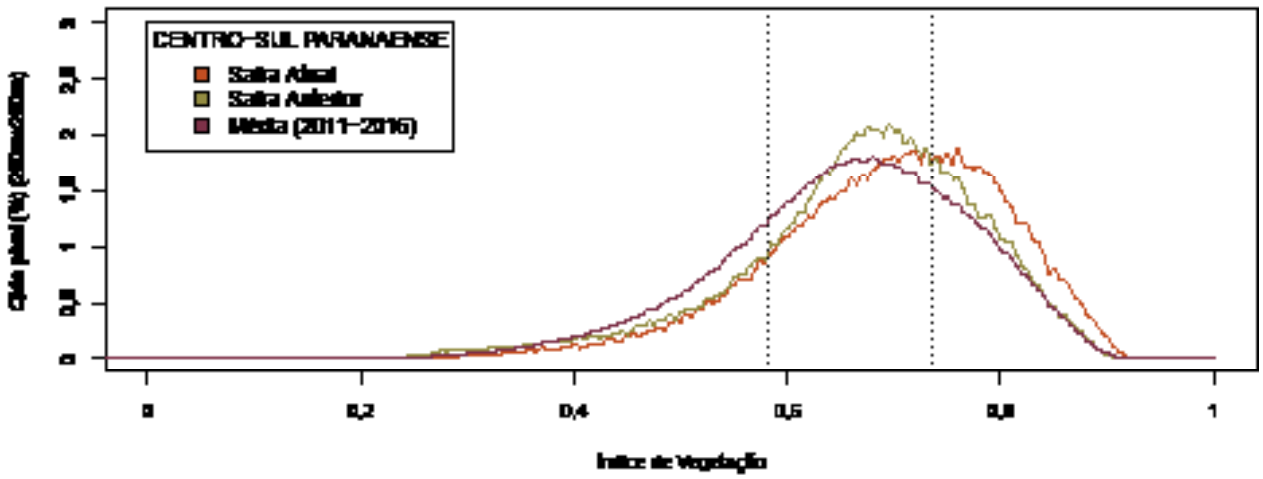
Gráfico 41 - Quantificação de áreas - Centro Oriental Paranaense



Valores de I.V.	0 - 0,5683	0,5683 - 0,7528	0,7528 - 1
Safra Atual	20,27 %	48,2 %	31,53 %
Safra Anterior	21,58 %	46,45 %	31,97 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-4,73 %	-1,8 %	6,53 %

Fonte: Projeto Glam.

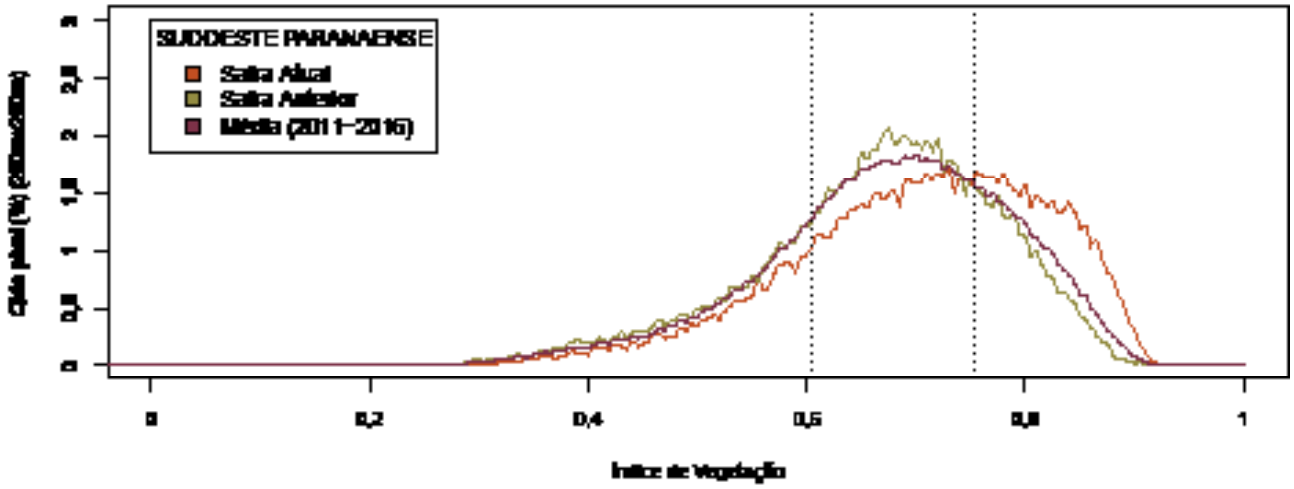
Gráfico 42 - Quantificação de áreas - Centro Sul Paranaense



Valores de I.V.	0 - 0,5826	0,5826 - 0,7363	0,7363 - 1
Safra Atual	15,85 %	46,62 %	37,53 %
Safra Anterior	19,48 %	52,75 %	27,8 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-9,15 %	-3,38 %	12,53 %

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 43 - Quantificação de áreas - Sudoeste Paranaense



Valores de I.V.	0 – 0,605	0,605 – 0,7542	0,7542 – 1
Safra Atual	20,03 %	43,72 %	36,25 %
Safra Anterior	26,56 %	52,41 %	21,03 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-4,97 %	-6,28 %	11,25 %

Fonte: Projeto Glam.

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que os percentuais de lavouras com médias e altas respostas de IV são os seguintes: a) Centro Oriental: 80% neste ano contra 78% no ano anterior; b) Centro Sul: 84% em 2016 contra 81% em 2015; c) Sudoeste: 80% na safra atual contra 73% na safra passada.

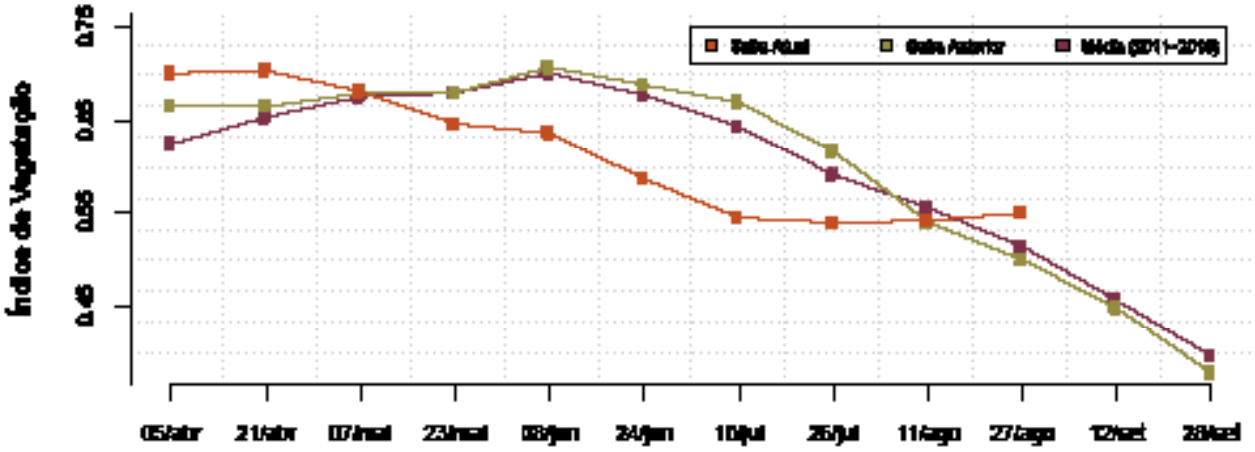
Os cálculos ponderados de todas as áreas agrícolas com seus respectivos valores de IV indicam:

- Centro Oriental: 3% acima da média dos 6 últimos anos e 1% acima da safra anterior;
- Centro Sul: 6% acima da média dos 6 últimos anos e 4% acima da safra anterior;
- Sudoeste: 4% acima da média dos 6 últimos anos e 6% acima da safra anterior.

7.7.1.3. Evolução temporal

a) Regiões mais expressivas em milho segunda safra

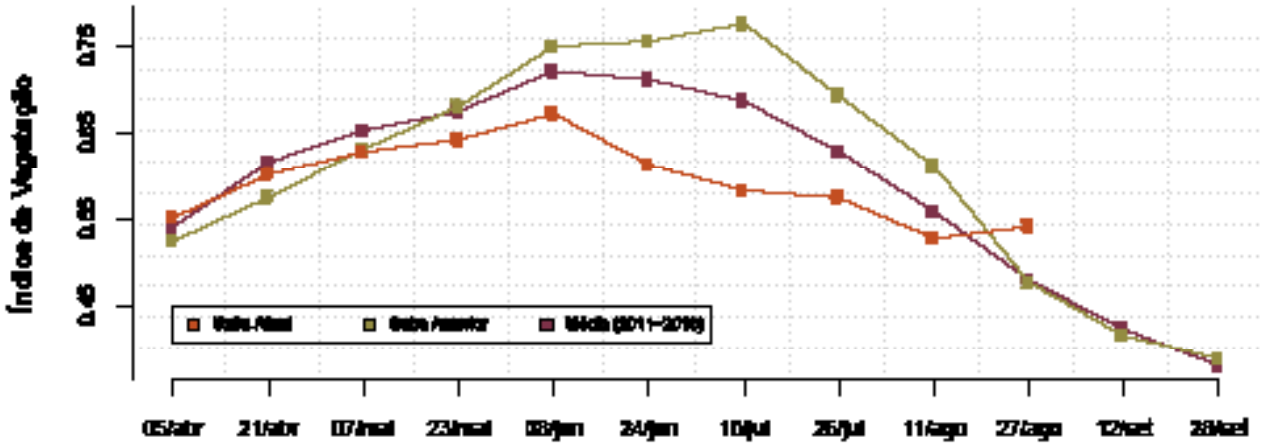
Gráfico 44 - Evolução temporal - Oeste/PR



Data (final do período)	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul	11/ago	27/ago	12/set	28/set
% média	12	8	1	-5	-9	-13	-15	-9	-2	7		
% safra anterior	5	6	0	-5	-10	-15	-19	-12	0	10		
Fases – Trigo	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.

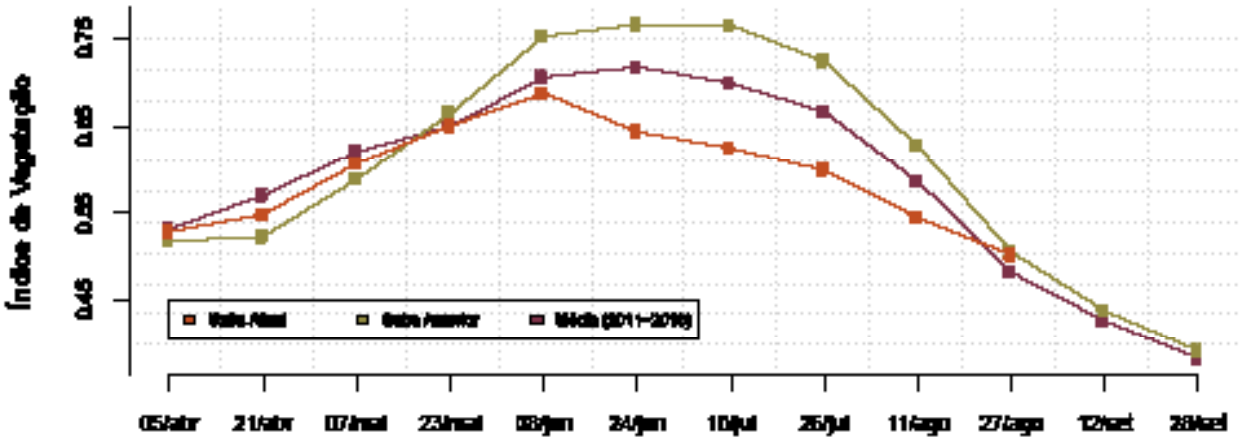
Gráfico 45 - Evolução temporal - Norte Central Paranaense



Data (final do período)	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul	11/ago	27/ago	12/set	28/set
% média	2	-2	-4	-5	-7	-14	-15	-9	-6	13		
% safra anterior	5	5	0	-6	-10	-19	-25	-17	-14	14		
Fases – Trigo	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam..

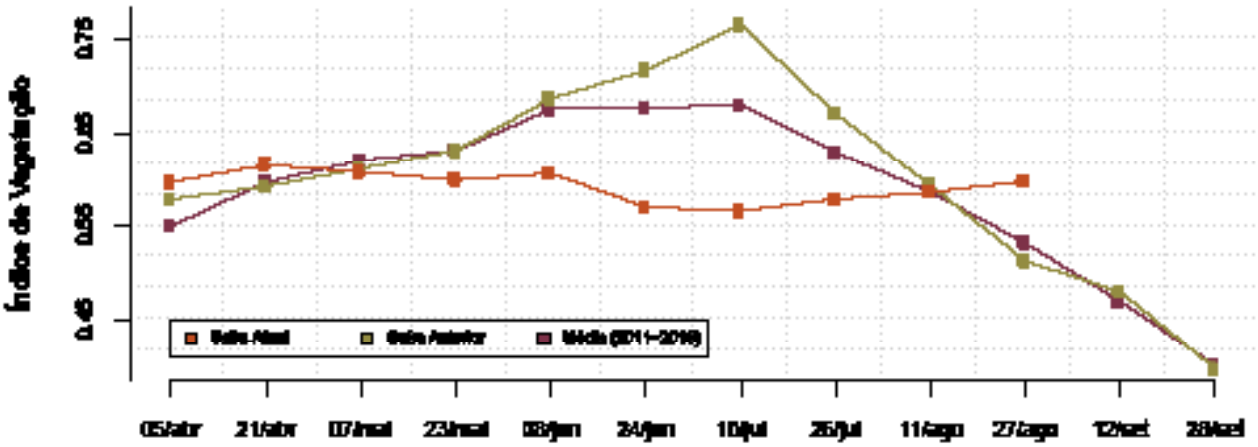
Gráfico 46 - Evolução temporal - Norte-Pioneiro Paranaense



Data (final do período)	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul	11/ago	27/ago	12/set	28/set
% média	0	-4	-2	0	-3	-10	-11	-10	-7	4		
% safra anterior	2	5	3	-2	-9	-16	-18	-17	-13	-1		
Fases – Trigo	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam

Gráfico 47 - Evolução temporal - Centro Ocidental Paranaense



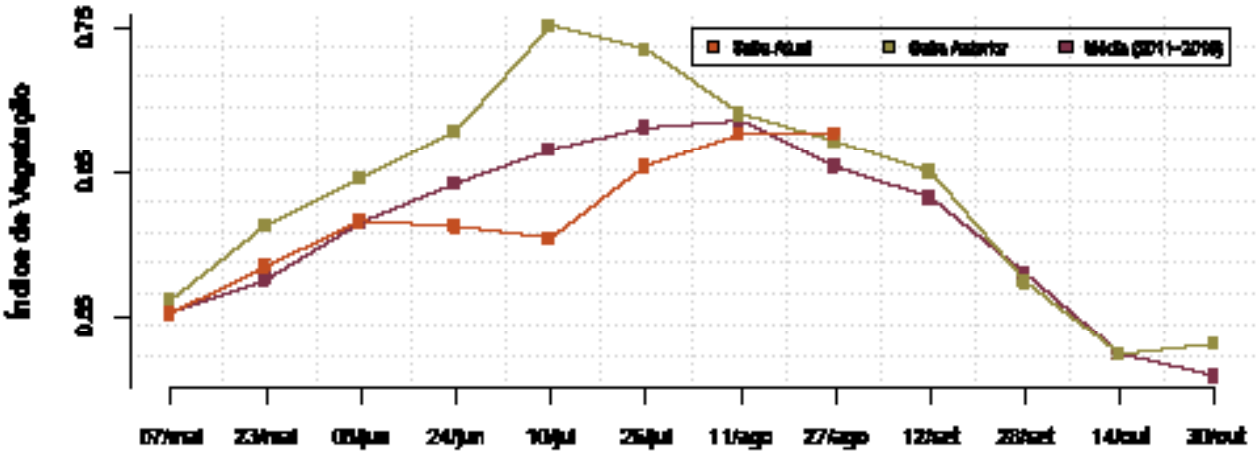
Data (final do período)	05/abr	21/abr	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul	11/ago	27/ago	12/set	28/set
% média	9	3	-2	-5	-10	-16	-17	-8	0	13		
% safra anterior	3	4	-1	-5	-12	-20	-26	-14	-1	17		
Fases – Trigo	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam

Todos os gráficos acima mostram a linha vermelha em queda a partir de junho. Em todos eles a linha da safra atual seguiu abaixo dos anos-safra anteriores por um longo período. Conforme mencionado no mapa, as principais causas foram o déficit hídrico ocorrido em fases reprodutivas, principalmente do milho e geadas em meados de junho. Os cultivos de inverno, inclusive os de cobertura, vem respondendo bem conforme indica a linha vermelha em ascensão agora em agosto. Nestas regiões o ciclo das safras termina no final de setembro, conforme gráficos.

b) Regiões mais expressivas em trigo

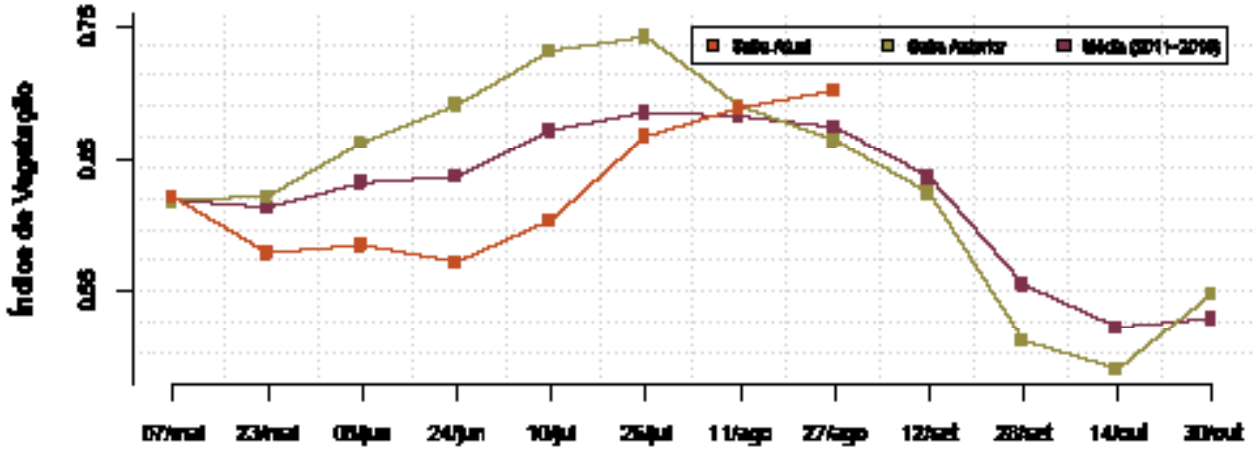
Gráfico 48 - Evolução temporal - Centro Oriental/PR



Data (final do período)	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul	11/ago	27/ago	12/set	28/set	14/out	30/out
% média	0	2	0	-5	-9	-4	-1	3				
% safra anterior	-2	-5	-5	-10	-20	-11	-2	1				
Fases – Trigo	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.

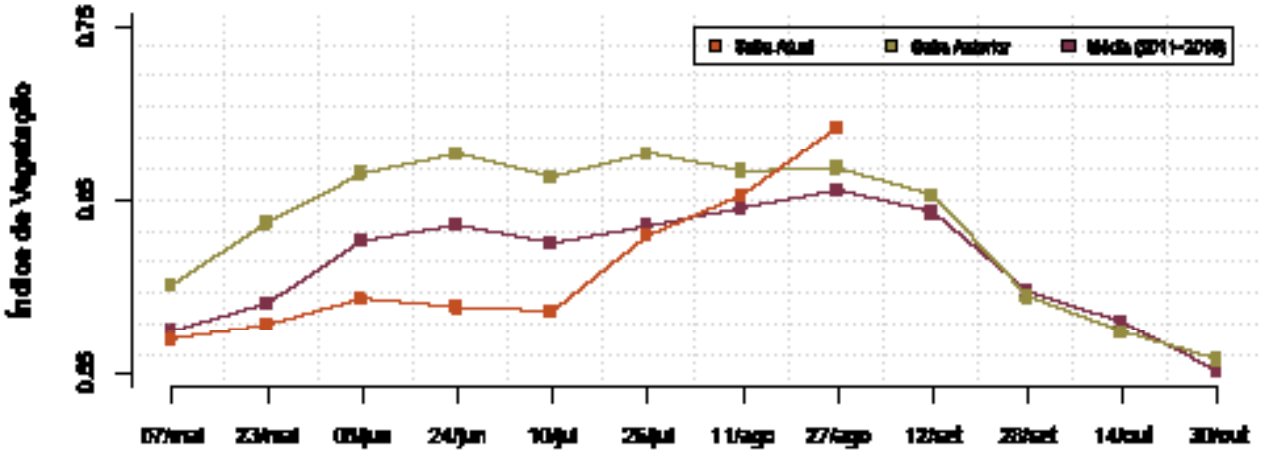
Gráfico 49 - Evolução temporal - Sudoeste/PR



Data (final do período)	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul	11/ago	27/ago	12/set	28/set	14/out	30/out
% média	0	-6	-7	-10	-10	-3	1	4				
% safra anterior	0	-7	-12	-17	-18	-10	0	8				
Fases – Trigo	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 50 - Evolução temporal - Centro Sul/PR



Data (final do período)	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul	11/ago	27/ago	12/set	28/set	14/out	30/out
% média	-1	-2	-5	-7	-6	-1	1	8				
% safra anterior	-5	-9	-11	-13	-12	-7	-2	4				
Fases – Trigo	P	G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M	M/C	C	C

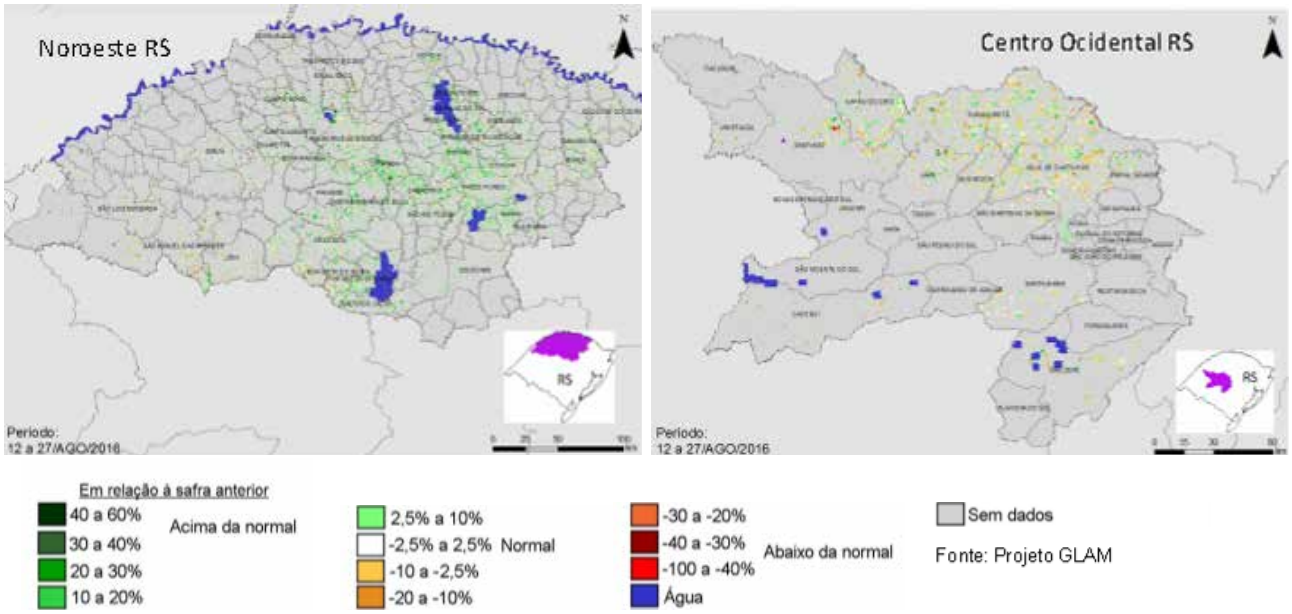
Fonte: Projeto Glam.

Os gráficos mostram que a linha vermelha, correspondente à atual safra, seguiu abaixo da safra passada por longo período. A principal causa foram as geadas em cultivos de cobertura em meados de junho. Mais recentemente, as lavouras estão apresentando bom desenvolvimento conforme mostra a ascensão da linha vermelha a partir de meados de julho. Conforme indicado nos gráficos, nestas regiões o ciclo das safras termina no final de outubro devido a expressiva quantidade de cultivos de inverno.

7.7.2. Rio Grande do Sul

7.7.2.1. Anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada

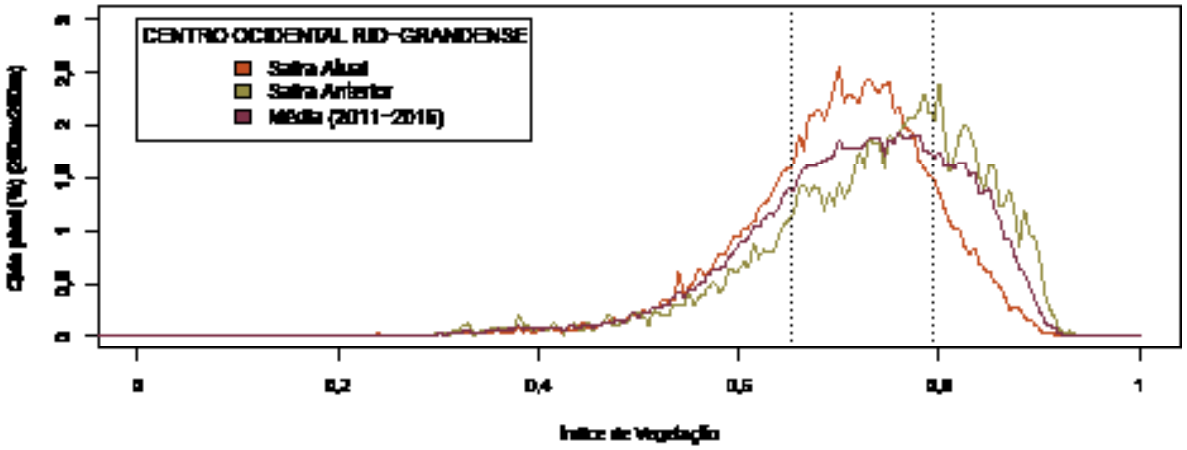
Figura 13 – Mapa de anomalia do IV das lavouras de grãos em relação à safra passada



Nos mapas acima as áreas em verde mostram onde os atuais cultivos de inverno apresentam padrão de desenvolvimento acima do ano passado. No Noroeste do estado estas áreas são mais predominantes que no Centro Ocidental. De modo geral, as condições climáticas tem favorecido as lavouras. As áreas em amarelo, laranja e marrom indicam pouca ou nenhuma atividade de fotossíntese. Há possibilidade de que sejam áreas dessecadas com o propósito de se antecipar o plantio da próxima safra verão em especial do milho. Em branco são áreas com padrão semelhante ao ano anterior.

7.7.2.2. Quantificação de áreas

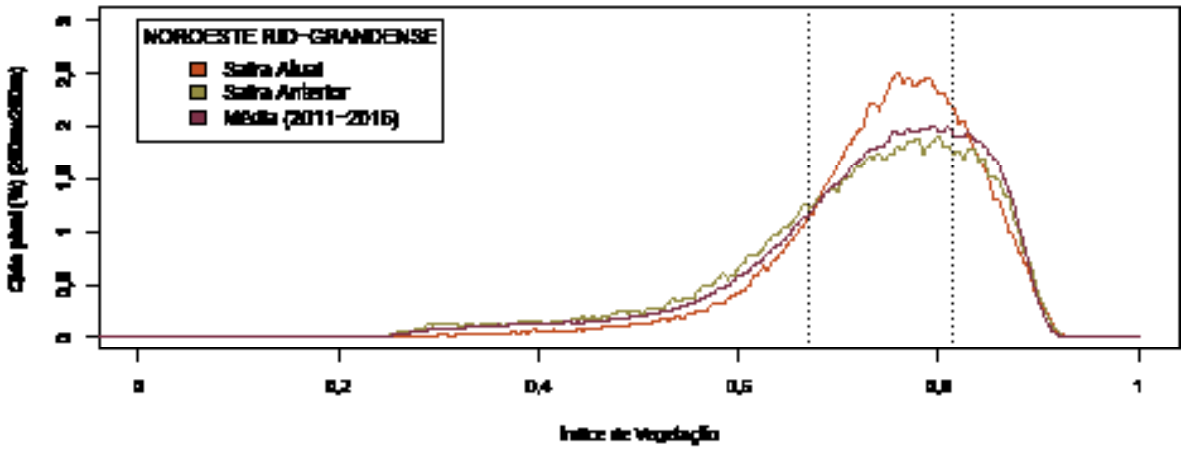
Gráfico 51 - Quantificação de área - Centro Ocidental/RS



Valores de I.V.	0 – 0,652	0,652 – 0,7938	0,7938 – 1
Safra Atual	27,55 %	59,32 %	13,14 %
Safra Anterior	19,97 %	47,5 %	32,53 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	2,55 %	9,32 %	-11,86 %

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 52 - Quantificação de área - Noroeste/RS

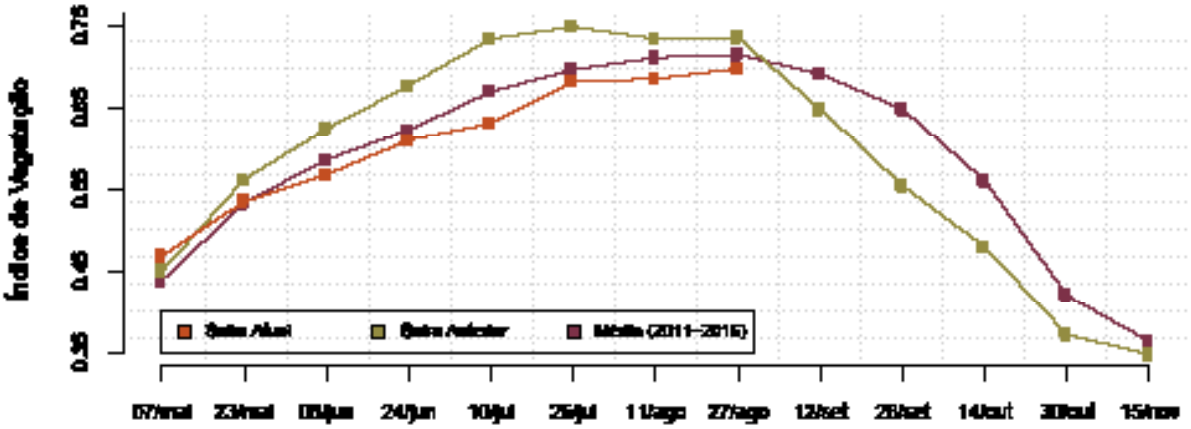


Valores de I.V.	0 – 0,6703	0,6703 – 0,8134	0,8134 – 1
Safra Atual	18,22 %	59,17 %	22,6 %
Safra Anterior	29,23 %	47,4 %	23,37 %
Média (2011-2016)	25 %	50 %	25 %
Diferença (Safra Atual-Média)	-6,78 %	9,17 %	-2,4 %

Fonte: Projeto Glam.

As tabelas dos gráficos de quantificação de áreas mostram que: no Noroeste a atual safra tem 82% de suas lavouras com médios e altos valores de IV contra 71% do ano passado, no mesmo período; no Centro Ocidental os percentuais são: 72% da safra atual contra 80% do ano passado. Em síntese, os cálculos ponderados, integrando todas as faixas de valores de IV e seus respectivos percentuais de lavouras, indicam: no Noroeste são 2% acima da média dos 6 últimos anos e 4% acima da safra passada; no Centro Ocidental são 2% abaixo da média dos 6 últimos anos e 5% abaixo da safra passada.

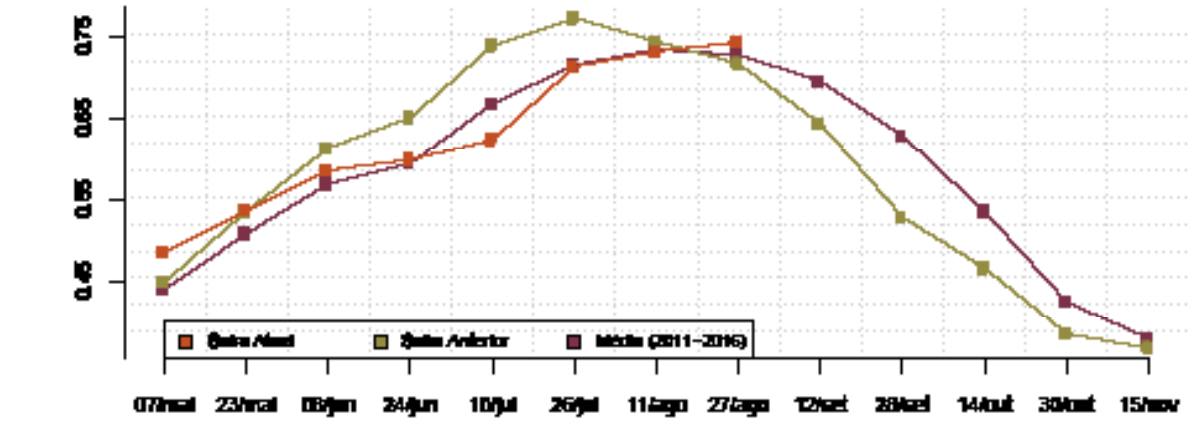
Gráfico 53 - Evolução temporal - Centro Ocidental/RS



Data (final do período)	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul	11/ago	27/ago	12/set	28/set	14/out	30/out	15/nov
% média	7	0	-3	-2	-6	-2	-4	-2					
% safra anterior	4	-5	-9	-10	-14	-9	-7	-6					
Fases – Trigo			P	P/G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.

Gráfico 54 - Evolução temporal - Noroeste/RS



Data (final do período)	07/mai	23/mai	08/jun	24/jun	10/jul	26/jul	11/ago	27/ago	12/set	28/set	14/out	30/out	15/nov
% média	10	6	3	1	-7	0	0	2					
% safra anterior	8	0	-4	-8	-16	-8	-2	4					
Fases – Trigo			P	P/G/DV	DV	DV/F	F/EG	EG	EG	EG/M	M/C	C	C

Fonte: Projeto Glam.

Nos gráficos acima, a linha vermelha abaixo da linha bege em junho indica retardo da conclusão de plantio da atual safra de inverno, em decorrência do solo com baixo armazenamento hídrico. No Noroeste constata-se boa ascensão a partir de julho mostrando bom padrão de desenvolvimento das atuais lavouras de inverno. No Centro Ocidental a ascensão foi menos expressiva ficando abaixo dos anos-safra anteriores. Áreas dessecadas para a semeadura antecipada dos cultivos da safra verão 2016/17, puxaram a linha para esta direção.

8. Análise das culturas

8.1 Culturas de verão

8.1.1. Algodão

A primeira intenção de plantio da lavoura de algodão, nesta temporada apontava para redução na área, variando de 2,3 a 0,1%. Essa redução estava sendo influenciada pela conjuntura adversa, tanto interna quanto externa, onde os estoques internacionais elevados promoviam impactos negativos nos preços da pluma. O encerramento da safra se deu com a área plantada, apresentando redução de 2,2%, atingindo 954,7 mil hectares.

A Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, era estimada apresentar uma pequena elevação na sua área plantada, apresentando um incremento que variava de 1,2 a 3,2% em relação aos 627,6 mil hectares plantados na temporada anterior. Com a definição do plantio, Mato Grosso, maior estado produtor, apresentou o surpreendente incremento de 6,8% na área.

Como pode ser visto, ao longo da temporada, a área plantada com a lavoura experimentou alterações nas suas estimativas influenciada pelas alterações de mercado. A justificativa nos diversos estados produtores estava relacionada principalmente a necessidade de honrar contratos anteriormente firmados. Outro fator para explicar a mudança vinculava-se ao adiantado estágio da comercialização da safra mato-grossense na época do plantio, confirmada pelas fontes locais que estimavam em 37% o montante já comercializado em novembro, ante 23% ocorrido no

mesmo período da safra anterior. Ao longo do desenvolvimento da lavoura ela foi duramente atacada pela instabilidade do clima. O veranico que ocorreu em meados de março e abril afetou as lavouras, fazendo que os capulhos e maçãs não se desenvolvessem na forma ideal. Além disso, o número baixo de capulhos por planta refletiu na redução das produtividades e os ataques do bicudo do algodoeiro tornou-se mais intenso nas regiões produtoras.

Na colheita, a característica observada nessa safra foi a rapidez com que foi executada, quando se compara com os últimos anos. A explicação está relacionada aos fortes investimentos realizados pelos produtores da pluma, com a aquisição de máquinas mais modernas e também de uma parcela significativa de algodão com potencial produtivo alterado, afetado devido à falta de chuva. Essa combinação propiciou maior agilidade na colheita. A estimativa média de produtividade em Mato Grosso ficou definida em 3.664 kg/ha, apresentando queda de 10,5% em relação à safra 2014/15. Apesar da queda de rendimento, a qualidade da fibra colhida foi bem avaliada pelos produtores. A redução no rendimento foi compensada pelo incremento dos preços, que a despeito de ter perdido o fôlego com a entrada do produto da nova safra no mercado, continuou em um patamar elevado com a cotação atingindo R$80,00/arroba, nas principais praças do estado.

Em Goiás, o comportamento do clima foi desfavorável em quase todas as regiões e em praticamente todas as fases da cultura. Os municípios de Cristalina, Luziânia, Paraúna, e Mineiros foram os mais castigados. Como decorrência, as plantas chegaram ao final do ciclo apresentando pequeno porte e com formação de poucos capulhos e maçãs. Em algumas áreas, onde a lavoura já apresentava as plumas expostas, receberam chuvas no final de junho, prejudicando a qualidade da fibra.

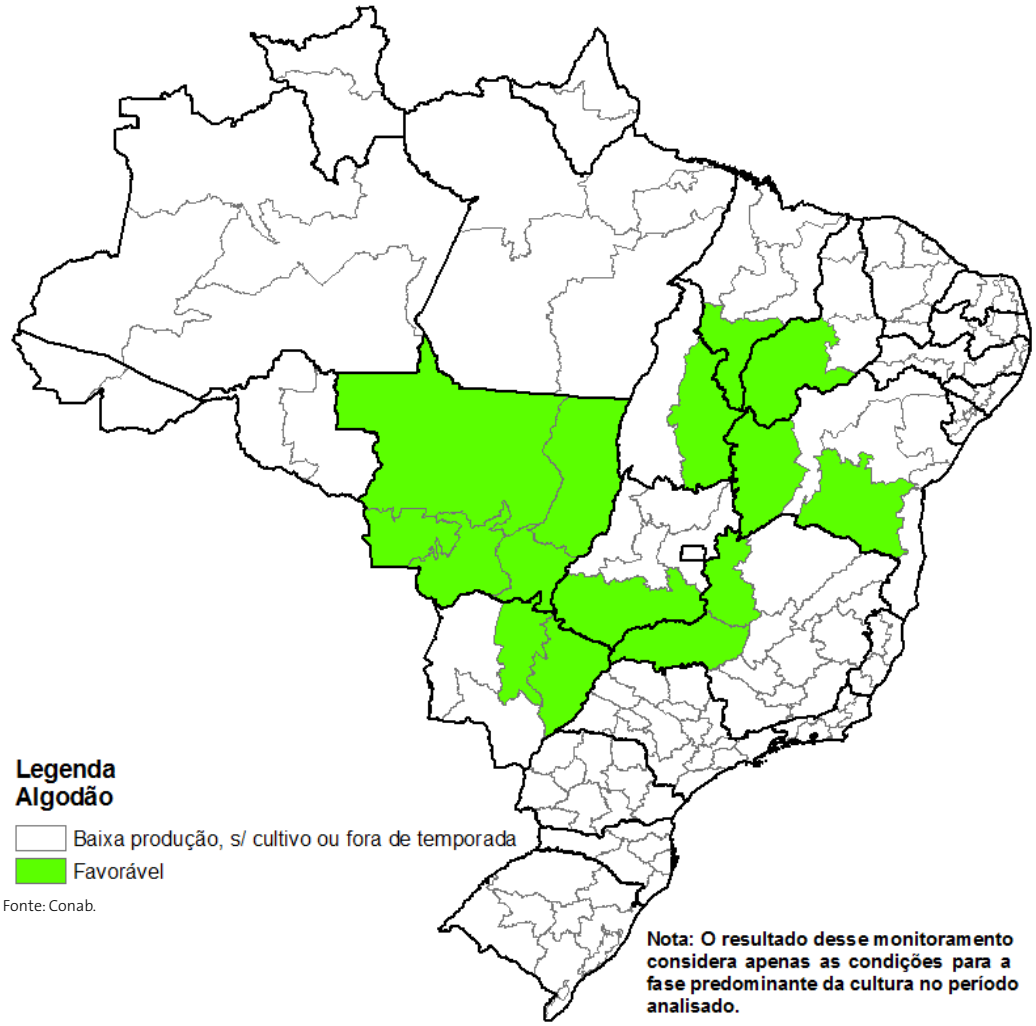
Na Região Sudeste a área de cultivo de algodão apresentou forte incremento de 7,2%. Em Minas Gerais, principal produtor regional, ocorreu um crescimento de 4,3% na área, que passou de 18,8 mil hectares em 2015 para 19,6 mil hectares na atual, somando-se os plantios da safra de verão e da safrinha nas diversas regiões produtoras do estado, vale dizer, na região noroeste, Alto Paranaíba, Triângulo Mineiro e norte de Minas. A lavoura predomina em áreas da agricultura empresarial, mas no norte de Minas a cotonicultura ainda é explorada, também, por agricultores familiares. O plantio foi iniciado em dezembro, mas a maior concentração ocorreu em fevereiro. Se confirmada a expectativa de que a produtividade atinja 3.420 kg/ha, a produção poderá atingir 67 mil toneladas de algodão em caroço, representando um decréscimo de 1% relativamente à safra anterior.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, estava prevista ocorrer forte redução percentual na área plantada, variando de 8 a 5,3%, pressionada pelo desempenho das lavouras na Bahia, principal produtora regional e segunda nacional, onde ocorreu a cessão de parte da área para o plantio de soja. A Região Nordeste foi, nesta temporada, a responsável pela maior redução percentual na área plantada com algodão, 17,5%. Na Bahia, segundo maior produtor nacional, foram cultivados cerca de 235,2 mil hectares, representando redução de 16,3% em relação à temporada passada. Esta redução foi motivada, principalmente, pelos elevados custos da cultura e também pela irregularidade das precipitações pluviométricas deste ano. As áreas produtoras de algodão no estado se concentram na região oeste e na microrregião de Bom Jesus da Lapa e Caetité. Nestas regiões, com predomínio do plantio de sequeiro, cerca de 20.000 hectares foram cultivados em sucessão à soja irrigada, sob o pivô central. A estiagem que vem ocorrendo desde fevereiro influenciou negativamente o crescimento vegetativo dos algodoeiros. A falta de chuvas compromete ainda a qualidade da fibra, além de elevar a participação relativa do custo de produção. Apesar disso, percebe-se uma gradativa redução das áreas de sequeiro e aumento de áreas irrigadas.

Os produtores baianos têm o prazo para concluir toda a colheita e destruir todas as soqueiras até 20 de setembro, quando começa o vazio sanitário para a cultura. A colheita atingiu aproximadamente 62% da área e a destruição das soqueiras, que pode ser realizada de forma mecânica ou química, já ocorreu em aproximadamente 12% da área cultivada.

O décimo segundo levantamento do algodão nacional, nesta temporada, apresenta redução na área plantada de 2,2%, atingindo 954,7 mil hectares, comparada com 976,2 mil hectares do exercício anterior. Os adversos efeitos do clima nas lavouras, provocaram forte redução na produtividade, atingindo 3.380 kg/ha, de 15,6% do observado na temporada anterior. Como consequência, a produção nacional de algodão em caroço atingiu 3.227 mil toneladas, um decréscimo de 17,5% em relação à safra 2014/15.

Figura 14 – Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016

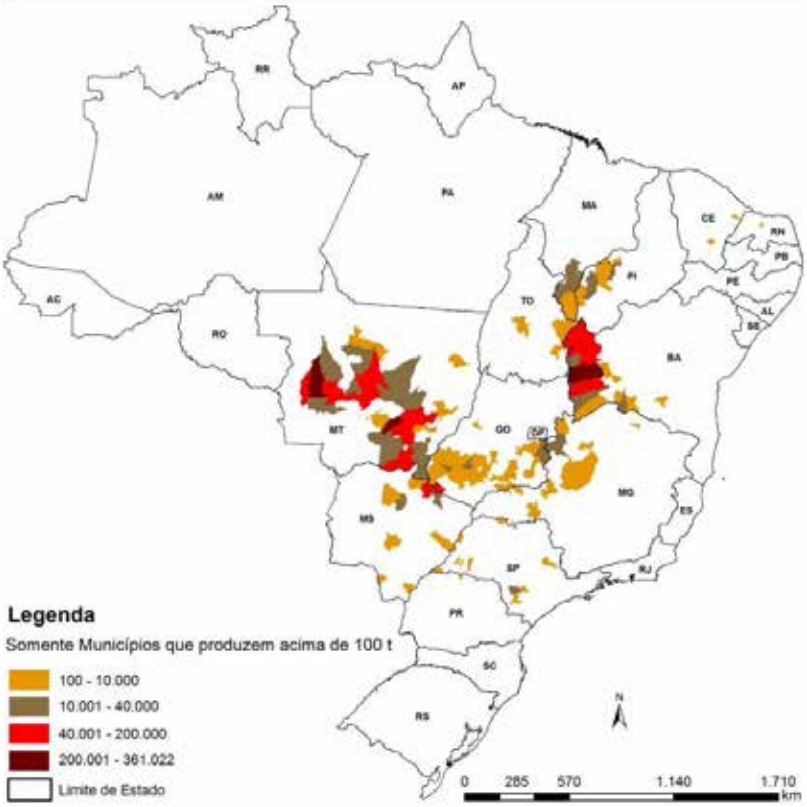


Quadro 3 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em agosto

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Algodão			- leste do TO (C) - sul do MA (C) - sudoeste do PI (C) - oeste e centro-sul da BA (C) - Triângulo e noroeste de MG (C) - centro-norte e leste do MS (C) - todo estado do MT (1ª e 2ª safra) (C) - sul de GO (1ª e 2ª safra) (C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Figura 15 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 18 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**7,7**	**7,3**	**(5,2)**	**3.830**	**2.831**	**(26,1)**	**29,5**	**20,7**	**(29,8)**
TO	7,7	7,3	(5,1)	3.830	2.831	(26,1)	29,5	20,7	(29,8)
NORDESTE	**317,8**	**262,3**	**(17,5)**	**3.851**	**2.703**	**(29,8)**	**1.223,7**	**709,0**	**(42,1)**
MA	21,4	20,9	(2,3)	3.984	3.949	(0,9)	85,3	82,5	(3,3)
PI	14,2	5,5	(61,5)	3.536	1.212	(65,7)	50,2	6,7	(86,7)
CE	0,4	0,3	(25,0)	306	534	74,5	0,1	0,2	100,0
RN	0,3	0,3	-	4.500	4.300	(4,4)	1,4	1,3	(7,1)
PB	0,2	0,1	(50,0)	1.210	414	(65,8)	0,2	-	(100,0)
PE	0,1	-	(100,0)	512	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	-	(100,0)	490	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	235,2	(16,3)	3.836	2.629	(31,5)	1.086,4	618,3	(43,1)
CENTRO-OESTE	**627,6**	**660,4**	**5,2**	**4.106**	**3.656**	**(10,9)**	**2.576,8**	**2.414,4**	**(6,3)**
MT	562,7	600,8	6,8	4.095	3.664	(10,5)	2.304,3	2.201,3	(4,5)
MS	31,1	29,9	(3,9)	4.500	4.148	(7,8)	140,0	124,0	(11,4)
GO	33,8	29,7	(12,1)	3.919	3.000	(23,4)	132,5	89,1	(32,8)
SUDESTE	**22,2**	**23,8**	**7,2**	**3.574**	**3.400**	**(4,9)**	**79,4**	**80,9**	**1,9**
MG	18,8	19,6	4,3	3.600	3.420	(5,0)	67,7	67,0	(1,0)
SP	3,4	4,2	23,5	3.432	3.305	(3,7)	11,7	13,9	18,8
SUL	**0,9**	**0,9**	**-**	**2.179**	**2.179**	**-**	**2,0**	**2,0**	**-**
PR	0,9	0,9	-	2.179	2.179	-	2,0	2,0	-
NORTE/NORDESTE	**325,5**	**269,6**	**(17,2)**	**3.850**	**2.707**	**(29,7)**	**1.253,2**	**729,7**	**(41,8)**
CENTRO-SUL	**650,7**	**685,1**	**5,3**	**4.085**	**3.645**	**(10,8)**	**2.658,2**	**2.497,3**	**(6,1)**
BRASIL	**976,2**	**954,7**	**(2,2)**	**4.007**	**3.380**	**(15,6)**	**3.911,4**	**3.227,0**	**(17,5)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 19 - Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**7,7**	**7,3**	**(5,2)**	**1.532**	**1.137**	**(25,8)**	**11,8**	**8,3**	**(29,7)**
TO	7,7	7,3	(5,1)	1.532	1.132	(26,1)	11,8	8,3	(29,7)
NORDESTE	**317,8**	**262,3**	**(17,5)**	**1.540**	**1.081**	**(29,8)**	**489,4**	**283,6**	**(42,1)**
MA	21,4	20,9	(2,3)	1.594	1.580	(0,9)	34,1	33,0	(3,2)
PI	14,2	5,5	(61,5)	1.414	485	(65,7)	20,1	2,7	(86,6)
CE	0,4	0,3	(25,0)	107	187	74,8	-	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	1.710	1.634	(4,4)	0,5	0,5	-
PB	0,2	0,1	(50,0)	424	145	(65,8)	0,1	-	(100,0)
PE	0,1	-	(100,0)	179	-	(100,0)	-	-	-
AL	0,1	-	(100,0)	172	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	235,2	(16,3)	1.546	1.052	(32,0)	434,6	247,3	(43,1)
CENTRO-OESTE	**627,6**	**660,4**	**5,2**	**1.640**	**1.461**	**(10,9)**	**1.029,2**	**964,6**	**(6,3)**
MT	562,7	600,8	6,8	1.638	1.466	(10,5)	921,7	880,5	(4,5)
MS	31,1	29,9	(3,9)	1.778	1.638	(7,9)	55,3	49,0	(11,4)
GO	33,8	29,7	(12,1)	1.544	1.182	(23,4)	52,2	35,1	(32,8)
SUDESTE	**22,2**	**23,8**	**7,2**	**1.428**	**1.357**	**(5,0)**	**31,7**	**32,3**	**1,9**
MG	18,8	19,6	4,3	1.440	1.368	(5,0)	27,1	26,8	(1,1)
SP	3,4	4,2	23,5	1.356	1.305	(3,8)	4,6	5,5	19,6
SUL	**0,9**	**0,9**	**-**	**778**	**778**	**-**	**0,7**	**0,7**	**-**
PR	0,9	0,9	-	828	828	-	0,7	0,7	-
NORTE/NORDESTE	**325,5**	**269,6**	**(17,2)**	**1.540**	**1.083**	**(29,7)**	**501,2**	**291,9**	**(41,8)**
CENTRO-SUL	**650,7**	**685,1**	**5,3**	**1.631**	**1.456**	**(10,7)**	**1.061,6**	**997,6**	**(6,0)**
BRASIL	**976,2**	**954,7**	**(2,2)**	**1.601**	**1.351**	**(15,6)**	**1.562,8**	**1.289,5**	**(17,5)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 20 - Comparativo de área, produtividade e produção - Caroço de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**7,7**	**7,3**	**(5,2)**	**2.298**	**1.699**	**(26,1)**	**17,7**	**12,4**	**(29,9)**
TO	7,7	7,3	(5,1)	2.298	1.699	(26,1)	17,7	12,4	(29,9)
NORDESTE	**317,8**	**262,3**	**(17,5)**	**2.311**	**1.622**	**(29,8)**	**734,3**	**425,4**	**(42,1)**
MA	21,4	20,9	(2,3)	2.390	2.369	(0,9)	51,2	49,5	(3,3)
PI	14,2	5,5	(61,5)	2.122	727	(65,7)	30,1	4,0	(86,7)
CE	0,4	0,3	(25,0)	199	347	74,4	0,1	0,1	-
RN	0,3	0,3	-	2.790	2.666	(4,4)	0,9	0,8	(11,1)
PB	0,2	0,1	(50,0)	787	269	(65,8)	0,1	-	(100,0)
PE	0,1	-	(100,0)	333	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
AL	0,1	-	(100,0)	319	-	(100,0)	-	-	-
BA	281,1	235,2	(16,3)	2.319	1.577	(32,0)	651,8	371,0	(43,1)
CENTRO-OESTE	**627,6**	**660,4**	**5,2**	**2.466**	**2.195**	**(11,0)**	**1.547,6**	**1.449,8**	**(6,3)**
MT	562,7	600,8	6,8	2.457	2.198	(10,5)	1.382,6	1.320,8	(4,5)
MS	31,1	29,9	(3,9)	2.723	2.510	(7,8)	84,7	75,0	(11,5)
GO	33,8	29,7	(12,1)	2.375	1.818	(23,5)	80,3	54,0	(32,8)
SUDESTE	**22,2**	**23,8**	**7,2**	**2.147**	**2.043**	**(4,9)**	**47,7**	**48,6**	**1,9**
MG	18,8	19,6	4,3	2.160	2.052	(5,0)	40,6	40,2	(1,0)
SP	3,4	4,2	23,5	2.076	2.000	(3,7)	7,1	8,4	18,3
SUL	**0,9**	**0,9**	**-**	**1.351**	**1.351**	**-**	**1,3**	**1,2**	**(7,7)**
PR	0,9	0,9	-	1.351	1.351	-	1,3	1,2	(7,7)
NORTE/NORDESTE	**325,5**	**269,6**	**(17,2)**	**2.310**	**1.624**	**(29,7)**	**752,0**	**437,8**	**(41,8)**
CENTRO-SUL	**650,7**	**685,1**	**5,3**	**2.453**	**2.189**	**(10,8)**	**1.596,6**	**1.499,6**	**(6,1)**
BRASIL	**976,2**	**954,7**	**(2,2)**	**2.406**	**2.029**	**(15,7)**	**2.348,6**	**1.937,4**	**(17,5)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.1.1. Oferta e demanda

Panorama mundial

De acordo com o Comitê Consultivo Internacional do Algodão (Icac), significantes mudanças ocorreram no quadro de oferta e demanda, relativamente ao ano safra 2015/16 e para a previsão de 2016/17. De acordo com o relatório semanal de 23 de agosto de 2016, a produção mundial de pluma na safra 2015/16 deverá ser de 21.220 mil toneladas e de 22.600 mil toneladas para a safra 2016/17. Esses números, em comparação à safra 2014/15, indicam redução de 18,75% e 13,47%, respectivamente. Uma avaliação dos cinco maiores produtores mundiais, ou seja, Índia, China, Estados Unidos, Paquistão e Brasil, nesta ordem, demonstra que todos eles reduzirão sua produção de algodão, fato explicado pelo grande volume de estoque mundial, que se manteve em crescimento até a safra 2014/15.

O consumo mundial segundo o comitê deverá ser de 23.860 mil em 2015/16 e 23.910 mil toneladas em 2016/17. Esses números indicam decréscimo no consumo mundial de 1,4% e 1,19%, respectivamente, em comparação à temporada 2014/15. A menor demanda mundial se justifica pela menor procura chinesa e pela queda no preço do poliéster, principal concorrente do algodão dentre as fibras sintéticas. Em valores absolutos, a retração do consumo total será de 339 mil de toneladas de pluma em 2015/16.

Posto esses números, cabe aqui destacar que a produção mundial total estimada, para a safra 2015/16, será inferior ao consumo mundial em 2.640 mil toneladas, ou seja, menor em 11,06%, fato que não ocorre desde a safra 2009/10. É necessário lembrar que o título de maior consumidor mundial de algodão continua com a China. Estima-se que aquele país irá consumir 7.330 mil toneladas de pluma da safra 2015/16, seguido da Índia com 5.240 mil toneladas e Paquistão com 2.270 mil toneladas.

Posto essas alterações, é imperioso enfatizar que o menor volume de produção mundial contribuirá para uma redução de 12,25% nos estoques mundiais de passagem no ano safra 2015/16, projetado em 19.550 mil toneladas, contra 22.278 mil toneladas em 2014/15. Dessa maneira, a relação estoque versus consumo, no período, passa a ser de 81,94% em 2015/16, contra 92,06% na safra 2014/15. Contudo, é necessário lembrar que cerca de 57,85% dos estoques mundiais no biênio 2015/16 estarão concentrados apenas na China, contra 57,98% da safra anterior.

Panorama nacional

O décimo segundo levantamento de avaliação da safra 2015/16 aponta para uma redução de 17,5% na produção de pluma em comparação com 2014/15. Esse movimento de queda na produção reflete a grande valorização do dólar frente ao real em 2015 e início de 2016, e queda da produtividade trazida por problemas climáticos no Centro-Oeste e Nordeste brasileiro.

Além disso, a redução da atividade econômica brasileira é refletida diretamente nos investimentos da indústria têxtil que segue reduzindo seu consumo, ora estimado em 720 mil toneladas para a safra 2015/16. Cabe ainda indicar outros indicadores destacando forte redução no consumo nacional de pluma, segundo a pesquisa industrial realizada pelo IBGE, a variação percentual acumulada da produção física de produtos têxteis de janeiro a junho indica uma redução de 12%.

O total das exportações brasileiras de algodão em 2015 foi de 834,3 mil toneladas, ou seja, montante 11,14% superior ao volume exportado em 2014, fato que indica uma maior parcela do comércio internacional de pluma ocupada pelo país. Tal excedente poderia ter sido consumido no mercado interno se não fosse a retração da atividade econômica no Brasil e, por conseguinte, do consumo da indústria têxtil nacional. A princípio, para 2016, a Conab mantém uma estimativa de embarque de 740 mil toneladas para o mercado externo.

Configuração do quadro de oferta e demanda

Diante do cenário apresentado, a Conab projeta a seguinte configuração para 2016: Oferta total do produto (Estoque inicial + produção + importação) de 1.658,5 toneladas, enquanto que a demanda total (consumo interno + exportação) de 1.460 mil toneladas. Portanto, a previsão de estoque de passagem para o encerramento de 2016 passa a ser de 198,5 mil toneladas de pluma.

Tabela 21 - Algodão - Oferta e demanda

DISCRIMINAÇÃO (mil t.)	2011	2012	2013	2014	2015 (1)	2016 (2)
O F E R T A (1+2+3)	**2.180,0**	**2.418,5**	**1.798,2**	**2.070,5**	**2.003,3**	**1.658,5**
1.Estoque Inicial	76,0	521,7	470,5	305,1	438,4	349,0
2. Producão	1.959,8	1.893,3	1.310,3	1.734,0	1.562,8	1.289,5
- Centro/Sul	**1.262,4**	**1.343,2**	**905,1**	**1.192,0**	**1.061,6**	**997,6**
- Norte/Nordeste	697,4	550,1	405,2	542,0	501,2	291,9
3. Importacões	144,2	3,5	17,4	31,5	2,1	20,0
4. D E M A N D A (5+6)	**1.658,3**	**1.948,0**	**1.493,1**	**1.632,1**	**1.654,3**	**1.460,0**
5. Consumo Interno	**900,0**	**895,2**	**920,2**	**883,5**	**820,0**	**720,0**
6. Exportacões	**758,3**	**1.052,8**	**572,9**	**748,6**	**834,3**	**740,0**
7. Estoque Final (1-4)	**521,7**	**470,5**	**305,1**	**438,4**	**349,0**	**198,5**
Meses de Uso	**3,8**	**2,9**	**2,5**	**3,2**	**2,5**	**1,6**

Fonte: Conab.

8.1.2. Amendoim

8.1.2.1. Amendoim primeira safra

Tabela 22 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	**92,5**	**105,1**	**13,6**	**3.315**	**3.543**	**6,9**	**306,6**	**372,4**	**21,5**
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.800	13,8	9,0	7,6	(15,6)
SP	89,8	103,1	14,8	3.314	3.538	6,8	297,6	364,8	22,6
SUL	**5,2**	**5,2**	**-**	**2.429**	**3.149**	**29,6**	**12,7**	**16,4**	**29,1**
PR	2,2	1,8	(18,2)	2.400	2.674	11,4	5,3	4,8	(9,4)
RS	3,0	3,4	13,3	2.450	3.400	38,8	7,4	11,6	56,8
CENTRO-SUL	**97,7**	**110,3**	**12,9**	**3.268**	**3.524**	**7,9**	**319,3**	**388,8**	**21,8**
BRASIL	**97,7**	**110,3**	**12,9**	**3.268**	**3.524**	**7,9**	**319,3**	**388,8**	**21,8**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.2.2. Amendoim segunda safra

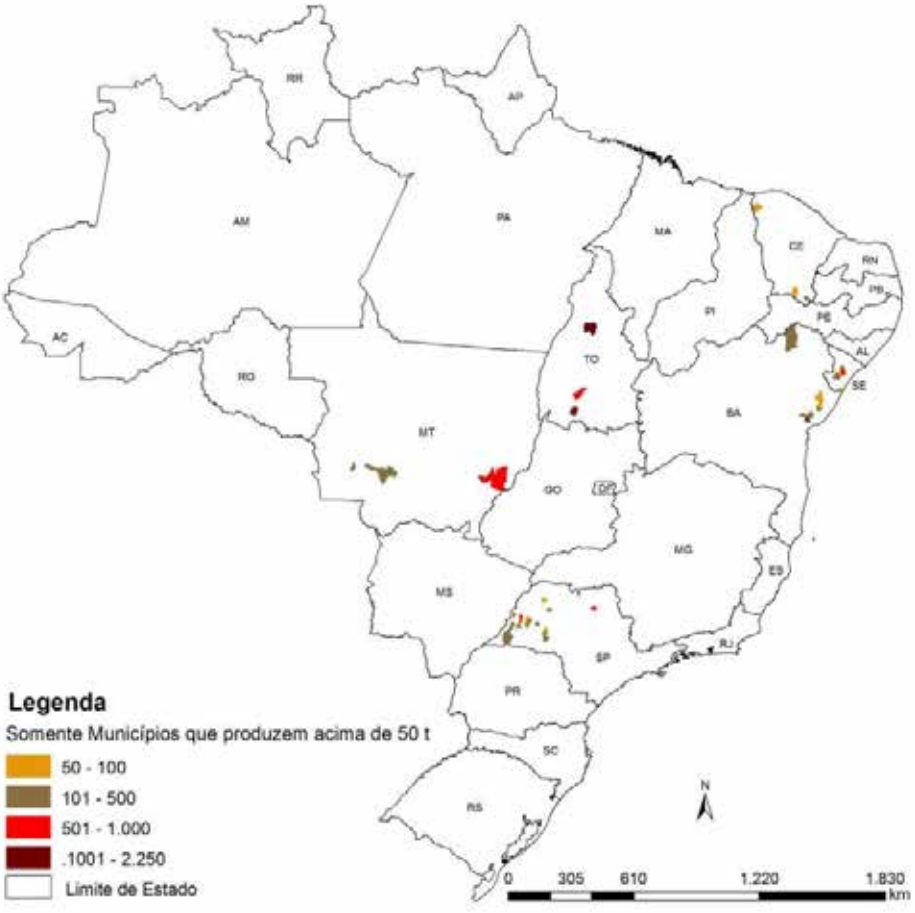
Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**2,4**	**0,7**	**(70,8)**	**3.873**	**1.740**	**(55,1)**	**9,3**	**1,2**	**(87,1)**
TO	2,4	0,7	(69,2)	3.873	1.740	(55,1)	9,3	1,2	(87,1)
NORDESTE	**3,3**	**3,4**	**3,0**	**1.156**	**989**	**(14,4)**	**3,9**	**3,3**	**(15,4)**
CE	0,4	0,3	(25,0)	662	368	(44,4)	0,3	0,1	(66,7)
PB	0,3	0,5	66,7	609	433	(28,9)	0,2	0,2	-
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	**0,2**	**0,1**	**(50,0)**	**1.848**	**1.403**	**(24,1)**	**0,4**	**0,1**	**(75,0)**
MT	0,2	0,1	(50,0)	1.848	1.403	(24,1)	0,4	0,1	(75,0)
SUDESTE	**5,3**	**5,1**	**(3,8)**	**2.615**	**2.490**	**(4,8)**	**13,9**	**12,7**	**(8,6)**
SP	5,3	5,1	(3,8)	2.615	2.490	(4,8)	13,9	12,7	(8,6)
NORTE/NORDESTE	**5,7**	**4,1**	**(28,1)**	**1.805**	**2.299**	**27,4**	**13,2**	**4,5**	**(65,9)**
CENTRO-SUL	**5,5**	**5,2**	**(5,5)**	**2.587**	**2.511**	**(2,9)**	**14,3**	**12,8**	**(10,5)**
BRASIL	**11,2**	**9,3**	**(17,0)**	**2.441**	**2.403**	**(1,5)**	**27,5**	**17,3**	**(37,1)**

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

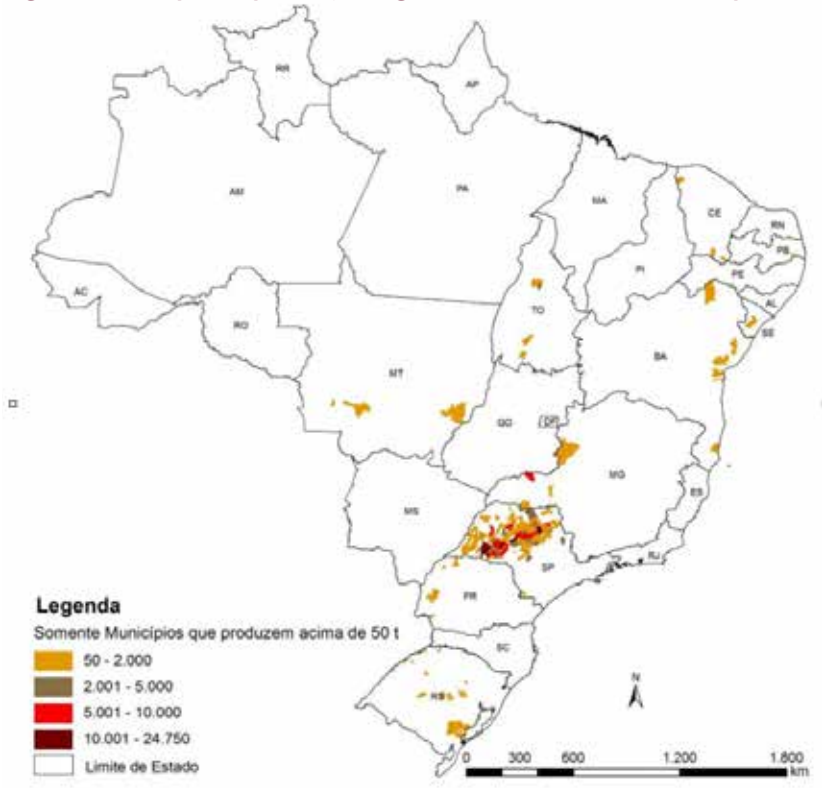
Figura 16 - Mapa da produção agrícola - amendoim segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

8.1.2.3. Amendoim total

Figura 17 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**2,4**	**0,7**	**(70,8)**	**3.873**	**1.740**	**(55,1)**	**9,3**	**1,2**	**(87,1)**
TO	2,4	0,7	(70,8)	3.873	1.740	(55,1)	9,3	1,2	(87,1)
NORDESTE	**3,3**	**3,4**	**3,0**	**1.156**	**989**	**(14,4)**	**3,9**	**3,3**	**(15,4)**
CE	0,4	0,3	(25,0)	662	368	(44,4)	0,3	0,1	(66,7)
PB	0,3	0,5	66,7	609	433	(28,9)	0,2	0,2	-
SE	1,1	1,1	-	1.605	1.393	(13,2)	1,8	1,5	(16,7)
BA	1,5	1,5	-	1.068	1.003	(6,1)	1,6	1,5	(6,3)
CENTRO-OESTE	**0,2**	**0,1**	**(50,0)**	**1.848**	**1.403**	**(24,1)**	**0,4**	**0,1**	**(75,0)**
MT	0,2	0,1	(50,0)	1.848	1.403	(24,1)	0,4	0,1	(75,0)
SUDESTE	**97,8**	**110,2**	**12,7**	**3.277**	**3.494**	**6,6**	**320,5**	**385,1**	**20,2**
MG	2,7	2,0	(25,9)	3.338	3.800	13,8	9,0	7,6	(15,6)
SP	95,1	108,2	13,8	3.275	3.489	6,5	311,5	377,5	21,2
SUL	5,2	5,2	-	2.429	3.149	29,6	12,7	16,4	29,1
PR	2,2	1,8	(18,2)	2.400	2.674	11,4	5,3	4,8	(9,4)
RS	3,0	3,4	13,3	2.450	3.400	38,8	7,4	11,6	56,8
NORTE/NORDESTE	**5,7**	**4,1**	**(28,1)**	**2.300**	**1.117**	**(51,4)**	**13,2**	**4,5**	**(65,9)**
CENTRO-SUL	**103,2**	**115,5**	**11,9**	**3.231**	**3.477**	**7,6**	**333,6**	**401,6**	**20,4**
BRASIL	**108,9**	**119,6**	**9,8**	**3.183**	**3.396**	**6,7**	**346,8**	**406,1**	**17,1**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.3. Arroz

A produção de arroz, na safra 2015/16, encerrou a temporada com redução de 12,5% na área plantada e 2,6% na produtividade. A produção atingiu 10.602,9 mil toneladas, representando decréscimo de 14,8% em relação ao exercício anterior. As primeiras análises dos números da cultura do arroz para a safra 2015/16, realizadas pela Conab, indicavam leve redução na área plantada, sugerindo uma queda entre 1% e 3,2% em relação à safra passada. Essa tendência ficava evidenciada na maioria dos estados produtores.

No Rio Grande do Sul, maior estado produtor do cereal, representando na safra 2014/15 quase 70% da produção brasileira, havia indicativo de redução da área plantada e nas produtividades. A área plantada estava estimada entre 1,08 e 1,09 milhão de hectares, ante ao 1,12 milhão de hectares da safra passada. Com uma produtividade média esperada de 7.466 kg/ha, a produção total deverá ficar entre 8,07 e 8,21 milhões de toneladas, 6,4% ou 4,8% menor que a safra 2014/15. A previsão de chuvas em excesso no momento de implantação da safra poderia alterar os números de área, mas se trabalhava com a possibilidade que em anos onde não há falta de água as produtividades daquele estado se apresentam extremamente favoráveis, haja vista a profissionalização do orizicultor e a tecnificação das lavouras. A semeadura da lavoura de arroz da safra 2015/16 teve seu calendário oficial de plantio ampliado em função das chuvas intensas e frequentes, além das cheias dos rios que alagaram as lavouras ribeirinhas. O rio Uruguai apresentou seis enchentes durante os períodos de preparo e semeadura, represando afluentes onde se localiza boa parte das lavouras da fronteira oeste além do rio Jacuí e seus afluentes, localizados no centro do estado. O desenvolvimento das primeiras áreas semeadas foi bastante prejudicado. A falta de luminosidade foi apontada como causa principal, somando-se à diminuição da disponibilidade de nutrientes, pois o fertilizante aplicado foi arrastado pelo excesso de água que transitou pelas lavouras. A consequência foi o atraso no ciclo da cultura, aumento do custo de produção e do risco para obtenção da produtividade necessária. Em vários casos o estande da lavoura ficou menor do que o ideal e o perfilhamento (afilhamento) abaixo do esperado, para o estádio atual da cultura, o que traz indícios de produtividade menor e justifica a produtividade inferior à safra passada.

Em Santa Catarina as avaliações iniciais indicavam que o clima para o plantio seria favorável. Com o inverno menos frio os produtores anteciparam a semeadura do arroz. A oferta de crédito e de insumos para o plantio se apresentava dentro da normalidade e indicava uma lavoura com possibilidade de utilizar alto nível de tecnologia e os produtores otimistas quanto à nova safra, especialmente devido aos preços praticados no mercado do arroz, que estavam acima dos preços mínimos. Em Santa Catarina o "veranico" antecipado fez que os produtores também antecipassem a semeadura. De qualquer forma, neste período ocorreram chuvas acima da média no estado, fazendo que os reservatórios de água e os rios que fornecem água para irrigação apresentassem volumes adequados para fornecimento às lavouras. No município de Tubarão se constatou atraso no plantio devido ao excesso de chuvas. Nesse município se concentra a maior área plantada do estado e se utiliza, em sua maioria, o sistema de plantio direto (80%). No entanto, com excesso de umidade no solo, os produtores não conseguiam avançar com o plantio, resultando o atraso das lavouras semeadas. Devido ao excesso de chuvas em Santa Catarina, observou-se leve redução na produtividade e na produção. Nos demais locais do estado a semeadura ocorreu dentro da normalidade. Nas regiões do vale do Itajaí e litoral norte do estado, a semeadura começou no final de junho, enquanto que na região sul o plantio se deu a partir de setembro. Ao longo do desenvolvimento vegetativo das lavouras o clima foi, em geral, favorável para o plantio da safra.

No Paraná o cultivo do arroz ocorre na forma irrigada e em regime de sequeiro. A área plantada de sequeiro atingiu 8.838 hectares e a irrigada 19.215 hectares, registrando recuo em relação à safra passada de 19% na de sequeiro e aumento de 3% na irrigada. No geral, houve redução de 8,4% na área plantada de arroz no Paraná, compensado pelo aumento de 11,7% na produtividade e a produção total chegou a 162,7 mil toneladas.

Havia uma tendência de aumento na área de arroz irrigado e diminuição no arroz de sequeiro, pois na safra 2014/15 foram 7.781 hectares de arroz de sequeiro e 19.394 hectares de arroz irrigado. Na safra 2015/16 estavam previstos o plantio de 7.087 hectares de arroz de sequeiro e 19.638 hectares de arroz irrigado. Isso representou recuo de 9% na área de sequeiro e aumento de 1% na área de arroz irrigado. Essa tendência, nos últimos anos, está alterando para cima os índices de produtividade da lavoura.

Na Região Centro-Oeste havia indicações de forte redução na área e na produtividade. Historicamente, em Mato Grosso a lavoura de arroz é utilizada para abertura de áreas novas, o que vem reduzindo ano a ano. Inicialmente era esperado um aumento na área de arroz segunda safra. Entretanto, com o atraso do plantio da soja, a janela para o plantio do arroz na segunda safra ficou comprometida, resultando na expectativa

de diminuição da área dessa cultura. A produtividade, fortemente influenciada pelo comportamento do clima, estimava-se apresentar forte redução em relação à safra passada. Em Mato Grosso houve necessidade de replantio em algumas áreas em função da baixa germinação das sementes utilizadas, fato que pode ser resultante da utilização de sementes comuns utilizadas em boa parte da área cultivada e estimada em torno de 40% do total plantado. O fato é que a cultura do arroz vem perdendo área nas últimas safras, registrando redução de 18,9% em relação à safra passada, perfazendo uma área de 152,5 mil hectares. A exceção para esta tendência está na região do Araguaia, onde houve incremento de 27% na área plantada, utilizada principalmente para renovação de pastagens e abertura de novas áreas.

Em Mato Grosso do Sul as maiores áreas cultivadas estão localizadas nos municípios de Miranda, Rio Brilhante e Dourados. O plantio do estado é realizado de forma escalonada, estendendo-se de agosto a janeiro. Nos últimos anos a cultura vem apresentando diminuição de área em virtude da competição com o arroz dos estados do sul do país, mais especificamente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O setor agroindustrial do Mato Grosso do Sul tem dificuldade de introduzir o arroz beneficiado no mercado, tendo em vista a forte concorrência com outros estados. Segundo informações, este ano os bancos oficiais não disponibilizaram linhas de crédito para a cultura do arroz em Mato Grosso do Sul, mais um motivo que desestimulou os produtores desta cultura, reduzindo a área plantada nesta temporada em 22,7%, com relação ao exercício anterior.

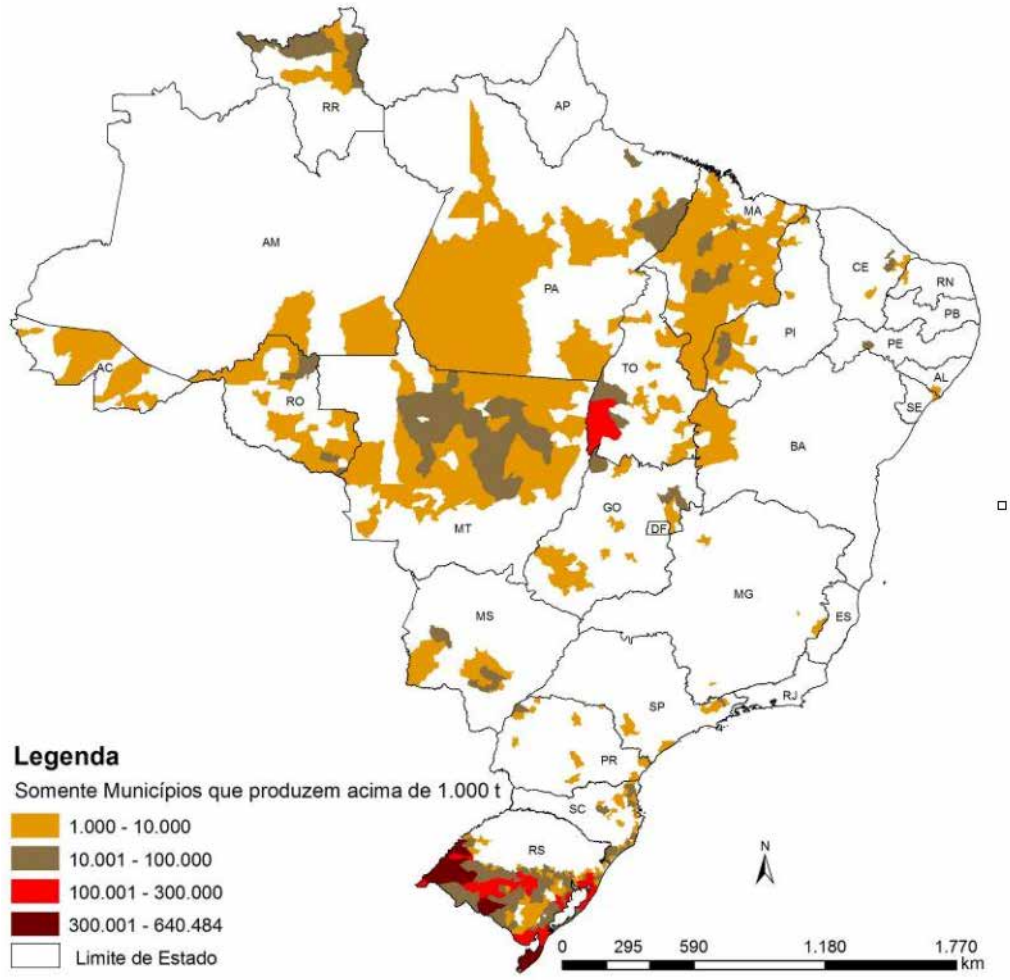
Na Região Sudeste se estimava que a área plantada nesta safra fosse superior em 6,5% maior, comparada à passada. Da mesma forma se esperava aumento nas produtividades das lavouras de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, gerando uma expectativa de forte aumento na produção. Na primeira estimativa do arroz em Minas Gerais foi mantida a área de 12 mil hectares cultivados na safra 2014/15. Essa estimativa sofreu fortes ajustes nos levantamentos posteriores devido a diversos fatores, como à baixa competitividade desta cultura em relação a outras mais rentáveis, vulnerabilidade aos riscos climáticos e às restrições ao cultivo em terras baixas. As lavouras são conduzidas predominantemente por produtores tradicionais, em pequenas áreas e com baixo nível tecnológico e se destinam basicamente ao consumo próprio, com eventuais excedentes sendo comercializados em mercados locais e regionais. O plantio ocorre, normalmente, entre outubro e dezembro. As questões ligadas ao clima e o elevado risco embutido promoveram forte redução da área em todos os estados da Região Sudeste, com o fechamento da safra, apresentando um percentual de 38% em relação à safra anterior, trazendo também forte repercussão na produção, que apresentou redução de 28,9%.

Na Região Norte, segunda maior produtora do país, os dados indicavam que a área plantada de arroz, nesta temporada, ficaria estável ou com uma leve queda, variando de 251,9 a 263,7 mil hectares. Em Tocantins, Rondônia e Pará, o início do plantio do arroz acontece a partir do dia 15 de setembro, com a incidência das primeiras chuvas. Essa lavoura, em épocas anteriores, era utilizada para a abertura de novas áreas. Atualmente existem algumas áreas com boa disponibilidade hídrica e outras que eram pastagens, que se planta arroz para recuperação das áreas a partir da aplicação de fertilizantes. Atualmente há pouca ou nenhuma abertura de novas áreas e a tendência é de redução da área. Em Rondônia existem três grandes empresas comercializadoras de arroz que financiam as lavouras existentes. A cultura de arroz é acompanhada pelas empresas que comercializam a maior parte desse produto. Essas empresas fornecem aos produtores, adubos, inseticidas, insumos, óleo combustível, existindo fomento privado para a cadeia produtiva do arroz.

A redução de área também foi identificada na Região Nordeste, onde a produção se caracteriza historicamente por ser pouco significativa. Nesta safra, a forte queda na área plantada derivou das severas condições climáticas que afetou praticamente toda a agricultura da região. Além disso, a baixa competitividade frente ao arroz vindo de outros estados produtores, o alto custo local de implantação da lavoura e a necessidade de condições hídricas favoráveis para se atingir bons índices de produtividade que compensem o investimento, reduzem historicamente as áreas com o cereal.

No Maranhão e Piauí, maiores produtores da região, o cultivo do arroz e o manejo da lavoura são utilizados para subsistência e comercialização do pequeno excedente, associado aos agricultores familiares com a utilização mínima de tecnologia, expressado, frequentemente, em baixos rendimentos. No Piauí ocorreu redução de 36,2% na produtividade, fortemente afetada pela estiagem. No Maranhão, em função da forte redução na área plantada, a produção declinou 45,9% em relação ao ano passado. A lavoura que era bastante utilizada na abertura de novas áreas para expansão dos cultivos de soja, milho e algodão, é uma alternativa que vem sendo abandonada pelos grandes e médios agricultores devido à baixa lucratividade que a cultura do arroz proporciona e devido a lançamentos de pacotes tecnológicos que já permitem o plantio de soja em áreas novas. A área regional plantada apresentou, nesta temporada, redução de 40,6% em relação ao exercício anterior.

Figura 18 – Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 25 - Comparativo de área, produtividade e produção - Arroz

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**261,7**	**265,4**	**1,4**	**3.797**	**3.835**	**1,0**	**993,6**	**1.017,8**	**2,4**
RR	12,0	8,6	(28,3)	6.500	7.023	8,0	78,0	60,4	(22,6)
RO	44,3	42,6	(3,8)	2.859	3.423	19,7	126,7	145,8	15,1
AC	6,7	5,1	(24,0)	1.143	1.353	18,4	7,7	6,9	(10,4)
AM	3,4	1,9	(44,1)	2.189	2.290	4,6	7,4	4,4	(40,5)
AP	1,9	1,5	(21,0)	865	918	6,1	1,6	1,4	(12,5)
PA	65,9	72,9	10,6	2.537	2.520	(0,7)	167,2	183,7	9,9
TO	127,5	132,8	4,2	4.745	4.632	(2,4)	605,0	615,2	1,7
NORDESTE	**476,6**	**283,3**	**(40,6)**	**1.458**	**1.389**	**(4,7)**	**694,7**	**393,7**	**(43,3)**
MA	349,8	181,5	(48,1)	1.418	1.478	4,2	496,0	268,3	(45,9)
PI	95,1	79,1	(16,8)	1.184	755	(36,2)	112,6	59,7	(47,0)
CE	12,5	4,7	(62,4)	1.436	648	(54,9)	18,0	3,0	(83,3)
RN	0,9	1,0	11,1	2.590	2.931	13,2	2,3	2,9	26,1
PB	0,9	0,8	(11,0)	53	197	271,7	-	0,2	-
PE	0,2	0,3	50,0	4.500	4.500	-	0,9	1,4	55,6
AL	2,7	3,0	11,0	5.720	5.720	-	15,4	17,2	11,7
SE	6,0	5,1	(15,0)	7.102	7.255	2,2	42,6	37,0	(13,1)
BA	8,5	7,8	(8,3)	812	510	(37,2)	6,9	4,0	(42,0)
CENTRO-OESTE	**234,2**	**192,5**	**(17,8)**	**3.582**	**3.159**	**(11,8)**	**838,9**	**608,0**	**(27,5)**
MT	188,1	152,5	(18,9)	3.257	2.876	(11,7)	612,6	438,6	(28,4)
MS	18,1	14,0	(22,7)	6.160	4.860	(21,1)	111,5	68,0	(39,0)
GO	28,0	26,0	(7,1)	4.100	3.900	(4,9)	114,8	101,4	(11,7)
SUDESTE	**27,4**	**17,0**	**(38,0)**	**2.796**	**3.200**	**14,4**	**76,6**	**54,5**	**(28,9)**
MG	12,0	6,5	(45,8)	2.100	2.300	9,5	25,2	15,0	(40,5)
ES	0,3	0,2	(33,0)	2.237	2.480	10,9	0,7	0,5	(28,6)
RJ	0,5	0,3	(40,0)	2.403	3.667	52,6	1,2	1,1	(8,3)
SP	14,6	10,0	(31,6)	3.393	3.785	11,6	49,5	37,9	(23,4)
SUL	**1.295,2**	**1.249,6**	**(3,5)**	**7.598**	**6.825**	**(10,2)**	**9.840,7**	**8.528,9**	**(13,3)**
PR	27,2	26,2	(3,7)	5.825	4.582	(21,3)	158,4	120,0	(24,2)
SC	147,9	147,4	(0,3)	7.150	7.139	(0,2)	1.057,5	1.052,3	(0,5)
RS	1.120,1	1.076,0	(3,9)	7.700	6.837	(11,2)	8.624,8	7.356,6	(14,7)
NORTE/NORDESTE	**738,3**	**548,7**	**(25,7)**	**2.287**	**2.572**	**12,5**	**1.688,3**	**1.411,5**	**(16,4)**
CENTRO-SUL	**1.556,8**	**1.459,1**	**(6,3)**	**6.909**	**6.299**	**(8,8)**	**10.756,2**	**9.191,4**	**(14,5)**
BRASIL	**2.295,1**	**2.007,8**	**(12,5)**	**5.422**	**5.281**	**(2,6)**	**12.444,5**	**10.602,9**	**(14,8)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.3.1. Oferta e demanda

Nos últimos dados disponibilizados pela Secex/MDIC, em junho de 2016, foram importadas 103,6 mil toneladas de arroz, sendo apenas 1,6 mil toneladas oriundas de terceiros mercados não pertencentes ao Mercosul. Até a presente data, 1º de setembro, não foram disponibilizados os dados referentes a julho e por esse motivo, julho é a proxy utilizada na análise em questão. Esses números demonstraram uma expansão do fluxo de produtos adquiridos no mercado externo em relação ao último ano. Em junho de 2015, essas aquisições foram de 41 mil toneladas, sendo 1,6 mil provenientes de outros países não pertencentes ao Mercosul.

Acerca das exportações, estas tiveram uma expansão, passando de 69 mil toneladas em julho de 2015 para 89,4 mil toneladas em julho de 2016. Mais especificamente sobre as compras nacionais de arroz internacional, o Paraguai, já consolidado como maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 47,9 mil toneladas de arroz branco beneficiado em uma média de US$ 384,65 por tonelada, abaixo da média de preço negociado do arroz brasileiro branco beneficiado de US$ 574,57 por tonelada. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados de São Paulo e Minas Gerais.

Acerca do fluxo comercial internacional consolidado no período comercial 2015/16, já consolidado, de março de 2015 a fevereiro de 2016, observou-se um superavit acumulado no montante de 858,8 mil toneladas,

volume 125% superior à safra anterior.

Para a safra 2014/15 e 2015/16, o consumo é estimado em torno de 11,6 milhões de toneladas, em virtude de uma oferta interna do grão mais restrita e do cenário econômico brasileiro. Finalmente, para a próxima safra brasileira de arroz 2015/16, a projeção média da produção deverá ser 14,8% inferior em relação à safra 2014/15, atingindo 10.602,9 mil toneladas. Essa redução de produção ocorre principalmente devido ao excesso de chuva que ocorreu no período de plantio e ao alto patamar de preços dos custos de produção, acarretando redução da tecnologia empregada.

Ainda sobre a projeção de mercado para a comercialização da safra 2015/16, esperam-se um aumento no volume importado, principalmente produto proveniente do Paraguai e da Argentina, e uma leve redução no montante exportado em face do provável preço interno atrativo no segundo semestre de 2016. Com isso, projeta-se um deficit de 200 mil toneladas na balança comercial do arroz.

Ademais, destaca-se a consolidação em 962,9 mil toneladas do estoque de passagem da safra 2014/15. Ressalta-se que, do montante total, 97,9 mil toneladas se encontravam em posse da Conab no dia 29 de fevereiro de 2016 e 864,9 mil nos estoques privados na mesma data, segundo o levantamento de estoques privados realizado pela Conab.

Ao analisar a evolução dos preços, no mercado de arroz ao produtor do Rio Grande do Sul (RS), observou-se oferta restrita na última semana, visto, que os produtores, em posse do produto ainda não comercializado, encontram-se capitalizados e aguardam pelo melhor momento para comercialização. Ressalta-se, todavia, que não há sinais evidentes de nova alta nos preços no curto e médio prazo para o mercado do arroz. O preço médio semanal estadual encerrou a semana cotado a R$49,57 por saco de 50 quilos de arroz em casca e mantém o patamar remunerador alcançado em virtude da menor safra 2015/16. A menor produção em Mato Grosso e nos estados vizinhos implicou em valorização mensal de 7,91%, encerrando a cotação do arroz a um preço médio de R$ 69,54 por saco de 60 quilos.

Em relação ao atacado, o mercado se mantém próximo da estabilidade, cotado em R$ 76,62 por fardo de 30 quilos de arroz beneficiado. Como fatores determinantes no atual equilíbrio de mercado, destacam-se a redução da produção brasileira, a maior importação de produto mercosulino e a atual menor demanda do varejo. Assim, os preços no atacado apresentaram leve expansão semanal de 0,92% e, mensal, de 0,45%.

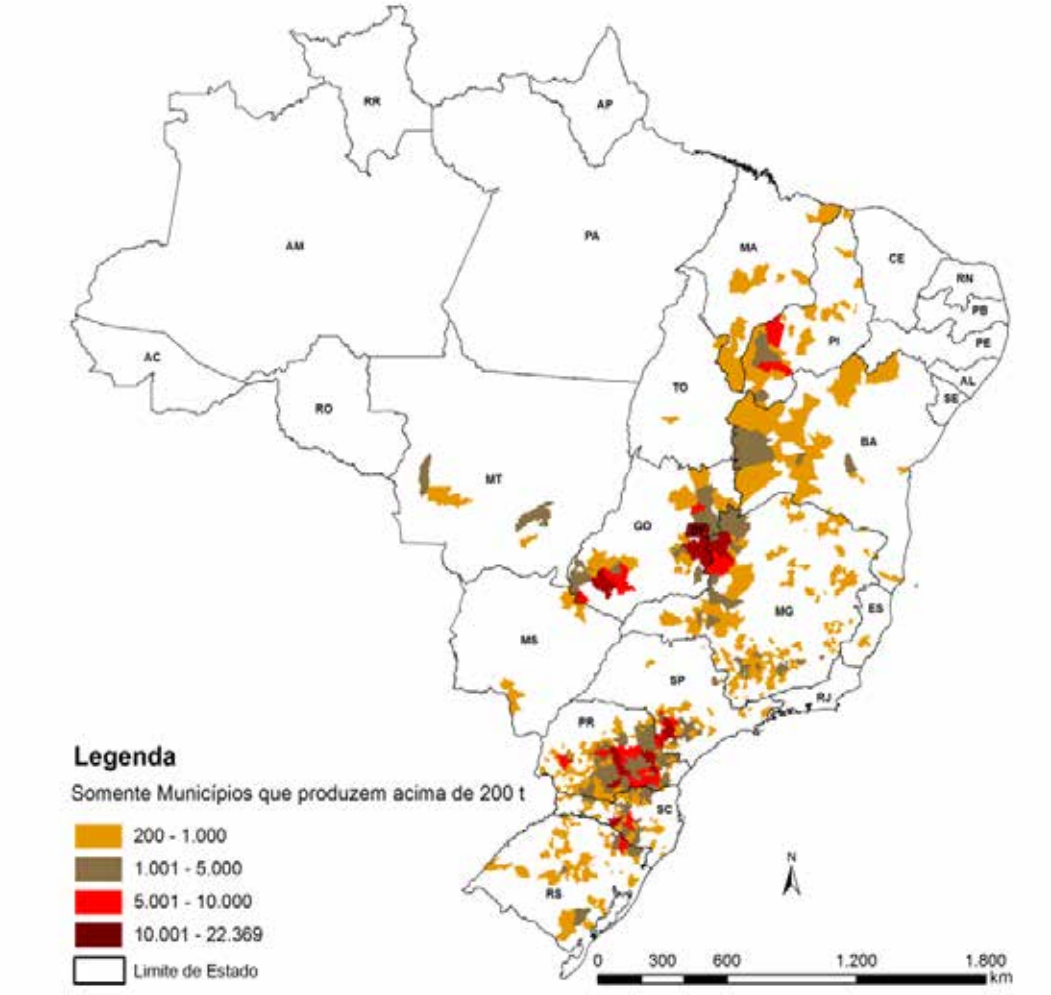
8.1.4. Feijão

8.1.4.1. Feijão primeira safra

A área de feijão primeira safra foi de 978,6 mil hectares, o que configura uma redução de 7,1% em relação à safra passada, que foi de 1.053,2 mil hectares. A produtividade média obtida para esta cultura foi de 1.057 kg/ha, na média nacional, 1,6% abaixo da obtida na última temporada. Com estes resultados de área e produtividade, a produção nacional para o feijão da primeira safra ficou em 1.034,3 mil toneladas, representando decréscimo de 8,6% em relação à safra de 2014/15, que foi de 1.131,6 mil toneladas.

Em Minas Gerais a área de feijão primeira safra está estimada em 146,6 mil hectares, o que representa redução de 7,9% quando comparada com a safra anterior, visto que a maior parte dos produtores tem optado por culturas mais rentáveis e de menor risco climático, como o milho e soja. Predomina na maior parte do estado o plantio de feijão cores, notadamente carioquinha. Na região da Zona da Mata, cultiva-se também o feijão cores/vermelho e o feijão-preto. Já o plantio do feijão caupi, se concentra na região Norte. O plantio apresentou maior concentração no mês de novembro, mas se estendeu até o início de dezembro. Houve registros pontuais de perdas, decorrentes da ocorrência de chuvas na colheita, mas de modo geral as lavouras apresentaram bons resultados, com uma produtividade média de 1.306 kg/ha, bem acima dos resultados da safra anterior, que foi severamente prejudicada pela estiagem. A produção estimada é de 191,5 mil toneladas, 16,5% superior à safra 2014/15.

Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab/IBGE..

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**4,8**	**4,6**	**(4,2)**	**707**	**718**	**1,6**	**3,4**	**3,3**	**(2,9)**
TO	4,8	4,6	(4,2)	707	718	1,6	3,4	3,3	(2,9)
NORDESTE	**484,5**	**430,2**	**(11,2)**	**460**	**255**	**(44,6)**	**223,1**	**109,8**	**(50,8)**
MA	38,6	29,5	(23,5)	464	468	0,9	17,9	13,8	(22,9)
PI	211,3	211,5	0,1	356	139	(61,0)	75,2	29,4	(60,9)
BA	234,6	189,2	(19,4)	554	352	(36,5)	130,0	66,6	(48,8)
CENTRO-OESTE	**74,9**	**70,6**	**(5,7)**	**1.997**	**2.129**	**6,6**	**149,6**	**150,3**	**0,5**
MT	10,8	5,9	(45,3)	1.570	1.085	(30,9)	17,0	6,4	(62,4)
MS	0,7	0,6	(14,3)	2.000	1.800	(10,0)	1,4	1,1	(21,4)
GO	51,3	52,0	1,4	2.098	2.400	14,4	107,6	124,8	16,0
DF	12,1	12,1	-	1.949	1.490	(23,6)	23,6	18,0	(23,7)
SUDESTE	**208,1**	**202,3**	**(2,8)**	**1.286**	**1.561**	**21,4**	**267,7**	**315,9**	**18,0**
MG	159,1	146,6	(7,9)	1.033	1.306	26,4	164,4	191,5	16,5
ES	6,0	4,9	(18,3)	687	1.240	80,5	4,1	6,1	48,8
RJ	0,7	0,8	14,0	917	1.107	20,7	0,6	0,9	50,0
SP	42,3	50,0	18,2	2.331	2.348	0,7	98,6	117,4	19,1
SUL	**280,9**	**270,9**	**(3,6)**	**1.737**	**1.680**	**(3,3)**	**487,8**	**455,0**	**(6,7)**
PR	192,7	181,4	(5,9)	1.707	1.575	(7,7)	328,9	285,7	(13,1)
SC	52,7	46,0	(12,7)	1.950	1.869	(4,2)	102,8	86,0	(16,3)
RS	35,5	43,5	22,5	1.580	1.915	21,2	56,1	83,3	48,5
NORTE/NORDESTE	**489,3**	**434,8**	**(11,1)**	**463**	**260**	**(43,8)**	**226,5**	**113,1**	**(50,1)**
CENTRO-SUL	**563,9**	**543,8**	**(3,6)**	**1.605**	**1.694**	**5,5**	**905,1**	**921,2**	**1,8**
BRASIL	**1.053,2**	**978,6**	**(7,1)**	**1.074**	**1.057**	**(1,6)**	**1.131,6**	**1.034,3**	**(8,6)**

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – feijão primeira safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	**0,9**	**1.252**	**1,1**
TO	0,9	1.252	1,1
NORDESTE	**50,3**	**670**	**33,7**
BA	50,3	670	33,7
CENTRO-OESTE	**65,4**	**2.227**	**145,6**
MT	1,9	1.872	3,5
MS	0,6	1.800	1,1
GO	52,0	2.400	124,8
DF	10,9	1.486	16,2
SUDESTE	**197,3**	**1.576**	**311,0**
MG	144,4	1.316	190,0
ES	2,9	1.239	3,6
SP	50,0	2.348	117,4
SUL	**96,0**	**1.792**	**172,0**
PR	56,1	1.603	89,9
SC	29,9	1.944	58,1
RS	10,0	2.400	24,0
NORTE/NORDESTE	**51,2**	**680**	**34,8**
CENTRO-SUL	**358,7**	**1.753**	**628,6**
BRASIL	**409,9**	**1.619**	**663,4**

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	**1,2**	**1.480**	**1,8**
DF	1,2	1.480	1,8
SUDESTE	**4,4**	**972**	**4,3**
MG	1,6	570	0,9
ES	2,0	1.239	2,5
RJ	0,8	1.107	0,9
SUL	**174,9**	**1.618**	**283,0**
PR	125,3	1.563	195,8
SC	16,1	1.731	27,9
RS	33,5	1.770	59,3
CENTRO-SUL	**180,5**	**1.601**	**289,1**
BRASIL	**180,5**	**1.601**	**289,1**

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtividade (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	**3,7**	**586**	**2,2**
TO	3,7	586	2,2
NORDESTE	**379,9**	**200**	**76,1**
MA	29,5	468	13,8
PI	211,5	139	29,4
BA	138,9	237	32,9
CENTRO-OESTE	**4,0**	**720**	**2,9**
MT	4,0	720	2,9
SUDESTE	**0,6**	**900**	**0,5**
MG	0,6	900	0,5
NORTE/NORDESTE	**383,6**	**204**	**78,3**
CENTRO-SUL	**4,6**	**743**	**3,4**
BRASIL	**388,2**	**210**	**81,7**

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.4.2. Feijão segunda safra

A área de feijão segunda safra está estimada em 1.313,8 mil hectares, o que configura decréscimo de 0,4% em relação à safra passada.

No Paraná a colheita do feijão segunda safra está concluída e a comercialização está em 97,3%, a produtividade foi reduzida em 20,6%, que foi de 1.476 kg/ha, obtidos na safra anterior, enquanto a qualidade do grão também sofreu prejuízos devido às condições climáticas adversas (estiagem, excesso de chuvas e geada). A área plantada para essa segunda safra é de 203,8 mil hectares, retração de 2,1% em relação à safra passada, que foi de 208,1 mil hectares, produção de 300,8 mil toneladas, retração de 22,2% em relação à safra passada, que foi de 386,6 mil toneladas. O produto cores já foi inteiramente comercializado, enquanto o preto ainda tem estoque.

Em Mato Grosso do Sul a safra de feijão apresentou diminuição de 12,5% da área em relação à safra passada, passando de 16 mil hectares para 14 mil hectares, pois alguns produtores não arriscaram o plantio devido aos preços no início da semeadura não estarem muito atrativos ao produtor. Em relação às produtividades e produção houve redução de 37,7% e 45,3% respectivamente em relação à safra anterior, permanecendo a estimativa atual em 997 kg/ha para a produtividade e 14 mil toneladas em relação à produção. Com a evolução da colheita pode-se constatar a real situação dos grãos colhidos, que foram afetados primeiramente pela seca em abril e mais recentemente pela geada ocorrida em junho, prejudicando, de um modo geral, as produtividades no centro-sul do estado. Atualmente a área colhida no estado gira em torno de 60% da área cultivada, visto que em algumas localidades

com áreas menores a colheita ainda não começou. Os preços do feijão este ano tiveram aumentos significativos e remuneradores aos produtores. Hoje, com o andamento da colheita, os preços pagos ao produtor, apesar de menores, ainda estão bons.

Em Minas Gerais a colheita está finalizada e a área de plantio de feijão segunda safra foi de 118,8 mil hectares, apresentando crescimento de 12,2%, na presente safra. Este incremento se deve aos elevados preços do produto na ocasião do plantio. O plantio teve início em fevereiro e se estendeu até o final de abril. As lavouras de sequeiro correspondem a 83%, as lavouras irrigadas 17% e, com a completa ausência de chuvas ao longo de abril e maio, aliada ao tempo seco e quente, houve quebra da produtividade inicialmente informada. Dessa forma, a produtividade média está estimada em 1.270 kg/ha, inferior em 14,6% em comparação com a safra passada. A produção poderá alcançar 150,9 mil toneladas, representando redução de 4,2% em relação à safra anterior.

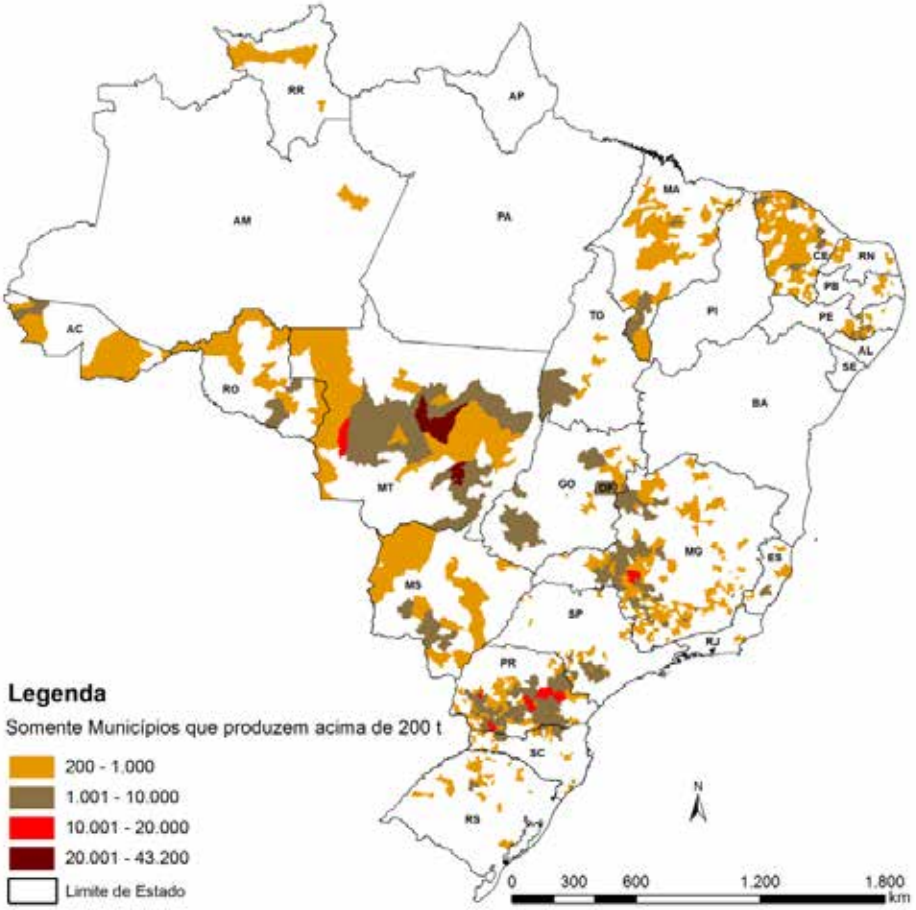
Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**52,4**	**47,1**	**(10,1)**	**823**	**846**	**2,9**	**43,1**	**39,9**	**(7,4)**
RR	2,7	2,7	-	711	731	2,8	1,9	2,0	5,3
RO	22,0	20,8	(5,5)	759	856	12,8	16,7	17,8	6,6
AC	7,5	7,7	2,7	622	595	(4,3)	4,7	4,6	(2,1)
AM	5,5	4,1	(25,5)	1.170	927	(20,8)	6,4	3,8	(40,6)
AP	1,3	1,3	-	920	846	(8,0)	1,2	1,1	(8,3)
TO	13,4	10,5	(21,9)	910	1.010	11,0	12,2	10,6	(13,1)
NORDESTE	**657,3**	**650,0**	**(1,1)**	**216**	**178**	**(17,8)**	**142,0**	**115,3**	**(18,8)**
MA	55,0	47,6	(13,4)	566	536	(5,3)	31,1	25,5	(18,0)
PI	3,1	3,0	(3,2)	632	545	(13,8)	2,0	1,6	(20,0)
CE	393,8	371,1	(5,8)	192	155	(19,3)	75,6	57,5	(23,9)
RN	31,6	29,9	(5,5)	171	213	24,6	5,4	6,4	18,5
PB	58,6	86,8	48,1	166	143	(13,9)	9,7	12,4	27,8
PE	115,2	111,6	(3,1)	158	107	(32,3)	18,2	11,9	(34,6)
CENTRO-OESTE	**229,3**	**230,3**	**0,4**	**1.663**	**879**	**(47,1)**	**381,3**	**202,5**	**(46,9)**
MT	199,2	185,9	(6,7)	1.647	766	(53,5)	328,1	142,4	(56,6)
MS	16,0	14,0	(12,5)	1.600	997	(37,7)	25,6	14,0	(45,3)
GO	13,2	29,5	123,5	1.957	1.500	(23,4)	25,8	44,3	71,7
DF	0,9	0,9	-	2.000	2.055	2,8	1,8	1,8	-
SUDESTE	**130,9**	**140,8**	**7,6**	**1.560**	**1.320**	**(15,4)**	**204,2**	**186,0**	**(8,9)**
MG	105,9	118,8	12,2	1.487	1.270	(14,6)	157,5	150,9	(4,2)
ES	8,4	5,7	(32,7)	1.120	870	(22,3)	9,4	5,0	(46,8)
RJ	1,0	1,0	-	948	906	(4,4)	0,9	0,9	-
SP	15,6	15,3	(1,9)	2.334	1.907	(18,3)	36,4	29,2	(19,8)
SUL	**248,6**	**245,6**	**(1,2)**	**1.841**	**1.513**	**(17,8)**	**457,6**	**371,5**	**(18,8)**
PR	208,1	203,8	(2,1)	1.858	1.476	(20,6)	386,6	300,8	(22,2)
SC	20,2	17,4	(13,9)	1.800	1.841	2,3	36,4	32,0	(12,1)
RS	20,3	24,4	20,2	1.703	1.588	(6,8)	34,6	38,7	11,8
NORTE/NORDESTE	**709,7**	**697,1**	**(1,8)**	**261**	**223**	**(14,6)**	**185,1**	**155,2**	**(16,2)**
CENTRO-SUL	**608,8**	**616,7**	**1,3**	**1.713**	**1.232**	**(28,1)**	**1.043,1**	**760,0**	**(27,1)**
BRASIL	**1.318,5**	**1.313,8**	**(0,4)**	**932**	**697**	**(25,2)**	**1.228,2**	**915,2**	**(25,5)**

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab/IBGE..

Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORDESTE	**1,7**	**112**	**0,2**
PB	1,7	112	0,2
CENTRO-OESTE	**0,1**	**1.910**	**0,2**
DF	0,1	1.910	0,2
SUDESTE	**5,3**	**828**	**4,4**
MG	2,0	740	1,5
ES	2,3	870	2,0
RJ	1,0	906	0,9
SUL	**110,9**	**1.547**	**171,5**
PR	73,0	1.486	108,5
SC	13,5	1.800	24,3
RS	24,4	1.588	38,7
NORTE/NORDESTE	**1,7**	**112**	**0,2**
CENTRO-SUL	**116,3**	**1.514**	**176,1**
BRASIL	**118,0**	**1.494**	**176,3**

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	**41,1**	**871**	**35,9**
RR	2,7	731	2,0
RO	20,8	856	17,8
AC	7,7	595	4,6
AM	4,1	927	3,8
AP	1,3	846	1,1
TO	4,5	1.457	6,6
NORDESTE	**30,1**	**165**	**4,9**
PB	24,0	177	4,2
PE	6,1	116	0,7
CENTRO-OESTE	**61,3**	**1.216**	**74,6**
MT	17,0	868	14,7
MS	14,0	997	14,0
GO	29,5	1.500	44,3
DF	0,8	2.000	1,6
SUDESTE	**135,5**	**1.340**	**181,6**
MG	116,8	1.279	149,4
ES	3,4	870	3,0
SP	15,3	1.907	29,2
SUL	**134,7**	**1.485**	**200,0**
PR	130,8	1.470	192,3
SC	3,9	1.982	7,7
NORTE/NORDESTE	**71,2**	**573**	**40,8**
CENTRO-SUL	**331,5**	**1.376**	**456,2**
BRASIL	**402,7**	**1.234**	**497,0**

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 33 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	**6,0**	**673**	**4,0**
TO	6,0	673	4,0
NORDESTE	**618,2**	**178**	**110,2**
MA	47,6	536	25,5
PI	3,0	545	1,6
CE	371,1	155	57,5
RN	29,9	213	6,4
PB	61,1	131	8,0
PE	105,5	106	11,2
CENTRO-OESTE	**169,0**	**756**	**127,7**
MT	169,0	756	127,7
NORTE/NORDESTE	**624,2**	**183**	**114,2**
CENTRO-SUL	**169,0**	**756**	**127,7**
BRASIL	**793,2**	**305**	**241,9**

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.4.3. Feijão terceira safra

Para o feijão terceira safra a área estimada é de 545 mil hectares, o que configura decréscimo de 16,5% em relação à safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 566,5 mil toneladas e 33,4% menor que a última temporada.

As áreas de feijão terceira safra não são significativas no Paraná, que se concentram na região norte do estado, possuindo uma área diminuta, de apenas 4,6 mil hectares, dedicados ao plantio do feijão cores. A colheita começou e atinge 33% da área. A estiagem de abril e as geadas no final do ciclo geraram uma quebra da produtividade, que é estimada em 460 kg/ha, além disso, houve perdas qualitativas. A colheita está em 89% da área plantada.

Para a safra 2015/16, no Distrito Federal, os dados revelados da safra 2015/16 estima recuo de 3,1% na área cultivada, em comparação à safra 2014/15, ficando em torno de 3,1 mil hectares. A produtividade média poderá atingir 1.830 kg/ha, ante aos 3.209 kg/ha obtidos na safra passada, o que resultará em uma oferta próxima a 5,7 mil toneladas, inferior em 44,7% à oferta do exercício 2014/15. Conforme já explicitado acima e em relatórios anteriores, com os níveis dos reservatórios de água abaixo da média histórica, dificultando o funcionamento dos pivôs. Ressalte-se que o cultivo do feijão terceira safra no Distrito Federal é realizado em sua totalidade através de irrigação. Segundo os técnicos contatados, são necessários 500 mm de lâmina d'água nos reservatórios para o funcionamento dos pivôs, atualmente não chega a 100 mm. Tal situação tem levado os produtores a optarem pela paralisação dos pivôs, evitando custos com energia, mão de obra. Portanto, entre 30% a 40% dos pivôs na região agrícola do Distrito Federal encontram-se nesta condição. O plantio foi concluído em obediência ao vazio sanitário, vigente a partir do dia 5 de setembro de 2014, conforme a Instrução Normativa nº 15, publicada em junho de 2014, pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). Durante o período de vigência do vazio sanitário os produtores devem eliminar qualquer planta viva da cultura do feijoeiro comum. Dessa forma, os produtores terão tempo suficiente para finalizar a colheita até a data que começa a vigorar o vazio sanitário. O vazio sanitário tem sua importância para que o ciclo de reprodução da mosca-branca seja quebrado. Mais de 84% do feijão cultivado na região são do tipo "cores", que agrega valor à atividade, com importância comercial e no abastecimento regional. Os 16% restantes estão distribuídos entre feijão caupi e preto, correspondendo a 10% e 6%, respectivamente. Até o momento foram colhidos 40% da leguminosa.

Em Mato Grosso, nos últimos meses, a retração do plantio nas duas primeiras safras de feijão, aliada aos problemas de ordem climática, resultaram em queda na produção em relação à safra passada, mantendo os preços em patamares bastante elevados. Apesar do cenário de mercado propício ao cultivo da terceira safra irrigada, a área plantada em pivô será de apenas 41,5 mil hectares, ante aos 76,8 mil hectares da safra 2014/15. A redução expressiva de 46% da área plantada, mesmo com os bons preços pagos pelo feijão, pode ser explicada pela incidência de doenças de solo, causadas por nematoides nas áreas de irrigação, além da falta de sementes e o elevado custo de produção da cultura. Portanto, dos 80 mil hectares de pivô no estado, menos da metade será utilizado pela leguminosa, já que, além dos fatores citados anteriormente, ainda há a concorrência de outras culturas, tais como: semente de milho e algodão. Já em relação à produtividade, apesar do cultivo do feijão terceira safra ser irrigado, a produtividade estimada é de 2.050 kg/ha, rendimento 16,3% inferior à safra 2014/15 devido ao clima quente e seco, a produção está em 85,1 mil toneladas, retração de 54,8% em relação à safra anterior que foi de 188,1 mil toneladas. A expectativa é que os primeiros talhões sejam colhidos a partir de setembro.

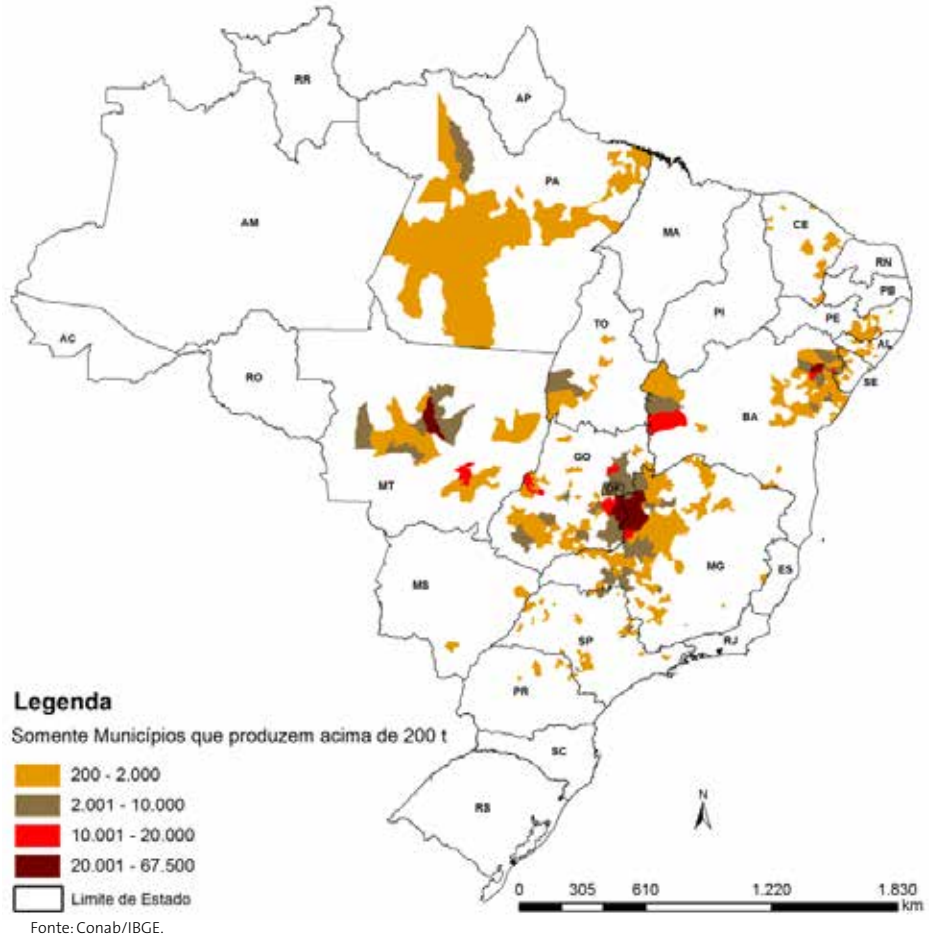
Na Bahia a estimativa de produção é de 70,8 mil toneladas, retração de 57,4% em relação à safra anterior, que ficou em 166,3 mil toneladas. A expectativa de produtividade é de 355 kg/ha, redução de 54,6% em relação à safra passada, que foi de 782 kg/ha, provocada pela estimativa de diminuição na área plantada, saindo de 212,6 mil hectares da safra 2014/15 para 199,5 mil hectares, na safra 2015/16, retração de 6,2%. Esta diminuição foi provocada pelo atraso nas chuvas, fazendo que o plantio, na maioria da região, iniciasse apenas na última semana de junho. Outro motivo foi o elevado custo das sementes para plantio e o menor número de sementes distribuídas pelo estado para os agricultores familiares. A maior parte das lavouras se encontram entre a fase de florescimento e a formação de vagens. Em algumas áreas, que teve ocorrência de chuvas no início de maio, já é possível encontrar plantas na fase de enchimento de grãos. O território com maior destaque é o semiárido nordestino. Os produtores esperam um rendimento de aproximadamente 12,5 sc/ha, valor já abaixo da safra anterior. Este valor ainda tende a reduzir caso as condições climáticas em agosto não sejam favoráveis. O plantio do feijão de inverno ou terceira safra ocorre nos territórios do Piemonte da Diamantina, Piemonte do Itapicuru e Piemonte do Paraguaçu, e está sendo aguardado com boas expectativas pelos produtores da região. A maior parte dos agricultores ou desistiram de plantar ou não

obtiveram sucesso no plantio, tendo em vista que o volume acumulado de chuvas entre maio e junho não foi ideal para o desenvolvimento da cultura. Apesar de ter uma área pouco representativa, o feijão macaçar apresenta importante fonte alimentar na Região Nordeste, sendo cultivada em pequenas áreas da agricultura familiar e comercializadas em mercados locais. O macaçar se destaca pela sua maior resistência ao deficit hídrico, quando comparado ao feijão cores.

Em Goiás muitas áreas já estão na fase reprodutiva. A área plantada em pivô será de 41,2 mil hectares, ante aos 36,5 mil hectares na safra 2014/15, incremento de 12,9%. Produtividade de 2.800 kg/ha, retração de 5,6% em relação à safra passada, que foi de 2.965 kg/ha, estimando produção de 115,4 mil toneladas, incremento de 6,7% em relação à safra 2014/15, que foi de 108,2 mil toneladas. A grande preocupação desta safra foi quanto ao abastecimento nas barragens. Os níveis estão baixos e para a próxima safra pode ser um fator agravante, principalmente para a região leste, principal produtora do estado. Em áreas de Cristalina estima-se que mais no final do ciclo da cultura será necessário sub-dosar o volume de água na irrigação. Há relatos de ataques de ácaros em algumas lavouras no município de Silvânia. Já em Cristalina os problemas foram relacionados ao mofo branco (*Sclerotinia sclerotiorum*), bem como o mosaico dourado do feijoeiro. Os métodos de controle foram adotados a tempo, evitando maiores perdas. Algumas regiões produtoras já anteciparam a colheita, diante dos bons preços praticados.

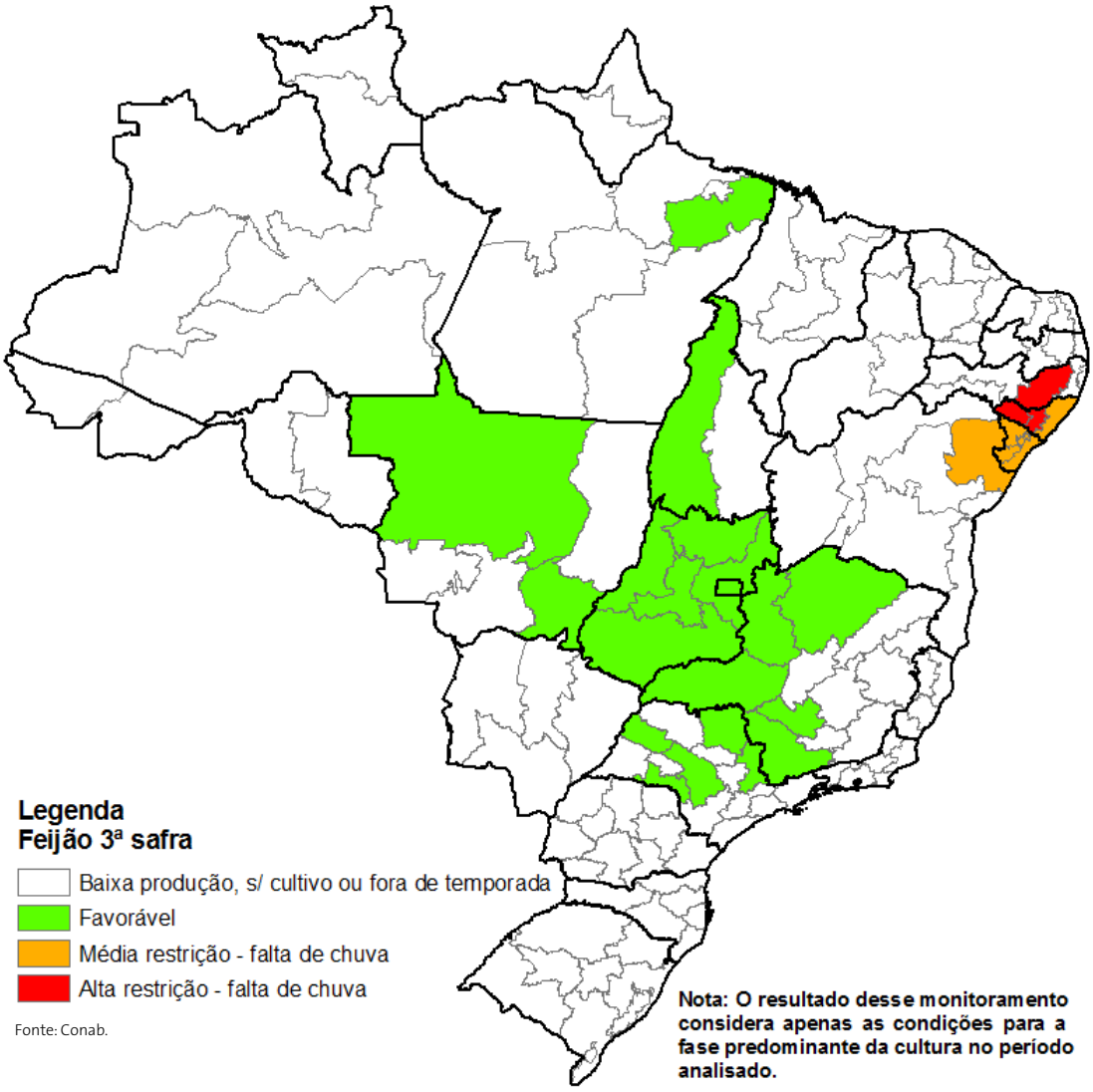
Em Minas Gerais não há, ainda, informações definitivas acerca da intenção de plantio de feijão terceira safra. A elevação dos preços do produto tem justificado o aparecimento de áreas em municípios sem tradição de cultivo desse cereal e, em contrapartida, a restrição hídrica poderá inviabilizar o plantio em áreas tradicionalmente destinadas à cultura. A área plantada está estimada em 69,1 mil hectares, com produtividade média de 2.580 kg/ha, e a produção poderá alcançar 178,3 mil toneladas. O plantio ainda se encontra em andamento, devendo se estender até agosto, visto que boa parte das áreas de pivô se encontram ocupadas com lavouras de milho, as quais se encontram em fase de colheita. Dessa forma, as informações sobre a área efetivamente plantada ainda estão sujeitas a ajustes nos próximos levantamentos.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 22 – Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016



Fonte: Conab.

Quadro 4 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em agosto

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Feijão 3ª safra			- nordeste do PA (C) - oeste do TO (M) - norte, oeste e sul de MG - irrigado (M) - norte, sul, centro e oeste de SP (M) - norte e sudeste do MT - irrigado (M) - todo estado de GO - irrigado (M) - DF - irrigado (M)	- todo estado de AL (FR) - todo estado de SE (FR) - nordeste da BA (FR) - agreste de PE (FR)

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 34 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**30,9**	**40,8**	**32,0**	**805**	**837**	**4,0**	**24,9**	**34,2**	**37,3**
PA	28,0	33,8	20,7	728	713	(2,1)	20,4	24,1	18,1
TO	2,9	7,0	141,0	1.546	1.436	(7,1)	4,5	10,1	124,4
NORDESTE	**407,7**	**331,7**	**(18,6)**	**684**	**347**	**(49,3)**	**279,0**	**115,0**	**(58,8)**
CE	10,3	5,7	(44,7)	1.109	998	(10,0)	11,4	5,7	(50,0)
PE	122,1	83,5	(31,6)	540	320	(40,7)	65,9	26,7	(59,5)
AL	47,0	30,3	(35,5)	520	271	(47,9)	24,4	8,2	(66,4)
SE	15,7	12,7	(19,1)	701	287	(59,1)	11,0	3,6	(67,3)
BA	212,6	199,5	(6,2)	782	355	(54,6)	166,3	70,8	(57,4)
CENTRO-OESTE	**116,9**	**85,8**	**(26,6)**	**2.627**	**2.402**	**(8,6)**	**307,2**	**206,2**	**(32,9)**
MT	76,8	41,5	(46,0)	2.449	2.050	(16,3)	188,1	85,1	(54,8)
MS	0,4	-	-	1.380	-	(100,0)	0,6	-	(100,0)
GO	36,5	41,2	12,9	2.965	2.800	(5,6)	108,2	115,4	6,7
DF	3,2	3,1	(3,1)	3.209	1.830	(43,0)	10,3	5,7	(44,7)
SUDESTE	**92,1**	**82,1**	**(10,9)**	**2.627**	**2.545**	**(3,1)**	**234,8**	**209,0**	**(11,0)**
MG	74,0	69,1	(6,6)	2.576	2.580	0,2	190,6	178,3	(6,5)
SP	18,1	13,0	(28,2)	2.441	2.361	(3,3)	44,2	30,7	(30,5)
SUL	**4,9**	**4,6**	**(6,1)**	**947**	**460**	**(51,4)**	**4,6**	**2,1**	**(54,3)**
PR	4,9	4,6	(6,1)	947	460	(51,4)	4,6	2,1	(54,3)
NORTE/NORDESTE	**438,6**	**372,5**	**(15,1)**	**693**	**401**	**(42,2)**	**303,9**	**149,2**	**(50,9)**
CENTRO-SUL	**213,9**	**172,5**	**(19,4)**	**2.555**	**2.419**	**(5,4)**	**546,6**	**417,3**	**(23,7)**
BRASIL	**652,5**	**545,0**	**(16,5)**	**1.303**	**1.039**	**(20,3)**	**850,5**	**566,5**	**(33,4)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 35 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - carioca

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	**8,7**	**818**	**7,1**
PA	7,9	651	5,1
TO	0,8	2.468	2,0
NORDESTE	296,6	**350**	**103,7**
PE	71,7	386	27,7
AL	23,3	236	5,5
SE	12,7	287	3,6
BA	**188,9**	**354**	66,9
CENTRO-OESTE	**85,3**	**2.408**	**205,5**
MT	41,5	2.050	85,1
MS	-	-	-
GO	41,2	2.800	115,4
DF	**2,6**	**1.923**	**5,0**
SUDESTE	**82,1**	**2.545**	**209,0**
MG	69,1	2.580	178,3
SP	13,0	2.361	30,7
SUL	4,5	460	2,1
PR	4,5	460	2,1
NORTE/NORDESTE	**305,3**	**363**	**110,8**
CENTRO-SUL	171,9	**2.423**	**416,6**
BRASIL	**477,2**	1.105	527,4

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - preto

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
CENTRO-OESTE	**0,2**	**2.000**	**0,4**
DF	0,2	2.000	0,4
CENTRO-SUL	**0,2**	**2.000**	**0,4**
BRASIL	**0,2**	**2.000**	**0,4**

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra - caupi

REGIÃO/UF	Área (mil ha)	Produtiv. (kg/ha)	Produção (mil t)
	Safra 15/16 (A)	Safra 15/16(B)	Safra 15/16(C)
NORTE	**31,2**	**857**	**26,8**
PA	25,0	746	18,7
TO	6,2	1.307	8,1
NORDESTE	**36,1**	**322**	**11,6**
CE	4,7	211	1,0
PE	13,8	284	3,9
AL	7,0	386	2,7
BA	10,6	377	4,0
CENTRO-OESTE	**0,3**	**1.000**	**0,3**
DF	0,3	1.000	0,3
NORTE/NORDESTE	**67,3**	**570**	**38,4**
CENTRO-SUL	**0,3**	**1.000**	**0,3**
BRASIL	**67,6**	**572**	**38,7**

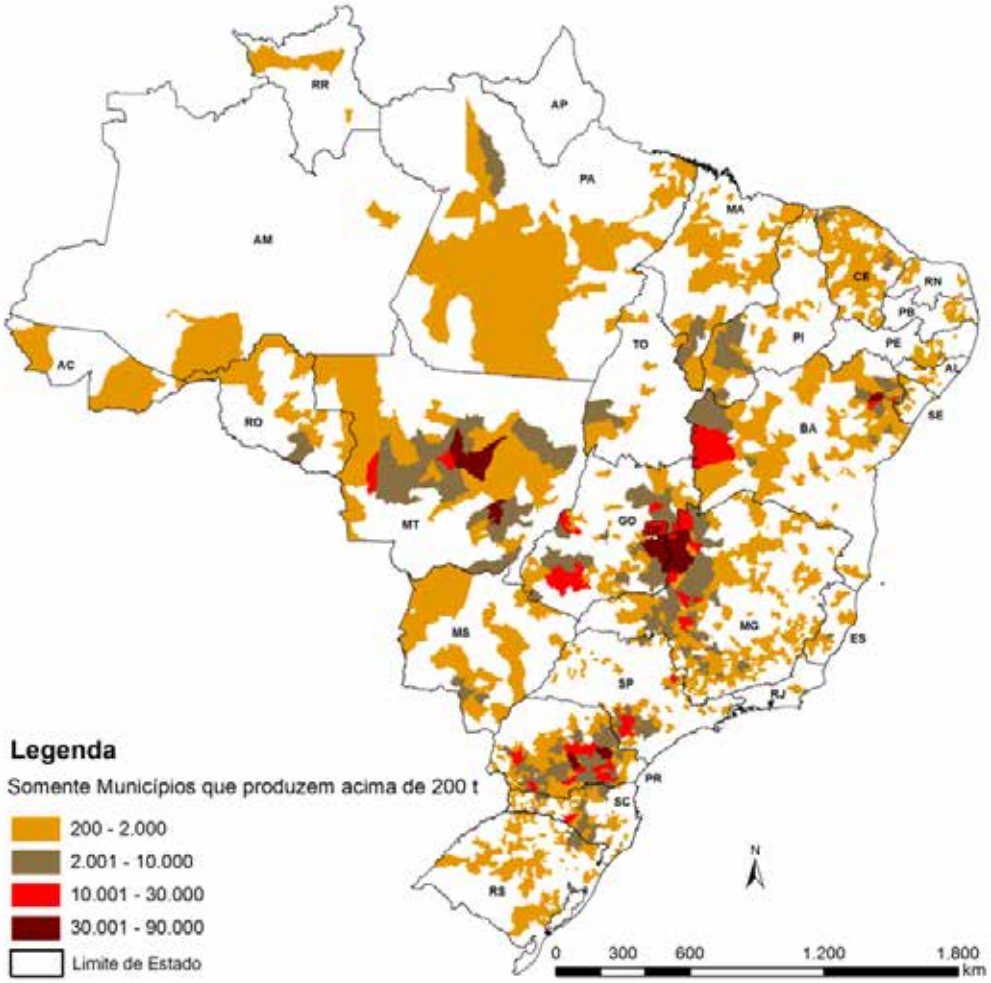
Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.4.4. Feijão total

Considerando as três safras conclui-se para essa safra 2015/16, que a área total de feijão poderá chegar a 2.837,4 mil hectares, retração de 6,2% em relação à safra passada. A produção nacional de feijão deverá ficar em 2.515,8 mil toneladas e 21,6% menor que a última temporada.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**88,1**	**92,5**	**5,0**	**810**	**836**	**3,2**	**71,4**	**77,4**	**8,4**
RR	2,7	2,7	-	704	741	5,3	1,9	2,0	5,3
RO	22,0	20,8	(5,5)	759	856	12,7	16,7	17,8	6,6
AC	7,5	7,7	2,7	627	597	(4,7)	4,7	4,6	(2,1)
AM	5,5	4,1	(25,5)	1.164	927	(20,4)	6,4	3,8	(40,6)
AP	1,3	1,3	-	923	846	(8,3)	1,2	1,1	(8,3)
PA	28,0	33,8	20,7	729	713	(2,1)	20,4	24,1	18,1
TO	21,1	22,1	4,7	953	1.086	14,0	20,1	24,0	19,4
NORDESTE	**1.549,5**	**1.411,9**	**(8,9)**	**416**	**241**	**(42,0)**	**644,0**	**340,2**	**(47,2)**
MA	93,6	77,1	(17,6)	524	510	(2,6)	49,0	39,3	(19,8)
PI	214,4	214,5	-	360	145	(59,9)	77,2	31,0	(59,8)
CE	404,1	376,8	(6,8)	215	168	(22,1)	87,0	63,2	(27,4)
RN	31,6	29,9	(5,4)	171	214	25,3	5,4	6,4	18,5
PB	58,6	86,8	48,1	166	143	(13,7)	9,7	12,4	27,8
PE	237,3	195,1	(17,8)	354	198	(44,0)	84,1	38,7	(54,0)
AL	47,0	30,3	(35,5)	519	271	(47,9)	24,4	8,2	(66,4)
SE	15,7	12,7	(19,1)	701	283	(59,5)	11,0	3,6	(67,3)
BA	447,2	388,7	(13,1)	662	353	(46,6)	296,2	137,4	(53,6)
CENTRO-OESTE	**421,1**	**386,7**	**(8,2)**	**1.990**	**1.445**	**(27,4)**	**838,1**	**558,9**	**(33,3)**
MT	286,8	233,3	(18,7)	1.859	1.003	(46,1)	533,1	233,9	(56,1)
MS	17,1	14,6	(14,6)	1.614	1.027	(36,3)	27,6	15,0	(45,7)
GO	101,0	122,7	21,5	2.393	2.318	(3,1)	241,7	284,4	17,7
DF	16,2	16,1	(0,6)	2.204	1.590	(27,8)	35,7	25,6	(28,3)
SUDESTE	**431,1**	**425,2**	**(1,4)**	**1.639**	**1.671**	**2,0**	**706,7**	**710,7**	**0,6**
MG	339,0	334,5	(1,3)	1.512	1.556	3,0	512,4	520,6	1,6
ES	14,4	10,6	(26,4)	938	1.038	10,7	13,5	11,0	(18,5)
RJ	1,7	1,8	5,9	941	1.000	6,3	1,6	1,8	12,5
SP	76,0	78,3	3,0	2.358	2.264	(4,0)	179,2	177,3	(1,1)
SUL	534,4	521,1	(2,5)	1.778	1.590	(10,5)	950,0	828,6	(12,8)
PR	405,7	389,8	(3,9)	1.775	1.510	(14,9)	720,2	588,6	(18,3)
SC	72,9	63,4	(13,0)	1.908	1.861	(2,5)	139,1	118,0	(15,2)
RS	55,8	67,9	21,7	1.625	1.797	10,5	90,7	122,0	34,5
NORTE/NORDESTE	**1.637,6**	**1.504,4**	**(8,1)**	**437**	**278**	**(36,5)**	**715,4**	**417,6**	**(41,6)**
CENTRO-SUL	**1.386,6**	**1.333,0**	**(3,9)**	**1.799**	**1.574**	**(12,5)**	**2.494,8**	**2.098,2**	**(15,9)**
BRASIL	**3.024,2**	**2.837,4**	**(6,2)**	**1.062**	**887**	**(16,5)**	**3.210,2**	**2.515,8**	**(21,6)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.4.5. Oferta e demanda

Feijão comum cores

Na avaliação de safras realizadas pela Conab, em junho de 2016, projetava-se uma colheita de 2.595,9 mil toneladas, uma das menores registradas no país. Nesta última pesquisa, realizada em meados de julho a situação ficou ainda pior, esse número recuou para 2.515,8 mil toneladas.

A terceira safra, ou safra de inverno, semeada a partir de março começou a ser colhida no final de junho. Trata-se de uma safra plantada no Centro-Oeste e Sudeste, sob pivôs. Já na Região Nordeste, a cultura é conduzida em regime de sequeiro e altamente suscetível à quebra por falta de chuva.

A região nordeste da Bahia é um forte polo produtor, representando, junto com Alagoas e Sergipe, 22% da produção prevista para a safra de inverno. A safra foi implementada com atraso devido à falta de umidade no solo e, no momento, as lavouras estão sendo prejudicadas pela falta de chuvas.

Em que pese à motivação dos agricultores dados aos

atrativos preços praticados no mercado, alguns fatores impediram o avanço da área a ser plantada, dentre eles: capacidade hídrica, custo elevado de produção (energia, semente cara e escassa), mosca-branca e doenças de solo (nematóides), notadamente no Mato Grosso. Nesse estado, parte da área anteriormente cultivada com o feijão carioca provavelmente será ocupada com outras culturas, dentre elas o feijão caupi e milho semente.

A quase totalidade do produto ofertado no mercado é basicamente de feijão comum carioca, vez que no segundo semestre o plantio de feijão comum preto é inexpressivo, limitando-se a um pequeno percentual conduzido sob pivôs e algumas áreas plantadas na região de Garanhuns (PE).

Com o início da colheita da safra de inverno, a partir de meados de junho, os preços apresentaram um significativo recuo, mas ainda em patamares bem elevados. Contudo, o volume a ser ofertado é suficiente para atender no máximo a dois meses de consumo e, provavelmente, a partir de outubro, as cotações tendem a ficar mais atrativas.

Hoje, o mercado opera com baixo volume de oferta e demanda um pouca mais aquecida no mês, pelo fato da necessidade de reposição de mercadorias, com isso, identificou-se um mercado com ameno viés de alta. Porém, cabe ressaltar que, em relação ao consumo total aparente da atual safra, é prevista uma significativa redução em virtude dos elevados preços do produto no varejo.

Em suma, a retração do plantio, aliada aos problemas de ordem climática, resultaram num quadro de suprimento bastante apertado, mantendo os preços em patamares bastante elevados.

Feijão comum preto

A expectativa é de preços elevados, fato que normal-
No atacado em São Paulo, o mercado segue calmo e com baixa disponibilidade do produto extra, nacional, porém há uma entrada maior de grão importado. As boas opções de compra na fronteira estão contribuindo para tal comportamento, fazendo com que o produto apresente uma amena desvalorização, apesar da demanda pela variedade estar mais aquecida, do que em anos anteriores, em virtude dos elevados preços do feijão carioca. Ademais, com as ofertas decrescentes, com a queda da temperatura no Sul do país, com o retorno das férias escolares, e, finalmente, com a expressiva diferença de preços entre feijão preto e carioca, forma-se uma expectativa de leve tendência de alta no médio prazo para o grão preto.

8.1.5. Girassol

A colheita do girassol está finalizada em Mato Grosso desde julho. Com isso, a produtividade estimada da lavoura ficou em 1.390 kg/ha, rendimento 3,1% superior aos 1.348 kg/ha registrados na safra 2014/15. A área plantada foi de 25,6 mil hectares na atual temporada, redução significativa de área da ordem de 70,4% em relação à temporada 2014/15, quando foi semeado 86,4 mil hectares, devido à destinação de áreas para o cultivo do milho segunda safra, fato que reduzirá a produção da oleaginosa para 35,6 mil toneladas, ante 116,5 mil toneladas vistas na safra anterior, redução de 69,4% no período.

Em Goiás a cultura está totalmente colhida e comercializada em função de contratos firmados com a indústria de óleo sediada em Itumbiara-GO (matriz). Nas regiões produtoras do estado os principais problemas relatados estão ligados à ocorrência de mofo branco (*Sclerotinia sclerotiorum*), o qual se relaciona, dentre outros fatores, ao plantio de segunda safra em suces-

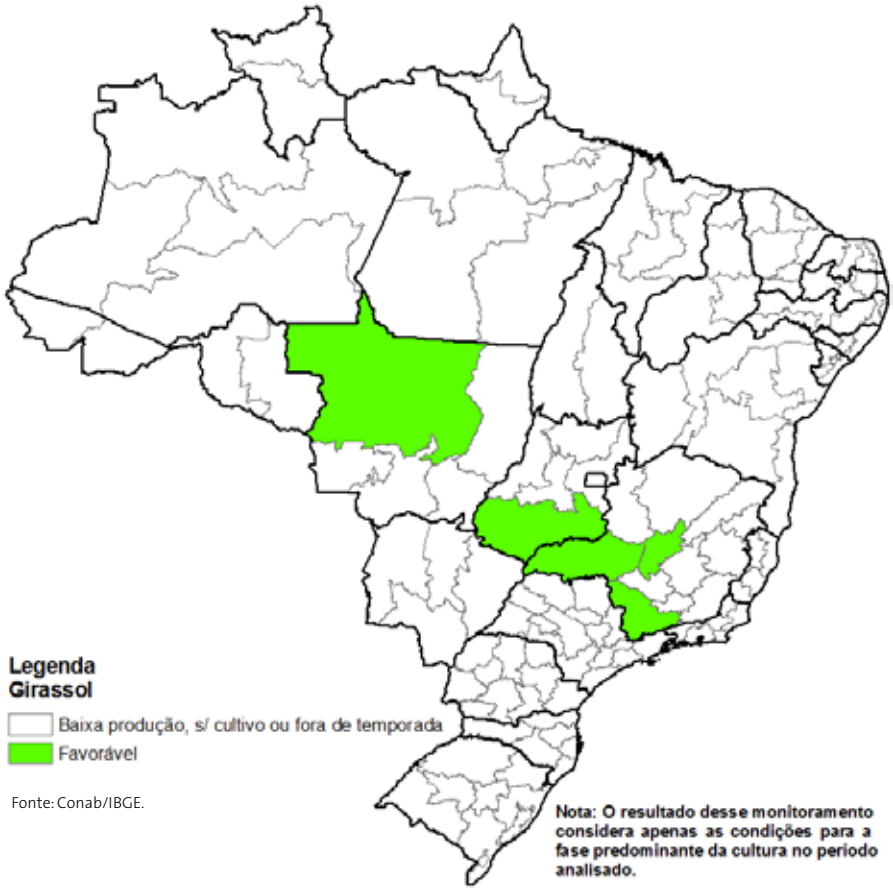
são à cultura da soja, época em que o fungo encontra condições favoráveis ao seu desenvolvimento. A área plantada foi de 14 mil hectares na atual temporada, incremento significativo de área na ordem de 89,2% em relação à temporada 2014/15, uma vez que a cultura depende de contrato firmado com a empresa que produz óleo de girassol. Algumas pequenas áreas são destinadas à produção de ração para pássaros. A produtividade média obtida ficou em torno de 1.000 kg/ha, 27,8% menor em relação à safra anterior. A produção ficou em 14 mil toneladas, 35,9% maior que a safra 2014/15, que foi de 10,3 mil toneladas. Ocorreu atraso no plantio neste ano em Goiás em consequência do atraso do plantio e colheita da soja. Contratos demoraram a ser firmados pelos produtores, estes, bastante receosos em relação à vulnerabilidade da cultura a certas doenças e preços não tão atrativos para o produtor. A estiagem também provocou baixo desenvolvimento das plantas e, com isso, formou-se pequenos capítulos, com formação de grãos de pequenos volumes e ainda chochos.

Em Minas Gerais as áreas de plantio de girassol ficaram em 7,2 mil hectares, inferior em 48,6% em comparação com a safra anterior, em face dos fracos resultados alcançados na safra passada devido às perdas causadas por doenças, notadamente o mofo branco e, devido, também, à insatisfação dos produtores com os preços recebidos pelo produto. Algumas áreas deixaram de ser plantadas em razão das condições climáticas desfavoráveis, vigentes no segundo bimestre, quando usualmente se concentra a maior parte dos plantios da cultura. O plantio foi realizado em março e abril, e a colheita finalizada de julho a agosto. A estiagem comprometeu a germinação e o desenvolvimento das lavouras. Chuvas ocorridas no final de maio e início de junho propiciaram alguma recuperação, mas ainda com queda de 18,1% na produtividade, que ficou em torno de 1.200 kg/ha. A produção fechou em 8,6 mil toneladas, 58% menor em relação à safra passada, que foi de 20,5 mil toneladas.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Girassol

Fonte: Conab/IBGE.

Figura 22 – Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016



Quadro 5 - Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Girassol			- norte de MT (C) - sul de GO (C) - Triângulo, centro e sul de MG (C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	**94,2**	**40,9**	**(56,6)**	**1.352**	**1.252**	**(7,4)**	**127,4**	**51,2**	**(59,8)**
MT	86,4	25,6	(70,4)	1.348	1.390	3,1	116,5	35,6	(69,4)
MS	0,4	1,3	225,0	1.500	1.236	(17,6)	0,6	1,6	166,7
GO	7,4	14,0	89,2	1.386	1.000	(27,8)	10,3	14,0	35,9
SUDESTE	**14,0**	**7,2**	**(48,6)**	**1.465**	**1.200**	**(18,1)**	**20,5**	**8,6**	**(58,0)**
MG	14,0	7,2	(48,6)	1.465	1.200	(18,1)	20,5	8,6	(58,0)
SUL	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
RS	3,3	3,3	-	1.617	1.339	(17,2)	5,3	4,4	(17,0)
CENTRO-SUL	**111,5**	**51,4**	**(53,9)**	**1.374**	**1.250**	**(9,0)**	**153,2**	**64,2**	**(58,1)**
BRASIL	**111,5**	**51,4**	**(53,9)**	**1.374**	**1.250**	**(9,0)**	**153,2**	**64,2**	**(58,1)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.6. Mamona

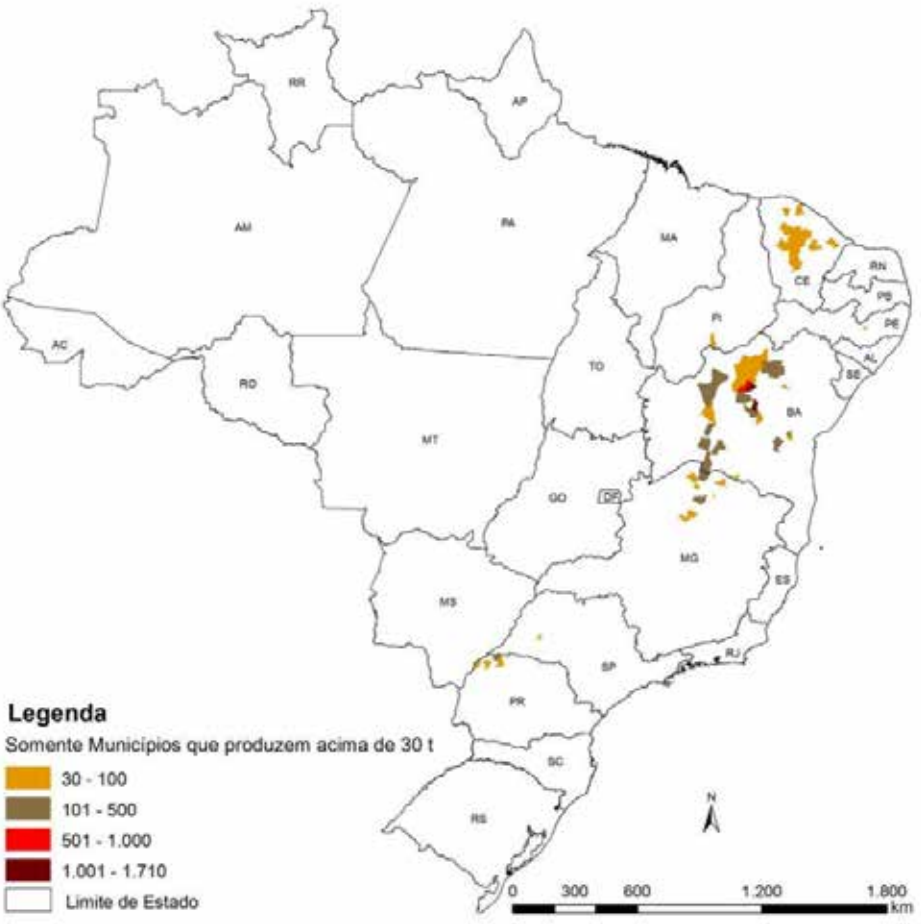
As estimativas para a safra 2015/16 de mamona é de redução de área, alcançando 30,2 mil hectares, que representa decrescimento de 63,2% em relação à safra passada, que foi de 82,1 mil hectares.

Para a Bahia a produção é de 12,8 mil toneladas em uma área de 21 mil hectares. A maior parte da mamona encontra-se no período de frutificação, mas já há uma pequena parte do produto que já está sendo colhido e comercializado nos mercados locais. A grande quantidade de chuvas em janeiro e a estiagem nos meses seguintes dificultou o plantio da cultura. A ausência de chuvas nos últimos seis meses prejudicou o desenvolvimento de parte da cultura. A produtividade ficou em 610 kg/ha, fundamentada pelas condições climáticas adversas que submeteram as culturas neste período, apesar da baixa exigência hídrica da mamona, retração de 4,7% da produtividade em relação à safra anterior. Retração também da produção em 71,5%, saindo de 44,9 mil toneladas para 12,8 mil toneladas, este fato é de que parte das plantas remanescentes da safra 2014/15, que se somam com os volumes de produção da safra 2015/16, terem sofrido baixas. Em algumas propriedades a mamona foi consorciada com o milho.

No Ceará foram semeados 8,3 mil hectares, retração de 7,8% em relação à safra anterior, que foi de 9 mil hectares. Esta diminuição de área da cultura está relacionada com a exigência de tratos culturais, como calagem e adubação, que os produtores da região não possuem domínio da técnica e com as condições climáticas desfavoráveis, o que as levam a se concentrarem no plantio de espécies alimentícias. As sementes são geralmente doadas pelo governo estadual e distribuídas pela Ematerce. Cada agricultor pode receber quantidade suficiente para cultivar até dez hectares. Em Quixadá, a empresa de extensão rural está com dificuldades para distribuir essas sementes, pois os produtores estão deixando de plantar. A razão para isso é que a Petrobras está deixando de ajudar no preparo do terreno, através da cessão de tratores para o preparo do solo. O plantio foi realizado de janeiro a abril. A cultura se encontra em estádio de frutificação (47,26%) e de maturação (52,74%). A colheita será realizada de agosto a novembro, concentrando-se em outubro, quando se estima que será colhida 85,18% das áreas semeadas.

Em Minas Gerais o plantio de mamona, restrito basicamente ao Norte de Minas, segue em tendência de retração, em face dos fracos resultados alcançados nas últimas safras, somados às dificuldades e baixos preços de comercialização. A área de plantio ficou em 0,3 mil hectares, apresentando queda de 62,5% em relação à safra anterior. A produtividade média estimada em 909 kg/ha, podendo ainda ser reavaliada com a conclusão da colheita. As lavouras se encontram em fase final de colheita. Estima-se uma produção de 0,3 mil toneladas, 50% de incremento em relação à safra de 2014/15.

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Mamona



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	**81,3**	**29,9**	**(63,2)**	**576**	**472**	**(17,9)**	**46,8**	**14,1**	**(69,9)**
PI	0,6	0,6	-	506	500	(1,2)	0,3	0,3	-
CE	9,0	8,3	(7,8)	156	122	(21,8)	1,4	1,0	(28,6)
PE	1,6	-	(100,0)	142	-	(100,0)	0,2	-	(100,0)
BA	70,1	21,0	(70,0)	640	610	(4,7)	44,9	12,8	(71,5)
SUDESTE	**0,8**	**0,3**	**(62,5)**	**306**	**909**	**197,1**	**0,2**	**0,3**	**50,0**
MG	0,8	0,3	(62,5)	306	909	197,1	0,2	0,3	50,0
NORTE/NORDESTE	**81,3**	**29,9**	**(63,2)**	**576**	**472**	**(17,9)**	**46,8**	**14,1**	**(69,9)**
CENTRO-SUL	**0,8**	**0,3**	**(62,5)**	**306**	**909**	**197,1**	**0,2**	**0,3**	**50,0**
BRASIL	**82,1**	**30,2**	**(63,2)**	**573**	**477**	**(16,8)**	**47,0**	**14,4**	**(69,4)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.7. Milho

8.1.7.1. Milho primeira safra

De uma forma geral, prevalece a tendência observada nos últimos anos, de recuo na intenção de plantio desta cultura no período de verão, perdendo espaço para a soja. Os motivos para tal redução são vários, mas a menor rentabilidade, os altos custos e o maior risco de produção são os mais citados. Merece destaque a firmeza nos preços do cereal na Região Nordeste, que costuma apresentar forte suporte para os produtores situados na região do Matopiba. Para esta temporada estimava-se que esse fato iria influenciar produtores que ainda não haviam tomado a decisão de investir na cultura, principalmente aqueles que buscavam implementar a rotação de culturas.

Nesta safra a área com milho primeira safra apresentou redução de 12,3%, atingindo 5.387,7 mil hectares, quando comparada com a safra passada, que totalizou 6.142,3 mil hectares. A produtividade foi estimada em 4.799 kg/ha, praticamente idêntica à ocorrida no ano passado. A produção do cereal atingiu 25.853,6 mil toneladas, representando decréscimo de 14,1% em relação ao volume alcançado no exercício anterior.

No início do plantio houve relatos de dificuldades enfrentados pelos produtores na liberação de crédito de custeio por parte das instituições bancárias, embora este fato, não altere a decisão dos produtores quanto ao incremento ou não da área plantada. Com efeito, as regras bancárias de financiamentos apresentaram-se mais rígidas e houve a necessidade de maiores garantias para a liberação dos recursos. Assim, também aconteceu na negociação entre os produtores e as empresas agrícolas privadas (cooperativas, multinacionais e cerealistas).

No cenário externo, em função do excesso de chuvas nos Estados Unidos, sul do Brasil e Argentina e da seca no norte da Europa, e ainda pelo aumento da taxa de câmbio no Brasil, as médias de preços praticados no mercado interno apresentaram, a partir do segundo semestre de 2015, forte estímulo particularmente nas Regiões Sul e Centro-Oeste. Internamente, o governo brasileiro, através dos mecanismos de sustentação de renda ao produtor lançou no mercado os leilões de prêmios equalizadores, na perspectiva de que pudessem auxiliar na diminuição dos excedentes domésticos. Esses fatos reunidos trouxeram estímulos para o incremento da área plantada com o cereal nesta temporada. No entanto, os dados consolidados na primeira pesquisa realizada pela Conab para esta temporada, apresentaram forte redução da área plantada em âmbito nacional, variando no intervalo de 5.814,2 a 5.973,2 mil hectares, contra 6.142,3 mil hectares, observados na temporada passada.

Na Região Sul a forte concorrência com a lavoura de soja foi a responsável pela maior redução nacional na área plantada para o milho da primeira safra. Adicionalmente, a lavoura foi fortemente afetada pelo comportamento do clima. As temperaturas apresentaram variações significativas e ficaram acima da média em vários estados da região, registrando ondas de calor muito intensas e baixa umidade relativa do ar. Paralelamente houve a ocorrência de vendavais e chuvas de granizo em diversas regiões produtoras, eventos considerados típicos do fenômeno El Niño. No início do inverno ocorreram geadas associadas a fortes chuvas, provocando prejuízo nas lavouras recém-plantadas, na medida em que impediam o acesso à lavoura, dificultando o manejo como também a execução dos tratos culturais.

No Rio Grande do Sul, maior produtor nacional, a área plantada apresentou forte redução, atingindo 823 mil hectares, comparado com 941 mil hectares plantados no exercício passado. As causas da redução podem ser explicadas pelo alto custo de produção, concorrência com o milho produzido nos estados do Paraná e Mato Grosso, áreas perdidas na competição com a soja, dentre outros. Além disso, já vem ocorrendo no estado a segregação das áreas semeadas com a finalidade de produzir milho para silagem. Não bastasse a redução de área, a lavoura de milho sofreu perdas consideráveis com a ocorrência de geadas que dizimaram várias lavouras no noroeste do estado, onde se concentram as maiores áreas com milho para produção de grãos. Nas lavouras com perda total ocorreram replantios ou foram direcionadas para soja.

No Paraná ocorreu expressiva redução na área, ou seja, decréscimo23,7% sobre a área plantada no ano passado que atingiu 542,5 mil hectares. A situação do clima durante o plantio apresentou fases distintas, que afetaram a produtividade média estadual. O receio entre os produtores era o da ocorrência de doenças com a umidade e calor, contribuindo para o aumento dos focos de ferrugem asiática.

Em Santa Catarina a implantação das lavouras de milho ocorre com maior representatividade no oeste do estado, onde o plantio se inicia no estado, em função das condições climáticas mais favoráveis devido, em parte, ao microclima resultante das áreas próximas às margens dos rios. Os motivos para a redução na

área são vários, mas a menor rentabilidade, os altos custos e maior risco de produção são os mais citados. Por outro lado, a melhoria dos preços do grão nas semanas que antecederam o plantio influenciaram alguns produtores que ainda não haviam decidido investir na cultura. Em alguns locais onde o plantio ocorreu em agosto, lavouras foram prejudicadas pelas geadas tardias, causando prejuízos aos produtores.

Na Região Sudeste, segunda produtora nacional do milho primeira safra, a cultura experimentou redução de 13,8% na área plantada, quando comparada com o ano anterior. Em Minas Gerais, segundo maior produtor nacional, a área plantada apresentou retração no início do plantio, que foi se acentuando na sequência dos levantamentos. O plantio ocorrido entre outubro e dezembro coincidiu com o início do período chuvoso. Os produtores mineiros, em especial os situados na região dos cerrados, vêm incorporando em seu planejamento, o cultivo sequencial da safrinha de milho em áreas de soja, compensando de certa forma a redução de área do plantio do milho primeira safra, com incremento na produção do milho safrinha.

Na Região Centro-Oeste a primeira safra de milho tem a sua importância relativizada, em virtude dos produtores priorizarem o plantio da soja, para maximizar a janela do clima na região, com o plantio subsequente do cereal, possibilitando a ocorrência de duas safras numa mesma área. Em Mato Grosso o início do plantio do milho ocorreu na segunda quinzena de outubro. Havia a expectativa de manutenção da área cultivada no ano passado, imaginando na época, que pudesse ocorrer uma pequena redução com a migração para a cultura da soja. As condicões climáticas não se mostraram favoráveis no estado em razão da predominância de clima seco, chuvas escassas, temperaturas elevadas e baixos índices de umidade relativa, que aumentavam o risco de implantação das lavouras.

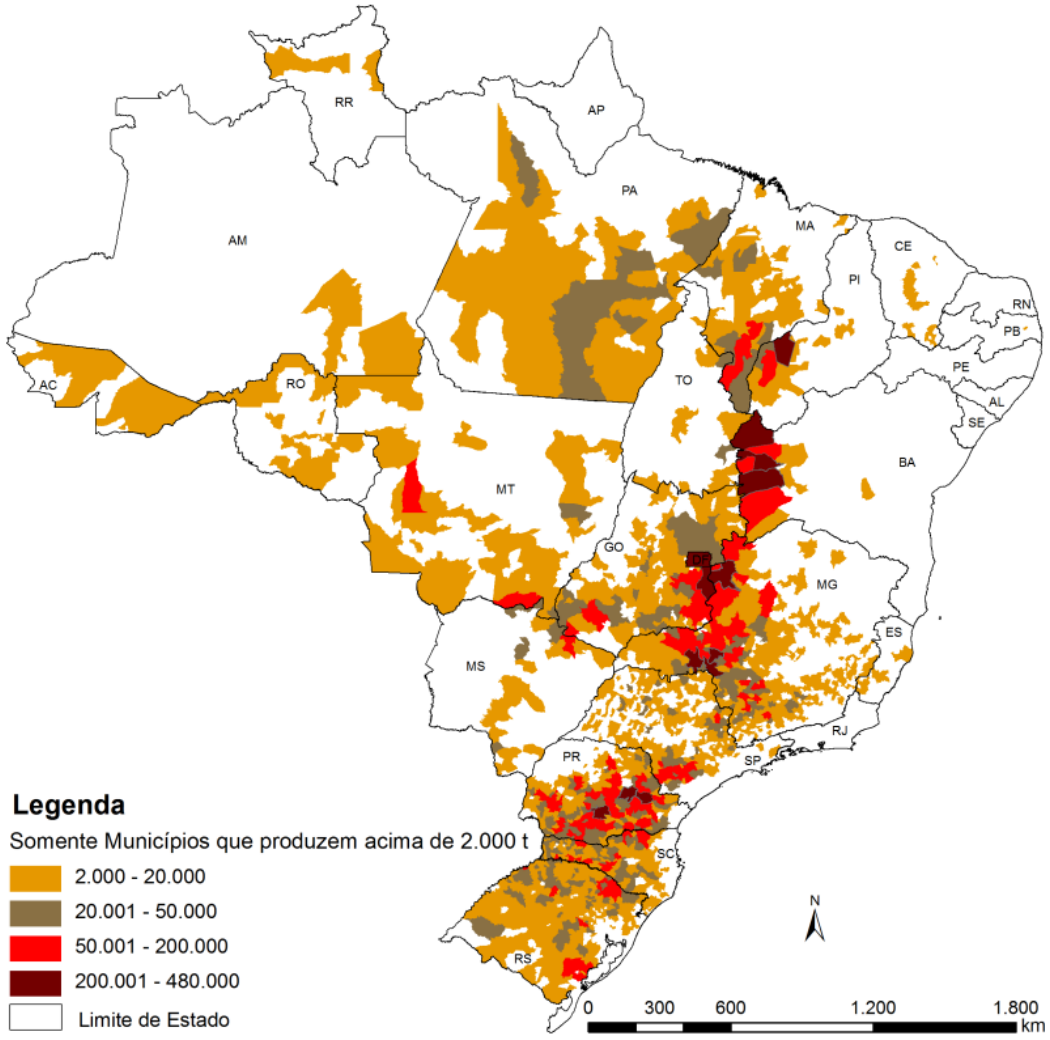
Em Goiás, maior produtor regional, as áreas semeadas em outubro e início de novembro apresentaram níveis de produtividades próximo das médias históricas. A exemplo dos demais estados da região, dois fatos ditam o comportamento do cereal no estado: a recorrente expectativa positiva para o mercado da soja e do histórico da produção bem-sucedida do milho segunda safra ocorrida nos anos anteriores. Além disso, havia a constatação de que os preços pagos ao produtor não apresentaram queda significativa após a finalização da colheita estadual do milho segunda safra da temporada passada, o que poderia estimular os produtores a reverterem a posição inicial, fato que não ocorreu.

Em Mato Grosso do Sul observou-se forte redução na área de milho, com estimativas iniciais que variaram de 10% a 5%. A área definitiva apresentou queda de 22% em relação ao ano anterior. Esse recuo derivou, principalmente da substituição pela soja, em função dos preços mais atrativos. Na região norte, grande produtora do milho verão, os plantios só foram iniciados quando ocorreram acúmulos pluviométricos acima de 60 mm, condição alcançada apenas no entorno do município de Chapadão do Sul. Os plantios significativos começaram em outubro, quando as precipitações já estavam estabilizadas.

Na Região Norte-Nordeste a previsão inicial de área plantada indicava redução variando de 3,8% a 1,6%. O número final para a região atingiu uma redução de 9,3% mesmo com o suporte sempre existente para os produtores situados na região do Matopiba, caso as condições climáticas permita, atender prioritariamente a demanda nordestina, o que sempre cria um atrativo adicional para o cereal naquela região.

Dessa forma, a estimativa nacional para a produção do milho primeira safra na temporada 2015/16, que estava prevista no início do ano situar-se no intervalo de 27.995,7 mil a 28.963,6 mil toneladas, encerrou o exercício com 25.853,6 mil toneladas, representando um decréscimo de 14,1% em relação ao ocorrido na temporada passada.

Figura 24 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(ef)	(g)	(f/e)
NORTE	**393,8**	**358,1**	**(9,1)**	**3.239**	**3.135**	**(3,2)**	**1.275,5**	**1.122,8**	**(12,0)**
RR	6,2	4,6	(25,2)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	46,0	38,6	(16,1)	2.174	2.657	22,2	100,0	102,6	2,6
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.442	4,7	96,3	96,7	0,4
AM	15,5	5,4	(65,2)	2.540	2.515	(1,0)	39,4	13,6	(65,5)
AP	1,8	1,8	-	907	902	(0,6)	1,6	1,6	-
PA	218,7	196,1	(10,3)	3.232	3.299	2,1	706,8	646,9	(8,5)
TO	64,3	72,0	12,0	4.914	3.436	(30,1)	316,0	247,4	(21,7)
NORDESTE	**2.056,5**	**1.865,2**	**(9,3)**	**2.165**	**1.537**	**(29,0)**	**4.452,9**	**2.866,9**	**(35,6)**
MA	380,1	268,4	(29,4)	2.500	2.687	7,5	950,3	721,2	(24,1)
PI	380,5	471,0	23,8	2.495	1.490	(40,3)	949,3	701,8	(26,1)
CE	480,6	460,2	(4,2)	315	356	13,0	151,4	163,8	8,2
RN	25,9	25,0	(3,3)	288	309	7,3	7,5	7,7	2,7
PB	62,9	84,6	34,5	322	237	(26,4)	20,3	20,1	(1,0)
PE	214,7	184,6	(14,0)	271	120	(55,7)	58,2	22,2	(61,9)
BA	511,8	371,4	(27,4)	4.525	3.312	(26,8)	2.315,9	1.230,1	(46,9)
CENTRO-OESTE	**361,6**	**320,3**	**(11,4)**	**6.930**	**7.636**	**10,2**	**2.506,0**	**2.445,9**	**(2,4)**
MT	63,6	31,1	(51,1)	7.205	6.412	(11,0)	458,2	199,4	(56,5)
MS	20,5	16,0	(22,0)	8.500	9.000	5,9	174,3	144,0	(17,4)
GO	250,7	246,4	(1,7)	6.690	7.800	16,6	1.677,2	1.921,9	14,6
DF	26,8	26,8	-	7.326	6.740	(8,0)	196,3	180,6	(8,0)
SUDESTE	**1.435,4**	**1.237,0**	**(13,8)**	**5.436**	**6.079**	**11,8**	**7.802,1**	**7.519,9**	**(3,6)**
MG	1.022,4	837,4	(18,1)	5.340	6.100	14,2	5.459,6	5.108,1	(6,4)
ES	17,8	13,6	(23,6)	1.363	2.910	113,5	24,3	39,6	63,0
RJ	2,6	2,0	(23,0)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	392,6	384,0	(2,2)	5.889	6.164	4,7	2.312,0	2.367,0	2,4
SUL	**1.895,0**	**1.607,1**	**(15,2)**	**7.412**	**7.403**	**(0,1)**	**14.045,5**	**11.898,1**	**(15,3)**
PR	542,5	414,1	(23,7)	8.633	7.953	(7,9)	4.683,4	3.293,3	(29,7)
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.330	(5,4)	3.189,1	2.712,1	(15,0)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.160	9,1	6.173,0	5.892,7	(4,5)
NORTE/NORDESTE	**2.450,3**	**2.223,3**	**(9,3)**	**2.338**	**1.794**	**(23,2)**	**5.728,4**	**3.989,7**	**(30,4)**
CENTRO-SUL	**3.692,0**	**3.164,4**	**(14,3)**	**6.596**	**6.909**	**4,7**	**24.353,6**	**21.863,9**	**(10,2)**
BRASIL	**6.142,3**	**5.387,7**	**(12,3)**	**4.898**	**4.799**	**(2,0)**	**30.082,0**	**25.853,6**	**(14,1)**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.7.2. Milho segunda safra

,Para o milho segunda safra, em função do calendário de plantio, a Conab utiliza metodologia específica, cujo método se encontra no boletim divulgado pela empresa a cada início de temporada. Nesta, o clima e os seus efeitos ditaram a magnitude dos impactos nas safras do milho segunda safra em todo o país. Desde o início do plantio havia a apreensão dos produtores da Região Centro-Oeste com relação à instabilidade climática, que tinha atrasado o plantio da soja e à expectativa de repercussão no desenvolvimento das lavouras do cereal. Raciocinavam que a instabilidade climática poderia estreitar a janela de plantio, acarretando perdas numa região que representa 68% da oferta nacional do produto. Além disso, o aumento nos custos de produção e as restrições apontadas para obtenção dos créditos contribuíram adicionalmente para gerar incertezas. O câmbio atraente fez que o produtor elevasse, nesta temporada, o percentual de comercialização da produção futura do cereal, em níveis acentuadamente maiores do que aqueles registrados no mesmo período das safras anteriores. Daí, o temor e a busca cada vez mais intensa por informações acuradas sobre o clima que passariam a guiar os rumos da produção nos meses seguintes.

Mesmo com essas indefinições, a área plantada, nesta temporada apresentou incremento de 10,3% em relação à safra passada. Em Mato Grosso, os trabalhos relacionados ao plantio de milho perduraram em algumas regiões até o final de março. Com isso, observou-se a continuidade do comportamento por parte dos produtores semelhante ao ocorrido nas safras anteriores, quando arriscavam plantar o cereal muito fora da janela ideal, e mesmo assim, obtinham bons rendimentos, uma vez que às chuvas se prolongavam de abril até maio. A colheita da segunda safra de milho finalizada em agosto, em Mato Grosso, apresentou situações inusitadas em função da dramaticidade

do desempenho climático. Estima-se que aproximadamente 4% (150 mil hectares) das áreas plantadas com o cereal no estado foram abandonadas por conta dos baixos rendimentos, que inviabilizaram a colheita desses talhões. Contribui também para a queda na produtividade do milho, a ocorrência de pragas, tais como o percevejo e a lagarta, essa última em áreas onde foram empregadas baixa tecnologia.

No Mato Grosso, a produtividade média obtida, considerando a área total semeada, ficou em 3.999 kg/ha, rendimento 34% inferior aos 6.056 kg/ha ocorrido na temporada passada, reflexo do deficit hídrico que assolou o estado. Apesar do incremento observado na área plantada, tal medida não foi suficiente para reverter a situação de queda de 25,8% na produção do cereal, que saiu de 20.305,2 mil toneladas na temporada passada, para 15.072,2 mil toneladas na atual, obrigando os agentes - produtores rurais e tradings a realizarem intensas negociações, que passaram pelo estabelecimento de novos contratos e/ou pagamentos de multas em relação à quantia de milho não entregue pelos produtores.

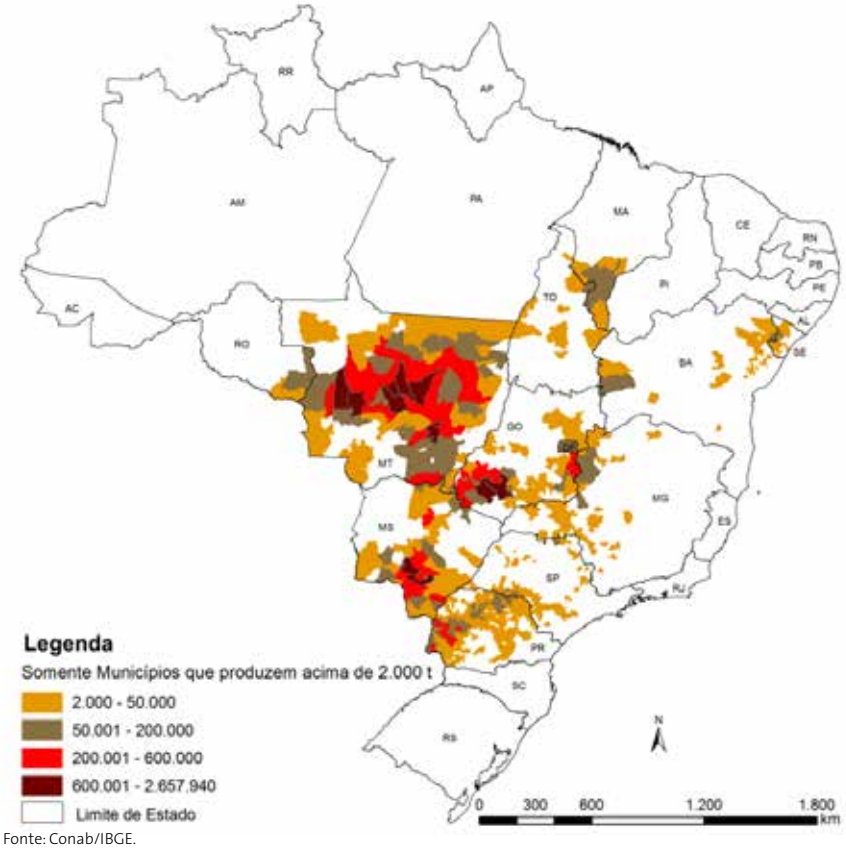
No Paraná, importantes regiões produtoras ficaram de 25 a 32 dias sem receberem chuvas, acompanhadas de altas temperaturas, registraram forte redução no seu potencial produtivo, principalmente nas lavouras que se encontravam nos estágios de enchimento de grãos. Assim, como ocorre com o milho da primeira safra, o investimento tecnológico na segunda é muito alto e as previsões iniciais davam conta de produtividades excelentes. Essa expectativa de produtividade não se confirmou, mas o volume total colhido foi grande devido ao forte incremento da área plantada observado em todas as regiões do estado.

Em Goiás em função da instabilidade do clima, muitos produtores de milho foram obrigados a lançar mão das vistorias e laudos técnicos nas áreas seguradas. Além das instabilidades do clima, várias áreas foram atacadas pela lagarta do cartucho, coincidindo com um menor número de aplicações dos defensivos agrícolas realizados habitualmente pelo produtor por considerar, na medida em que o clima não dava sinais de recuperação, pouco compensatório. As espigas ficaram bem abaixo do padrão de desenvolvimento, com grãos leves e desuniformes. Houve registros de perdas de até 100% em algumas lavouras, o que fez alguns municípios goianos decretarem estado de emergência.

Em Mato Grosso do Sul um grande percentual da semeadura do milho ocorreu a partir da segunda quinzena de março, terminando apenas em fins de abril, completamente fora do período recomendado pela área técnica. As condições climáticas desfavoráveis ocorridas até fins de abril causaram forte redução na expectativa de produtividade. Em importantes regiões produtoras ocorreram estiagens de até 30 dias, acompanhadas por elevadas temperaturas. Adicionalmente, esta condição propiciou o surgimento de pragas como as lagartas-do-cartucho, percevejos barriga-verde e marrons.

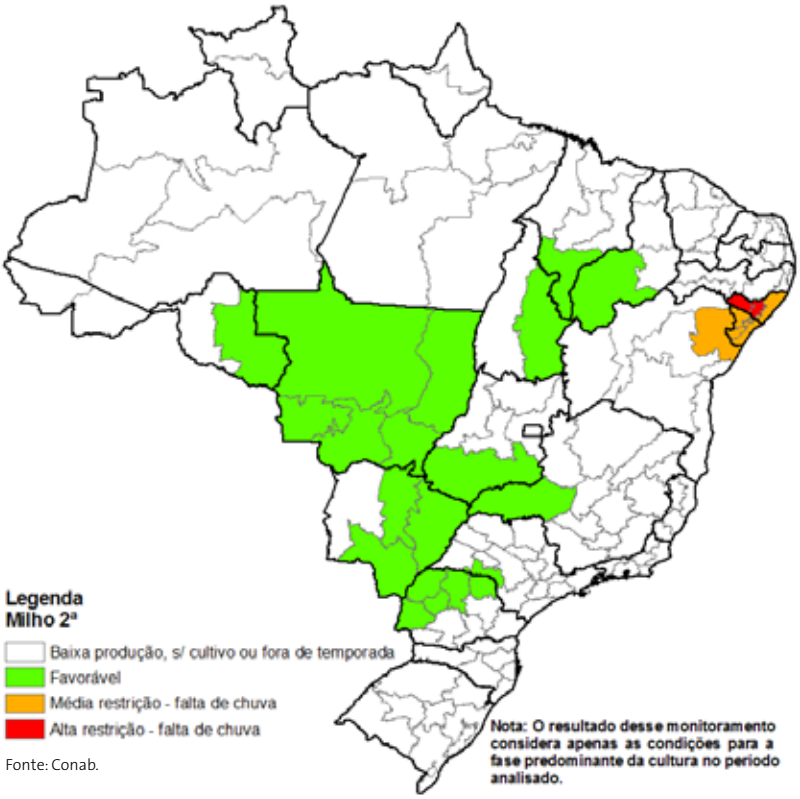
Outro fator levantado pelos técnicos esteve relacionado às lavouras plantadas antes do período da estiagem. Com o plantio ocorrendo com chuvas abundantes, as plantas em suas fases iniciais não necessitaram aprofundar tanto o sistema radicular em busca de umidade e nutrientes. Conforme as precipitações cessaram e as temperaturas médias se elevaram, a umidade do solo decaiu rapidamente, não sendo acompanhada pelo aumento da área de exploração das raízes, o que agravou o estresse hídrico, numa fase onde as lavouras encontravam-se em floração e na fase inicial de enchimento de grãos. De forma estranha, observou-se uma situação onde foram obtidos melhores resultados nas lavouras plantadas antecipadamente (aproximadamente 20% da área), como nas lavouras plantadas tardiamente (aproximadamente 20% da área).

Figura 25 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 26 – Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016



Fonte: Conab.

Quadro 6 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Milho 2ª safra			- leste de RO (C) - leste de TO (C) - sul do MA (C) - sudoeste do PI (C) - Triângulo de MG (C) - sul de SP (C) - norte e oeste do PR (C) - sudoeste, centro-norte e leste do MS (C) - todo estado do MT (C) - sul de GO (C)	- todo estado de AL (F/FR) - todo estado de SE (F/FR) - nordeste da BA (F/FR)

Fonte: Conab.

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**273,5**	**215,1**	**(21,4)**	**4.700**	**3.924**	**(16,5)**	**1.285,6**	**844,1**	**(34,3)**
RO	119,5	119,5	-	4.613	4.613	-	551,3	551,3	-
TO	154,0	95,6	(37,9)	4.768	3.063	(35,8)	734,3	292,8	(60,1)
NORDESTE	**618,9**	**560,0**	**(9,5)**	**2.893**	**1.307**	**(54,8)**	**1.790,2**	**732,1**	**(59,1)**
MA	134,2	85,9	(36,0)	3.867	1.784	(53,9)	519,0	153,2	(70,5)
PI	25,9	21,5	(17,0)	4.437	1.756	(60,4)	114,9	37,8	(67,1)
AL	30,1	28,3	(5,9)	1.007	674	(33,1)	30,3	19,1	(37,0)
SE	176,2	177,0	0,5	3.794	1.718	(54,7)	668,5	304,1	(54,5)
BA	252,5	247,3	(2,1)	1.812	881	(51,4)	457,5	217,9	(52,4)
CENTRO-OESTE	**6.118,6**	**6.747,1**	**10,3**	**6.060**	**3.857**	**(36,3)**	**37.076,1**	**26.025,0**	**(29,8)**
MT	3.352,9	3.769,0	12,4	6.056	3.999	(34,0)	20.305,2	15.072,2	(25,8)
MS	1.615,0	1.665,0	3,1	5.640	3.815	(32,4)	9.108,6	6.352,0	(30,3)
GO	1.112,3	1.274,7	14,6	6.578	3.537	(46,2)	7.316,7	4.508,6	(38,4)
DF	38,4	38,4	-	9.000	2.400	(73,3)	345,6	92,2	(73,3)
SUDESTE	**625,3**	**814,3**	**30,2**	**5.212**	**2.866**	**(45,0)**	**3.259,1**	**2.333,4**	**(28,4)**
MG	255,2	371,0	45,4	5.505	2.350	(57,3)	1.404,9	871,9	(37,9)
SP	370,1	443,3	19,8	5.010	3.297	(34,2)	1.854,2	1.461,6	(21,2)
SUL	**1.914,3**	**2.198,3**	**14,8**	**5.840**	**5.091**	**(12,8)**	**11.179,5**	**11.191,5**	**0,1**
PR	1.914,3	2.198,3	14,8	5.840	5.091	(12,8)	11.179,5	11.191,5	0,1
NORTE/NORDESTE	**892,4**	**775,1**	**(13,1)**	**3.447**	**2.033**	**(41,0)**	**3.075,8**	**1.576,2**	**(48,8)**
CENTRO-SUL	**8.658,2**	**9.759,7**	**12,7**	**5.950**	**4.052**	**(31,9)**	**51.514,7**	**39.549,9**	**(23,2)**
BRASIL	**9.550,6**	**10.534,8**	**10,3**	**5.716**	**3.904**	**(31,7)**	**54.590,5**	**41.126,1**	**(24,7)**

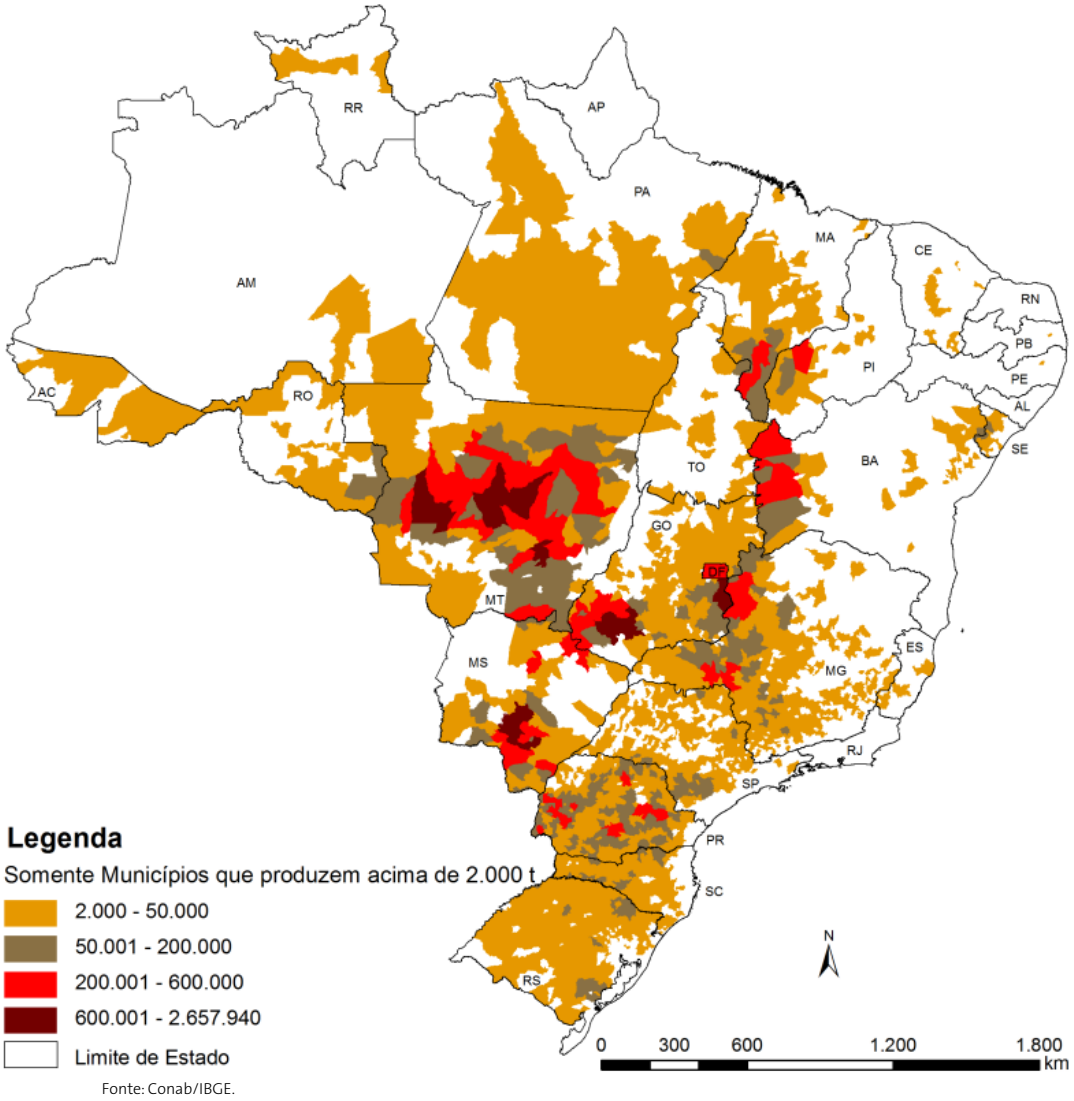
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.7.1. Milho total

A consolidação da produção brasileira de milho, reunindo a primeira e segunda safra, atingiu nesta temporada, o montante de 66.979,5 mil toneladas, apresentando um decréscimo de 20,2% em relação à produção anterior, calculada em 84.672,4 mil toneladas.

Figura 27 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 43 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**667,3**	**573,2**	**(14,1)**	**3.838**	**3.431**	**(10,6)**	**2.561,0**	**1.966,8**	**(23,2)**
RR	6,2	4,6	(25,8)	2.483	3.036	22,3	15,4	14,0	(9,1)
RO	165,5	158,1	(4,5)	3.935	4.135	5,1	651,3	653,8	0,4
AC	41,3	39,6	(4,1)	2.332	2.442	4,7	96,3	96,7	0,4
AM	15,5	5,4	(65,2)	2.540	2.515	(1,0)	39,4	13,6	(65,5)
AP	1,8	1,8	-	907	902	(0,6)	1,6	1,6	-
PA	218,7	196,1	(10,3)	3.232	3.299	2,1	706,8	646,9	(8,5)
TO	218,3	167,6	(23,2)	4.811	3.223	(33,0)	1.050,2	540,2	(48,6)
NORDESTE	**2.675,4**	**2.425,2**	**(9,4)**	**2.333**	**1.484**	**(36,4)**	**6.243,1**	**3.598,8**	**(42,4)**
MA	514,3	354,3	(31,1)	2.857	2.468	(13,6)	1.469,2	874,4	(40,5)
PI	406,4	492,5	21,2	2.619	1.502	(42,7)	1.064,3	739,5	(30,5)
CE	480,6	460,2	(4,2)	315	356	13,0	151,4	163,8	8,2
RN	25,9	25,0	(3,5)	288	309	7,3	7,5	7,7	2,7
PB	62,9	84,6	34,5	322	237	(26,4)	20,3	20,1	(1,0)
PE	214,7	184,6	(14,0)	271	120	(55,7)	58,2	22,2	(61,9)
AL	30,1	28,3	(6,0)	1.007	674	(33,1)	30,3	19,1	(37,0)
SE	176,2	177,0	0,5	3.794	1.718	(54,7)	668,5	304,1	(54,5)
BA	764,3	618,7	(19,1)	3.629	2.340	(35,5)	2.773,4	1.447,9	(47,8)
CENTRO-OESTE	**6.480,2**	**7.067,4**	**9,1**	**6.108**	**4.028**	**(34,0)**	**39.582,1**	**28.470,9**	**(28,1)**
MT	3.416,5	3.800,1	11,2	6.077	4.019	(33,9)	20.763,4	15.271,6	(26,4)
MS	1.635,5	1.681,0	2,8	5.676	3.864	(31,9)	9.282,9	6.496,0	(30,0)
GO	1.363,0	1.521,1	11,6	6.599	4.228	(35,9)	8.993,9	6.430,5	(28,5)
DF	65,2	65,2	-	8.312	4.184	(49,7)	541,9	272,8	(49,7)
SUDESTE	**2.060,7**	**2.051,3**	**(0,5)**	**5.368**	**4.803**	**(10,5)**	**11.061,2**	**9.853,3**	**(10,9)**
MG	1.277,6	1.208,4	(5,4)	5.373	4.949	(7,9)	6.864,5	5.980,0	(12,9)
ES	17,8	13,6	(23,6)	1.363	2.910	113,5	24,3	39,6	63,0
RJ	2,6	2,0	(23,1)	2.394	2.600	8,6	6,2	5,2	(16,1)
SP	762,7	827,3	8,5	5.462	4.628	(15,3)	4.166,2	3.828,5	(8,1)
SUL	**3.809,3**	**3.805,4**	**(0,1)**	**6.622**	**6.068**	**(8,4)**	**25.225,0**	**23.089,7**	**(8,5)**
PR	2.456,8	2.612,4	6,3	6.457	5.545	(14,1)	15.862,9	14.484,9	(8,7)
SC	411,5	370,0	(10,1)	7.750	7.330	(5,4)	3.189,1	2.712,1	(15,0)
RS	941,0	823,0	(12,5)	6.560	7.160	9,1	6.173,0	5.892,7	(4,5)
NORTE/NORDESTE	**3.342,7**	**2.998,4**	**(10,3)**	**2.634**	**1.856**	**(29,5)**	**8.804,1**	**5.565,6**	**(36,8)**
CENTRO-SUL	**12.350,2**	**12.924,1**	**4,6**	**6.143**	**4.752**	**(22,6)**	**75.868,3**	**61.413,9**	**(19,1)**
BRASIL	**15.692,9**	**15.922,5**	**1,5**	**5.396**	**4.207**	**(22,0)**	**84.672,4**	**66.979,5**	**(20,9)**

Fonte: Conab.

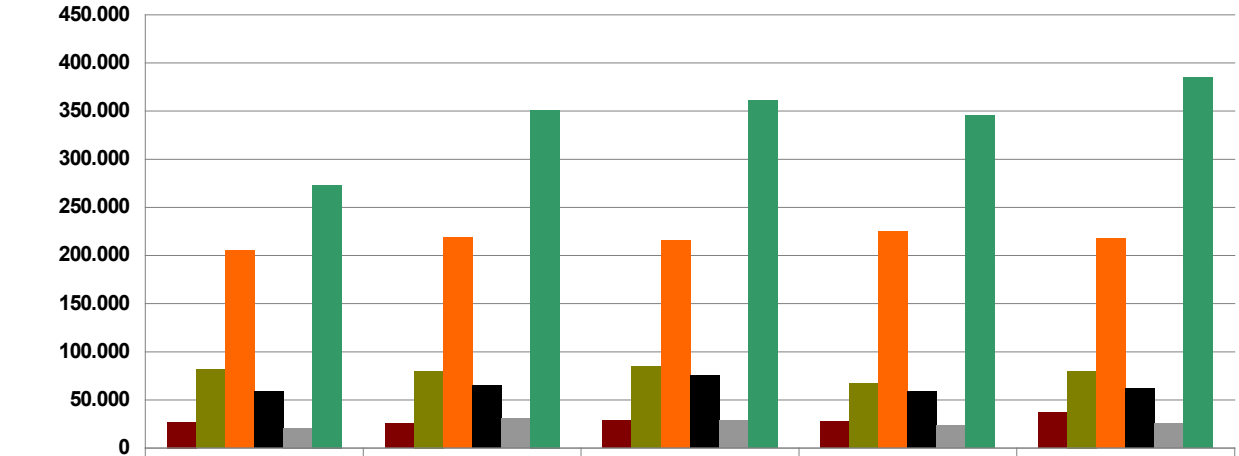
Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.7.3. Oferta e demanda

Mercado internacional

A primeira quinzena de agosto apresentou uma surpresa ao mercado de milho, tanto no cenário nacional quanto no mundial. No âmbito mundial, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), divulgou no seu relatório um número de produção de milho para a safra 2016/17, nos Estados Unidos, que superou todas as expectativas de mercado, chegando a 384,9 milhões de toneladas, ou seja, a maior produção já vista da história do país.

Gráfico 55 – Evolução da produção mundial de milho nas últimas 5 safras - prinicpais países produtores (mil t)



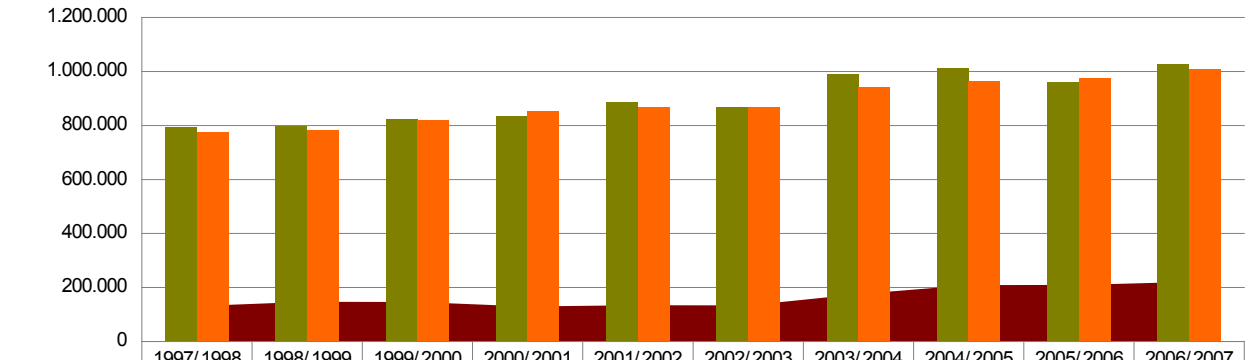
	2012/ 2013	2013/ 2014	2014/ 2015	2015/ 2016	2016/ 2017
Argentina	27.000	26.000	28.700	28.000	36.500
Brasil	81.506	80.052	84.672	66.980	80.000
China	205.614	218.490	215.646	224.580	218.000
União Européia	59.142	64.931	75.779	59.083	62.104
Ucrânia	20.922	30.900	28.450	23.333	26.000
Estados Unidos	273.192	351.272	361.091	345.486	384.916

Fonte: USDA

Além dos Estados Unidos, o USDA também estimou um significativo crescimento de produção na Europa, Brasil, Ucrânia e Argentina, visto que este último terá um incremento de 30,4% da safra 2015/16 para a safra 2016/17, saltando de 28 para 36,5 milhões de toneladas. Este fato se deve, principalmente, em função da retirada da política de retenciones pelo governo da Argentina, incentivando o plantio do cereal pelos produtores.

Neste contexto, a produção mundial está estimada em 1,03 bilhão de toneladas onde, mesmo com um incremento no consumo que está estimado em 1,01 bilhão de toneladas, os estoques mundiais deverão ser bastante elevados, chagando a 220,8 milhões de toneladas, ou seja, o maior estoque de passagem de milho já registrado em toda série histórica do USDA.

Gráfico 56 – Comparativo de produção, consumo e estoque final de milho no mundo nas últimas 10 safras (mil t)

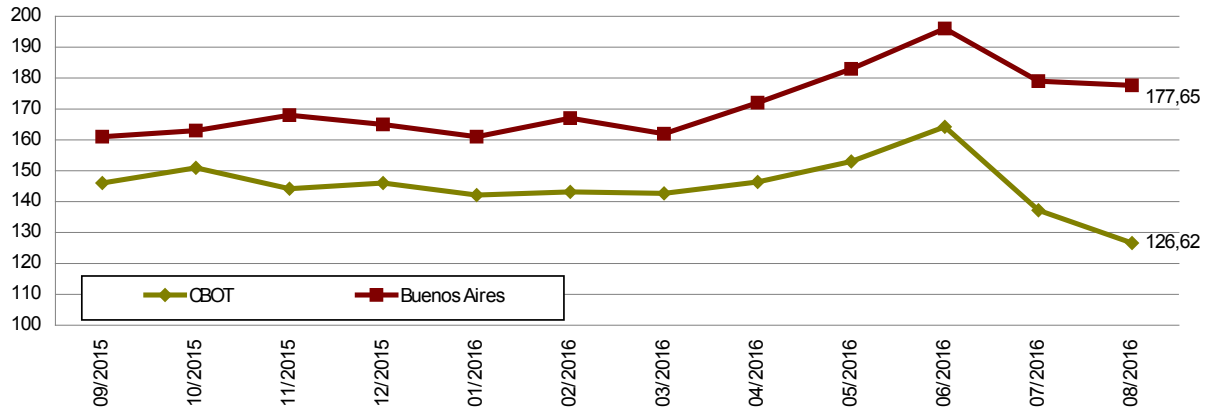


	1997/ 1998	1998/ 1999	1999/ 2000	2000/ 2001	2001/ 2002	2002/ 2003	2003/ 2004	2004/ 2005	2005/ 2006	2006/ 2007
Estoque Final	131.616	147.355	146.530	129.959	134.429	133.290	175.742	208.512	209.343	220.812
Produção	795.539	799.712	824.942	835.379	888.163	869.735	991.371	1.013.558	959.725	1.028.399
Consumo	774.145	782.059	818.745	852.976	866.652	869.298	942.859	964.041	974.508	1.007.712

Fonte: USDA

Obviamente que, neste contexto, as cotações do milho em Chicago sofreram forte pressão baixista, visto que os indicativos climáticos no Meio Oeste dos Estados Unidos não demonstram que haverá perdas de produtividade e, portanto, os valores na referida Bolsa atingiram seu limite de baixa, chegando a US$ 3,01/bushel (US$ 118,69/t), sendo a média mensal das cotações com valor de US$ 3,21/bushel (US$ 126,62/t), indicando que não há tendência de elevação dos preços internacionais em um curto prazo.

Gráfico 57 – Milho - Preços internacionais médios mensais - 12 meses (US$/t)



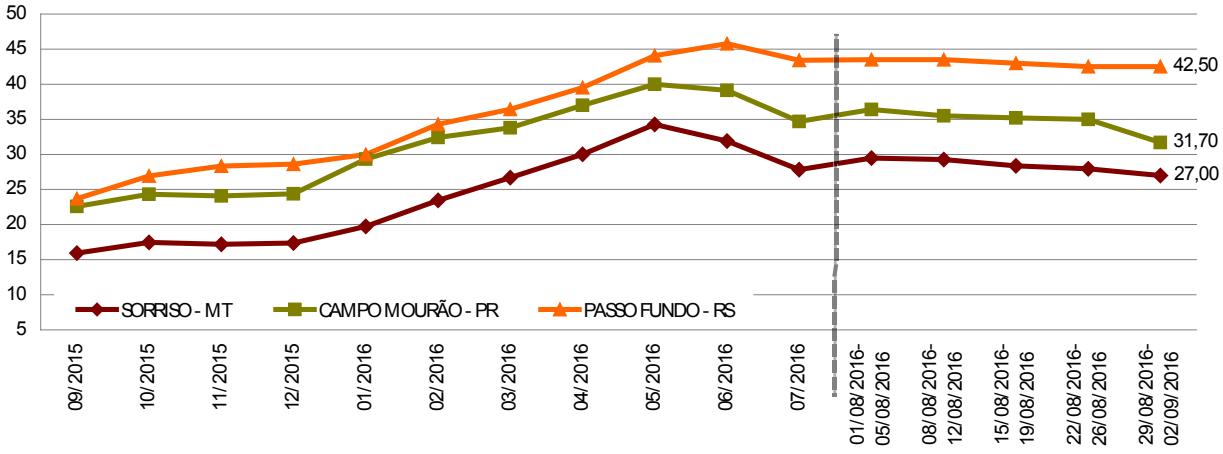
Fonte: Conab, CMEGroup, Sagpya

Mercado nacional

A forte queda dos preços do milho em Chicago ainda não deu o tom baixista nas cotações domésticas, apesar de ser o limite de baixa. O que pressionou os preços internos do milho foi a finalização da colheita, mesmo com uma expectativa de produção muito abaixo do que se esperava inicialmente, aumentando a oferta, o aumento de *wash out*, ou seja, retornar o produto negociado com o mercado externo para o mercado interno, mediante pagamento de multa, bem como o incremento das importações oriundas do Paraguai e Argentina.

Isto fez com que, ao longo de agosto, as cotações caíssem na maioria das praças produtoras e consumidoras do grão. Para se ter uma idéia, o valor da saca de 60 quilos de milho em Sorriso, que estava no início do mês em R$ 29,48/sc, caiu para R$ 27,00/sc, já em Campo Mourão, saiu de R$ 36,40/sc para R$ 31,70/sc.

Gráfico 58 – Milho - Preços médios mensais pago ao produtor- 12 meses (R$/60kg)



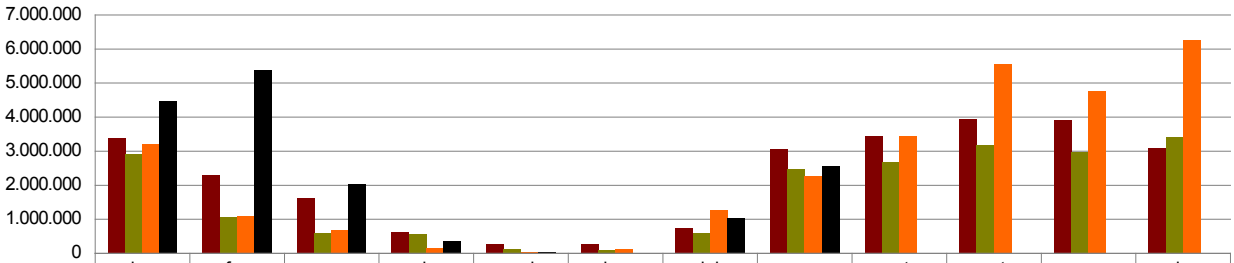
Fonte: Conab

Assim, os preços permanecem, historicamente, em patamares altos, que garantem uma boa rentabilidade ao produtor rural e podem ser fundamentais neste momento, onde o produtor brasileiro está fazendo o seu planejamento de plantio para a safra 2016/17.

No que se refere à oferta e demanda, vale citar que além da forte redução da produção (de 84,7 para 66,9 milhões de toneladas), foi feita uma alteração no consumo doméstico, vez que houve que as estimativas de plantel de animais foram atualizadas, bem como uns ajustes nos índices de conversão alimentar, gerando uma mudança na série histórica. Além disso, salienta-se que para a safra vigente, em função do cenário de alto custo de produção, vez que o milho e o farelo de soja estão bem mais caros, houve diminuição de plantal e paralisação temporária das atividades nos setores de aves e suínos, provocando uma forte redução no consumo interno de milho, que caiu de 56,7 para 53,4 milhões de toneladas.

As exportações seguem estimadas em 20 milhões, uma vez que o volume exportado, até o momento, já ultrapassou 11,4 milhões de toneladas, restando pouco mais de 8,5 milhões para serem embarcadas nos próximos cinco meses.
Desta feita, os estoques finais de milho poderão ser de

Gráfico 59 – Exportações brasileiras de milho de Jan/12 a ago/16 (toneladas)



	jan	fev	mar	abr	mai	jun	jul	ago	set	out	nov	dez
2013	3.372.046	2.294.784	1.609.670	608.751	275.865	276.675	733.398	3.049.100	3.450.100	3.953.300	3.911.900	3.084.900
2014	2.925.600	1.063.100	579.106	562.400	126.500	88.117	592.152	2.457.800	2.685.562	3.179.548	2.978.900	3.405.200
2015	3.196.990	1.104.800	676.559	163.739	39.539	136.800	1.280.300	2.284.200	3.455.200	5.547.900	4.757.100	6.267.700
2016	4.458.500	5.374.400	2.027.703	370.534	28.093	20.195	1.045.500	2.564.900				

Fonte: Secex

5,5 milhões de toneladas, sendo um volume que gera um pouco mais de conforto à demanda doméstica.

8.1.8. Soja

O leve atraso na colheita da safra americana, aliado às irregularidades do clima na América do Sul e o aumento na taxa interna de câmbio, que provocou a recuperação dos preços nos três últimos meses de 2015, foram os fatos que deram suporte a oleaginosa, coincidindo com o período de plantio no país. A intenção dos produtores em continuar aumentando a área plantada derivavam da sustentação dada por esses eventos que compensavam a queda dos preços internacionais ocorridos com o produto.

8.1.8.1. Região Sul

No início do plantio era esperado um incremento percentual na área plantada variando de 1,6 a 3,3% em relação ao observado no exercício anterior. A região que representa a segunda área plantada do país estava prevista sair do patamar alcançado na safra passada de 11.074,1 mil hectares para o intervalo de 11.249,1 a 11.444,3 mil hectares. Este número foi fixado em 11.545,4 mil hectares, apresentando um acréscimo de 4,3% em relação ao exercício anterior, novo recorde regional. Os produtores consideraram que o plantio da oleaginosa ainda era a melhor opção, frente às demais concorrentes. Mesmo com essa decisão tomada foi constatado um certo grau de dificuldade relacionado à liberação dos recursos por parte dos bancos, acompanhado por um aumento significativo nos custos de produção da safra que se iniciava, principalmente para aqueles produtores que deixaram para adquirir os insumos nos últimos meses, coincidindo com a alta expressiva do dólar.

No Rio Grande do Sul a área cultivada com soja era esperada crescer entre 1 e 2,5% sobre as áreas anteriormente semeadas com milho, áreas de campos nativos e pastagens. A área definitiva atingiu 5.455

mil hectares, representando incremento de 3,9% em relação ao plantio passado. O aumento não foi maior por conta da redução da soja cultivada em áreas de várzea, que em função das chuvas intensas ocorridas no início dessa temporada, provocaram alagamentos insuportáveis para o desenvolvimento das lavouras.

A semeadura ocorrida em dezembro foi prejudicada em razão do excesso de umidade no solo. Áreas com a oleaginosa sofreram replantios por causa das erosões, chuvas pesadas sobre lavouras recém-semeadas e ataques de fungos. Afora isso, a despeito do baixo estande de algumas lavouras, a soja apresentava desenvolvimento satisfatório, existindo na ocasião a expectativa de que fosse atingido o potencial produtivo integral, uma vez que havia ainda tempo suficiente para a recuperação.

Em Santa Catarina observou-se uma tendência de aumento da área de plantio resultado das boas cotações do grão no mercado de commodities e do menor custo da lavoura em relação ao milho. No estado imaginava-se um incremento percentual da área, variando de 3 a 5% em relação aos 600,1 mil hectares plantados na safra passada. A área ficou estabelecida em 639,1 mil hectares, culminando com o maior incremento percentual da região, nesta safra. O que se observou na sequência foi a intensificação do fenômeno El Niño a partir de dezembro, trazendo instabilidade para as principais regiões produtoras localizadas no oeste catarinense. A frequência das chuvas ocorridas, associada com dias nublados, prejudicaram parte do desenvolvimento das plantas no seu estágio inicial, pois a falta de luminosidade reduz a fotossíntese, resultando em menor velocidade de crescimento e aproveitamento dos nutrientes presentes.

No Paraná, segundo maior produtor nacional, a estimativa de área plantada previa incremento médio de 3%, diante dos 5.224,8 plantados no ano passado. A área ficou definida em 5.451,3 mil hectares, representando incremento de 4,3%. Por ocasião do plantio estimava-se que os produtores já haviam comercializado cerca de 90% da produção esperada. O estímulo foi provocado pelo impacto das chuvas no desempenho das lavouras de soja, nas regiões produtoras norte e sul-americanas. A sustentação destas cotações recebeu ainda o suporte da taxa de câmbio no Brasil, que compensavam a queda das cotações internacionais do produto. Na medida em que o desenvolvimento vegetativo das lavouras ocorria, aumentava a preocupação com as chuvas, relacionada à dificuldade de aplicação de pesticidas, pois impossibilitava o trânsito das máquinas nas lavouras e à eficiência dos defensivos. Muitas lavouras apresentavam estandes mais baixos, o que sinalizava plantas com menor quantidade de vagens. Ademais, apresentavam raízes superficiais, resultado do excesso de chuva e falta de luminosidade. Esse quadro prenunciava a possibilidade de redução do potencial produtivo das lavouras. A colheita encerrada mostrou queda nos níveis de produtividades basicamente em função do fraco desempenho da soja segunda safra. A área dessa safrinha foi totalmente colhida até 15 de junho em razão do início do vazio sanitário. A produtividade apresentou perdas devido à forte pressão de doenças fúngicas e ao veranico ocorrido em abril. A safrinha de soja teve seu último plantio nesta temporada devido à Portaria da Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento - Seab/ PR, que proibiu o plantio da segunda safra da cultura a partir de 31 de dezembro próximo.

8.1.8.2. Região Sudeste

Na Região Sudeste estimava-se que a área plantada com a oleaginosa continuaria apresentando incrementos, variando de 2,6% a 4,3%, em relação ao exercício anterior. A estimativa produzida no encerramento do plantio, apontou para a região, incremento de 10%, atingindo 2.326,9 mil hectares. Em Minas Gerais, principal produtor regional, a área de plantio da soja apresentou incremento recorde de 11,4% em relação ao exercício anterior, em face da melhor competitividade e liquidez. As áreas de soja avançaram, principalmente, sobre áreas de milho. À semelhança da safra anterior, observou-se incremento do plantio de variedades precoces, de modo a viabilizar o cultivo sequencial do milho e/ou sorgo no período de safrinha. As estimativas de incremento se mostraram ainda mais significativas, nos levantamentos subsequentes.

O plantio concentrou-se em novembro, viabilizado por chuvas mais abundantes, que se estenderam até dezembro.

Em São Paulo o produtor procurou investir na cultura, devido aos excelentes preços praticados na safra do ano anterior. Por essa razão o incremento na área plantada previsto no início da safra, apresentava incremento médio de 5,5%, atingindo 7,6% quando o plantio foi encerrado, tendo respaldo na forte elevação do dólar que criava uma favorável expectativa de retorno, além das excelentes condições do clima observado durante o desenvolvimento vegetativo das lavouras. A produtividade alcançada nesta safra, passou de 2.970 kg/ha para 3.316 kg/ha, apresentando crescimento de 11,6%.

8.1.8.3.Região Centro-Oeste

A principal região produtora da oleaginosa no país era esperada apresentar incremento, variando de 1 a 2,6% em relação ao exercício anterior. O fechamento do plantio foi encerrado com uma área de 14.925,1 mil hectares, representando incremento de 2,1%. As atenções estavam voltadas para as condições climáticas, uma vez que no período inicial de plantio ainda não havia ocorrido, de forma generalizada, as precipitações suficientes para o plantio da oleaginosa. Tal cenário causava preocupação, pois se as chuvas atrasassem muito, poderiam também afetar negativamente a produção do milho segunda safra, num ano com custos de produção considerados mais elevados. Em Mato Grosso, na maioria das regiões produtoras, foram identificados problemas ocasionados pela falta de chuvas, causando a necessidade de replantio, com destaque para o médio norte onde muitos municípios sofreram com a acentuada escassez de chuvas. Era consenso entre os informantes consultados que a anormalidade nas precipitações pluviométricas, iria proporcionar queda na produtividade e que a soja precoce seria a mais afetada. Este cenário afetou a comercialização do produto já naquela ocasião, uma vez que a irregularidade no regime de chuvas causou imprecisão e elevação do risco com relação ao quantitativo de produto a ser colhido. O rendimento médio obtido no final da colheita ficou consolidado em 2.848 kg/ha, representando queda em relação à produtividade obtida na safra passada, de 9,2%. A despeito do aumento da área semeada de 2,3%, contabilizando 9.140 mil hectares em 2015/16, a produção sofreu decréscimo na ordem de 7,1%, com 26.030,7 mil toneladas alcançadas na atual temporada.

Em Mato Grosso do Sul a cultura da soja apresentou forte aumento na área plantada de 5,6%, contra uma expectativa inicial que variava de 1 a 3% em relação à safra passada, que atingiu 2.300,5 mil hectares. O crédito para custeio teve, a princípio, uma liberação lenta em relação a safras anteriores, mas foi normalizado com a evolução do plantio. Como alternativas ao crédito bancário existiam, como ocorre nas demais regiões, as operações de aquisição de insumos envolvendo as cooperativas e fornecedores com pagamento sendo realizado na colheita. Os custos de produção seguiam apresentando foco de preocupações, mas com a alta do dólar ao longo do ano, os produtores vislumbravam melhores preços de comercialização, o que servia como incentivo para a manutenção do pacote tecnológico aplicado na safra passada. Com a produtividade final alcançada, confirmou-se que a média para o estado iria situar-se aquém do esperado, com queda de 4,5% em relação ao exercício de 2014/15, em consequência das condições climáticas adversas.

8.1.8.4.Região Norte-Nordeste

O plantio da oleaginosa na Região Nordeste ocorre a partir de dezembro, com o início do período chuvoso. As safras colhidas nas últimas três safras tinham servido de estímulo ao produtor local, que a cada ano amplia sua área plantada. Nessa perspectiva, o incremento percentual previsto no início do ano para a região era que o aumento da área plantada regional seria bastante expressivo. No entanto, as chuvas reduzidas e irregulares confirmaram as previsões de que o fenômeno El Nino se fortaleceria mais neste ano, e poderia ser um dos mais intensos já registrados na região, comprometendo assim a perspectiva de aumento na área plantada.

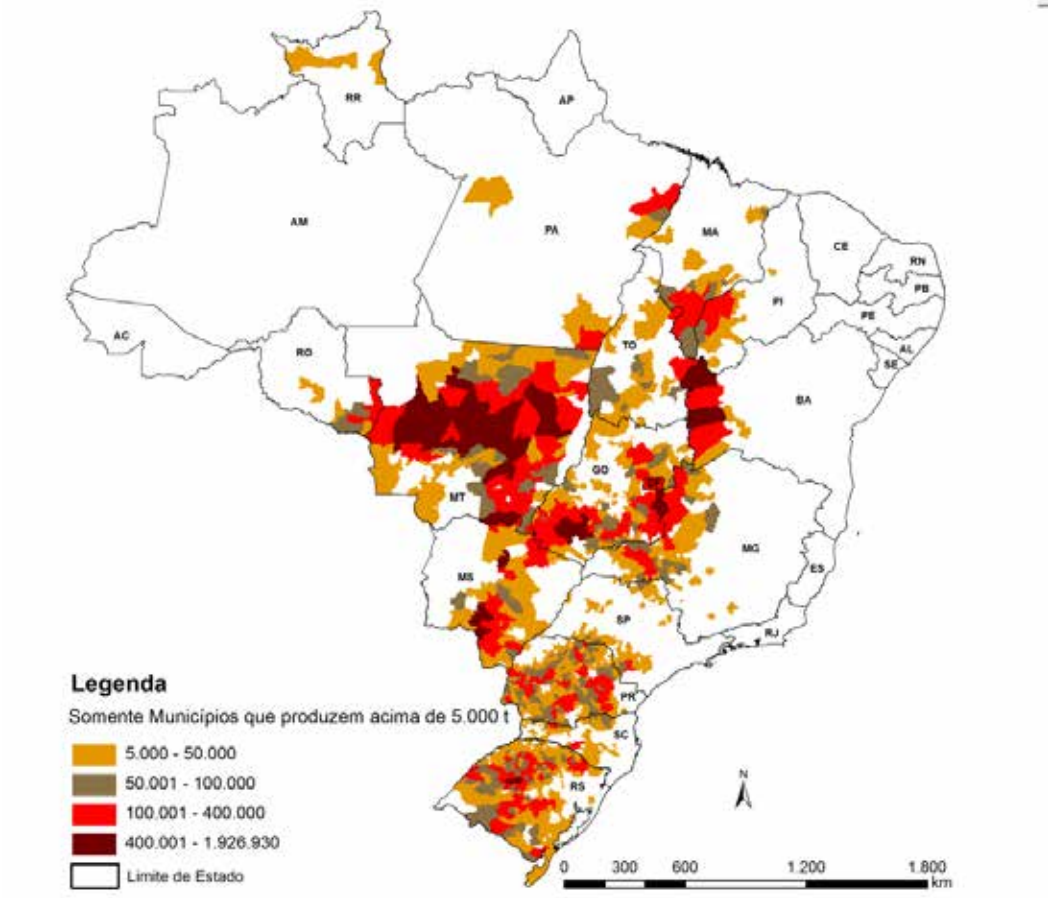
No Maranhão, as condições pluviométricas continuavam insatisfatórias por ocasião do plantio, já reflexo das consequências negativas do El Niño que contribuiu para que o período das chuvas só tivesse início a partir de janeiro. As perdas já aparentes no início do ano tendiam a se agravar e os produtores trataram de diversificar, com alguns realizando o replantio da oleaginosa enquanto outros fizeram a substituição por milho. A região sul do estado, principal produtora, foi a mais atingida pelos fatores climáticos, que prejudicaram o desenvolvimento das lavouras. Baixa pluviosidade média, chuvas mal distribuídas de novembro a maio e ataques severos da mosca branca, foram os motivos do fraco desempenho. Em relação à safra anterior, a área plantada apresentou incremento de 4,9%, mas as perdas derivadas do clima resultaram na incrível redução de 39,8% na produção, sendo a microrregião de Balsas a mais atingida, ficando em 1.250,2 mil toneladas.

Em Tocantins as condições climáticas durante o desenvolvimento vegetativo da oleaginosa foram consideradas as mais severas dos últimos anos, visto que em algumas regiões produtoras não choveu 60% do volume normal para o período. Esta situação ocasionou perda de área plantada e redução da produtividade em relação à safra anterior. Com a normalização das precipitações, algumas áreas anteriormente previstas para o plantio da soja foram reutilizadas na semeadura do arroz e milho. Com a colheita finalizada, diagnosticou-se queda elevada na produção e produtividade, diretamente relacionada às condições climáticas durante todo o ciclo, caracterizada por irregularidades e escassez das chuvas, com três períodos de veranicos e temperaturas acima da média para o período. Este quadro contribuiu para que, em algumas lavouras, a

colheita não fosse realizada.
Na Bahia, nas áreas de soja irrigada optou-se por variedades precoces, visando após a colheita em meados deste ano, novos plantios com milho, algodão ou feijão. A área estimada nesta safra ficou estabelecida em 1.526,9 mil hectares de soja, com uma produção de 3.211,1 mil toneladas. Esta estimativa, fruto de um crescimento de 7,4% na área plantada, veio acompanhado da expressiva redução de 23,2% na produção em relação à safra passada, impactada pelas adversidades climáticas, mais especificamente pela distribuição desuniforme das chuvas durante todo o desenvolvimento vegetativo das lavouras. A cultura apresentou uma dramática queda de produtividade, estimada em 28,5% e também problemas relacionados com a qualidade dos grãos produzidos. O forte estresse hídrico durante a fase de enchimento dos grãos produziu grãos leves, ardidos, malformados e danificados por percevejos.

O décimo segundo levantamento da safra de soja apontou para um aumento nacional na área plantada de 3,6% em relação ao ocorrido no exercício anterior. Os níveis de produtividade, alcançados nesta temporada, devido às adversidades climáticas, apresentaram rendimento médio de 2.870 kg/ha, 4,3% abaixo do ocorrido na safra anterior. A produção nacional atingiu 95.434,6mil toneladas, representando um decréscimo de 0,8% em relação à safra passada.

Figura 28 – Mapa da produção agrícola –Soja



Fonte: Conab/IBGE.

Acomp. safra bras. grãos, v. 3 - Safra 2015/16, n 12- Décimo Segundo levantamento, setembro 2016.

Figura 29 – Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016.

Quadro 7 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em agosto.

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por geadas	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Soja	- norte de RR (FR)			

Tabela 44 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**1.441,2**	**1.576,3**	**9,4**	**2.976**	**2.423**	**(18,6)**	**4.289,5**	**3.818,9**	**(11,0)**
RR	23,8	24,0	0,8	2.685	3.300	22,9	63,9	79,2	23,9
RO	231,5	252,6	9,1	3.166	3.028	(4,3)	732,9	765,0	4,4
PA	336,3	428,9	27,5	3.024	3.003	(0,7)	1.017,0	1.288,0	26,6
TO	849,6	870,8	2,5	2.914	1.937	(33,5)	2.475,7	1.686,7	(31,9)
NORDESTE	**2.845,3**	**2.878,2**	**1,2**	**2.841**	**1.774**	**(37,5)**	**8.084,1**	**5.107,1**	**(36,8)**
MA	749,6	786,3	4,9	2.761	1.590	(42,4)	2.069,6	1.250,2	(39,6)
PI	673,7	565,0	(16,1)	2.722	1.143	(58,0)	1.833,8	645,8	(64,8)
BA	1.422,0	1.526,9	7,4	2.940	2.103	(28,5)	4.180,7	3.211,1	(23,2)
CENTRO-OESTE	**14.616,1**	**14.925,1**	**2,1**	**3.008**	**2.931**	**(2,6)**	**43.968,6**	**43.752,6**	**(0,5)**
MT	8.934,5	9.140,0	2,3	3.136	2.848	(9,2)	28.018,6	26.030,7	(7,1)
MS	2.300,5	2.430,0	5,6	3.120	2.980	(4,5)	7.177,6	7.241,4	0,9
GO	3.325,0	3.285,1	(1,2)	2.594	3.120	20,3	8.625,1	10.249,5	18,8
DF	56,1	70,0	24,8	2.626	3.300	25,7	147,3	231,0	56,8
SUDESTE	**2.116,2**	**2.326,9**	**10,0**	**2.775**	**3.255**	**17,3**	**5.873,5**	**7.574,9**	**29,0**
MG	1.319,4	1.469,3	11,4	2.658	3.220	21,1	3.507,0	4.731,1	34,9
SP	796,8	857,6	7,6	2.970	3.316	11,6	2.366,5	2.843,8	20,2
SUL	**11.074,1**	**11.545,4**	**4,3**	**3.071**	**3.047**	**(0,8)**	**34.012,3**	**35.181,1**	**3,4**
PR	5.224,8	5.451,3	4,3	3.294	3.090	(6,2)	17.210,5	16.844,5	(2,1)
SC	600,1	639,1	6,5	3.200	3.341	4,4	1.920,3	2.135,2	11,2
RS	5.249,2	5.455,0	3,9	2.835	2.970	4,8	14.881,5	16.201,4	8,9
NORTE/NORDESTE	**4.286,5**	**4.454,5**	**3,9**	**2.887**	**2.004**	**(30,6)**	**12.373,6**	**8.926,0**	**(27,9)**
CENTRO-SUL	**27.806,4**	**28.797,4**	**3,6**	**3.016**	**3.004**	**(0,4)**	**83.854,4**	**86.508,6**	**3,2**
BRASIL	**32.092,9**	**33.251,9**	**3,6**	**2.998**	**2.870**	**(4,3)**	**96.228,0**	**95.434,6**	**(0,8)**

Fonte: Conab..

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.1.8.5. Oferta e demanda

Mercado internacional

O Departamento de Agricultura Americano Usda divulgou no dia 12 de agosto o quadro de oferta e demanda mundial.

Produção mundial

a) Safra mundial

O Usda elevou a produção mundial de soja, safra 2016/17, passando de 325,95 milhões de toneladas do relatório de julho de 2016 para 330,41 milhões de toneladas para o relatório de agosto de 2016. Tal valor é 1,37% maior que o estimado no último relatório, motivado pelo aumento da produção americana de soja em grãos.

b) Safra dos Estados Unidos

A novidade deste relatório é o grande aumento da estimativa de produção da safra 2016/17, que começa a ser plantada em setembro de 2016. A estimativa é de que esta safra gire em torno de 110,5 milhões de toneladas, ou seja, valor 3,33% maior que o estimado para a safra 2015/16.

c) Safra Brasil

A estimativa do USDA, para a safra 2016/17, é de que o Brasil continue como segundo maior produtor de soja do mundo, com 103 milhões de toneladas em grãos. Apesar de ser uma estimativa de colheita que inicia em janeiro de 2017, este é um valor muito fiel a uma estimativa de safra futura.

d) Safra da Argentina

Não houve variação de safra entre os relatórios de julho de 2016 e agosto de 2016. As projeções do USDA para a Argentina são de que para a safra 2016/17 a produção fique em torno de 57 milhões de toneladas - valor 0,88% maior que o estimado na safra anterior.

Tabela 45 - Produção mundial de soja em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jul.(b)	2016/2017 ago.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Estados Unidos	106,93	105,60	110,50	3,57	3,33	4,90	4,64
Brasil	96,50	103,00	103,00	6,50	6,74	0,00	0,00
Argentina	56,50	57,00	57,00	0,50	0,88	0,00	0,00
China	11,60	12,20	12,20	0,60	5,17	0,00	0,00
Outros	41,14	48,15	47,71	6,58	15,99	-0,44	-0,91
Total	**312,67**	**325,95**	**330,41**	**17,74**	**5,67**	**4,46**	**1,37**

Fonte: USDA, ago/16

Importação mundial

a) Importação - China

A China é o maior importador de soja do mundo. Em 2015 foi responsável por 63% de todas as importações mundiais. Em segundo lugar vem a União Europeia com 10,31%.

Para a safra 2016/17 o USDA estima aumento nas importações chinesas de grãos de soja. O valor das importações chinesas, estimado para a próxima safra é 4,82%, maior que o da safra anterior, passando de 83 milhões para 87 milhões na safra 2016/17.

Tabela 46 - Importação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jul.(b)	2016/2017 ago.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	83,00	87,00	87,00	4,00	4,82	0,00	0,00
União Europeia	13,60	12,60	13,00	-0,60	-4,41	0,40	3,17
Mexico	3,95	4,00	4,00	0,05	1,27	0,00	0,00
Japão	3,25	3,10	3,10	-0,15	-4,62	0,00	0,00
outros	28,08	29,32	29,52	1,45	5,15	0,20	0,69
Total	**131,88**	**136,02**	**136,62**	**4,75**	**3,60**	**0,60**	**0,44**

Fonte: USDA, ago/16

Exportação mundial

Foram várias alterações do quadro de exportação mundial divulgado pelo USDA para a safra 2015/16, já colhida. Assim, as exportações mundiais passaram de 131,64 milhões de toneladas (relatório de julho/16), para 132,8 milhões de toneladas (relatório de agosto/16). Já para a safra 2016/17 passam de 138,26 milhões de toneladas e 138,97 milhões de toneladas entre as divulgações de julho e agosto de 2016.

Todavia, a alteração mais relevante advém das exportações americanas, onde o USDA estima uma exportação de 51,17 milhões de toneladas para a safra 2015/16 e 53,07 milhões para a safra 2016/17.

a) Exportação Brasil

Para o Brasil, dito departamento estima que na safra 2016/17 a exportação girará em torno de aproximadamente 59,7 milhões de toneladas; valor 5,48% maior que o estimado na safra 2015/16, vez que houve uma redução das exportações brasileiras, passando a ser estimada em 56,6 milhões de toneladas.

b) Exportações - Estados Unidos

A alteração mais relevante é detectada nas exportações americanas, onde o USDA estima uma exportação de 51,17 milhões de toneladas para a safra 2015/16 e 53,07 milhões para a safra 2016/17.

c) Exportações - Argentina

Não obstante ser a Argentina o terceiro maior produtor de soja, a maior parte desta safra é esmagada internamente; por este motivo é que o USDA estima para a safra 2016/17 uma exportação de apenas 10,65 milhões de toneladas, ou seja, 18,68% da safra.

Tabela 48 - Exportação mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jul.(b)	2016/2017 ago.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Brasil	56,60	59,70	59,70	3,10	5,48	0,00	0,00
Estados Unidos	51,17	52,25	53,07	1,09	3,72	0,82	1,56
Argentina	10,50	10,65	10,65	0,15	1,43	0,00	0,00
Paraguai	4,80	4,75	4,95	-0,05	3,13	0,20	4,21
outros	9,74	10,90	10,60	1,17	8,90	-0,30	-2,75
Total	**132,80**	**138,26**	**138,97**	**5,46**	**4,65**	**0,72**	**0,52**

Fonte: USDA, ago/16

Esmagamento mundial

a) Esmagamento - China

Mesmo com pouco aquecimento e o crescimento industrial chinês, os esmagamentos de soja, estimados pelo USDA, tiveram um pequeno crescimento de 6,36%, ficando em 87 milhões de toneladas.

b) Esmagamento - Estados Unidos

Para a safra 2016/17 os esmagamentos são estimados em 52,8 milhões de toneladas. Um aumento de 2,1% em relação à safra 2015/16 e 0,78% em relação ao estimado para esta safra no relatório de julho de 2016, de 52,39 milhões de toneladas.

c) Esmagamento - Argentina

Para a safra 2016/17 os esmagamentos da Argentina foram estimados em 44,3 milhões de toneladas; aumento de 0,11% em relação à safra 2015/16, estimada em 45,25 milhões de toneladas.

d) Esmagamento - Brasil

O Brasil é o quarto maior esmagador de soja do mundo e, segundo o Usda, os esmagamentos brasileiros para a safra 2016/17 deverão ser da ordem de 40,5 milhões de toneladas.

Tabela 49 - Esmagamento mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jul.(b)	2016/2017 ago.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
China	81,80	87,00	87,00	5,20	6,36	0,00	0,00
Estados Unidos	51,71	52,39	52,80	1,09	2,10	0,41	0,78
Argentina	44,25	44,30	44,30	0,05	0,11	0,00	0,00
Brasil	40,70	40,50	40,50	-0,20	-0,49	0,00	0,00
outros	60,19	65,04	65,29	5,10	8,47	0,25	0,38
Total	**278,65**	**289,23**	**289,89**	**11,24**	**4,03**	**0,66**	**0,23**

Fonte: USDA, ago/16

Estoques mundiais

a) Estoque Estados Unidos

O fato mais importante deste relatório vem, novamente, dos estoques de passagem americanos. Para a safra 2015/16 o Usda estima uma redução desses estoques, passando de 9,54 milhões de toneladas (já foram de 12,11 milhões de toneladas) para 6,95 milhões de toneladas. Para a safra 2016/17 estão estimados em 7,9 milhões de toneladas. Apesar da redução, os estoques estimados para a safra 2016/17 estão acima da média dos últimos anos, e a depender do clima e de uma possível "super safra" americana, estes serão os maiores historicamente, estimados, hoje, em 8,97 milhões de toneladas.

Tabela 50 - Estoque final mundial de soja - Em milhões de toneladas

País/Safra	2015/2016 (a)	2016/2017 jul.(b)	2016/2017 ago.(c)	Variação (a/c)		Variação (b/c)	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Argentina	29,92	24,67	27,82	-2,10	-7,02	3,15	12,77
Brasil	16,15	15,45	16,10	-0,05	-0,31	0,65	4,21
China	15,98	14,48	13,83	-2,15	-13,45	-0,65	-4,49
Estados Unidos	6,95	7,90	8,97	2,02	29,09	1,07	13,57
outros	4,00	4,60	4,52	0,52	13,09	-0,08	-1,70
Total	**73,00**	**67,10**	**71,24**	**-1,76**	**-2,40**	**4,14**	**6,18**

Fonte: USDA, ago/16

Preços internacionais

Os preços internacionais tiveram grandes flutuações em agosto, iniciando o mês com forte baixa, chegando a ser cotados a Uscents 985,20/bu. No dia 23 de agosto de 2016, tal valor chegou a Uscents 1.034,20/bu, fechando o mês, novamente, com forte baixa, em Uscents 990,60/bu

Gráfico 60 – Preços internacionais 2015/16 (FOB) - Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT)

Fonte: CME Group

Há de se registrar que essa variação ocorre devido a uma sustentação de clima dentro da normalidade para agosto, confirmada pelas ótimas condições da safra plantada nos Estados Unidos e, até o momento, estimada pelo Usda, em 29 de agosto de 2016, em 18% excelentes, 54% boas, 21% regulares, 5% ruins e 2% muito ruins.

Tabela 51 -Progresso da área plantada de soja nos Estados Unidos- safra 2015/16

Porcentagem das condições de área plantada (em 18 Estados Americano*)					
Safra	**Muito ruim**	**Ruim**	**Regular**	**Boa**	**Excelente**
2016/2017	2%	5%	21%	54%	18%
2015/2016	3%	8%	26%	48%	15%

Fonte: USDA

Nota: * *Estes 18 estados equivalem a 95% da área de 2015

Desta feita, a média dos preços internacionais de agosto na CBOT foi cotada a Uscents 1.013,34/bu. Mesmo assim, valor 7,22% maior que do mesmo período de 2015. Neste foco e baseando no comportamento de preços entre 2004 e 2015, pode-se dizer que a baixa desses preços nos mercados internacionais, em agosto, é de comportamento normal para o período, e caso não ocorra nenhum problema climático na época de colheita, em mês de setembro de 2016 nos Estados Unidos, os preços deverão voltar a baixar, podendo chegar a um valor mais baixo em outubro de 2016.

Tabela 52 – Preços médios internacionais da soja

meses	2015	2016	%
JAN	1000,55	879,13	-12,14
FEV	993,38	871,24	-12,30
MAR	978,58	889,7	-9,08
ABR	972,01	962,79	-0,95
MAI	956,21	1146,34	19,88
JUN	965,78	1146,34	18,70
JUL	1014,67	1067,48	5,20
AGO	945,12	1013,34	7,22
SET	880,33		
OUT	891		
NOV	868,65		
DEZ	879,63		

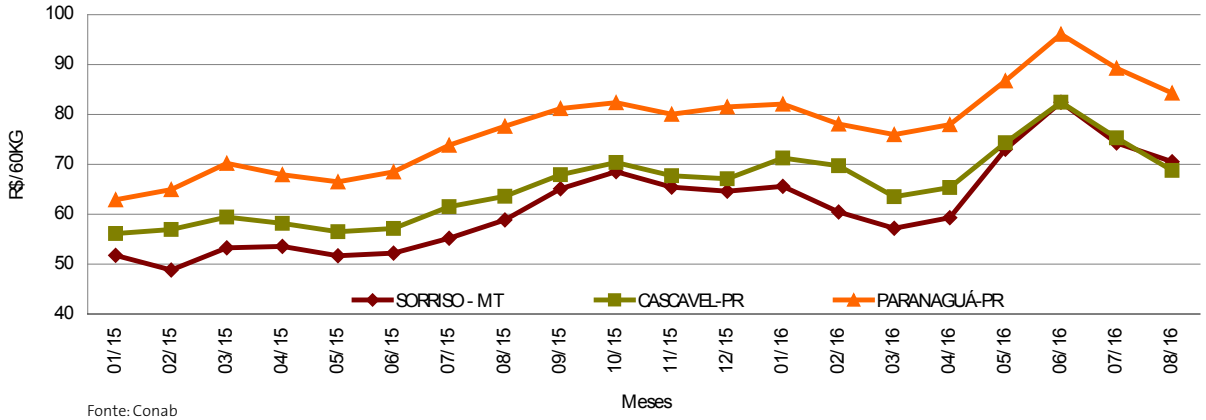
Fonte: CBOT

Mercado nacional

Apesar da quebra da safra nacional estimada em apenas 95,43 milhões de toneladas para a safra 2015/16, e com as exportações estimadas em mais de 54,1 milhões de toneladas, além do consumo interno em 42,5 milhões de toneladas, os estoques finais brasileiros devem ficar muito baixos, em um pouco mais de 460 mil toneladas de soja, os preços nacionais acompanharam os internacionais e também tiveram bastante oscilações em agosto, fechando, pelo segundo mês seguido, em baixa. Caso se confirme os preços baixistas para setembro no mercado internacional e o dólar oscilando perto de R$ 3,2, os preços internos devem continuar em baixa.

.

Gráfico 61 – Preços médios mensais pagos ao produtor - R$/60kg



Fonte: Conab

As exportações nacionais foram estimadas pela Secretaria de Comércio Exterior (Secex), para agosto em um pouco mais de 3,81 milhões de toneladas, a pior exportação em quatro anos para agosto. Desta maneira, as exportações de soja somadas, do ano de 2016, estão estimadas em 48,18 milhões de toneladas. No mesmo período de 2015 as exportações eram cotadas em 45,85 milhões de toneladas, e em 2014 em 41,96 milhões de toneladas.

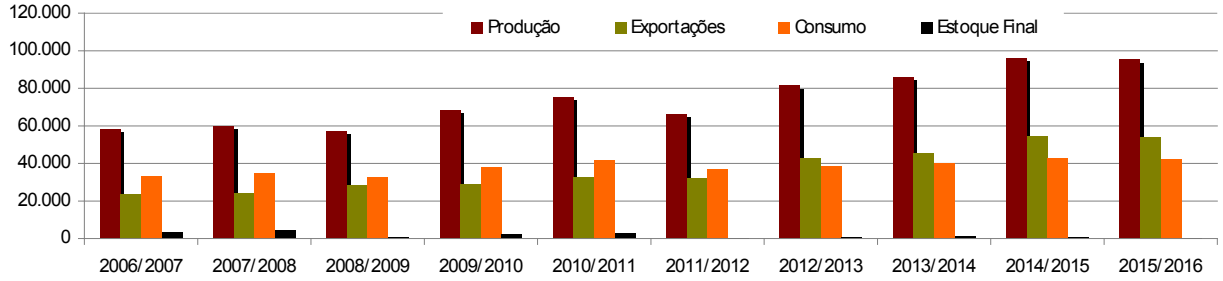
As exportações do segundo semestre de 2016 estão abaixo das exportações do mesmo período de 2014. Caso continue desta forma, as exportações de 2016 poderão ser menores que a estimada de 54,1 milhões de toneladas.

Tabela 53 – Exportações brasileiras

Mês/Ano	2014				2015				2016				MÉDIA DOS 5 ANOS			
	Qtde (mil/t)	Valor Milhões US$ FOB	%	Preço médio	Qtde (mil/t)	Valor Milhões US$ FOB	%	Preço médio	Qtde (mil/t)	Valor Milhões US$ FOB	%	Preço médio	Qtde (mil/t)	Valor Milhões US$ FOB	%	Preço médio
JAN	30,61	17,81	0,07	581,90	85,34	35,10	0,16	411,35	394,43	147,64	0,73	374,30	183,53	85,67	0,44	466,79
FEV	2.789,65	1.385,83	6,11	496,78	868,66	346,16	1,60	398,50	2.036,82	715,35	3,75	351,21	1.276,23	612,40	3,06	479,85
MAR	6.229,30	3.147,58	13,63	505,29	5.592,09	2.211,79	10,29	395,52	8.374,55	2.924,90	15,42	349,26	4.465,65	2.143,22	10,72	479,93
ABR	8.250,90	4.134,75	18,06	501,13	6.550,98	2.534,26	12,06	386,85	10.085,88	3.532,37	18,57	350,23	6.295,42	3.029,03	15,11	481,15
MAI	7.609,78	3.866,21	16,65	508,06	9.341,01	3.612,72	17,19	386,76	9.925,10	3.600,31	18,27	362,75	7.497,77	3.606,87	18,00	481,06
JUN	6.893,16	3.572,00	15,09	518,19	9.810,09	3.762,21	18,06	383,50	7.761,04	2.971,37	14,29	382,86	6.519,12	3.119,07	15,65	478,45
1º sem.	31.803,41	16.124,17	69,60	507,00	32.248,16	12.502,24	59,36	387,69	38.577,82	13.891,93	71,01	360,10	26.237,72	12.596,25	62,99	480,08
JUL	6.043,52	3.151,18	13,23	521,42	8.440,39	3.224,05	15,54	381,98	5.787,00	2.424,60	12,01	418,97	5.601,97	2.705,17	13,45	482,90
AGO	4.119,26	2.135,35	9,02	518,38	5.161,86	2.004,89	9,50	388,40	3.816,10	1.590,50	7,92	416,79	4.155,86	2.072,92	9,98	498,79
SET	2.669,83	1.347,50	5,84	504,71	3.705,39	1.429,98	6,82	385,92					2.864,76	1.419,29	6,88	495,43
OUT	740,84	363,99	1,62	491,33	2.594,06	989,57	4,78	381,47					1.431,74	697,42	3,44	487,11
NOV	176,56	81,60	0,39	462,18	1.442,94	551,13	2,66	381,95					857,03	405,28	2,06	472,88
DEZ	138,58	73,57	0,30	530,90	731,44	281,72	1,35	385,16					503,25	232,99	1,21	462,97
2º sem.	13.888,59	7.153,21	30,40	515,04	22.076,08	8.481,34	40,64	384,19	9.603,10	4.015,10	17,68	418,10	15.414,62	7.533,07	37,01	488,70
TOTAL	45.692,00	23.277,38	100	509,44	54.324,24	20.983,57	100	386,27	48.180,92	17.907,03	100	371,66	41.652,34	20.129,32	100	483,27

Fonte: Secex

Gráfico 62 – Comparativo de produção, exportação, consumo e estoque final de Soja no Brasil nas últimas 10 safras (mil t)



Fonte: Conab

8.1.9. Sorgo

A colheita do sorgo em Goiás já foi iniciada, porém ainda não está totalmente intensificada, haja vista as máquinas ainda estão ocupadas na finalização da colheita do milho safrinha no estado. A maioria dos produtores espera encerrar a colheita do milho safrinha para intensificar a colheita do sorgo. O atraso no plantio da safra de verão (soja) prejudicou o plantio da safra de sorgo na janela adequada e, acompanhado da forte estiagem a partir do mês de abril, foram as grandes razões para a queda da produtividade em relação à safra anterior e a safra normal. Não foram relatadas qualquer praga ou doença importante durante o desenvolvimento do sorgo. Tal ausência de relatos pode ser em decorrência a falta de cuidado com a cultura haja vista as perdas decorrentes da forte estiagem ocorrida a partir do mês de abril. Conforme informações das fontes consultadas, o sorgo que já foi colhido e apresenta uma baixa produtividade associada a uma baixa qualidade do grão. A área plantada com o sorgo em Goiás, ficou em 201 mil hectares, redução de 13,6% em relação à safra passada que foi de 232,6 mil hectares, a produtividade média em 1.700 kg/ha, 53,6% aquém do rendimento alcançado na safra anterior, que foi de 3.661 kg/ha, a produção alcançou 341,7 mil toneladas, 59,9% abaixo do montante alcançado na safra anterior, que ficou em 851,5 mil toneladas.

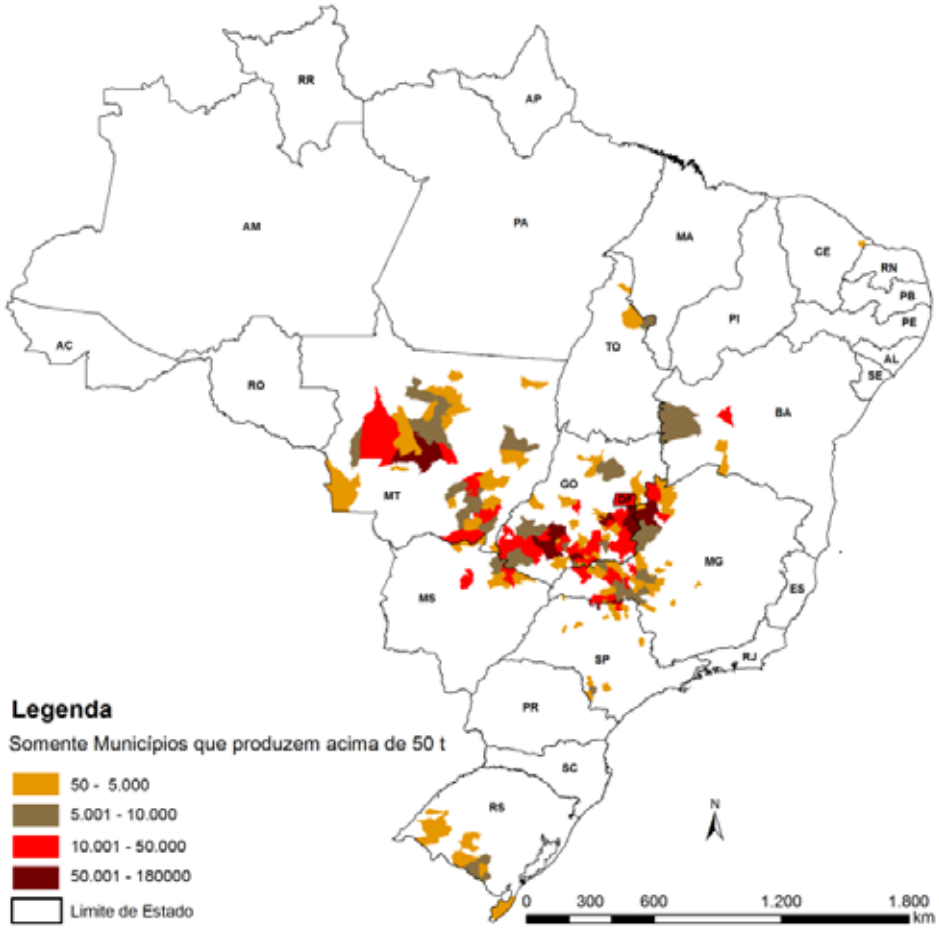
Em Mato Grosso a colheita da cultura do sorgo está praticamente finalizada nas lavouras mais produtivas, restando apenas alguns talhões que serão utilizados como cobertura vegetal para solo. A oferta do grão tem suprido parcialmente a ausência de milho, principalmente na produção de ração para gado em confinamento. A área dedicada à cultura na safra 2015/16 foi de 49 mil hectares, número 56,1% inferior ao registrado na última safra, que totalizou 111,7 mil hectares, devido à referência do produtor pelo plantio milho, cuja remuneração apresentava-se mais atrativa. Com isso, houve alocação de espaço para o plantio das culturas mencionadas. Já em relação à produtividade, os números apontam queda de rendimento, registrando 1.915 kg/ha, redução de 26,6% em relação à safra 2014/15, mesmo o sorgo sendo uma cultura resistente ao período de poucas chuvas, a produção fechou em 93,8 mil toneladas, retração de 67,8% em relação à safra 2014/15, que foi de 291,5 mil toneladas.

Em Minas Gerais o plantio de sorgo, na safra de verão, representa 3% da área total de cultivo de grãos no estado e tem participação ainda menor no tocante à produção (2%), visto que se concentra, basicamente, no Norte de Minas, e com baixas produtividades em razão de um histórico de escassez de chuvas. A produção de sorgo no estado se pauta principalmente nas decisões de plantio dos produtores no período de safrinha. O plantio teve início em fevereiro e se estendeu até abril. No presente levantamento houve ajuste na área de plantio na região do Triângulo Mineiro, resultando em ampliação da área de sorgo segunda safra no estado, já que as altas dos preços de mercado induziram o crescimento da área de plantio, notadamente após o encerramento da janela de plantio do milho. Desta forma o plantio de sorgo no estado apresenta aumento de 7,5% em relação à safra passada. Embora seja uma cultura mais resistente à seca, as lavouras sentiram bastante os efeitos da estiagem, principalmente as mais tardias. Parte das lavouras de sorgo já apresentava perdas irreversíveis, mas parte ainda conseguiu se recuperar com as chuvas de maio a junho. Com a produtividade média reavaliada para 2.300 kg/ha, 37,8%, aquém do rendimento alcançado na safra anterior, que foi altamente favorecida pelas chuvas ocorridas ao longo do primeiro semestre de 2015, a produção poderá alcançar 397,0 mil toneladas, 33,2% abaixo do montante alcançado na safra anterior.

Na Bahia o plantio da área de sorgo fechou em 88,4 mil hectares, com produção estimada em 88,9 mil toneladas, retração de 37,8% e 22,8%, respectivamente, em relação à safra de 2014/15. Essa cultura é plantada

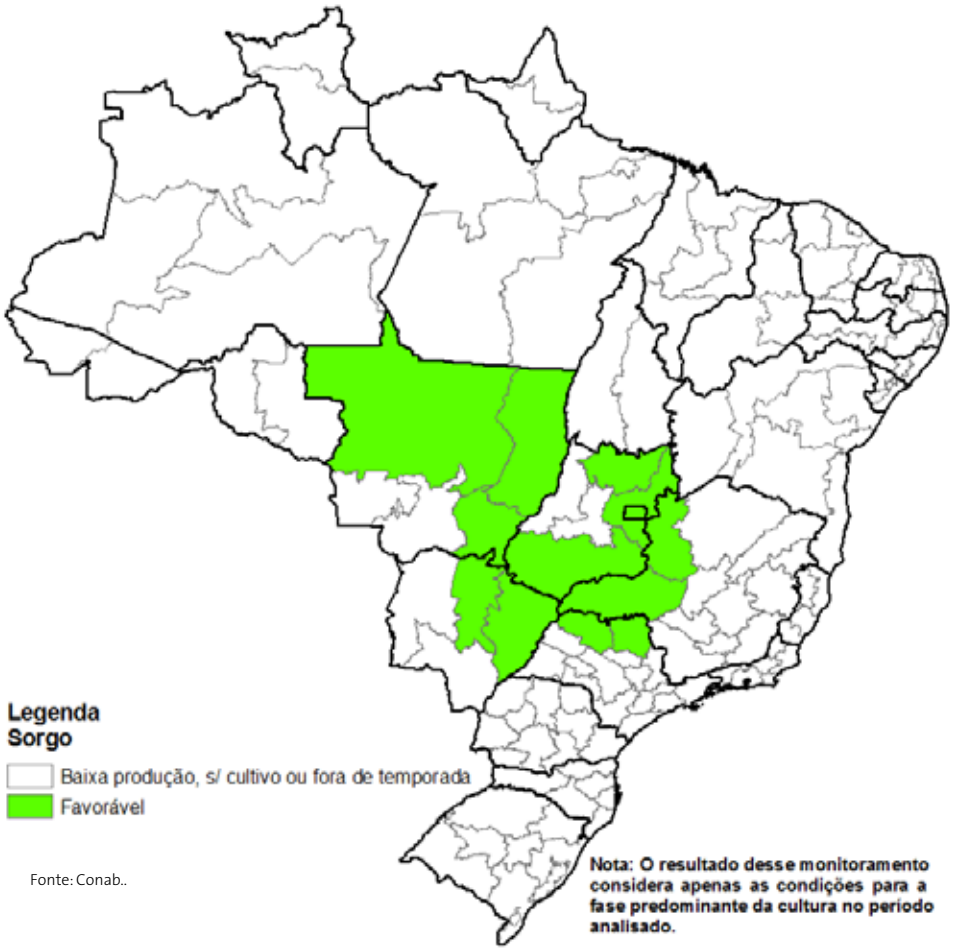
na mesma área logo após a realização da colheita da soja. As áreas de sequeiro sofreram com a estiagem, tendo redução na produtividade, que ficou em 1.006 kg/ha, incremento de 24% em relação à safra passada, que foi de 811 kg/ha. O sorgo possui exigência hídrica menor em relação ao milho e feijão, por isso, torna-se uma boa alternativa, principalmente para a região de Irecê, que possui baixa pluviosidade.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 31 - Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016



Fonte: Conab..

Quadro 8 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Sorgo			- Triângulo e noroeste de MG (C) - norte de SP (C) - norte do centro-norte e leste do MS (C) - norte e sudeste de MT (C) - norte, leste e sul de GO (C) - DF (C)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Restrições pontuais

Tabela 54 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %	Safra 14/15	Safra 15/16	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	**21,4**	**25,1**	**17,3**	**1.849**	**1.687**	**(8,8)**	**39,6**	**42,3**	**6,8**
TO	21,4	25,1	17,2	1.849	1.687	(8,8)	39,6	42,3	6,8
NORDESTE	**155,7**	**97,1**	**(37,6)**	**871**	**942**	**8,2**	**135,6**	**91,4**	**(32,6)**
PI	6,2	2,8	(54,6)	2.548	45	(98,2)	15,8	0,1	(99,4)
CE	0,7	0,7	-	1.489	1.346	(9,6)	1,0	0,9	(10,0)
RN	0,6	0,4	(33,0)	1.522	1.224	(19,6)	0,9	0,5	(44,4)
PB	-	0,3	-	-	800	-	-	0,2	-
PE	6,2	4,5	(27,5)	430	167	(61,2)	2,7	0,8	(70,4)
BA	142,0	88,4	(37,8)	811	1.006	24,0	115,2	88,9	(22,8)
CENTRO-OESTE	**360,6**	**262,8**	**(27,1)**	**3.356**	**1.836**	**(45,3)**	**1.210,1**	**482,6**	**(60,1)**
MT	111,7	49,0	(56,1)	2.610	1.915	(26,6)	291,5	93,8	(67,8)
MS	13,0	9,5	(26,9)	3.700	3.390	(8,4)	48,1	32,2	(33,1)
GO	232,6	201,0	(13,6)	3.661	1.700	(53,6)	851,5	341,7	(59,9)
DF	3,3	3,3	-	5.763	4.500	(21,9)	19,0	14,9	(21,6)
SUDESTE	**174,4**	**185,0**	**6,1**	**3.696**	**2.365**	**(36,0)**	**644,5**	**437,5**	**(32,1)**
MG	160,6	172,6	7,5	3.700	2.300	(37,8)	594,2	397,0	(33,2)
SP	13,8	12,4	(10,1)	3.645	3.266	(10,4)	50,3	40,5	(19,5)
SUL	**10,5**	**9,0**	**(14,3)**	**2.426**	**2.929**	**20,7**	**25,5**	**26,4**	**3,5**
RS	10,5	9,0	(14,7)	2.426	2.929	20,7	25,5	26,4	3,5
NORTE/NORDESTE	**177,1**	**122,2**	**(31,0)**	**989**	**1.095**	**10,7**	**175,2**	**133,7**	**(23,7)**
CENTRO-SUL	**545,5**	**456,8**	**(16,3)**	**3.447**	**2.072**	**(39,9)**	**1.880,1**	**946,5**	**(49,7)**
BRASIL	**722,6**	**579,0**	**(19,9)**	**2.844**	**1.866**	**(34,4)**	**2.055,3**	**1.080,2**	**(47,4)**

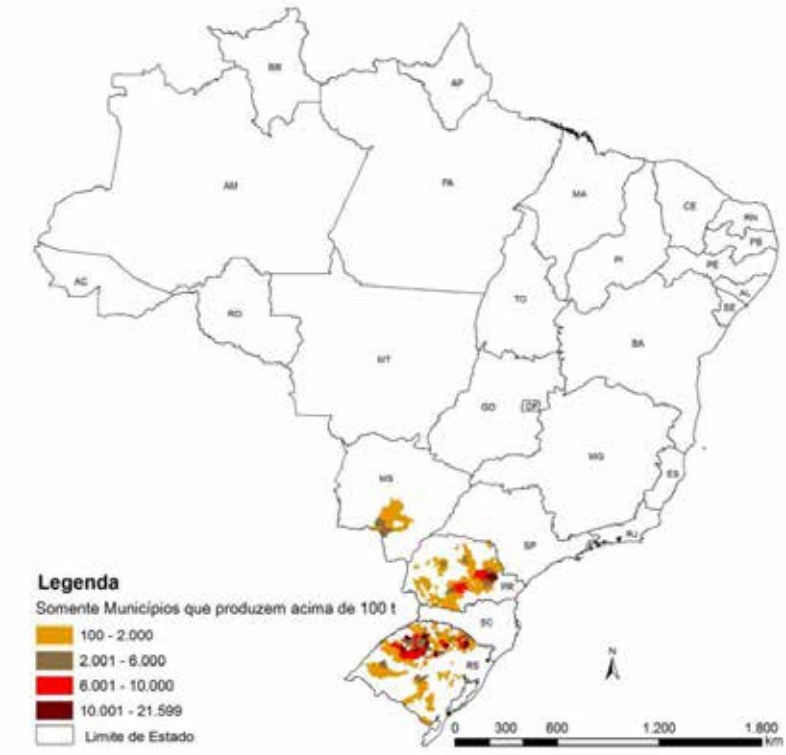
Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.2 Culturas de inverno

8.2.1. Aveia

Figura 32 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 33 - Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016

Quadro 9 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em julho

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Aveia	- norte-central, oeste, leste e sudoeste do PR (F/FR) - centro-sul e sudeste do PR (DV/F) - noroeste, nordeste centro-oeste e sudoeste do RS (DV/F)		- norte-central, oeste, leste e sudoeste do PR (M)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 55 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

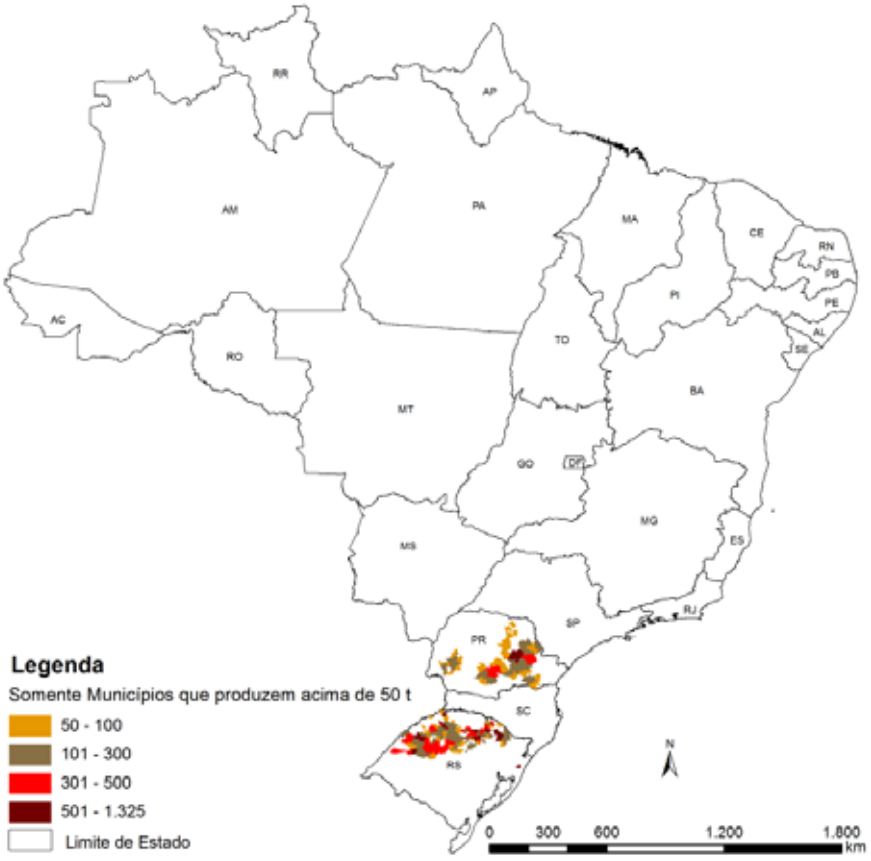
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	**13,0**	**15,0**	**15,4**	**1.500**	**1.500**	**-**	**19,5**	**22,5**	**15,4**
MS	13,0	15,0	15,4	1.500	1.500	-	19,5	22,5	15,4
SUL	**176,5**	**276,3**	**56,5**	**1.879**	**2.606**	**38,7**	**331,7**	**720,0**	**117,1**
PR	58,1	58,0	(0,2)	1.959	2.251	14,9	113,8	130,6	14,8
RS	118,4	218,3	84,4	1.840	2.700	46,7	217,9	589,4	170,5
CENTRO-SUL	**189,5**	**291,3**	**53,7**	**1.853**	**2.549**	**37,6**	**351,2**	**742,5**	**111,4**
BRASIL	**189,5**	**291,3**	**53,7**	**1.853**	**2.549**	**37,6**	**351,2**	**742,5**	**111,4**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.2.2. Canola

Figura 34 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 56 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	**44,4**	**47,5**	**7,0**	**1.236**	**1.526**	**23,5**	**54,9**	**72,5**	**32,1**
PR	7,9	6,3	(20,2)	1.403	1.705	21,5	11,1	10,7	(3,6)
RS	36,5	41,2	12,9	1.200	1.500	25,0	43,8	61,8	41,1
CENTRO-SUL	**44,4**	**47,5**	**7,0**	**1.236**	**1.526**	**23,5**	**54,9**	**72,5**	**32,1**
BRASIL	**44,4**	**47,5**	**7,0**	**1.236**	**1.526**	**23,5**	**54,9**	**72,5**	**32,1**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.2.3. Centeio

Figura 35 - Mapa da produção agrícola - Centeio

Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 57 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

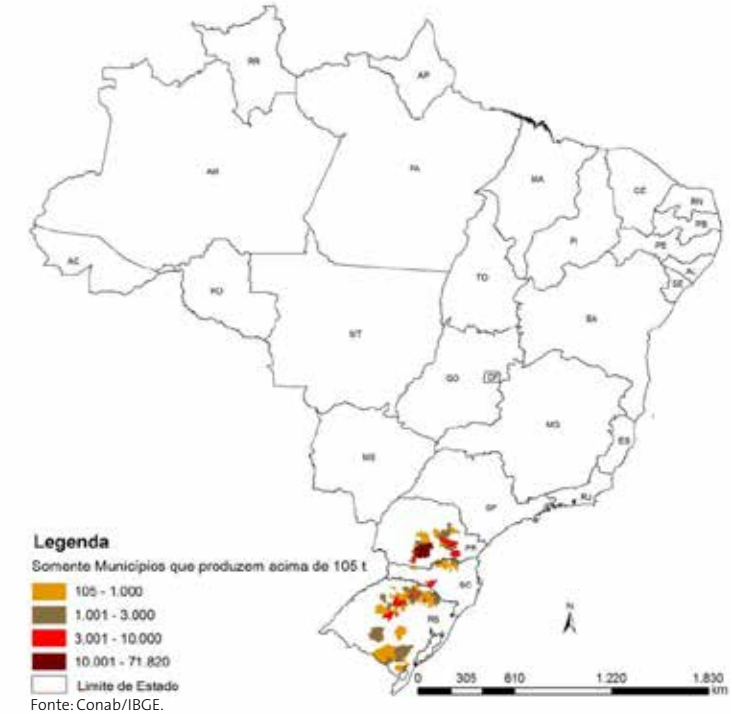
REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	**1,7**	**2,5**	**47,1**	**1.706**	**2.640**	**54,7**	**2,9**	**6,6**	**127,6**
PR	1,2	1,0	(21,0)	1.890	2.513	33,0	2,3	2,5	8,7
RS	0,5	1,5	200,0	1.200	2.700	125,0	0,6	4,1	583,3
CENTRO-SUL	**1,7**	**2,5**	**47,1**	**1.706**	**2.640**	**54,7**	**2,9**	**6,6**	**127,6**
BRASIL	**1,7**	**2,5**	**47,1**	**1.706**	**2.640**	**54,7**	**2,9**	**6,6**	**127,6**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

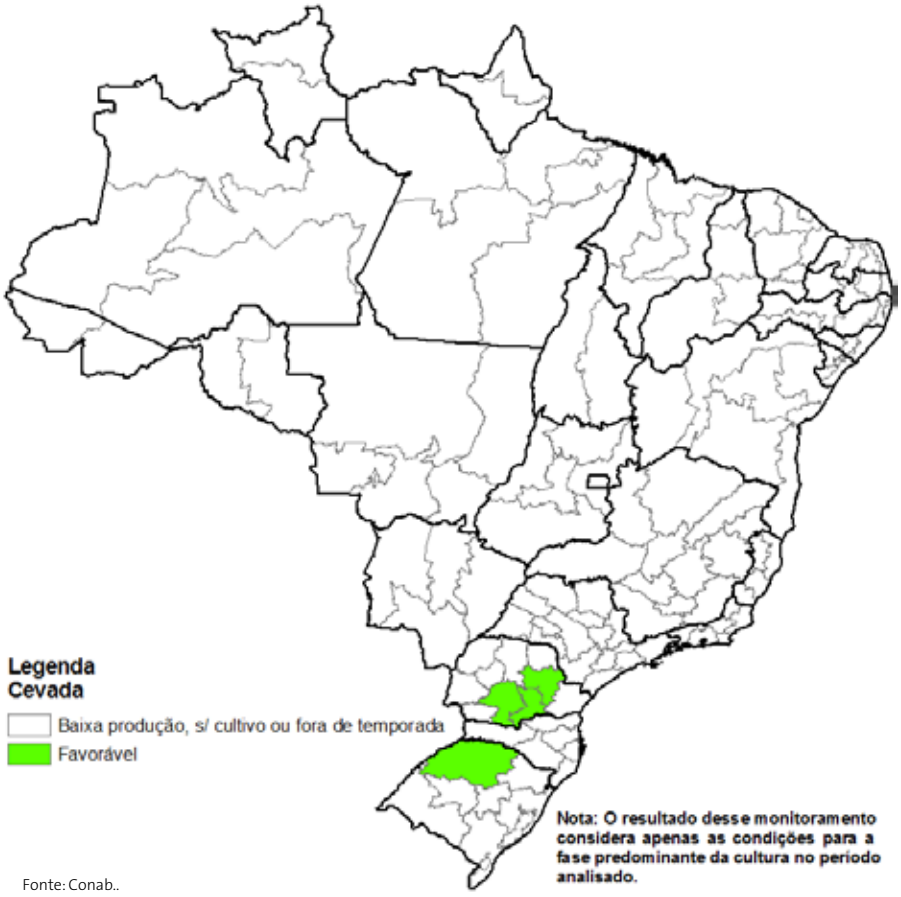
8.2.4. Cevada

Figura 36 - Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 37 - Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016



Fonte: Conab..

Quadro 10 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em agosto

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Cevada	- noroeste do RS (DV/F) - leste, centro-sul sudeste do PR (DV/F)			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 58 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	**102,4**	**95,7**	**(6,5)**	**2.568**	**3.320**	**29,3**	**263,0**	**317,7**	**20,8**
PR	50,1	42,6	(14,9)	3.689	4.052	9,8	184,8	172,6	(6,6)
SC	2,8	1,3	(53,6)	1.380	4.000	189,9	3,9	5,2	33,3
RS	49,5	51,8	4,6	1.500	2.700	80,0	74,3	139,9	88,3
CENTRO-SUL	**102,4**	**95,7**	**(6,5)**	**2.568**	**3.320**	**29,3**	**263,0**	**317,7**	**20,8**
BRASIL	**102,4**	**95,7**	**(6,5)**	**2.568**	**3.320**	**29,3**	**263,0**	**317,7**	**20,8**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.2.5. Trigo

A produção do trigo deverá ter acréscimo de 11,4% em relação à safra passada, atingindo 6.164,1 mil toneladas. O principal motivo é a recuperação da produtividade, que deve ser significativamente superior à safra anterior, passando de 2.260 para 2.939 kg/ha.

No Paraná a área plantada ficou em 1.081,8 mil hectares, o que representa uma redução de 19,3% da área plantada em relação à safra 2015, decorrente da migração para a cultura do milho segunda safra devido ao preço bastante atrativo do cereal. Em consequência dessa diminuição, a produção tem uma queda de 1,6%, passando de 3.357,8 mil toneladas da safra anterior para 3.304,9 na safra atual. A geada não afetou as áreas de trigo devido o estágio uniforme de desenvolvimento vegetativo, assim produtividade pode chegar a 3.055, um aumento de 21,9% em relação à safra anterior.

No Rio Grande do Sul a área efetivamente semeada ficou em 776,9 mil hectares, ou seja, 14,4% inferior à da safra passada, que era de 861,3 mil hectares. Muito embora tenham sido relatados problemas de germinação e stand desuniforme no levantamento anterior, as lavouras de trigo reagiram bem neste último mês, em decorrência das condições climáticas favoráveis, com dias frios e pouca umidade, o desenvolvimento das lavouras apresenta-se muito bom, com bom perfilhamento e sem problemas fitossanitários relevantes. A situação agronômica da lavoura no momento permite estimar produtividade de 2.700 kg/ha, 58,8% superior à da safra passada, contribuindo para um aumento de 43,3% na produção, estimada em 2.097,6 mil toneladas.

Os estádios predominantes são os de perfilhamento e elongação, sendo que em regiões onde o plantio acontece mais cedo, como Missões e Noroeste, já ocorrem o emborrachamento e a floração. No Nordeste do estado, que planta mais tarde, praticamente toda a área está em perfilhamento. Produtores aproveitam as boas condições para realizar tratos culturais, como aplicação preventiva de fungicidas, controle de invasoras e adubação nitrogenada em cobertura. As geadas ocorridas não tiveram seus efeitos ainda avaliados; contudo aconteceram em pontos específicos, não devendo afetar significativamente o potencial produtivo das lavouras atingidas.

Em Santa Catarina a área a ser plantada na safra atual deve apresentar uma redução em torno de 14% em relação ao observado na safra anterior, passando de 65 mil hectares para 55,9 mil hectares. As lavouras encontram-se em boas condições agronômicas, contribuindo para que haja um aumento de 78,7% da produtividade em relação à safra anterior, passando de 1.800 para 3.216 kg/ha, estimando uma produção para essa safra de 179,8 mil toneladas.

Em Mato Grosso do Sul a cultura encontra-se em boas condições de desenvolvimento, apresentando, portanto, boa expectativa de produtividade em relação às safras anteriores. Com relação às condições climáticas, as temperaturas e índices pluviométricos até o mo-

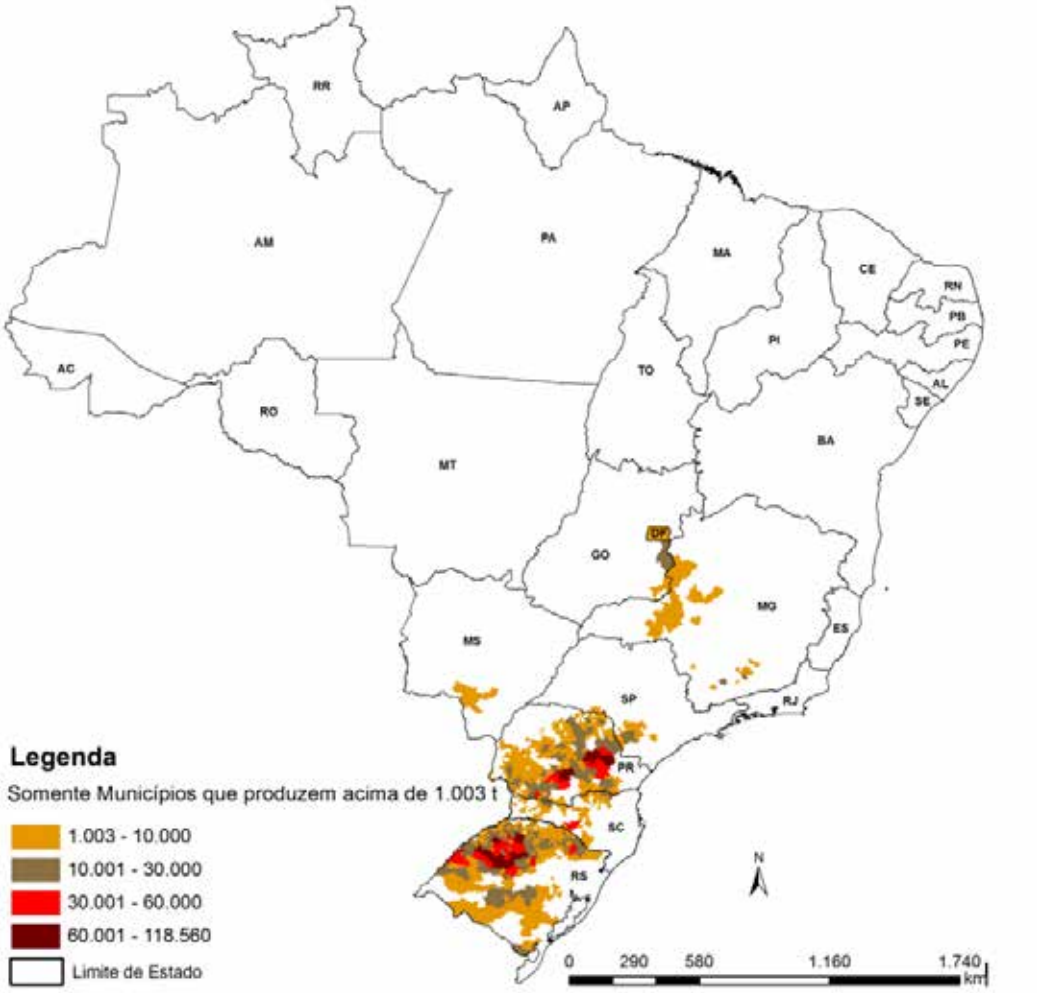
mento são propícias para a cultura, que se encontra com as espiguetas bem desenvolvidas e apresentando aparente boa qualidade nos grãos.

Com relação aos aspectos fitossanitários, não foram relatados problemas significativos de doenças no trigo, e com relação a pragas, apenas algumas lavouras com registro de ataques de pulgões que não chegam a causaram prejuízos a produtividade. Atualmente a cultura encontra-se 100% no estágio de maturação e com uma expectativa de produtividade de aproximadamente 2.355 kg/ha, gerando um aumento de 17,8% em relação à safra 2015, e um aumento de produção de 38%, estimada para essa safra em 41,4 mil hectares.

Em Minas Gerais o plantio de trigo sofreu atraso este ano, em razão da falta de chuvas e das altas temperaturas registradas no mês de abril. As lavouras foram implantadas em sua maior parte a partir do mês de maio e encontram-se predominantemente em fase de maturação e colheita. As informações a respeito do plantio de trigo irrigado nas regiões do noroeste de Minas e Alto Paranaíba ainda carecem de consistência devido à restrição hídrica para suprir as necessidades da planta. Estima-se uma redução na área plantada da ordem de 8,8%, caindo dos 82,2 alcançados na safra passada para 75 mil hectares na atual safra. Esta redução é atribuída às condições climáticas desfavoráveis e ao crescimento significativo da área plantada com milho segunda safra na região, tendo em vista a sua melhor cotação. Considerando isso, houve uma queda na produtividade de 9,5% em relação à safra passada, sendo essa estimada em 2.700 kg/há para a safra 2016, e, dessa forma, a produção poderá alcançar 202,5 mil toneladas, o que representa uma redução de 17,4%.

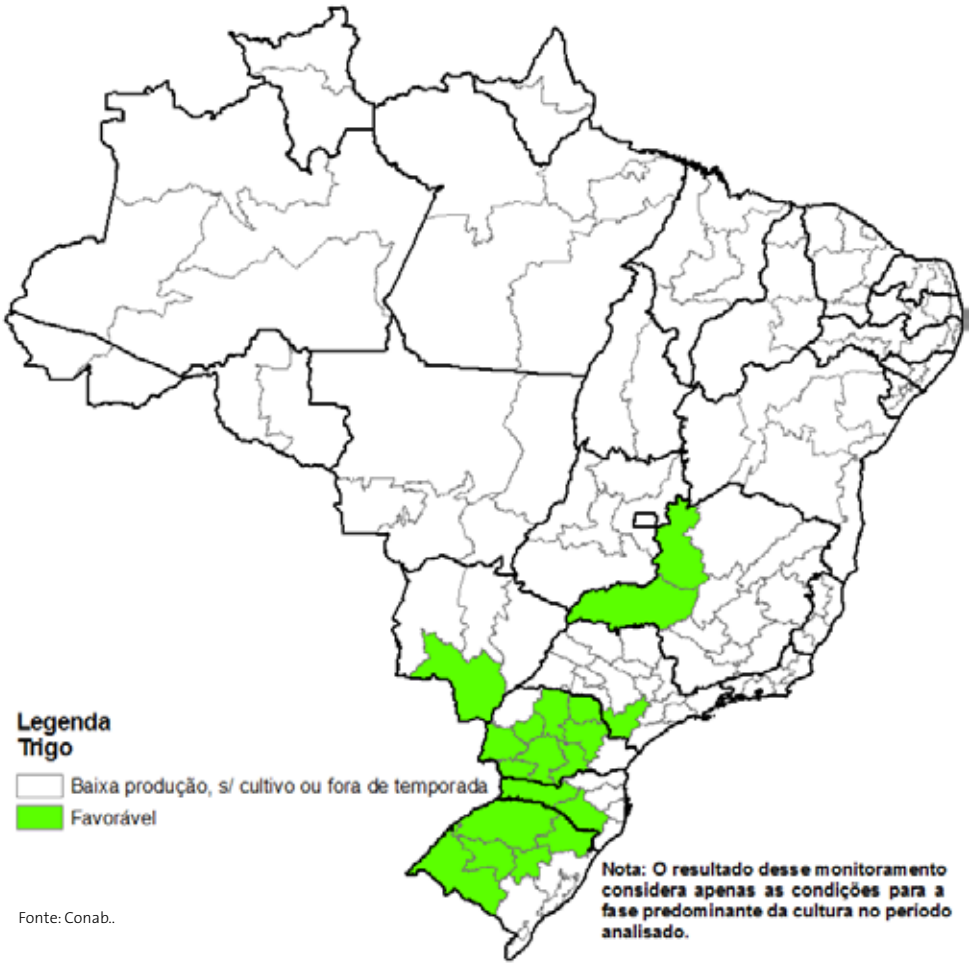
Em São Paulo as lavouras de trigo, estão próximas de entrarem em fase de colheita, porém, a preocupação do segmento se dá por conta da possibilidade de geadas tardias, entre os meses de agosto e setembro. Em termos de produtividade, estima-se que o mesmo possa chegar a 3.457 kg/ha, uma redução de 2,4% em relação à safra passada e, por isso, a produção poderá diminuir para 257,2 mil toneladas, o que representa uma redução de 2,1% em comparação com a anterior. Estima-se um aumento na área plantada de 0,3%, alcançando assim 74,4 mil hectares na atual safra.

Figura 38 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab/IBGE.

Figura 39 - Condição hídrica geral em agosto para o cultivo nos principais estados produtores do Brasil - Safra 2015/2016



Fonte: Conab..

Quadro 11 – Condições hídricas e possíveis impactos nas diferentes fases* em agosto

Cultura	Chuvas favoráveis (G, DV, F e/ ou FR)	Possíveis problemas por excesso de chuva	Chuvas reduzidas ou em frequência não prejudicial (M e/ou C)	Possíveis problemas por falta de chuva
Trigo	- sul de SP (FR) - norte e oeste do PR (F/FR) - sudoeste e leste do PR (DV/F/ FR) - centro-sul e sudeste do PR (DV/F) - oeste e sul de SC (DV/F) - norte, centro e sudoeste do RS (DV/F)		- norte e oeste do PR (M) - Triângulo e noroeste de MG (M) - sul de SP (M) - sudoeste do MS (M)	

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

Tabela 59 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	**26,2**	**33,0**	**26,0**	**3.363**	**3.700**	**10,0**	**88,1**	**122,1**	**38,6**
MS	15,0	17,6	17,3	2.000	2.355	17,8	30,0	41,4	38,0
GO	9,6	14,3	49,0	5.054	5.182	2,5	48,5	74,1	52,8
DF	1,6	1,1	(31,3)	6.000	6.000	-	9,6	6,6	(31,3)
SUDESTE	**156,4**	**149,4**	**(4,5)**	**3.247**	**3.077**	**(5,2)**	**507,8**	**459,7**	**(9,5)**
MG	82,2	75,0	(8,8)	2.982	2.700	(9,5)	245,1	202,5	(17,4)
SP	74,2	74,4	0,3	3.541	3.457	(2,4)	262,7	257,2	(2,1)
SUL	**2.266,2**	**1.914,6**	**(15,5)**	**2.179**	**2.916**	**33,8**	**4.939,0**	**5.582,3**	**13,0**
PR	1.339,9	1.081,8	(19,3)	2.506	3.055	21,9	3.357,8	3.304,9	(1,6)
SC	65,0	55,9	(14,0)	1.800	3.216	78,7	117,0	179,8	53,7
RS	861,3	776,9	(9,8)	1.700	2.700	58,8	1.464,2	2.097,6	43,3
CENTRO-SUL	**2.448,8**	**2.097,0**	**(14,4)**	**2.260**	**2.939**	**30,0**	**5.534,9**	**6.164,1**	**11,4**
BRASIL	**2.448,8**	**2.097,0**	**(14,4)**	**2.260**	**2.939**	**30,0**	**5.534,9**	**6.164,1**	**11,4**

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

8.2.5. Oferta e demanda

A estimativa de produção anunciada pela Conab de 6,16 milhões de toneladas em 2016/17 é 0,62% menor que o volume de produção de 6,2 milhões de toneladas, divulgado em de julho.

Os dados consolidados de produção, importação e exportação em 2014/15 e 2015/16 permitiram completar uma avaliação mais detalhada dos estoques finais e reavaliar a estimativa de moagem industrial em 2014/15 para 10,3 milhões de toneladas, menor em 6,7% à de 2013/14, devido aos problemas internos, que registraram significativa redução do consumo.

A sustentação dessa situação de restrição ao consumo foi agravada por menor produção de trigo, prejudicada por problemas de qualidade devido ao clima desfavorável, principalmente no Rio Grande do Sul. Dessa forma, a moagem da indústria foi novamente afetada, recuando para 10 milhões de toneladas.

Em 2016/17, a produção de 6,16 milhões de toneladas é maior em 629,2 mil toneladas frente à produção anterior, acenando com a possibilidade de ocorrer o início da recuperação da moagem industrial no Brasil para 10,4 milhões de toneladas, devido à maior disponibilidade da matéria-prima de boa qualidade.

A estimativa de exportação de 700 mil toneladas se baseia no superavit que se espera na comercialização do trigo do Rio Grande do Sul, com capacidade industrial para moagem de 1,2 milhão de toneladas de trigo nacional, além de um adicional de trigo importado.

Não sendo exportada essa produção excedente deverá ser comercializada com outras Unidades da Federação, principalmente com a Região Nordeste via cabotagem com preço elevado de US$28,00 por tonelada. Outra alternativa será a aquisição pelo governo federal de parcela da produção excedente para recompor os estoques do governo, praticamente inexistentes na atualidade.

A safra 2016/17 poderá equivaler a 57,5% da demanda brasileira de trigo e a 59,3% do trigo em grão a ser beneficiado pela indústria nacional, espera-se, com a matéria-prima de qualidade superior, isenta de micotoxinas devido ao clima favorável, dessa vez, com a ocorrência do fenômeno La Niña, clima comprovadamente adequado à produção de trigo no Mercosul.

A oferta de trigo no Mercosul será ampla, estimando-se que a produção na Argentina evolua de 11,3 para 14,4 milhões de toneladas, suprindo o mercado com trigo de boa qualidade. Com isso, esse país será superavitário em 8 milhões de toneladas, exigindo, assim, a continuidade de seu bom desempenho exportador, como já se observa recentemente.

Maior oferta de trigo no Mercosul, podendo se elevar a 22,6 milhões de toneladas, frente a um consumo de 17,8 milhões de toneladas, sinaliza a possibilidade de menores preços da matéria prima, reduzindo os elevados custos da indústria de moagem e favorecendo o consumidor final.

Entre agosto 2015 e julho 2016 a importação brasileira,

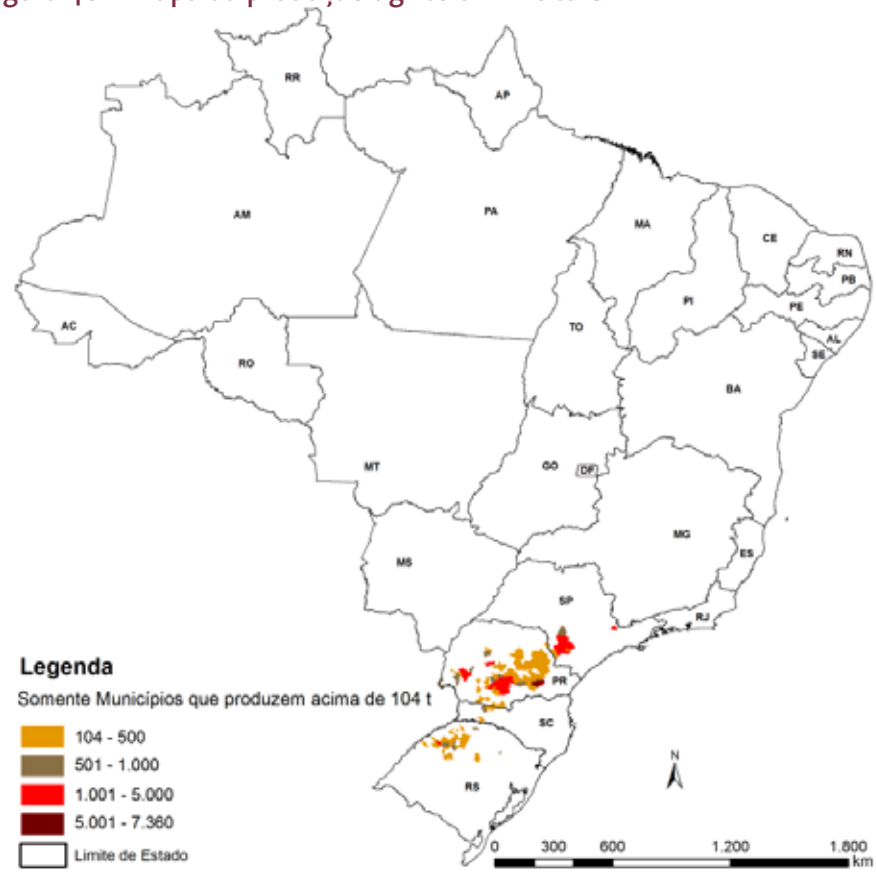
de acordo com a Secex, foi de 5,51 milhões de toneladas, ao custo total de US$1.121,3 milhões. O trigo de origem argentino, até julho, participou com 65,3% do total; o paraguaio, com 17,1%; o uruguaio, com 8,9%; o estadunidense, com 7,9% e o canadense, com 0,5%.

Quanto às exportações em 2015/16 foram negociadas com o exterior 1,05 milhão de toneladas. O Vietnã adquiriu 32% do total; Filipinas 28,3%; Colômbia 12,4%; Tailândia 10,5%; Equador 5,9%; e Indonésia e Israel 5,1%. Essas operações foram favorecidas pelos baixos preços do petróleo que reduziu os valores dos fretes internacionais, assim como, pelos menores preços do trigo de uma safra com menor qualidade.

A demanda interna de trigo em grão no país deverá ser de 10,7 milhões de toneladas, incluindo trigo para sementes, e a moagem estimada em 10,4 milhões de toneladas, 4% maior que a do ano 2015/16.

8.2.6. Triticale

Figura 40 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab/IBGE.

Tabela 6o – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %	Safra 2015	Safra 2016	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	**4,3**	**7,0**	**62,8**	**3.140**	**2.671**	**(14,9)**	**13,5**	**18,7**	**38,5**
SP	4,3	7,0	62,8	3.133	2.670	(14,8)	13,5	18,7	38,5
SUL	17,2	16,3	(5,2)	2.523	2.822	11,9	43,4	46,0	6,0
PR	10,9	10,0	(8,2)	2.829	2.930	3,6	30,8	29,3	(4,9)
SC	0,6	0,6	-	1.870	2.167	15,9	1,1	1,3	18,2
RS	5,7	5,7	-	2.015	2.700	34,0	11,5	15,4	33,9
CENTRO-SUL	**21,5**	**23,3**	**8,4**	**2.647**	**2.777**	**4,9**	**56,9**	**64,7**	**13,7**
BRASIL	**21,5**	**23,3**	**8,4**	**2.647**	**2.777**	**4,9**	**56,9**	**64,7**	**13,7**

Fonte: Conab

Nota: Estimativa em Setembro/2016.

9. Balanço de oferta e demanda

Acomp. safra bras. grãos, v. 3 - Safra 2015/16, n. 12 -Décimo Segundo levantamento, setembro 2016.

Tabela 63 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

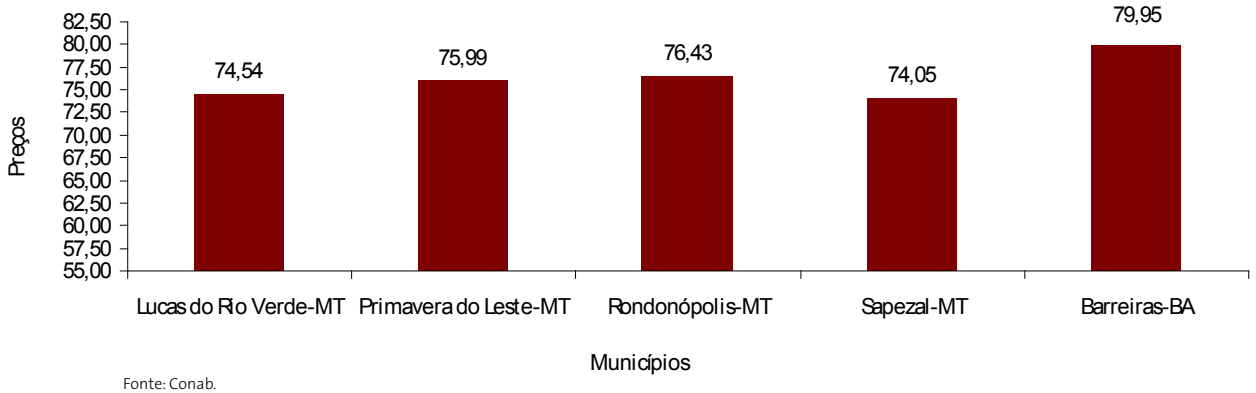
PRODUTO	SAFRA	"ESTOQUE INICIAL"	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	"ESTOQUE FINAL"
Algodão em pluma	2010/11	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,5	20,0	1.658,6	720,0	740,0	198,6
Arroz em casca	2010/11	2.457,3	13.613,1	825,4	16.895,8	12.236,7	2.089,6	2.569,5
	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.602,9	1.300,0	12.865,8	11.450,0	1.100,0	315,8
Feijão	2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.515,8	200,0	2.913,9	2.800,0	65,0	48,9
Milho	2010/11	5.586,1	57.406,9	764,4	63.757,4	49.985,9	9.311,9	4.459,6
	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,0	51.903,0	22.313,7	3.996,3
	2012/13	3.996,3	81.505,7	911,4	86.413,4	53.287,9	26.174,1	6.951,4
	2013/14	6.951,4	80.051,7	790,7	87.793,8	54.541,6	20.924,8	12.327,4
	2014/15	12.327,4	84.672,4	316,1	97.315,9	56.742,4	30.172,3	10.401,2
	2015/16	10.401,2	66.979,5	1.500,0	78.880,7	53.387,8	20.000,0	5.492,9
Soja em grãos	2010/11	2.607,2	75.324,3	41,0	77.972,5	41.970,0	32.986,0	3.016,5
	2011/12	3.016,5	66.383,0	266,5	69.666,0	36.754,0	32.468,0	444,0
	2012/13	444,0	81.499,4	282,8	82.226,2	38.694,2	42.791,9	740,1
	2013/14	740,1	86.120,8	578,7	87.439,6	40.200,0	45.692,0	1.547,6
	2014/15	1.547,6	96.228,0	324,1	98.099,7	42.850,0	54.324,0	925,7
	2015/16	925,7	95.434,6	700,0	97.060,3	42.500,0	54.100,0	460,3
Farelo de Soja	2010/11	1.967,9	29.298,5	24,8	31.291,2	13.758,4	14.355,0	3.177,8
	2011/12	3.177,8	26.026,0	5,0	29.208,8	14.051,1	14.289,0	868,7
	2012/13	868,7	27.258,0	3,9	28.130,6	14.350,0	13.333,5	447,1
	2013/14	447,1	28.336,0	1,0	28.784,1	14.799,3	13.716,0	268,8
	2014/15	268,8	30.492,2	1,0	30.762,0	15.100,0	14.826,7	835,3
	2015/16	835,3	30.415,0	1,0	31.251,3	15.500,0	15.200,0	551,3
Óleo de soja	2010/11	676,6	7.419,8	0,1	8.096,5	5.367,0	1.741,0	988,5
	2011/12	988,5	6.591,0	1,0	7.580,5	5.172,4	1.757,1	651,0
	2012/13	651,0	6.903,0	5,0	7.559,0	5.556,3	1.362,5	640,2
	2013/14	640,2	7.176,0	0,1	7.816,3	5.930,8	1.305,0	580,5
	2014/15	580,5	7.722,0	25,2	8.327,7	6.359,2	1.669,9	298,6
	2015/16	298,6	7.702,5	50,0	8.051,1	6.380,0	1.400,0	271,1
Trigo	2010	2.879,9	5.881,6	5.798,4	14.559,9	9.842,4	2.515,9	2.201,6
	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.164,1	5.300,0	12.273,4	10.714,5	700,0	858,9

Notas: Estimativa em agosto de 2016 / Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.

Fonte: Conab.

10. Preços

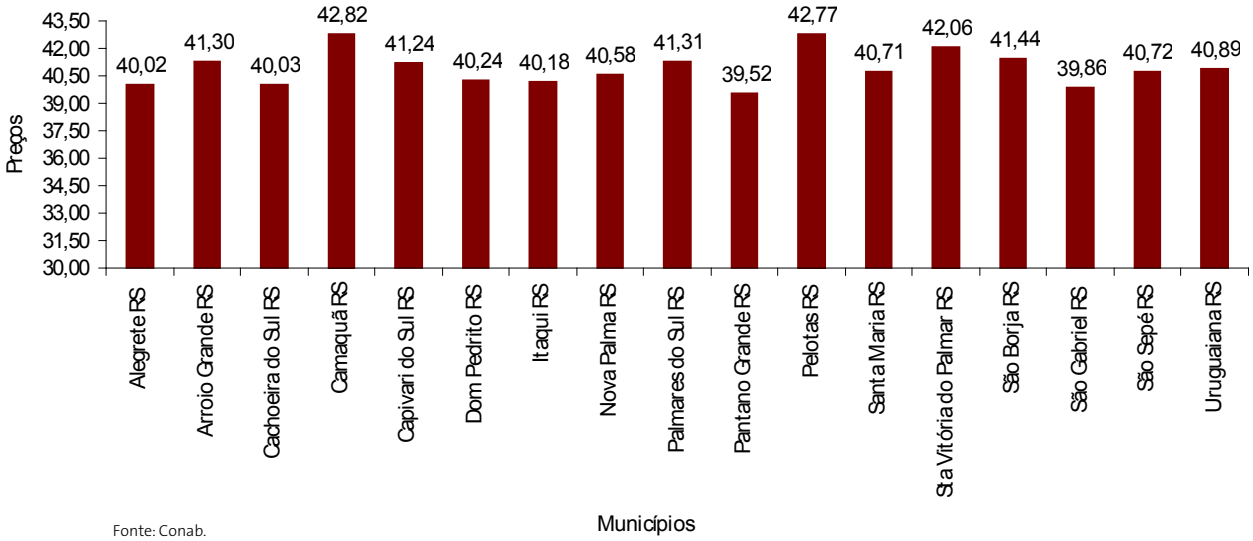
Gráfico 63 - Preço médio por município - MT e BA (algodão pluma 15 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

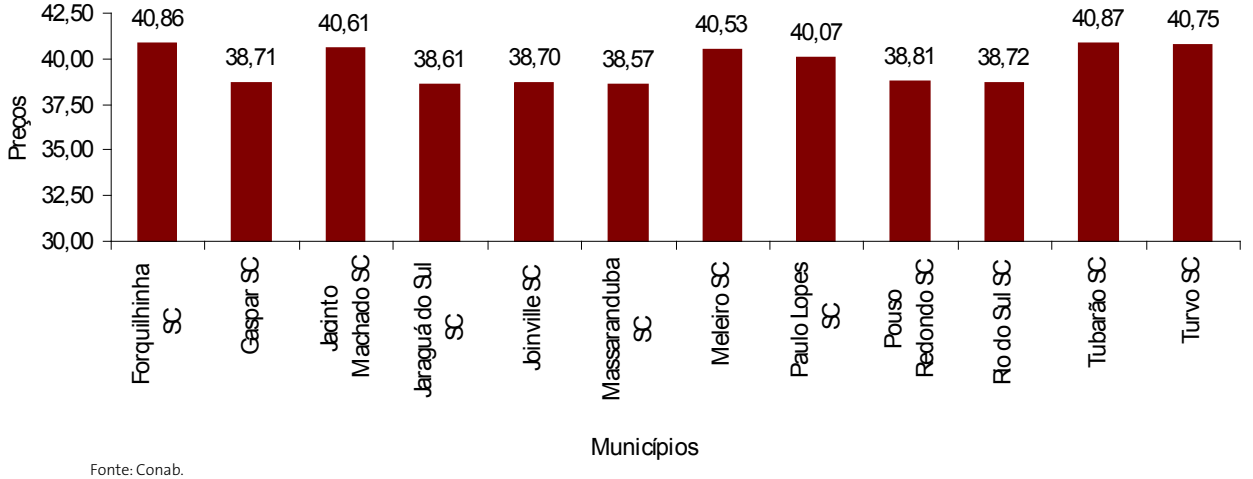
Gráfico 64 -Preço médio por município - RS (arroz longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

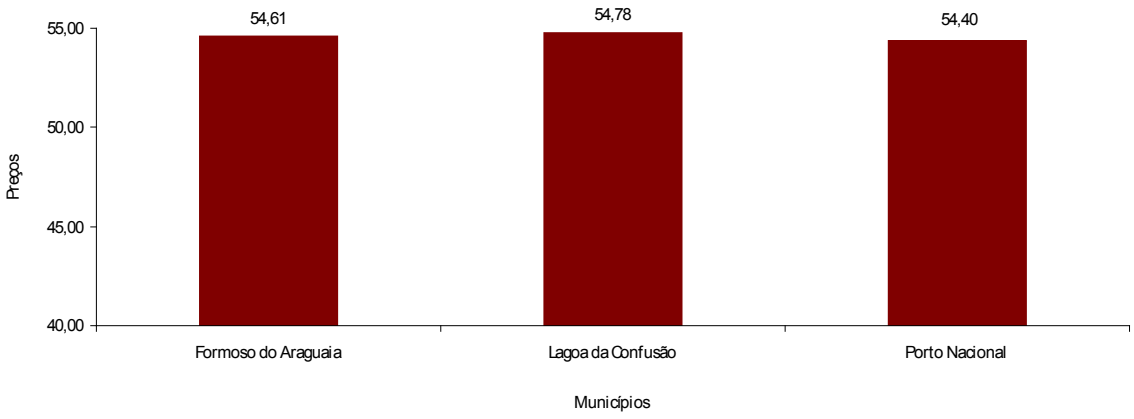
Gráfico 65 - Preço médio por município - SC (arroz - longo fino em casca 50 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

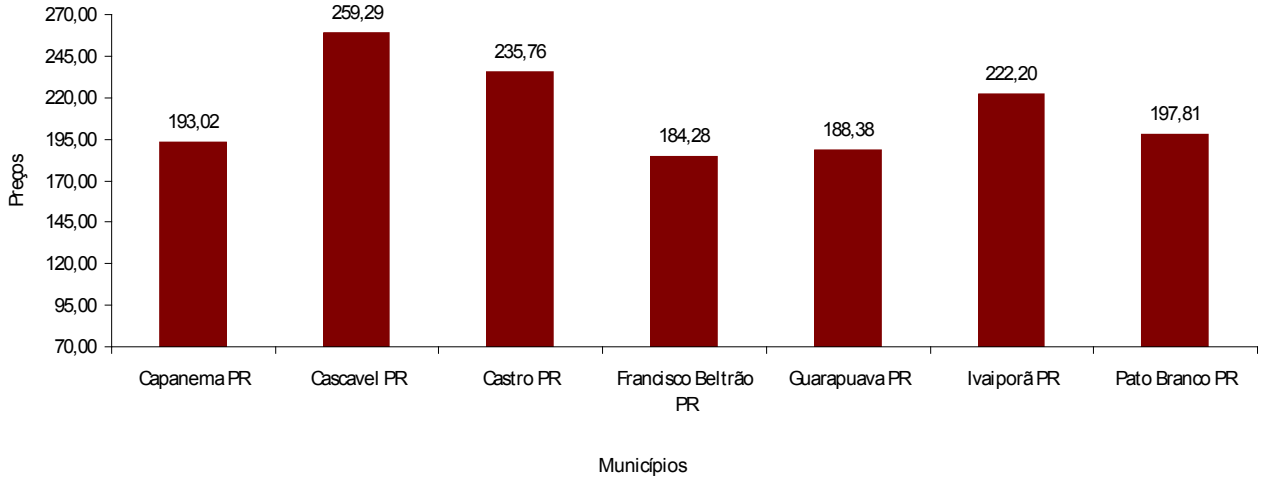
Gráfico 66 -Preço médio por município - TO (arroz - longo fino em casca 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

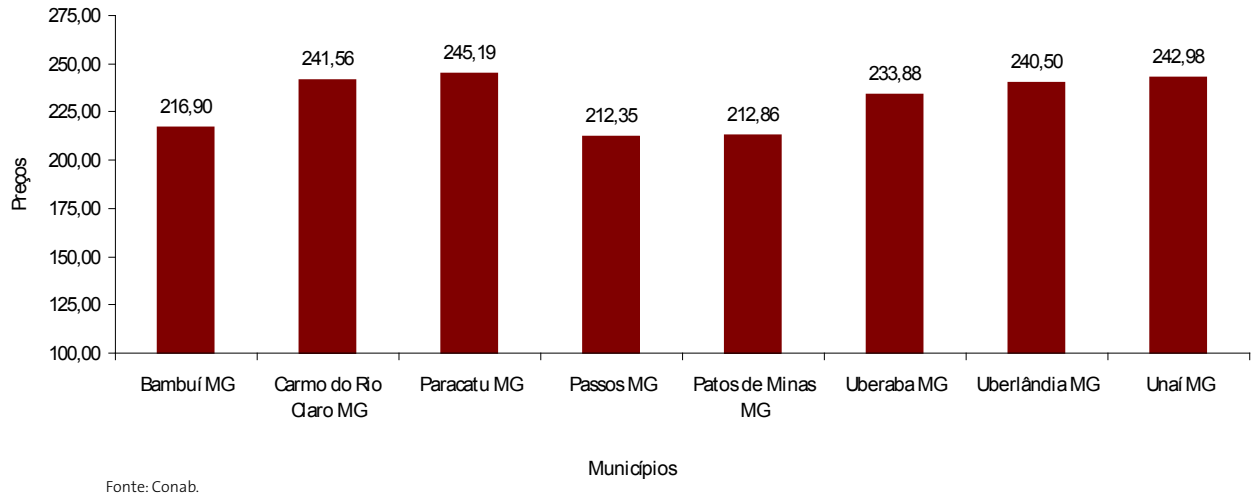
Gráfico 67 -Preço médio por município - PR (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

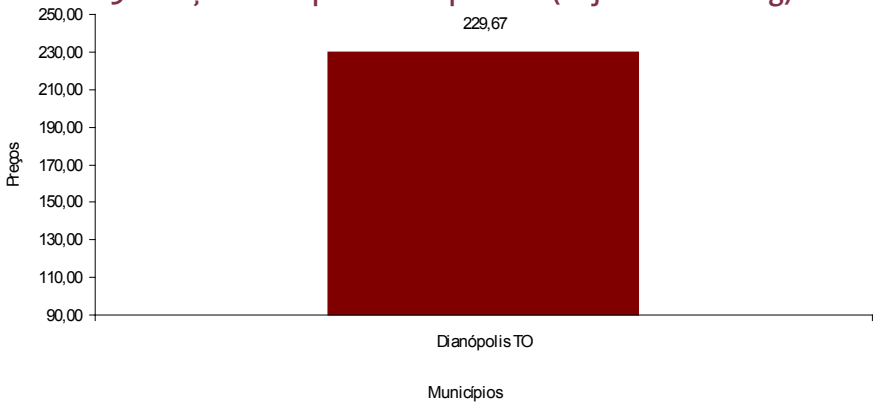
Gráfico 68 -Preço médio por município - MG (feijão cores 60kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

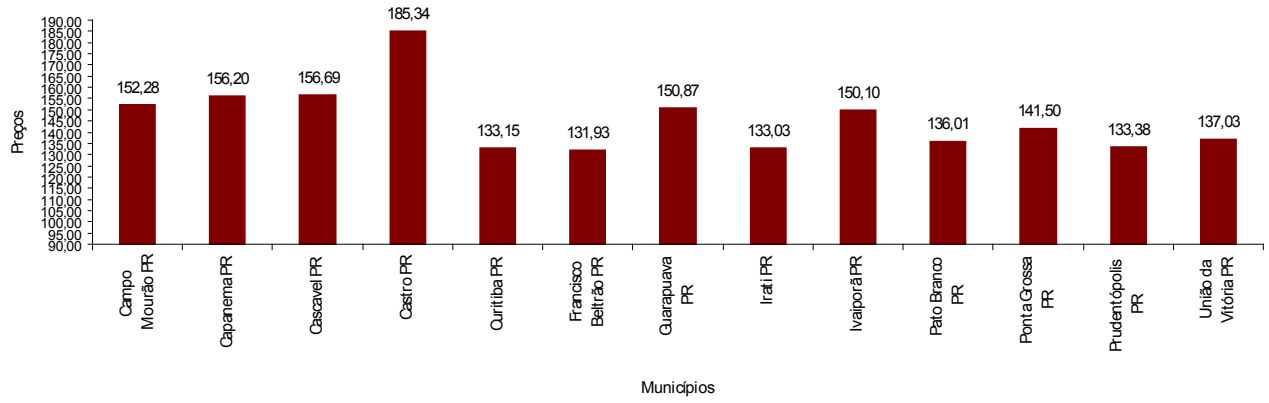
Gráfico 69 - Preço médio por município - TO (feijão cores 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

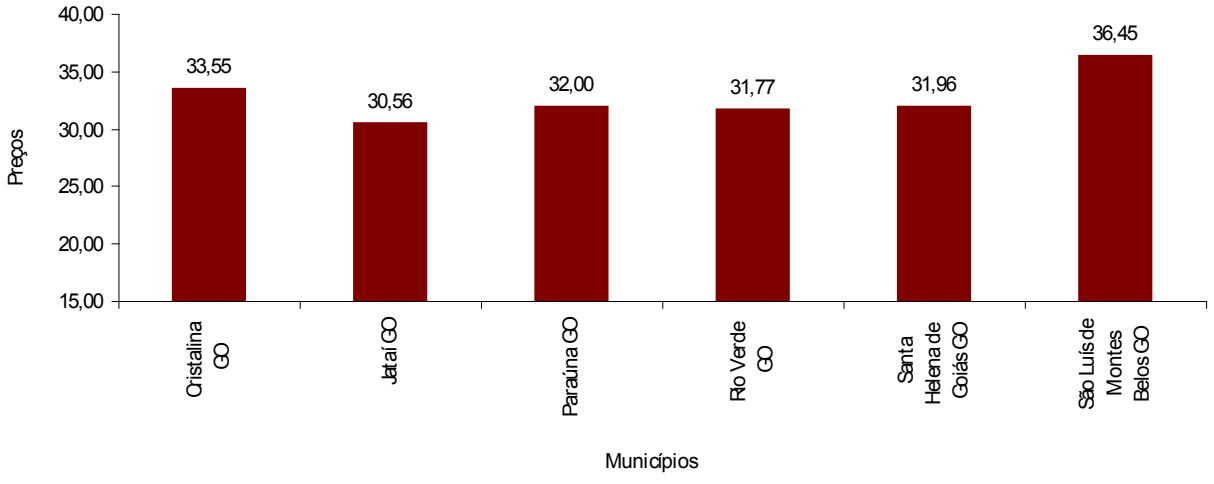
Gráfico 70 -Preço médio por município - PR (feijão preto 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

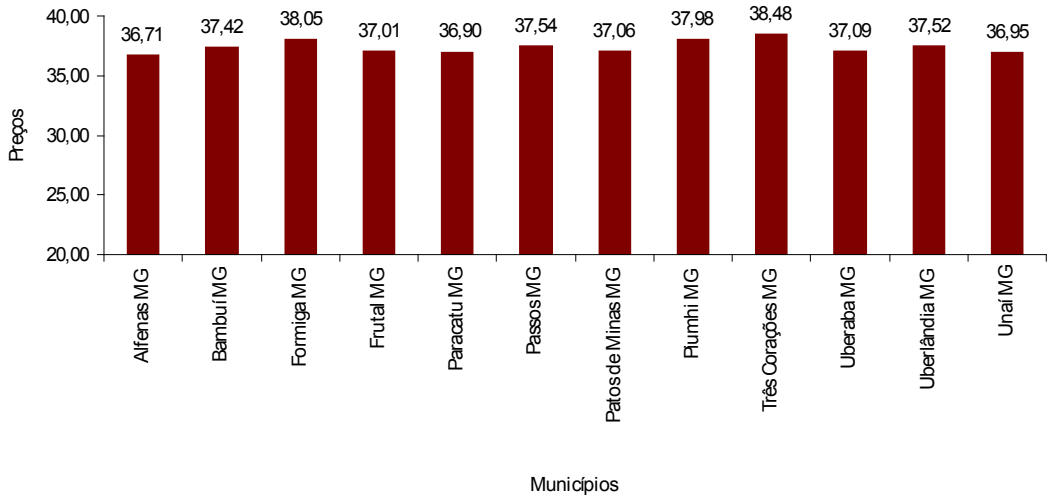
Gráfico 71 - Preço médio por município - GO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

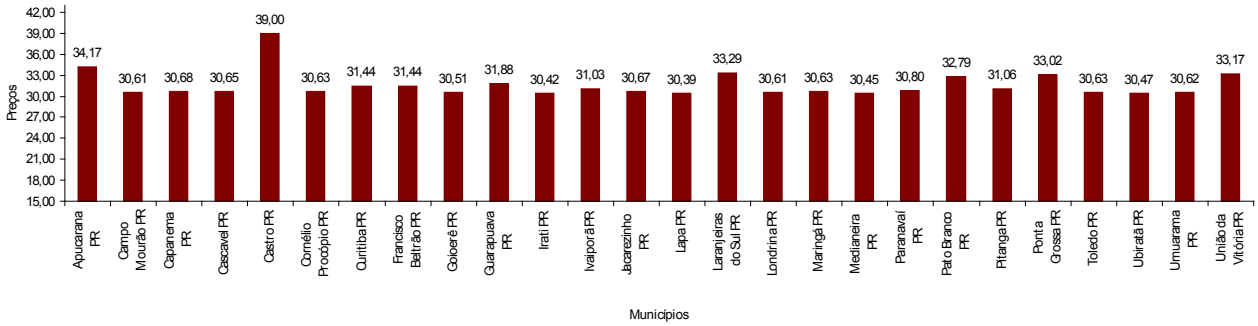
Gráfico 72 - Preço médio por município - MG (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

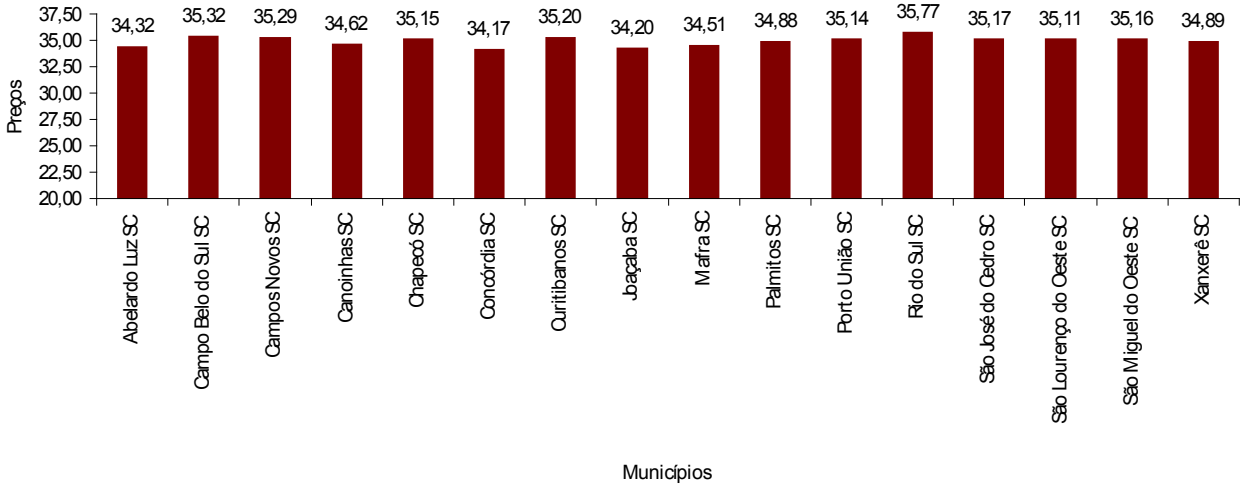
Gráfico 73 - Preço médio por município - PR (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

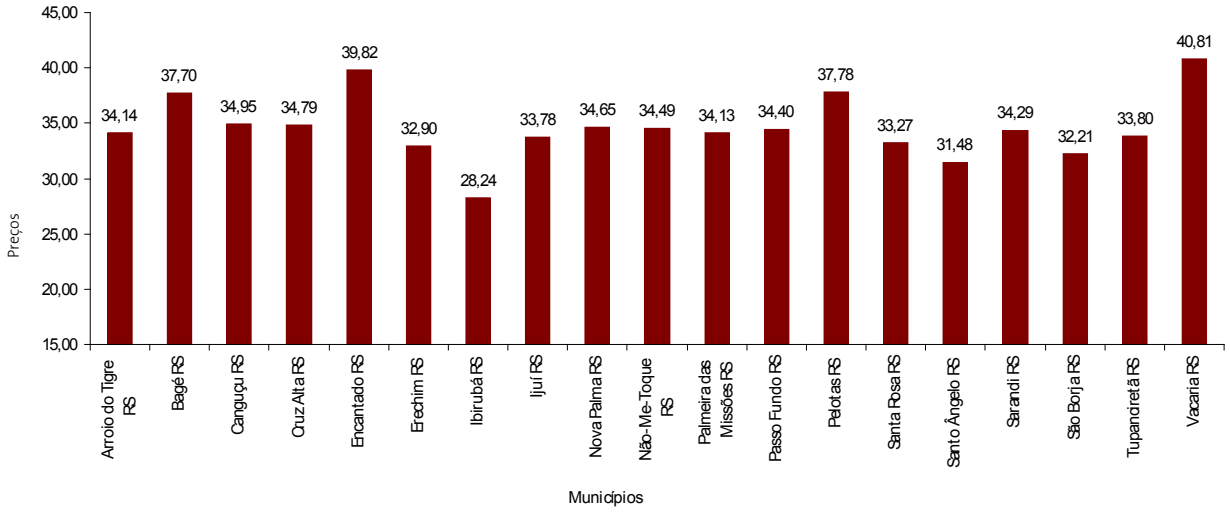
Gráfico 74 - Preço médio por município - SC (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

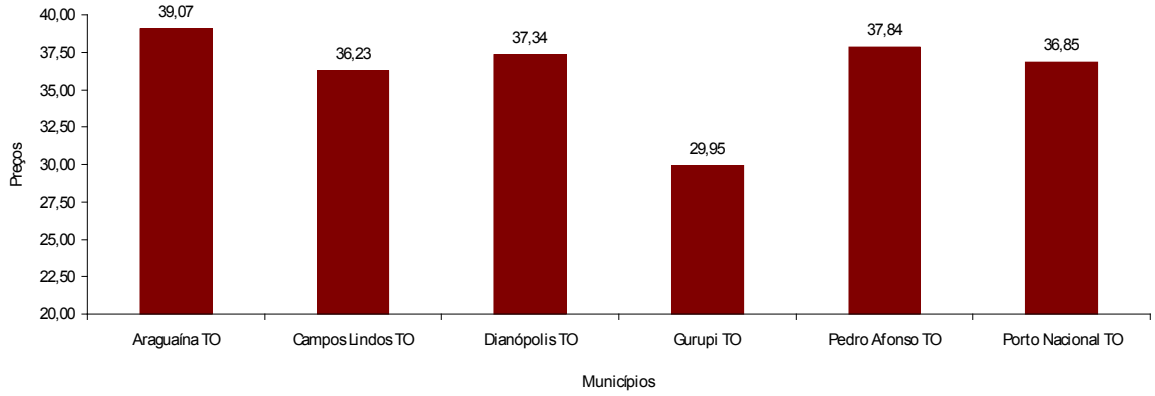
Gráfico 75- Preço médio por município - RS (milho 60 kg)



Fonte: Conab

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

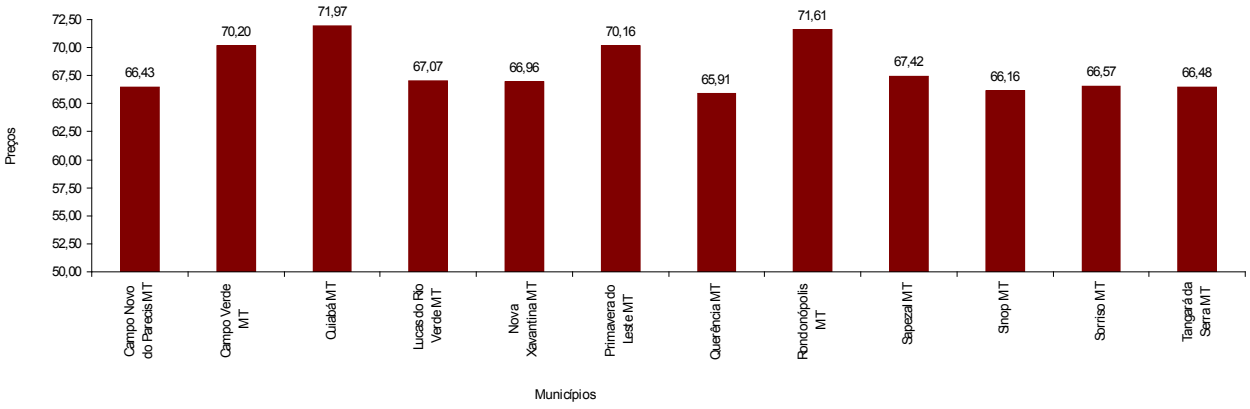
Gráfico 76 - Preço médio por município - TO (milho 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

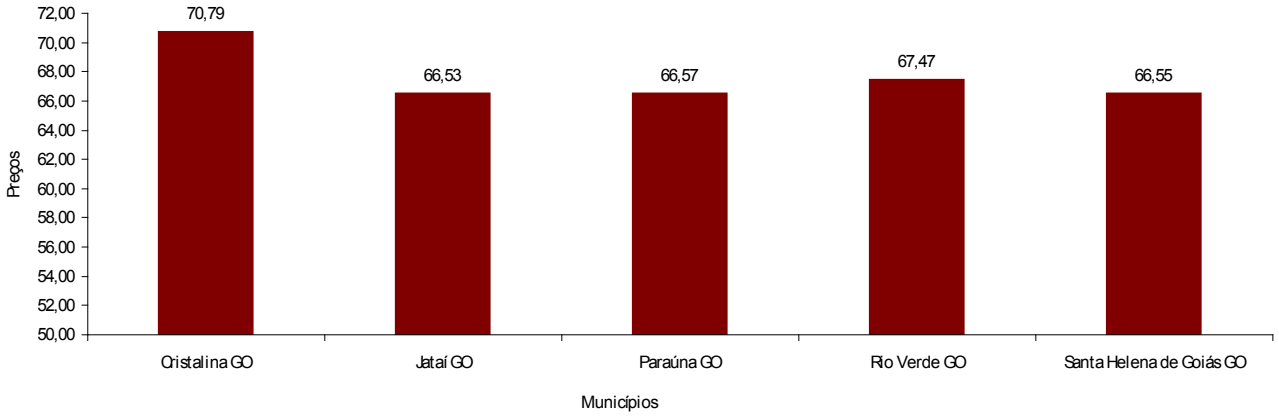
Gráfico 77 - Preço médio por município - MT (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

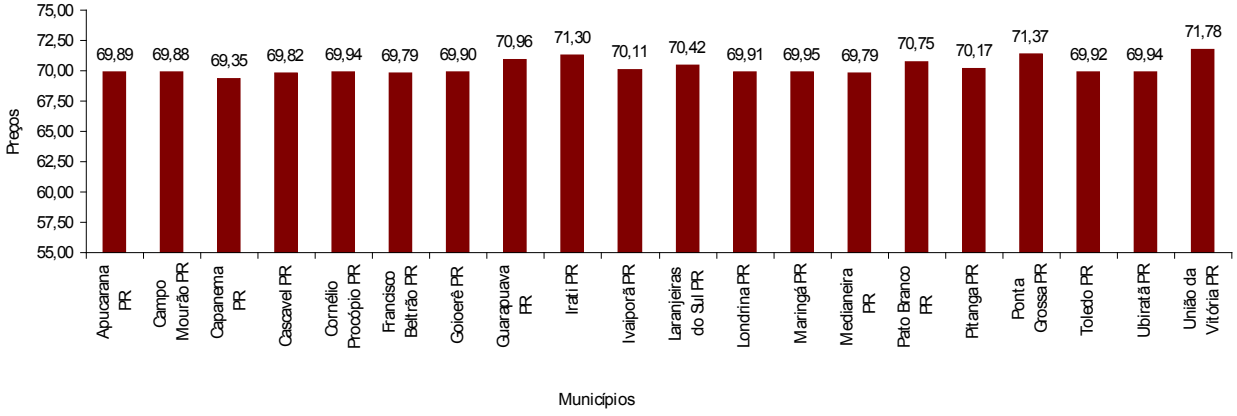
Gráfico 78 - Preço médio por município - GO (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

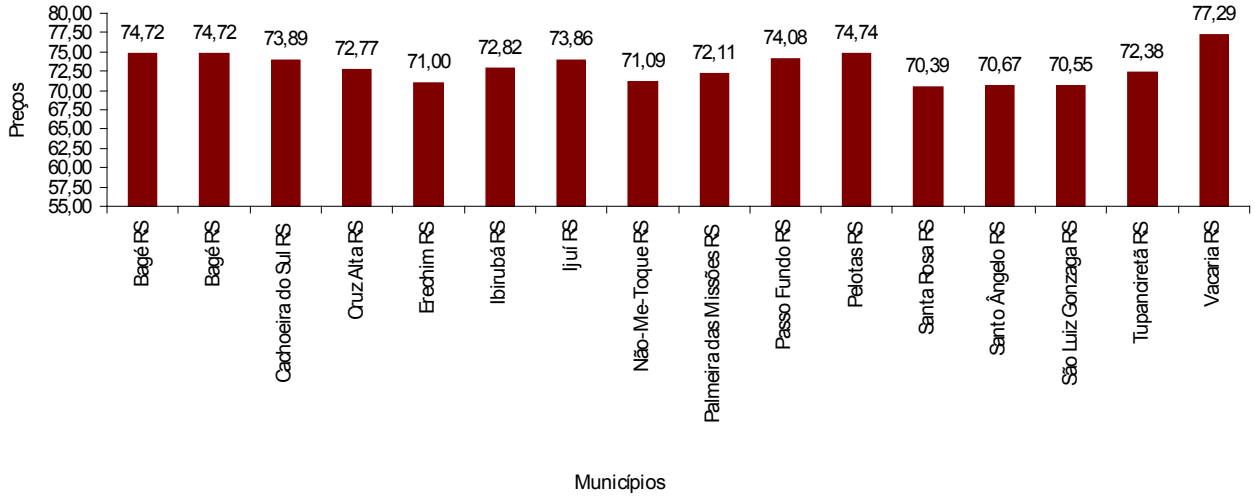
Gráfico 79 - Preço médio por município - PR (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

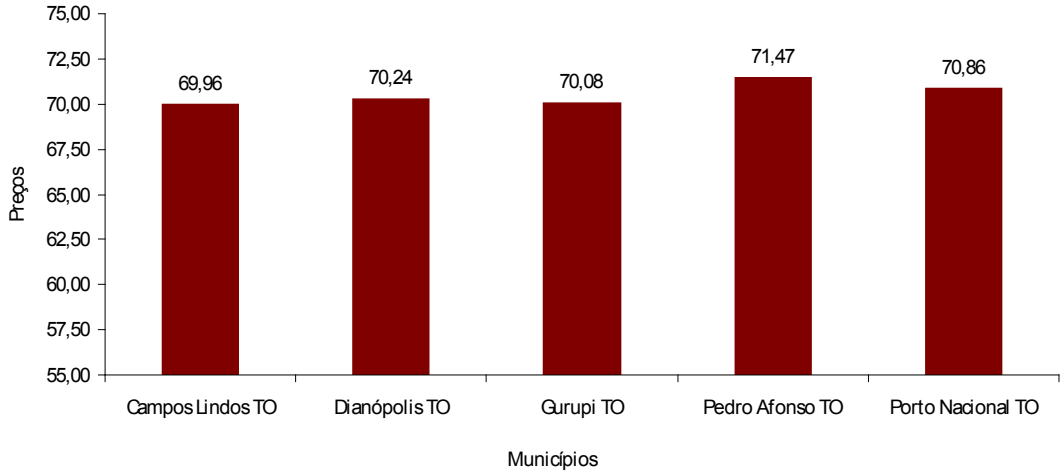
Gráfico 80 - Preço médio por município - RS (soja 60 kg)



Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

Gráfico 81- Preço médio por município - TO (soja 60 kg)



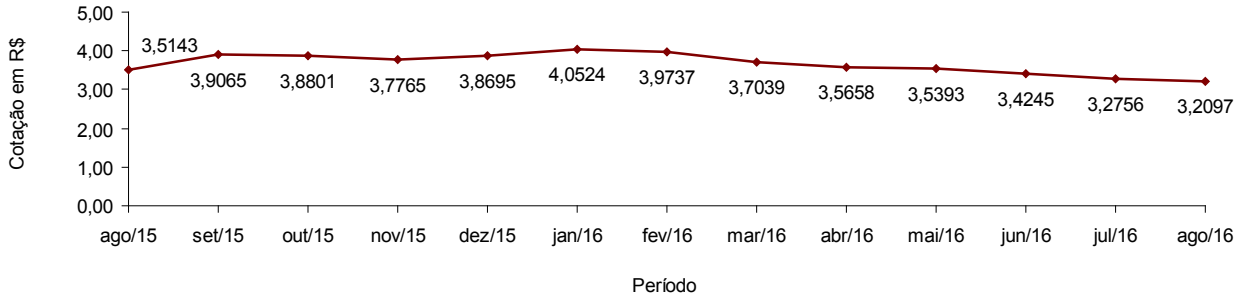
Fonte: Conab.

Nota: Agosto 2015 a Agosto 2016

11. Câmbio

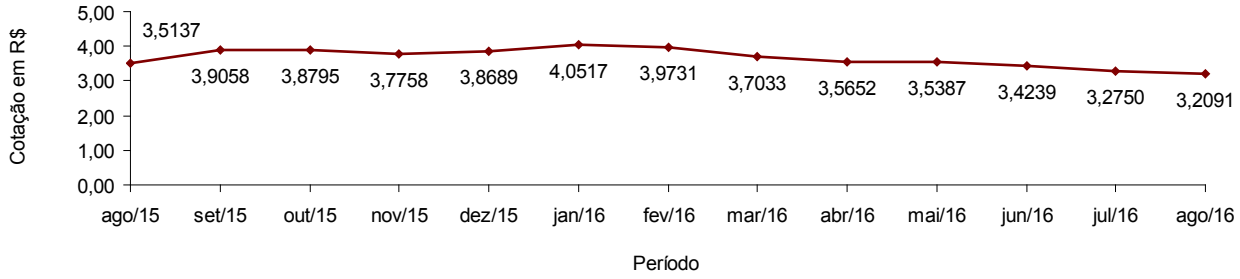
O câmbio é outro componente importante no processo de tomada de decisão do produtor rural, que tem como foco, as commodities agrícolas. A seguir, as cotações de compra e venda do dólar americano no período de agosto de 2015 a agosto de 2016.

Gráfico 82 - Câmbio venda - agosto de 2015 a agosto de 2016



Fonte: Bacen.

Gráfico 83 - Câmbio compra - agosto de 2015 a agosto de 2016



Fonte: Bacen.

12. Exportação e importação

Em termos quantitativos, no ano de 2016 (janeiro a julho), destaca-se o incremento das exportações de algodão, arroz, milho, soja e do complexo soja, comparando com o mesmo período de 2014 e 2015.

No segmento da importação, observa-se o aumento do quantitativo de arroz, se comparado com o ano de 2015. Houve aumento da importação de feijão, milho e trigo em relação a 2014 e 2015.

Observa-se a redução dos preços médios de exportação e importação em todas os produtos destacados. O texto abaixo comenta a respeito dessas culturas.

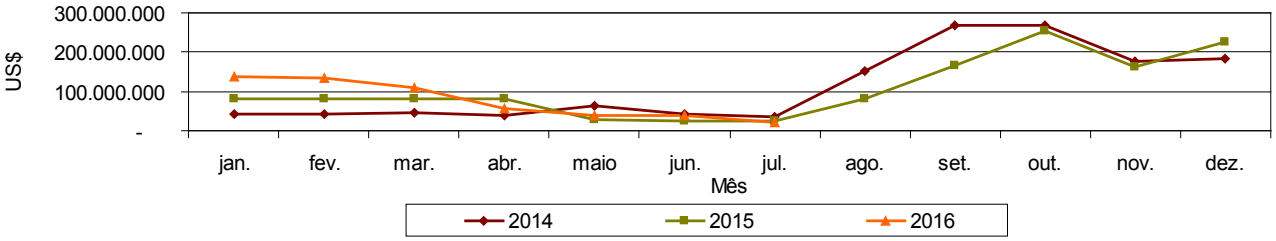
12.1. Algodão

A quantidade exportada de algodão bruto ate julho de 2016 (368 mil toneladas) é superior ao mesmo período de 2014 (160,3 mil toneladas) e 2015 (263, mil toneladas). Pode-se destacar que a média de preço de exportação no período comentado é inferior aos anos anteriores. Em 2016 (até julho) a média é de U$$ 1.462,88 por tonelada, enquanto que a média para o mesmo período em 2015 e 2014 foi de U$$ 1.529,08 e U$$ 1.939,17, por tonelada.

Importante comentar que de 2014 até julho de 2016 o Brasil exportou 1.950.904 mil toneladas, com receita de 3,2 bilhões de dólares americanos.

12.1. Algodão

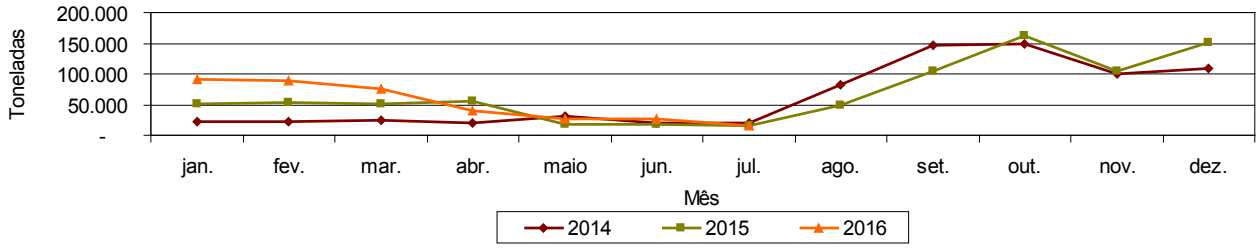
Gráfico 84 - Exportações - US$ - Algodão, em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

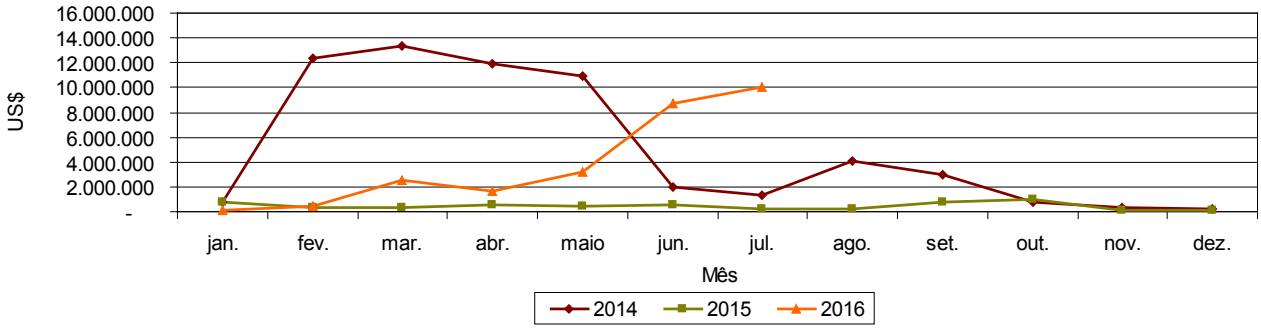
Gráfico 85 - Exportações - toneladas - Algodão, em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

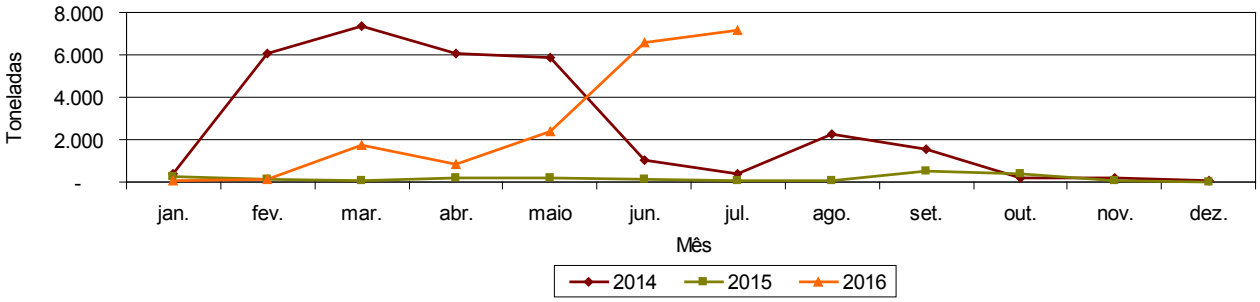
Gráfico 86 - Importações - US$ - Algodão, em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 87 - Importações - Toneladas - Algodão, em pluma



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

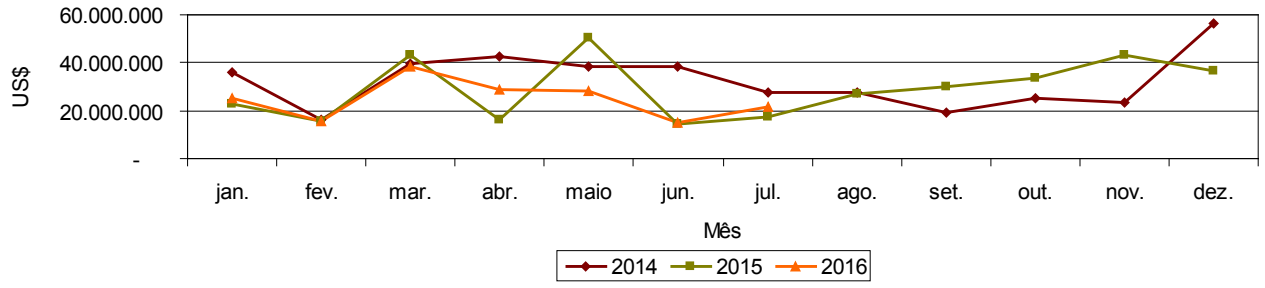
Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

12.2. Arroz

A exportação de arroz de janeiro a julho de 2016 (524,4 mil toneladas) é superior ao mesmo período de 2014 (417,3 mil toneladas) e 2015 (425,8 mil toneladas). Os preços médios de exportação nesse período para 2014, 2015 e 2016 foram, respectivamente, de U$$ 330,15, U$$ 425,82 e U$$ 417,27, por tonelada.

O montante de recursos obtidos com a exportação de arroz de 2014 até julho de 2016 é de US$ 914,4 milhões de dólares americanos.

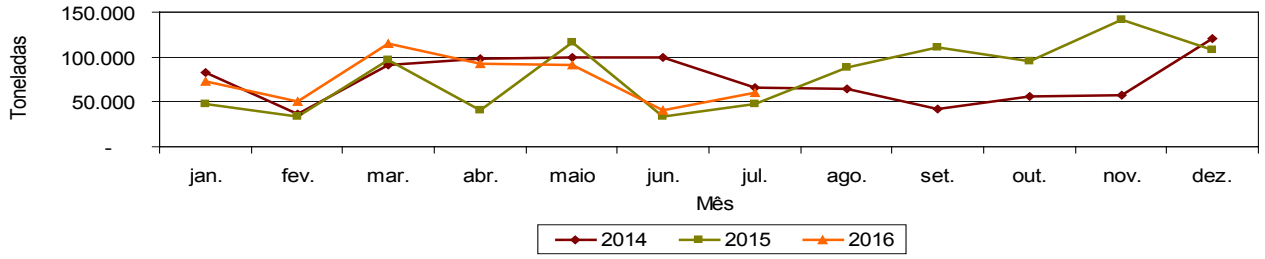
Gráfico 88 - Exportações - US$ - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

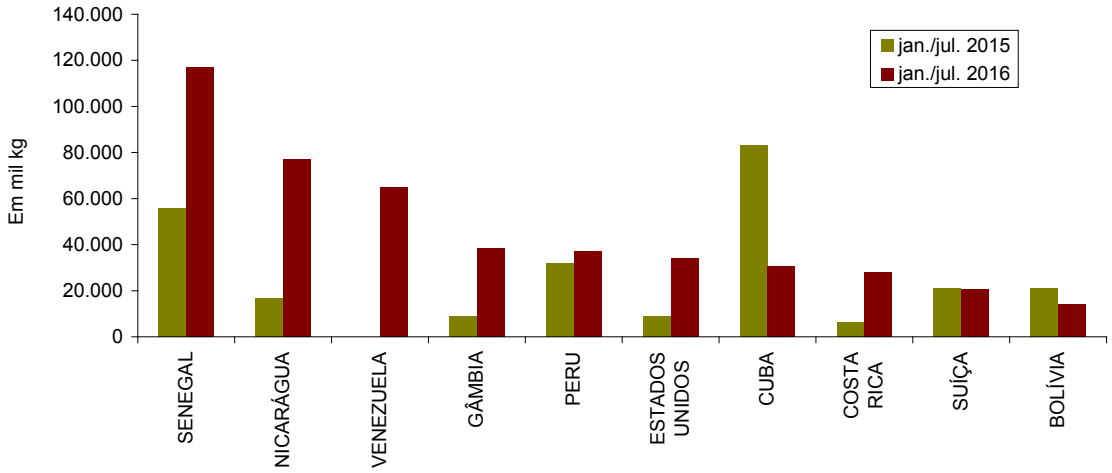
Gráfico 89 - Exportações - Toneladas - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 90 - Gráfico de exportação do arroz

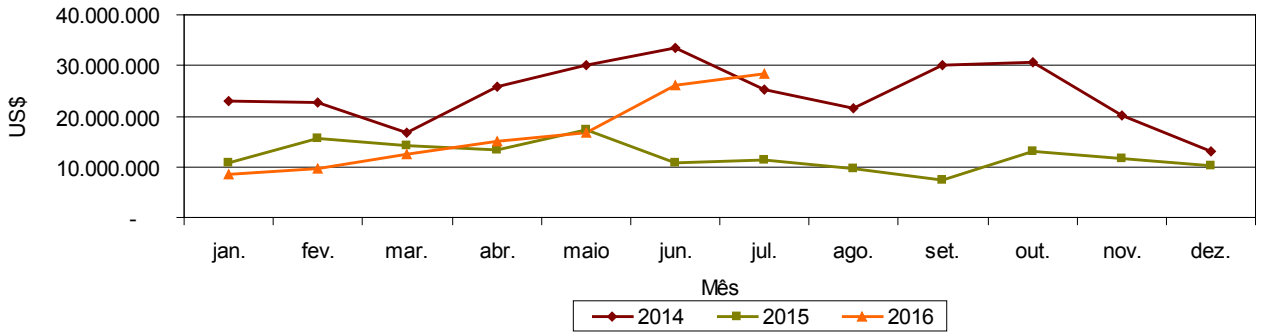


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

A quantidade de arroz importado em 2016 (janeiro a julho) perfaz 342 mil toneladas, superior a 2015 (225,2 mil toneladas) e inferior a 2014 (377,6 mil toneladas), observando o mesmo período em análise.

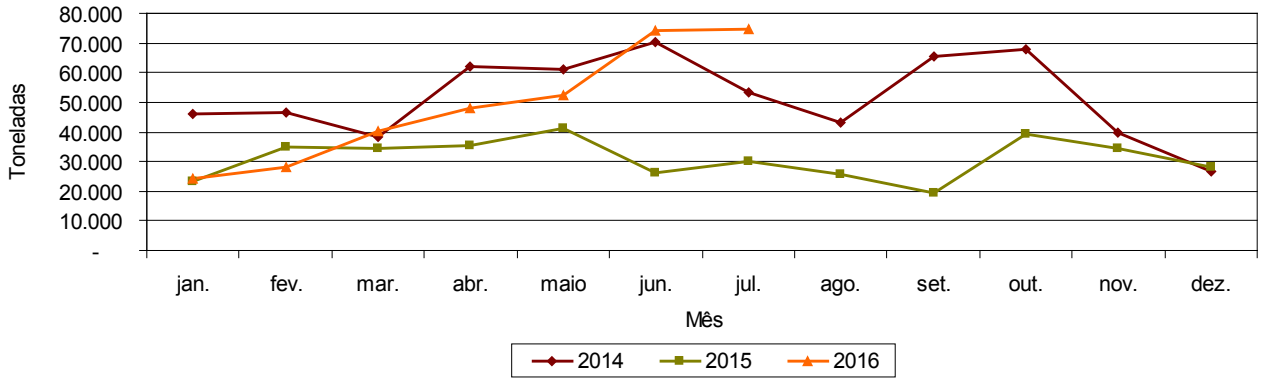
Gráfico 91 - Importações - US$ - Arroz



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 92 - Importações - Toneladas - Arroz



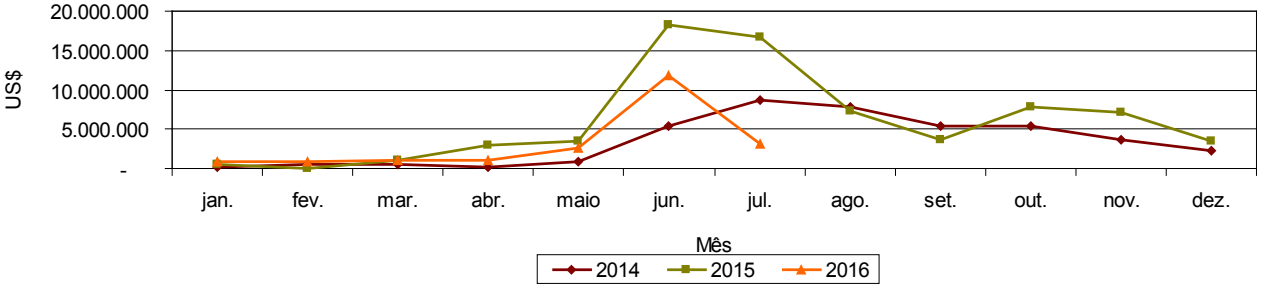
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

12.3. Feijão

A exportação de feijão até julho de 2016 atingiu 38,1 mil toneladas. O quantitativo é inferior ao ano de 2015 (67 mil toneladas) e superior a 2014 (23,7 mil toneladas).

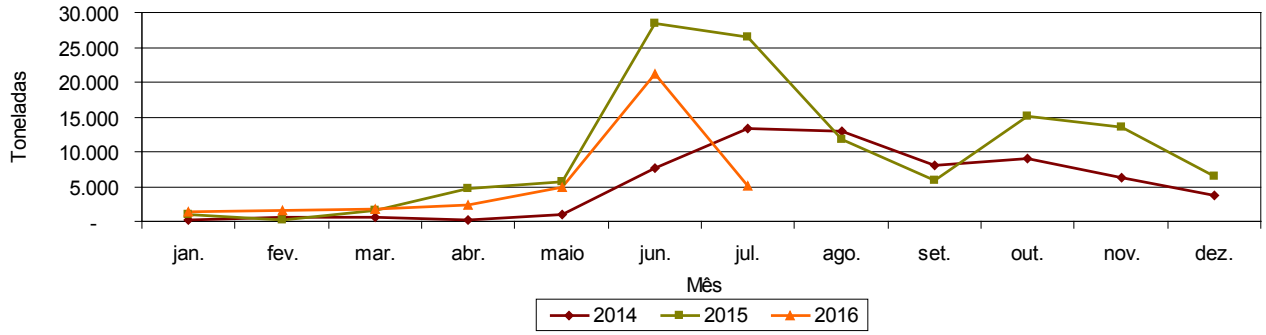
Gráfico 93 – Exportações - US$ - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 94 – Exportações - Toneladas - Feijão

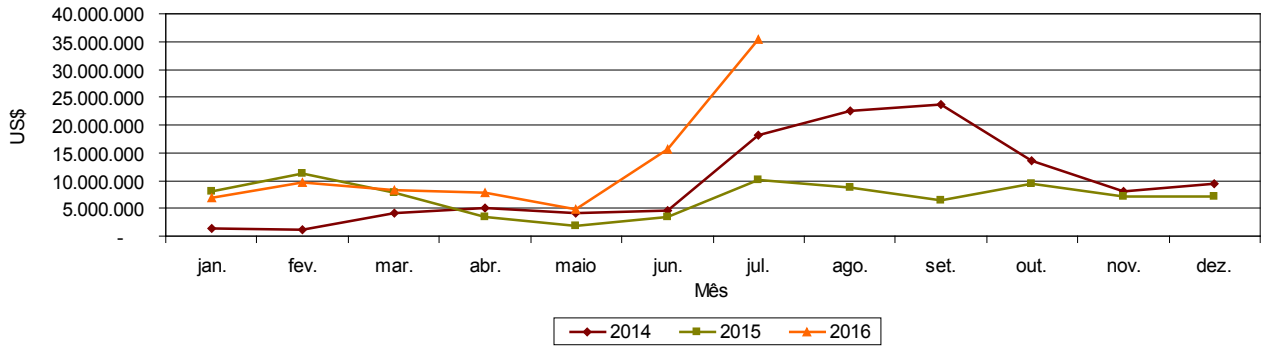


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

No período de janeiro a julho de 2016 houve a importação de 129 mil toneladas de feijão - quantidade superior a 2014 (40 mil toneladas) e 2015 (72,6 mil toneladas).

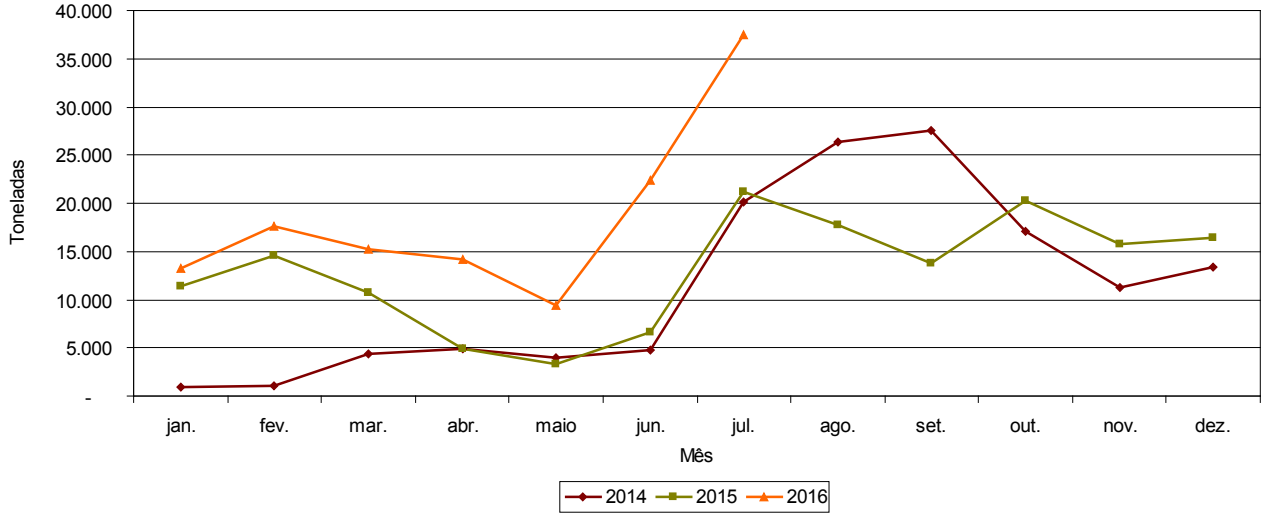
Gráfico 95 – Importações - US$ - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 96 – Importações - Toneladas - Feijão



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

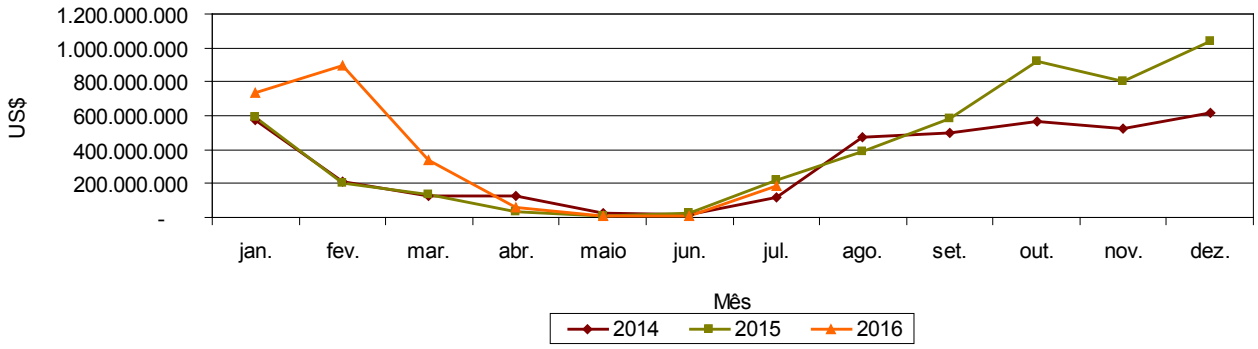
Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

12.4. Milho

Nos últimos três anos o Brasil exportou 62,8 milhões de toneladas de milho, com envolvimento de 11 bilhões de dólares americanos. No período compreendido de janeiro a julho de 2016 a exportação de milho atingiu 13,3 milhões de toneladas, superior a 2015 (6,6 milhões de toneladas) e de 2014 (5,9 milhões de toneladas).

Outro aspecto importante a destacar é a queda dos preços médios de exportação, observado-se o período de janeiro a abril nos anos de 2014, 2015 e 2016, que foram de U$$ 201,97, U$$ 184,05 e U$$ 166,46 dólares americanos por tonelada.

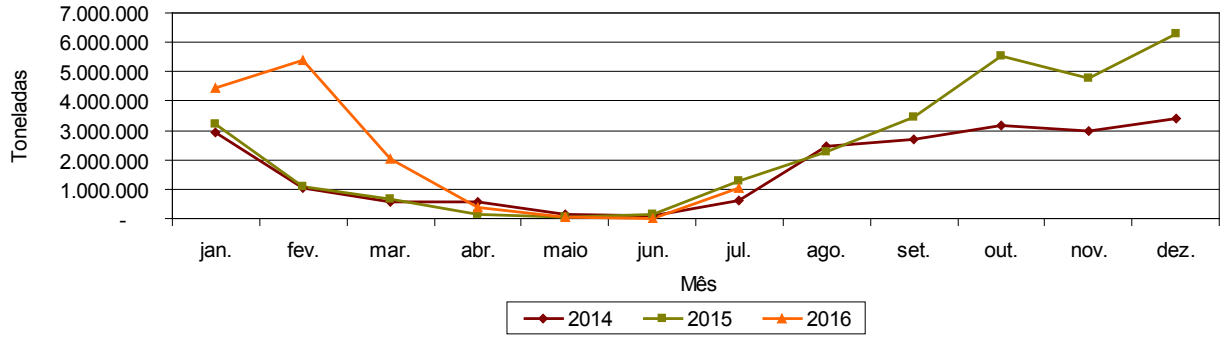
Gráfico 97 - Exportações - US$ - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

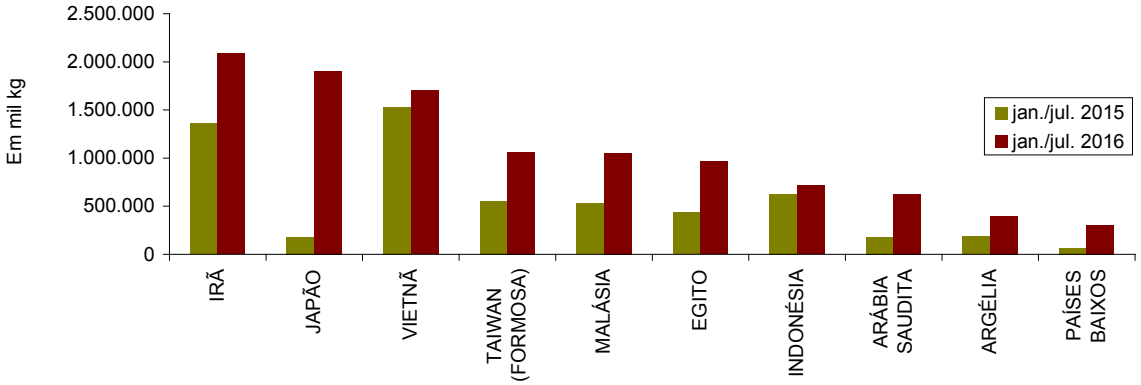
Gráfico 98 - Exportações - Toneladas - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 99 – Exportações brasileiras de milho – Principais países importadores

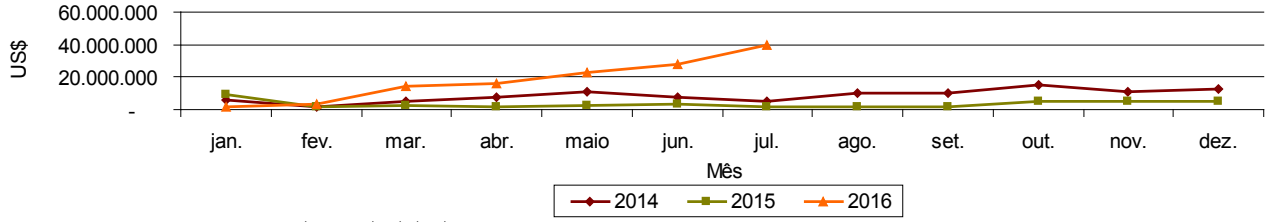


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

No que se refere à importação de milho se observa que no período de janeiro a julho de 2016 o quantitativo foi de 792 mil toneladas, enquanto que no mesmo período de 2014 a importação atingiu 305 mil toneladas e 2015 119,4 mil toneladas.

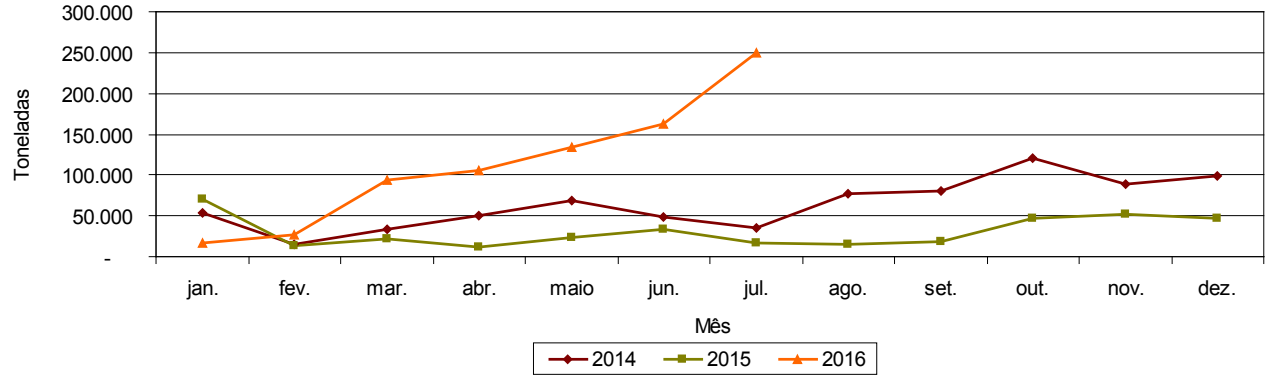
Gráfico 100 - Importações - US$ - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 101 - Importações - Toneladas - Milho



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

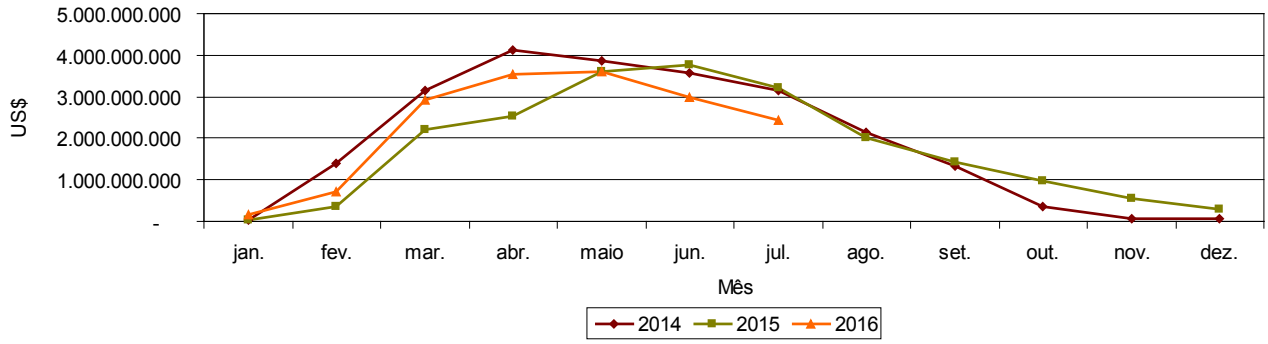
Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

12.5. Soja em grãos

A quantidade exportada de soja em 2014, 2015 e até julho de 2016 atinge 144,3 milhões de toneladas, com envolvimento de 60,5 bilhões de dólares americanos. No período de janeiro a julho de 2016 o quantitativo exportado foi de 44,3 milhões de toneladas de soja, enquanto que no mesmo período de 2014 e 2015 o quantitativo foi de 37,8 e 40,6 milhões de toneladas, respectivamente.

Deve-se registrar que os preços médios da soja exportada no período de janeiro a julho de 2014, 2015 e 2016, foram de U$$ 508,82, U$$ 386,49 e U$$ 367,85 por tonelada, respectivamente.

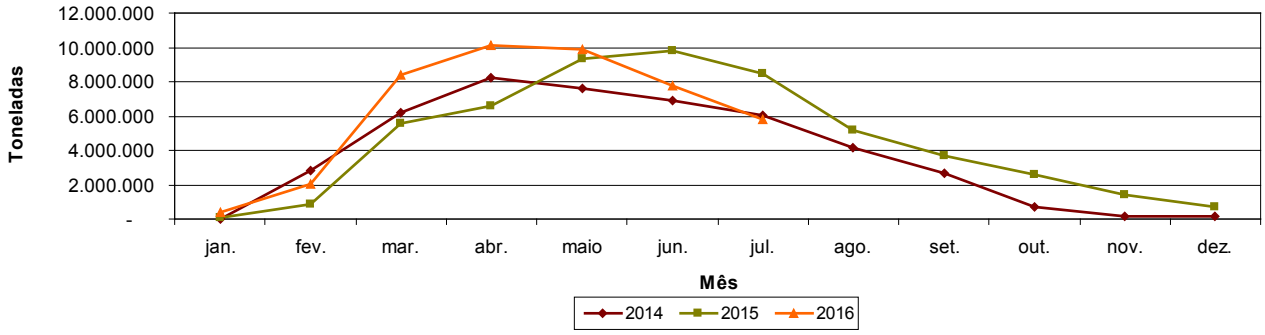
Gráfico 102 - Exportações - US$ - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

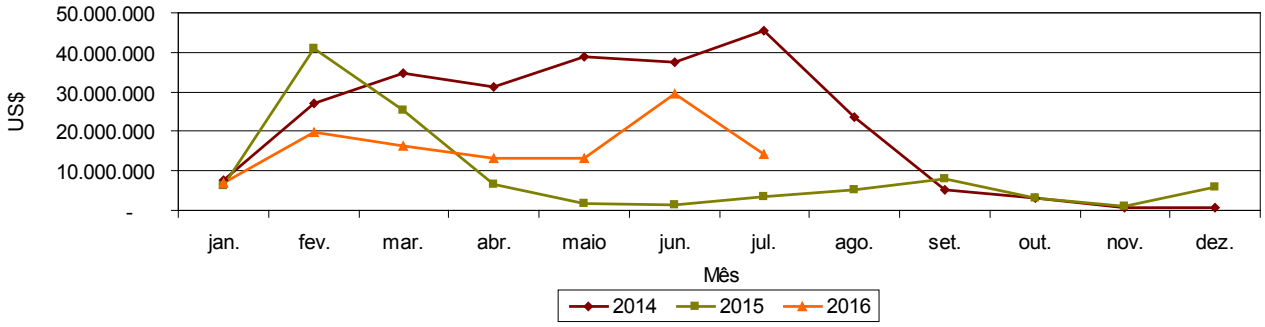
Gráfico 104 - Exportações - Toneladas - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

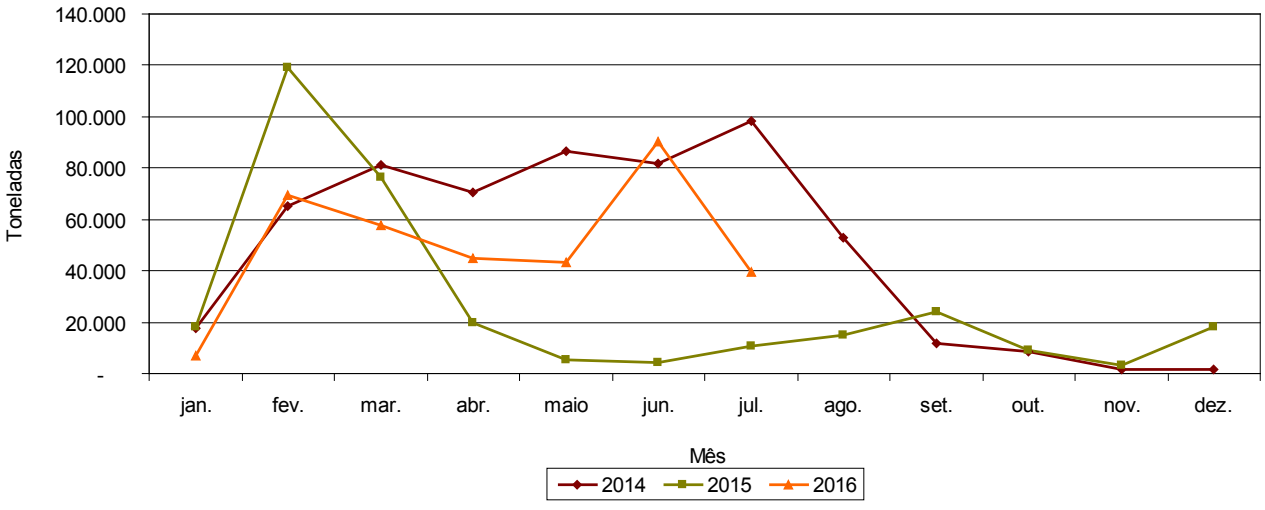
Gráfico 105 – Importações - US$ - Soja, em grãos



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 106 – Importações - Toneladas - Soja, em grãos



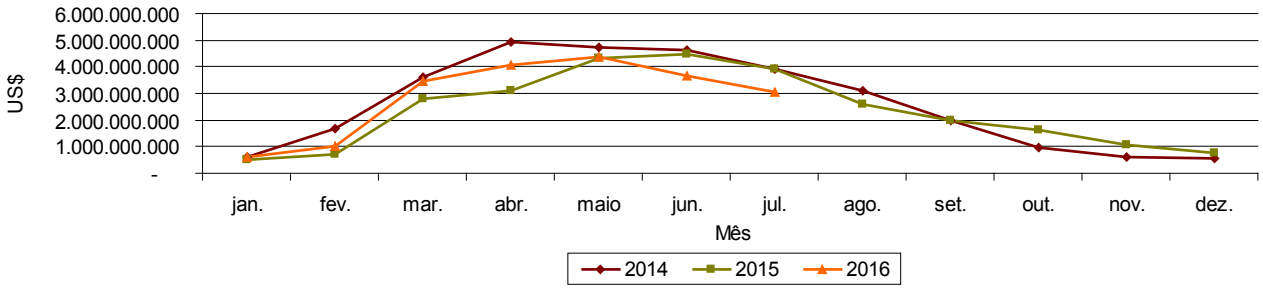
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

12.6. Complexo soja

Observando os anos de 2014, 2015 e até julho de 2016, o Brasil exportou 186,5 milhões de toneladas do complexo soja, perfazendo 79,6 bilhões de dólares americanos. Observando apenas o período de janeiro a julho, os preços médios observados nos anos de 2014 a 2016 foram de U$$ 507,02 U$$ 394,07 e U$$ 368,83, respectivamente.

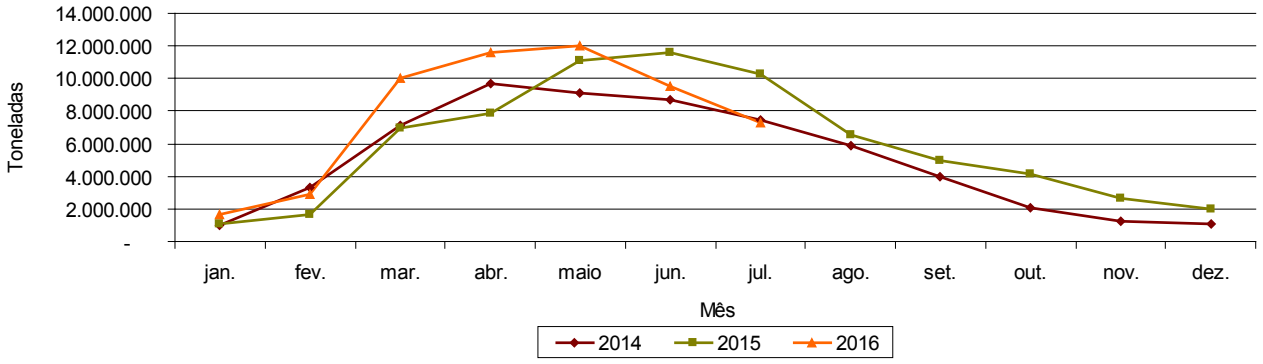
Gráfico 107 - Exportações - US$ - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

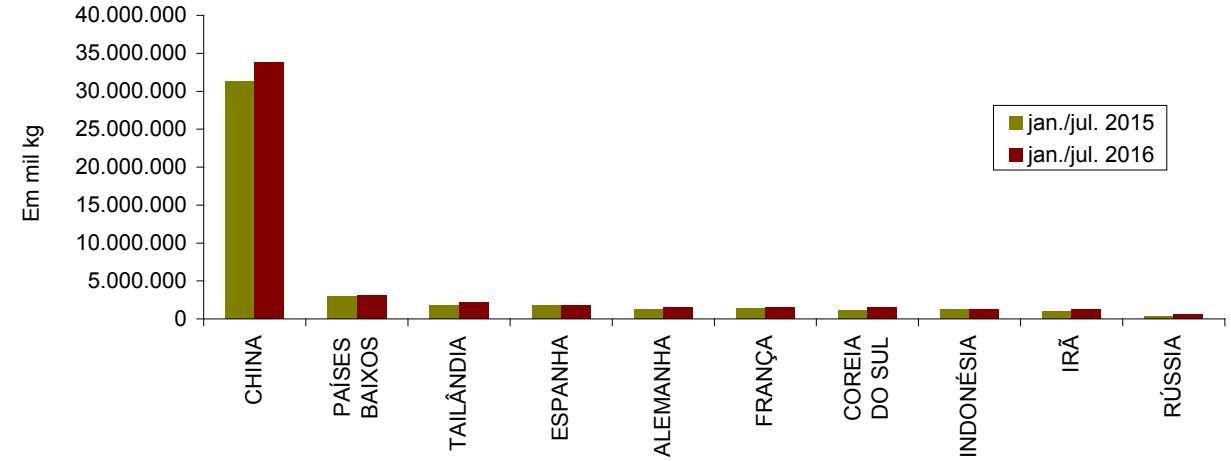
Gráfico 108 - Exportações - Toneladas - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

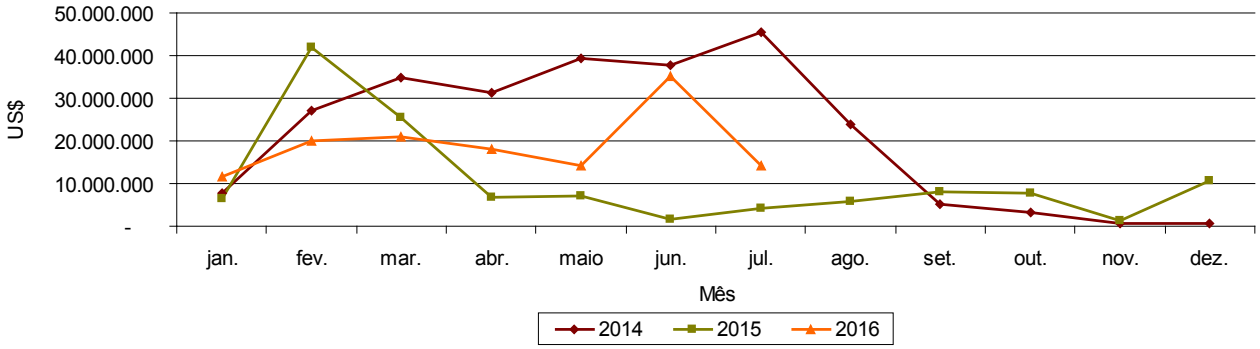
Gráfico 109 – Exportações brasileiras complexo soja – Principais países importadores



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

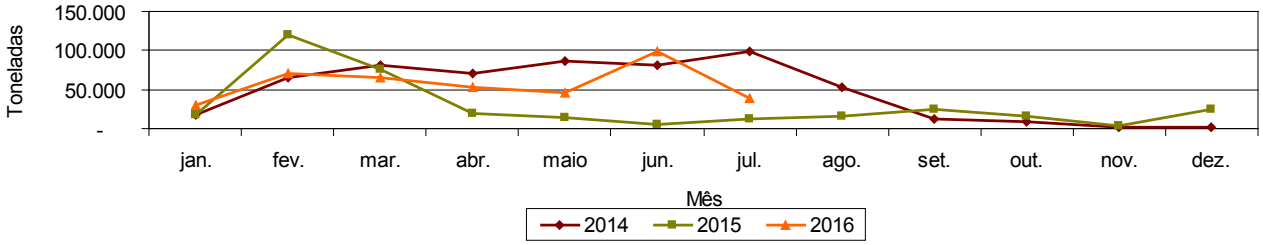
Gráfico 110 - Importações - US$ - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 111 - Importações - Toneladas - Complexo soja



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

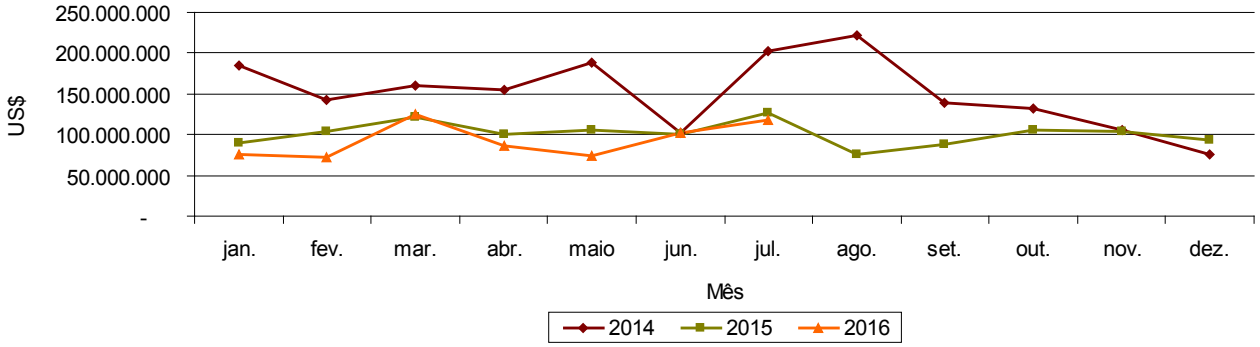
Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

12.7. Trigo

O Brasil, nos anos de 2014 até julho de 2016, importou 14,3 milhões de toneladas de trigo, com desembolso de 3,6 bilhões de dólares americanos.

Nos anos de 2014 a 2016, de janeiro a julho, a importação de trigo foi de 2,9 e 3 e 3,3 milhões de toneladas, respectivamente. Os preços do trigo importado na mesma temporalidade foram decrescentes, quais sejam: U$$ 392,01 (2014), U$$ 247,99 (2015) e de U$$ 194,21 (2016).

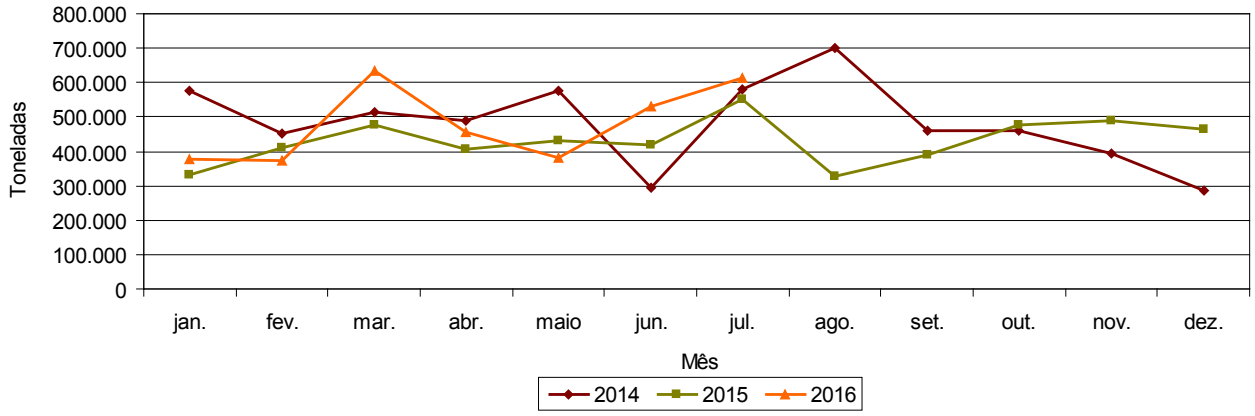
Gráfico 112 – Importações - US$ - Trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 113 – Importações - toneladas - Trigo

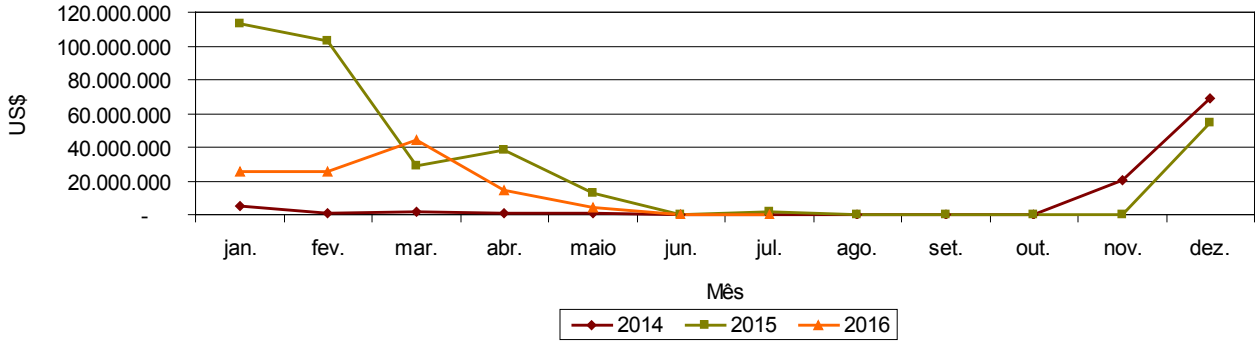


Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

No período de janeiro a julho de 2016 ocorreu a exportação de 712,8 mil toneladas de trigo, inferior ao quantitativo exportado em 2015 (888,3 mil toneladas) e 2014 (37,9 mil toneladas).

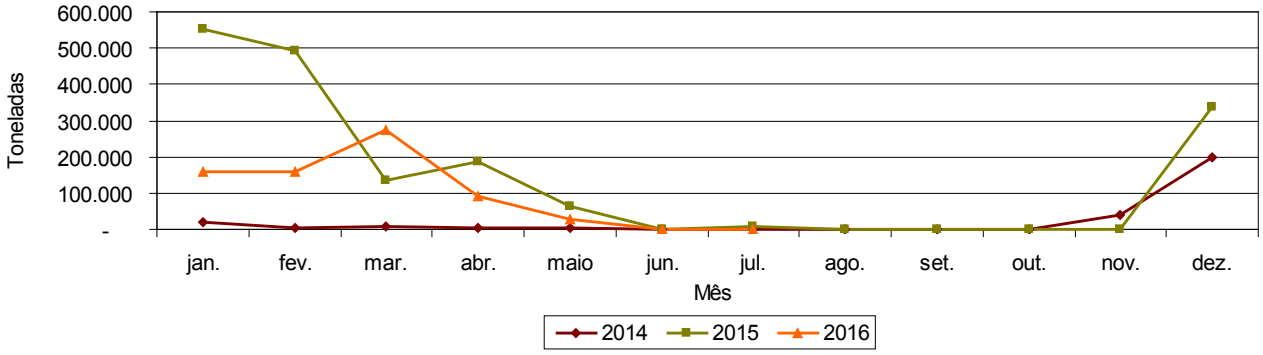
Gráfico 114 – Exportações - US$ - Trigo



Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

Gráfico 115 – Exportações - Toneladas - Trigo



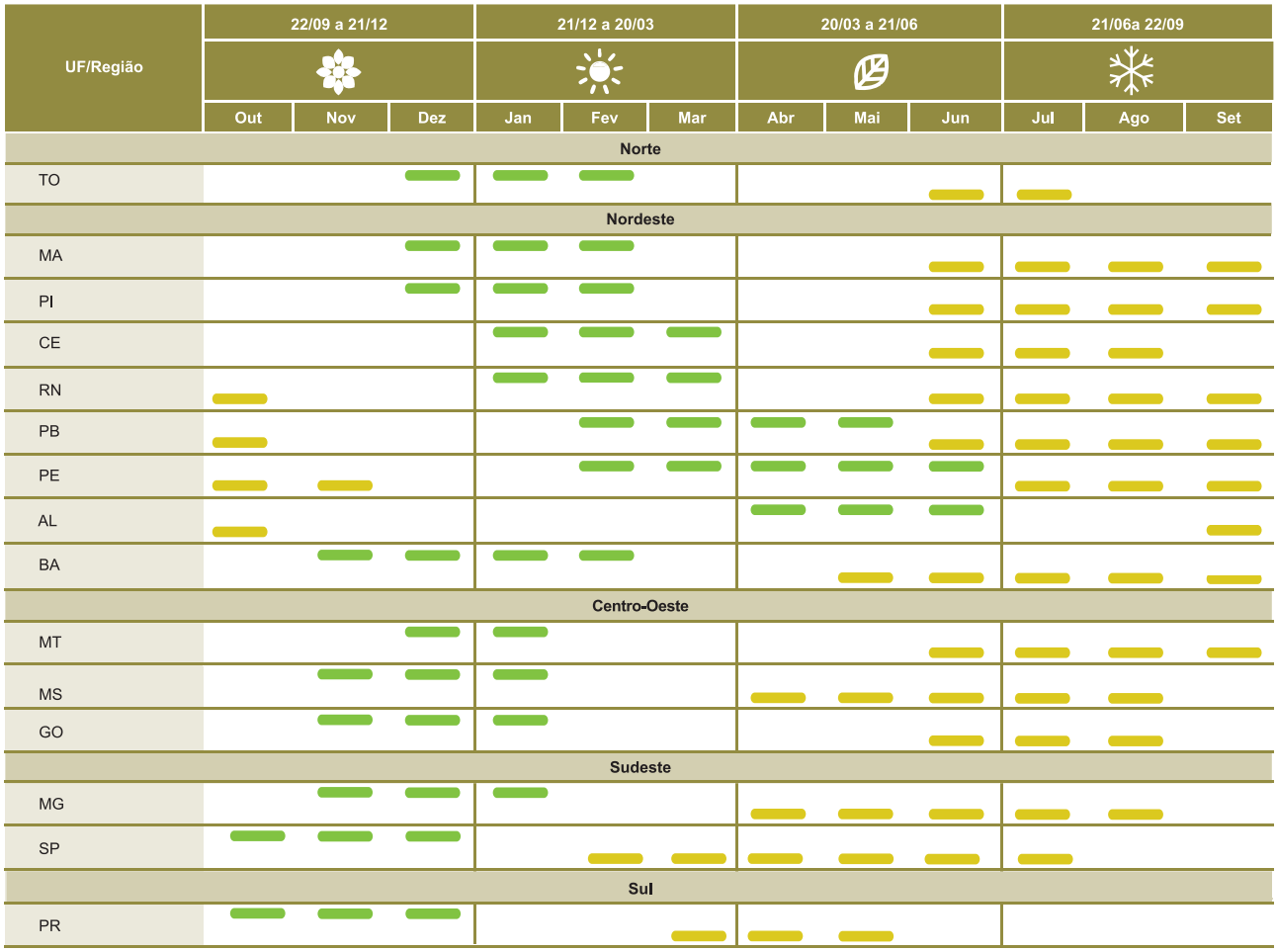
Fonte: AgroStat Brasil, a partir dos dados da SECEX/MDIC.

Nota: Janeiro de 2014 a julho de 2016

13. Anexos - calendários de plantio e colheita

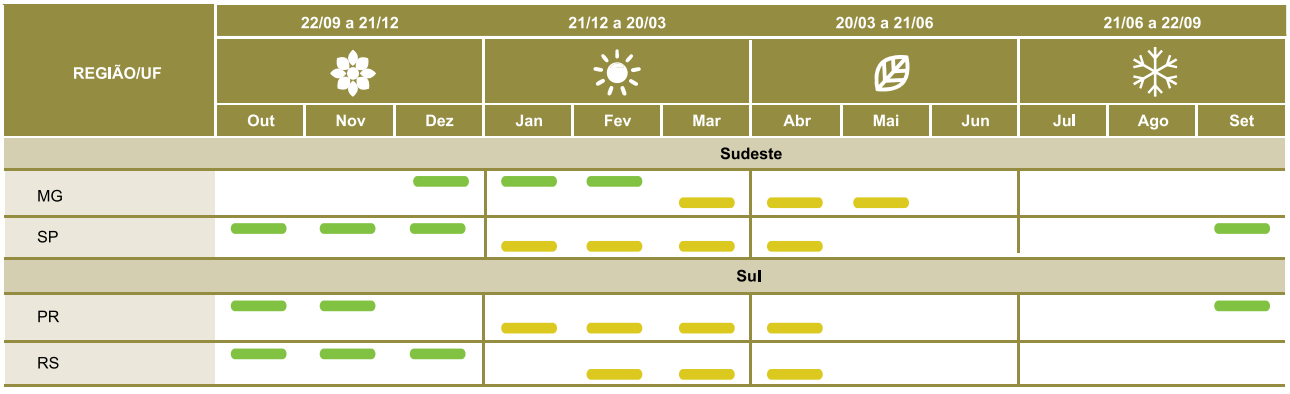
Acomp. safra bras. grãos, v. 3 - Safra 2015/16, n 12- Décimo Segundo levantamento, setembro 2016.

Quadro 12 - Calendário de plantio e colheita - Algodão



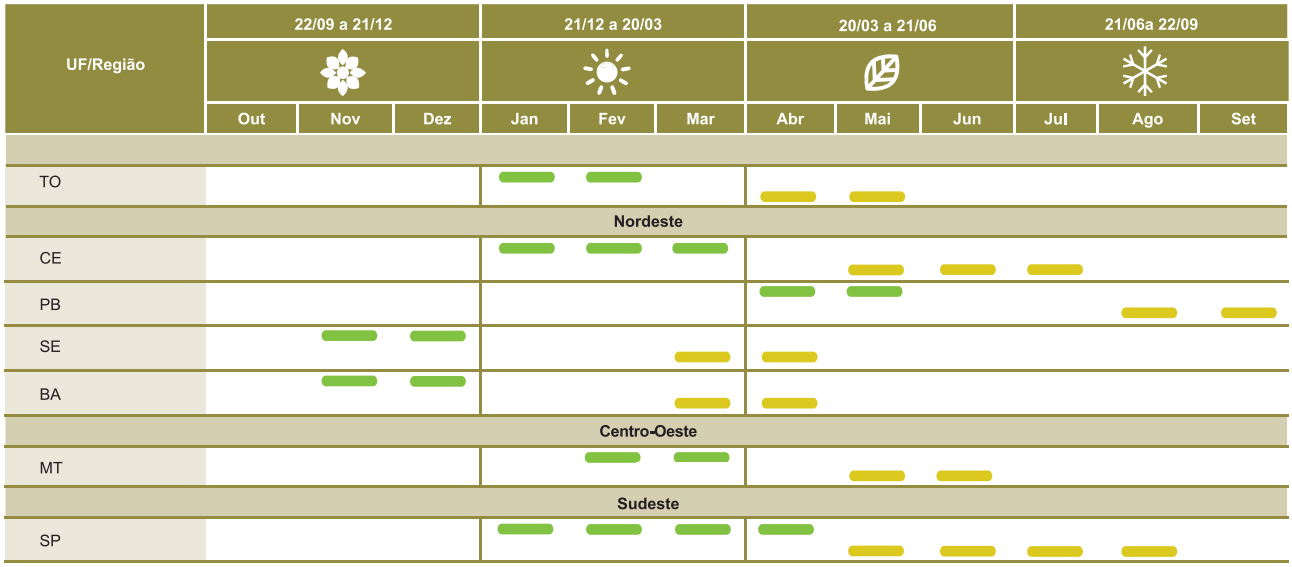
Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 13 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim primeira safra



Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 14 – Calendário de plantio e colheita – Amendoim segunda safra



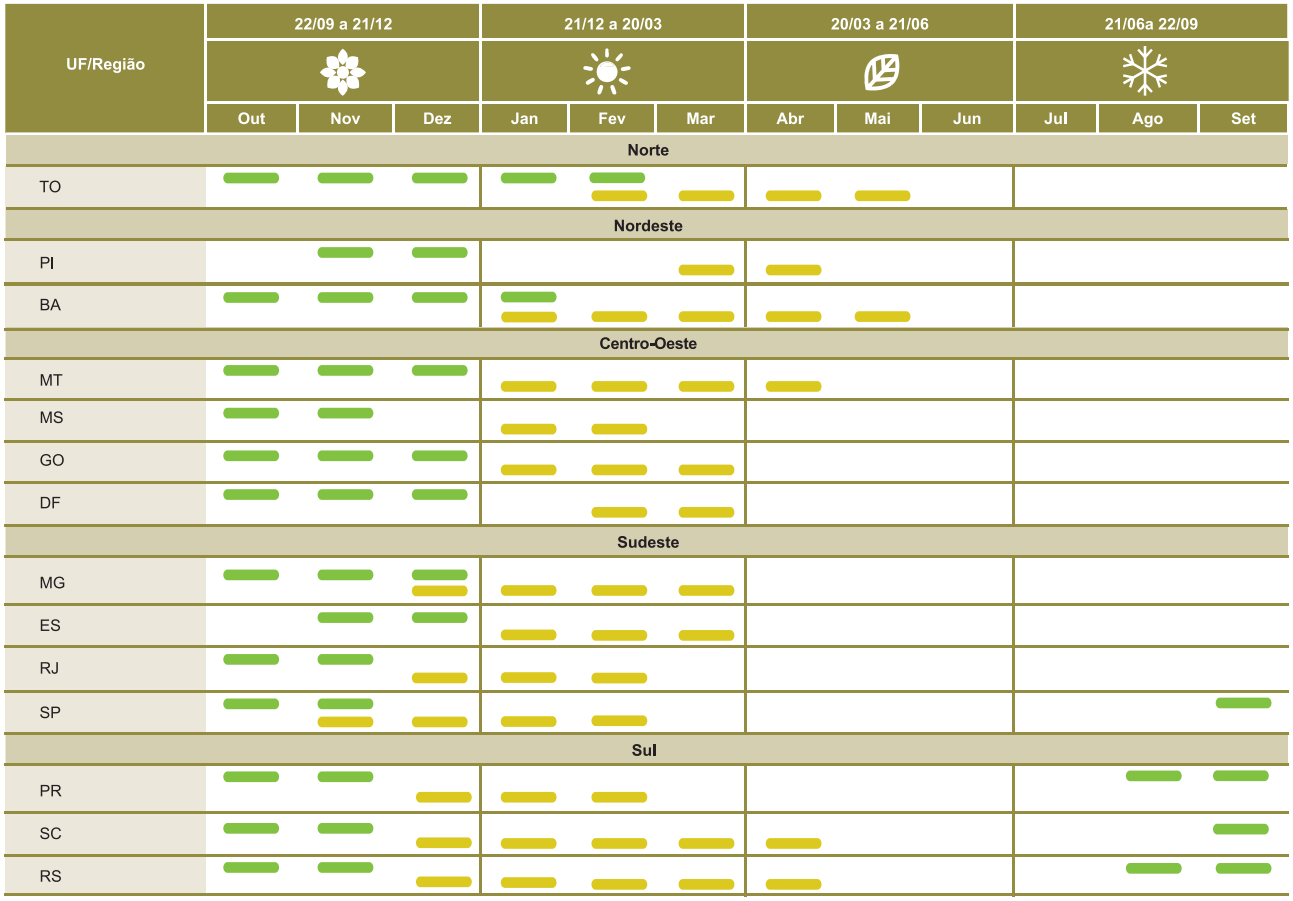
Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 15 – Calendário de plantio e colheita – Arroz

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	Colheita						Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita
RO	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita					
AC	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita					
AM	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
AP				Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita		
PA	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio Colheita	Plantio Colheita	Plantio Colheita	Plantio Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Plantio
TO	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Plantio
Nordeste												
MA	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio Colheita	Plantio Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita		
PI		Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			
CE				Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	
RN	Colheita	Colheita			Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita
PB				Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita		
PE	Colheita	Colheita		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita
AL	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Colheita	Plantio
SE	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita						Plantio
BA	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			
Centro-Oeste												
MT	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
MS	Plantio	Plantio	Plantio Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
GO	Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita				
Sudeste												
MG	Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			
ES	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
RJ	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
SP	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Plantio
Sul												
PR	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			Plantio	Plantio
SC	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			Plantio	Plantio
RS	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Plantio

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

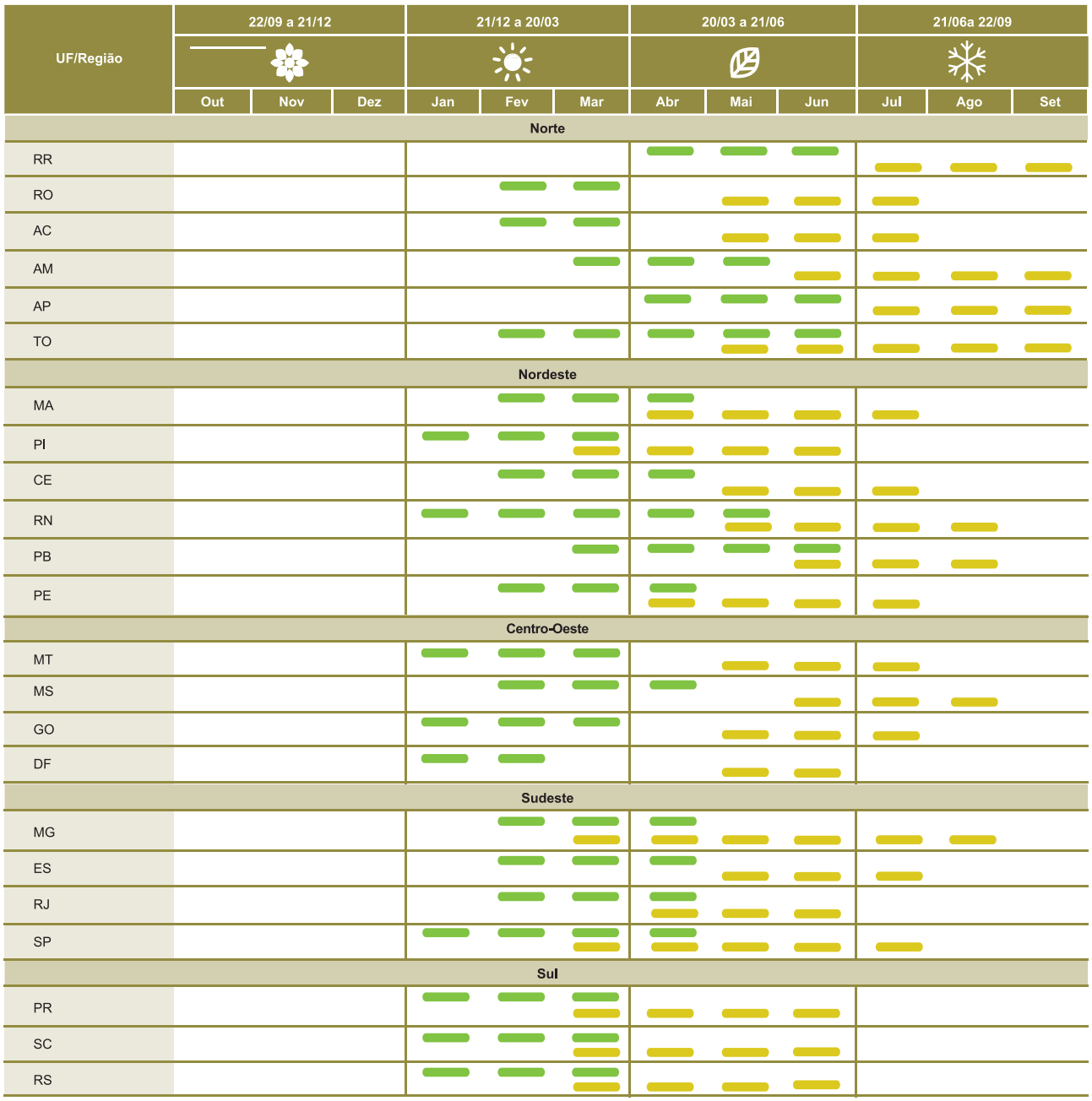
Quadro 16 – Calendário de plantio e colheita – Feijão primeira safra



Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Acomp. safra bras. grãos, v. 3 - Safra 2015/16, n 12- Décimo Segundo levantamento, setembro 2016.

Quadro 17 – Calendário de plantio e colheita – Feijão segunda safra



Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 18 – Calendário de plantio e colheita – Feijão terceira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA												
TO												
Nordeste												
CE												
PE												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 19 – Calendário de plantio e colheita – Girassol

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
CE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
Sudeste												
MG												
Sul												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 20 – Calendário de plantio e colheita – Mamona

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Nordeste												
PI												
CE												
RN												
PE												
BA												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 21 – Calendário de plantio e colheita – Milho primeira safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR												
RO												
AC												
AM												
AP												
PA												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
CE												
RN												
PB												
PE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
ES												
RJ												
SP												
Sul												
PR												
SC												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 22 – Calendário de plantio e colheita – Milho segunda safra

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RO												
TO												
Nordeste												
MA												
PI												
AL												
SE												
BA												
Centro-Oeste												
MT												
MS												
GO												
DF												
Sudeste												
MG												
SP												
Sul												
PR												

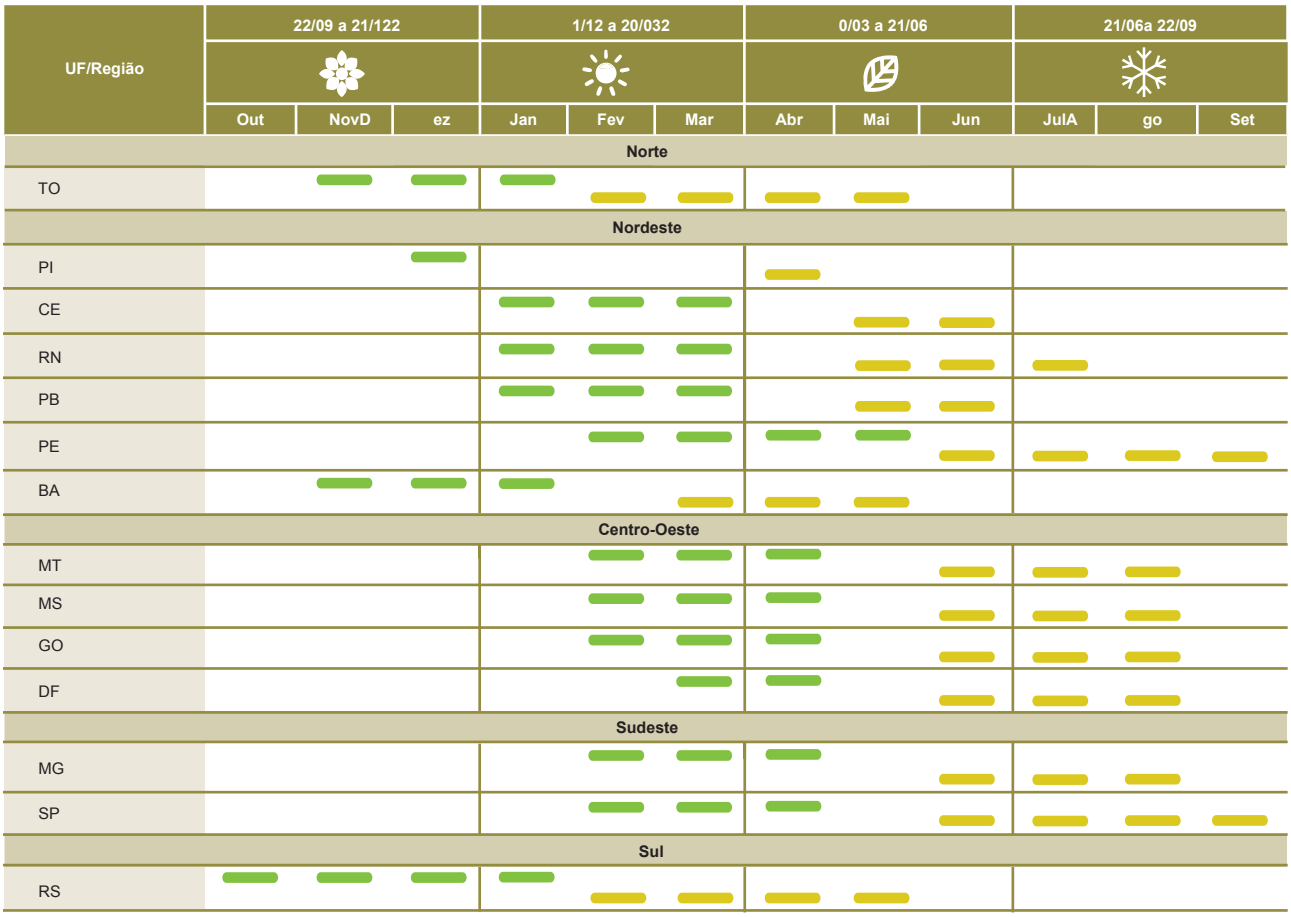
Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 23 – Calendário de plantio e colheita – Soja

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR	Colheita						Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita
RO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
PA		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			
TO	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Nordeste												
MA	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita		
PI		Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita			
BA	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
Centro-Oeste												
MT	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
MS	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
GO	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					
DF		Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita					
Sudeste												
MG	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				
SP	Plantio	Plantio	Plantio		Colheita	Colheita	Colheita	Colheita				Plantio
Sul												
PR	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita	Colheita					Plantio
SC	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Plantio	Colheita	Colheita	Colheita				
RS	Plantio	Plantio	Plantio			Colheita	Colheita	Colheita				

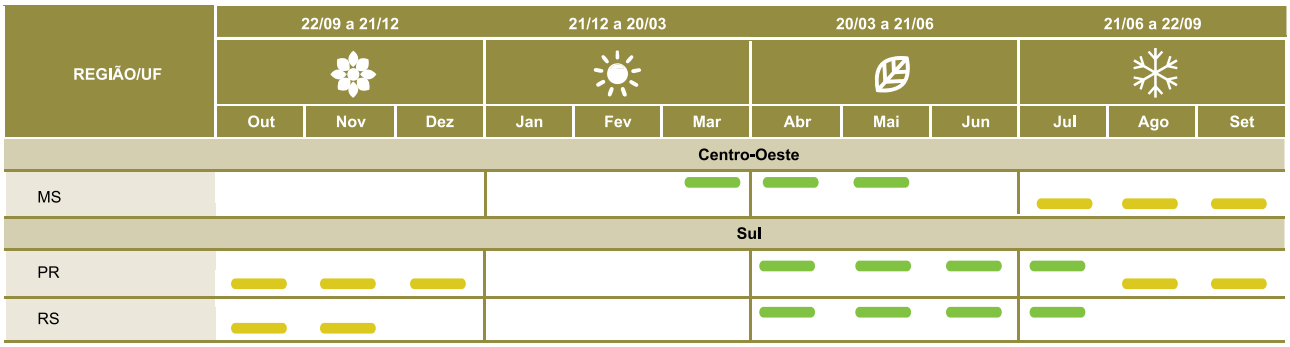
Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab

Quadro 24 – Calendário de plantio e colheita – Sorgo



Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 25 – Calendário de plantio e colheita – Aveia



Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 26 – Calendário de plantio e colheita – Canola

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 27 – Calendário de plantio e colheita – Centeio

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 28 – Calendário de plantio e colheita – Cevada

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sul												
PR												
RS												

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab

Quadro 29 – Calendário de plantio e colheita – Trigo

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO							P	P	P	C	C	C
DF							P	P	P		C	C
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P	P	C	C	C
								C	C			
SP							P	P			C	C
Sul												
PR	C	C	C			P	P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Quadro 30 - Calendário de plantio e colheita – Triticale

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06a 22/09		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Sudeste												
SP	C						P	P	P		C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P		
SC	C	C	C						P	P	P	
RS	C	C						P	P		C	C

Legenda: Plantio Colheita
Fonte: Conab.

Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
http://www.conab.gov.br / geasa@conab.gov.br

9 772318 685002

Conab

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

BRASIL
GOVERNO FEDERAL